

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU*
MESTRADO EM TURISMO**

MAGDA MICHELINE SPINDLER

**ROTEIROS TURÍSTICOS NO ESPAÇO RURAL: ESTUDO DE CASO DO
ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO EM SÃO LOURENÇO
DO SUL (RS), BRASIL.**

CAXIAS DO SUL

2013

MAGDA MICHELINE SPINDLER

**ROTEIROS TURÍSTICOS NO ESPAÇO RURAL: ESTUDO DE CASO DO
ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO EM
SÃO LOURENÇO DO SUL (RS), BRASIL.**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Título de Mestre em Turismo, área de concentração Desenvolvimento Regional do Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Eurico de Oliveira Santos

Coorientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

CAXIAS DO SUL

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

S757r Spindler, Magda Micheline, 1979-
Roteiros turísticos no espaço rural: estudo de caso do roteiro de turismo rural caminho pomerano em São Lourenço do Sul (RS), Brasil/ Magda Micheline Spindler - 2013.
267 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2013.
Apresenta bibliografia.
“Orientação: Prof. Dr. Eurico de Oliveira Santos, co-orientação: Prof. Dr. Rafael José dos Santos.”

1. Turismo rural. 2. Turismo – Rio Grande do Sul. 3. Turismo - São Lourenço do Sul (RS). 4. Fazendas – uso recreativo. I.Título.

CDU 2.ed.: 338.48-44(1-22)

Índice para o catálogo sistemático:

1. Turismo rural	338.48-44(1-22)
2. Turismo – Rio Grande do Sul	338.48(816.5)
3. Turismo – São Lourenço do Sul (RS)	338.48(816.5)
4. Fazendas – uso recreativo	338.48-44(1-22)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/ 2187

“Roteiros turísticos no espaço rural: estudo de caso do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano em São Lourenço (RS), Brasil”

Magda Micheline Spindler

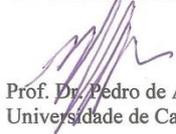
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo, Área de Concentração: Desenvolvimento Regional do Turismo.

Caxias do Sul, 31 de julho de 2013.

Banca Examinadora:



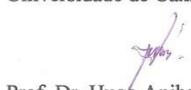
Prof. Dr. Eurico de Oliveira Santos (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César
Universidade de Caxias do Sul



Profa. Dra. Rosane Maria Lanzer
Universidade de Caxias do Sul



Prof. Dr. Hugo Anibal Gonzalez Vela
Universidade Federal de Santa Maria

Dedico esse trabalho à minha
pequena GRANDE FAMÍLIA...

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que, presentes ou ausentes, longe ou perto, por pensamentos, orações e ações, contribuíram na realização dessa pesquisa. Agradeço:

- À minha **família**, em particular à minha mãe e ao meu pai (*in memória*) que me deram a melhor das oportunidades: a vida!
- Ao meu noivo **Marcelo**, pelo amor, carinho, amizade e incentivo ao longo destes dois anos em que estive distante, mesmo quando estava próxima.
- Aos meus professores **Dr. Eurico de Oliveira Santos** e **Dr. Rafael José dos Santos**, orientador e coorientador, pelos conhecimentos e aprendizados compartilhados ao longo deste período.
- Aos professores do Mestrado Acadêmico em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, pois essa pesquisa leva um pouco de cada um deles. Sobretudo, à **Prof. Dra. Susana de Araújo Gastal** e ao **Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt Cesar**, os quais contribuíram essencialmente para a existência dessa pesquisa.

Agradeço aos que muito cooperaram para a constituição dessa pesquisa:

- Aos **colegas da Turma XI** do Programa de Pós-Graduação em Turismo, em especial às amigas Francielle e Mônica.
- À **Universidade de Caxias do Sul**, pelo apoio por intermédio da bolsa concedida.
- À comunidade de São Lourenço do Sul que se disponibilizou e me recebeu com o intuito de colaborar na concretização dessa pesquisa, de maneira especial aos **proprietários do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano** pela atenção, hospitalidade e cooperação com que sempre me receberam durante a pesquisa de campo.

Obrigada!

“Há um processo de atualização das tradições através de enxertos de cultura que a torna adaptada aos anseios turísticos [...] e uma cultura turística não é um simulacro, mas uma cultura produzida diante do contexto específico do turismo. É uma cultura que não obedece mais a lógicas ancestrais e relativas aos mitos de origem ou coisa parecida, mas uma cultura criada numa dinâmica pós-moderna, globalizada.”

Grunewald

RESUMO

A presente pesquisa busca identificar como ocorre a roteirização turística no espaço rural, tendo por base a experiência do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, no município de São Lourenço do Sul (RS, Brasil). A investigação é composta por pesquisas bibliográfica e de campo. Entre as técnicas utilizadas para a coleta dos dados estão as entrevistas e observação participante. A pesquisa diferencia-se por seu viés etnográfico. O referencial teórico versa sobre a história e cultura dos imigrantes pomeranos, turismo rural, manifestações culturais e roteiro turístico, além de apresentar especificidades sobre o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. São Lourenço do Sul tem na agropecuária sua principal atividade econômica. Ao longo das últimas décadas do século XX, substituiu as policulturas pela monocultura de fumo. Contudo, a apreensão com a saúde da população e do meio ambiente, em decorrência de elementos degradadores oriundos dessa cultura fomentou a revalorização do espaço rural, por intermédio de atividades não agrícolas como o turismo no espaço rural, implantado no município a partir dos anos 2000. O roteiro é composto atualmente por seis propriedades rurais. Os resultados da implantação são tanto positivos quanto negativos: a valorização dos aspectos históricos e culturais pomeranos possibilitou maior autoestima e perpetuação do legado aos integrantes do roteiro, contudo a revalorização econômica é parcial, visto que a geração de renda proveniente da atividade turística é descontinuada.

Palavras-chave: Turismo. Turismo no espaço rural. Roteiros turísticos. Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. São Lourenço do Sul (RS).

ABSTRACT

This research is focused on identifying how tourist routes are created in rural areas, based on the experience of the Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, São Lourenço do Sul (Rio Grande do Sul, Brazil). The investigation was accomplished by a bibliographic and field research. Among all techniques used for the data gathering, there were the interviews and participant's observation. This case study is distinguished by its ethnographic bias. The theoretical reference approaches the cultural history of Pomeranian Immigrants, rural tourism, cultural manifests and tourist route and also present specific aspects about the Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. The main economic activity for São Lourenço do Sul is agribusiness. Throughout the decades of the 20th century, polycultures were substituted by tobacco monoculture. However, the apprehension of environmental and population health, in result of degrading elements from this culture fomented an increase of value in rural areas, intermediated by non-agribusiness activities such as tourism in rural areas, implemented in the city after year 2000. Now days, the route is made of six rural properties. The results for this implementation were both positive and negative: the valorization of cultural and historic aspects of pomeranos made possible to improve self-esteem and perpetuation of the route's members, however the economic value increase is partial due to the discontinued income generation.

Keywords: Tourism. Tourism in Rural Areas. Tourist routes. Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. São Lourenço do Sul (RS).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modalidades de inserção do pesquisador	31
Figura 2: Rede de contatos com proprietários rurais.....	32
Figura 3: Rede de contatos com proprietários rurais, <i>trade</i> e setor público	33
Figura 4: Localização da antiga província da Pomerânia.....	38
Figura 5: Terras planas no interior da Pomerânia	39
Figura 6: Configuração da Alemanha próxima a sua Unificação.....	43
Figura 7: Imigração Pomerânia - Brasil e migrações internas	46
Figura 8: Localização do município de Santa Maria do Jetibá (ES)	47
Figura 9: Localização do município de Pomerode (SC)	50
Figura 10: Localização do município de São Lourenço do Sul (RS)	52
Figura 11: Divisão municipal 1809	53
Figura 12: Evolução histórico-geográfica de São Lourenço do Sul (1830-76)	54
Figura 13: Evolução histórico-geográfica de São Lourenço do Sul (1884-90)	55
Figura 14: Localização do Estado do Rio Grande do Sul.....	85
Figura 15: Regiões turísticas, Costa Doce e microrregiões Centro Sul e Sul	86
Figura 16: Elementos constitutivos de um roteiro turístico	110
Figura 17: Localização de São Lourenço do Sul.....	112
Figura 18: Vista aérea do município.....	115
Figura 19: Localização da oferta turística.....	117
Figura 20: Praia da Barrinha, em São Lourenço do Sul	119
Figura 21: Calçadão ao longo da orla	120
Figura 22: Foz do Arroio São Lourenço na Laguna dos Patos.....	120
Figura 23: Orla (Praia da Barrinha) destruída após enchente de 2011	121
Figura 24: Fazenda do Sobrado.....	124
Figura 25: Moinho Loescher.....	126
Figura 26: Sinalização turística	132
Figura 27: Configuração inicial do roteiro	133
Figura 28: Configuração atual do roteiro	135
Figura 29: Propriedade Flajoke Arte e Cultura	136
Figura 30: Galpão onde são recepcionados os turistas.	138

Figura 31: Vestido da noiva preto e a bicicleta do Convidador.....	139
Figura 32: Encenação na Propriedade Flajoke	140
Figura 33: Vestido da noiva com pregas e topes	141
Figura 34: Membros da Associação com as vestimentas	142
Figura 35: Sinalização turística	146
Figura 36: Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão	147
Figura 37: Sede da Associação dos Moradores do Boqueirão.....	149
Figura 38: Propriedade Casa das Cucas Pomeranas	150
Figura 39: Pesquisadora, proprietária, sobrinha neta e acervo	152
Figura 40: Apresentação do preparo da cuca	153
Figura 41: Propriedade Casa da Schimier	154
Figura 42: Plantio de diferentes frutas e verduras.....	159
Figura 43: Produção da Schimier	160
Figura 44: Propriedade da Família Klasen	163
Figura 45: Área interna ao cercado.	164
Figura 46: Turistas com os animais da Propriedade Família Klasen.....	165
Figura 47: Proprietário com as coxilhas defumadas de ganso.....	167
Figura 48: Cartaz da 25ª edição realizada em 2012	167
Figura 49: Arranjos confeccionados com flores secas	169
Figura 50: Localidade de São João da Reserva, 6º distrito do município.....	171
Figura 51: Propriedade Heiden Haus	172
Figura 52: Acervo da propriedade Heiden Haus	174
Figura 53: Parte da coleção de relógios da Heiden Haus	176
Figura 54: Produção de Licor de Butiá	177
Figura 55: Artesanato pomerano.....	177
Figura 56: Vinícola Weingartner – Maischnaps.....	178
Figura 57: Sinalização turística na Coxilha do Barão	180
Figura 58: Casa de Jacob Rheigantz	181
Figura 59: Monumento do Cinquentenário	182
Figura 60: Monumento do Centenário.....	183
Figura 61: Igreja Evangélica na Coxilha do Barão	184
Figura 62: Propriedade Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia.....	185
Figura 63: Mandala de ervas.....	186
Figura 64: Acervo da propriedade	187

Figura 65: Artesanato	187
Figura 66: Almofada com símbolos pomeranos	188
Figura 67: Espaço destinado às refeições	189
Figura 68: Casa Leitzke	192
Figura 69: Casa típica no interior da Pomerânia	193
Figura 70: Serra dos Tapes.....	201
Figura 71: Vegetação junto à sinalização.....	202
Figura 72: Convidador – <i>Hochtiedsbitter</i>	212
Figura 73: Sinalização turística da BR 116	222
Figura 74: Pórtico de entrada	222
Figura 75: Folder distribuído no Festival de Turismo de Gramado.....	223

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cronograma de visitas ao Roteiro Caminho Pomerano	29
Tabela 2: Distritos de São Lourenço do Sul	56
Tabela 3: Categorias de atrativos turísticos	91
Tabela 4: Rotas e Roteiros turísticos do Rio Grande do Sul	98
Tabela 5: Destaques sobre roteiros e TER	111
Tabela 6: Oferta turística de São Lourenço do Sul.....	116
Tabela 7: Histórico das atividades turísticas nas propriedades.....	131
Tabela 8: Modalidade de inserção no Roteiro Caminho Pomerano	134
Tabela 9: Distâncias entre o trevo (BR 116 / RS 265) e atrativos	135
Tabela 10: Atrações das propriedades.....	214

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Empreendimentos rurais no Brasil	79
Gráfico 2: Entrada e saídas das propriedades	196
Gráfico 3: Atrações nas propriedades	196

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	22
2.1 OBJETO DE ESTUDO	22
2.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	22
2.3 HIPÓTESE	22
2.4 OBJETIVOS	22
2.4.1 Objetivo Geral	22
2.4.2 Objetivos específicos	22
2.5 METODOLOGIA.....	23
2.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
2.6.1 Pesquisa bibliográfica	26
2.6.2 Pesquisa de campo	27
3 DA POMERÂNIA PARA O BRASIL	38
3.1 SANTA MARIA DO JETIBÁ.....	47
3.2 POMERODE	49
3.3 SÃO LOURENÇO DO SUL	52
4 TURISMO	59
4.1 TURISMO NO ESPAÇO RURAL	70
4.2 TURISMO NO RIO GRANDE DO SUL.....	83
4.3 ROTEIROS TURÍSTICOS	87
4.3.1 Roteiros turísticos no espaço rural no Rio Grande do Sul	97
5 O CENÁRIO TURÍSTICO DE SÃO LOURENÇO DO SUL	112
5.1 TURISMO DE SOL E PRAIA.....	118
5.2 TURISMO NO ESPAÇO RURAL	122
5.3 ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO.....	127
5.3.1 Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História	136
5.3.2 Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão	147

5.3.3 Casa das Cucas Pomeranas.....	149
5.3.4 Casa da Schimier	154
5.3.5 Família Klasen – Queijaria e Artesanato em flores secas.....	162
5.3.6 Heiden Haus.....	171
5.3.7 Vinícola Weingartner – Maischnaps	178
5.3.8 Casa do Colono e Monumentos	179
5.3.9 Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia	184
5.3.10 Casa Leitzke.....	192
5.4 UM PANORAMA DO ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
REFERÊNCIAS.....	232
APÊNDICE A: 1º instrumento de pesquisa – Proprietários	250
APÊNDICE B: 2º instrumento de pesquisa – Proprietários	255
APÊNDICE C: 3º instrumento de pesquisa – Proprietários	260
APÊNDICE D: 1º instrumento de pesquisa – Secretaria de Turismo	261
APÊNDICE E: 2º instrumento de pesquisa – Secretaria de Turismo	263
APÊNDICE F: Instrumento de pesquisa – Trade turístico local	264
APÊNDICE G: Instrumento de pesquisa – Comunidade	267

1 INTRODUÇÃO

Os deslocamentos são inerentes à sobrevivência humana. Os nômades deslocavam-se em busca de alimentos e por melhores condições climáticas. Durante a Idade Média, a Igreja exerceu forte influência sob as sociedades europeias, quando os deslocamentos ocorriam determinados por motivos comerciais ou então pelas peregrinações religiosas. Entre os séculos XV e XVI, iniciaram as viagens marítimas com a finalidade de descobrir novos territórios. Entre os séculos XVI e XVIII, o Renascimento Europeu impulsionou as viagens culturais, motivadas por estudos e experiências. Os imigrantes, especialmente entre os séculos XVIII e XIX, deslocavam-se motivados por um misto de fuga e busca. Evasão dos numerosos conflitos provocados pelas constantes invasões territoriais, das pestes e doenças, da dominação, da redução da oferta de trabalho manual, já que ocorria gradualmente a substituição pelas máquinas e conseqüente excedente de trabalhadores entre outras ocorrências, isto é, ocorre a busca por uma oportunidade de sobrevivência para os europeus de uma forma geral. Na contemporaneidade os deslocamentos se intensificaram por uma gama de motivos: físicos, emocionais, culturais, desenvolvimento/crescimento pessoal ou profissional, *status*, entre outros (SANTOS, E. 2005).

A partir dos deslocamentos de um grupo de imigrantes na segunda metade do século XIX é que inicia essa pesquisa. Em janeiro de 1858, imigrantes originários de diferentes regiões, dos atuais países Alemanha e Polônia, passaram a ocupar a região da Serra dos Tapes, no município de São Lourenço do Sul, localizado na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Ao longo do século XIX, a economia predominante na região esteve relacionada às estâncias, localizadas junto à planície, onde se desenvolvia a atividade pecuária, a qual estimulou o crescimento e desenvolvimento meridional do estado, à proporção de que a região do planalto, onde se localiza a Serra dos Tapes, marcada pelo relevo íngreme ainda era pouco desbravada. Nessa região prevaleceram imigrantes alemães e pomeranos. Seus descendentes espalharam-se não apenas pelo interior de São Lourenço do Sul, mas também nos municípios vizinhos, onde se desenvolveu uma nova atividade econômica, a agricultura. A

encosta do Planalto Sul Rio-Grandense foi o lugar para a instalação de minifúndios policultores, com aptidão especial para a fruticultura (CERQUEIRA, 2010; WILLE, 2011). Schwartz (2008) destaca que os colonos num primeiro momento dedicaram-se a uma produção voltada para o consumo próprio, utilizando somente mão de obra familiar. Contudo, muitos cultivos foram posteriormente abandonados em razão dos baixos preços pagos e pela impossibilidade de concorrência com as lavouras empresarias que surgiam.

Nesse entrelaçar de avanços e retrocessos junto ao espaço rural, não apenas em São Lourenço do Sul, um novo rural se faz presente. A combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas oriunda do setor primário, com atividades que se diferenciam por sua dessemelhança frente às atividades comuns do espaço rural, possibilita a prática de pluriatividades que, por sua vez, proporcionam oportunidades para a permanência das famílias no espaço rural, além de diversificar a economia daquele espaço, o qual deixa de depender apenas do setor primário. De forma geral, a modernização da agricultura, bem como a ampliação de bens e serviços, por intermédio da inserção de atividades não agrícolas contribuiu para modificações do espaço rural. Como resultado dessas transformações, o espaço rural supera muitas das valorações negativas que lhe eram características (FROEHLICH, 2002; SCHNEIDER, 2003; WANDSCHEER e TEIXEIRA, 2010). Com a inserção de “atividades externas à agropecuária” (VEIGA, 2002, p. 206), foram agregados ao espaço rural os demais setores da economia: o secundário e o terciário.

Para além da combinação de atividades primárias e secundárias, é possível também a inserção de atividades terciárias, ou seja, de comércio e prestação de serviços. Aproxima-se assim, a prática do turismo no espaço rural, como um exemplo de atividade não agrícola o qual pode contribuir não apenas economicamente, mas também igualmente nos aspectos ambientais, culturais e sociais do espaço rural.

[...] compreensão de que o turismo rural se constitui uma atividade econômica, mas também uma importante atividade social tornando-se um fator de desenvolvimento rural por meio da criação de fluxos de pessoas e investimentos, possibilitando a participação das comunidades locais (SOUZA, ELESBÃO, 2011, p. 5).

No presente estudo de caso, tem-se em atividade desde outubro de 2005, a Associação Caminho dos Pomeranos que foi instituída tendo como um dos seus objetivos a criação de alternativas de turismo. Entre 2006 e 2007, o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano foi desenvolvido, aperfeiçoado e oficialmente lançado para a comunidade e *trade* turístico lourenciano.

Nesse sentido, a roteirização turística junto ao espaço rural tornou-se o objeto deste estudo, tendo como problema de pesquisa: como se dá o processo de constituição de roteiros turísticos, baseado na experiência o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, de São Lourenço do Sul, RS? Para essa pesquisa uma hipótese foi assinalada: a atividade turística realizada junto ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul poderia se constituir numa possibilidade de revalorização do espaço rural, bem como valorização dos aspectos históricos e culturais da imigração pomerana. Para que tais questionamentos fossem solucionados, buscou-se identificar como ocorreu a roteirização turística no espaço rural do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Para alcançar tal objetivo dessa pesquisa, alguns procedimentos foram adotados, como reconstituir a história da constituição do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, identificar as propriedades, suas modalidades de inserção no roteiro, bem como os atrativos turísticos por elas ofertados; inventariar as manifestações culturais presentes nesses atrativos turísticos e finalmente analisar a relevância do roteiro junto ao cenário turístico local e regional.

A dissertação se divide em cinco capítulos, de caráter exploratório-descritivo, e caracteriza-se por utilizar concomitantemente as abordagens qualitativa e quantitativa. O segundo capítulo, denominado “Sobre a metodologia”, tratou dos procedimentos metodológicos adotados durante essa pesquisa, a partir da constituição do referencial teórico-conceitual, o qual adquiriu importância em dois momentos durante a execução do trabalho: inicialmente ao fundamentar o objeto de estudo, colaborando especialmente com conceitos, tipologias, entre outros aspectos, e posteriormente, ao contribuir com a análise dos dados obtidos no decorrer da pesquisa de campo. A observação participante e as entrevistas em profundidade foram técnicas utilizadas durante a pesquisa de campo.

No capítulo seguinte “Da Pomerânia para o Brasil” buscou-se discorrer sobre a contextualização histórica acerca da extinta província da Pomerânia, de seus migrantes, assim como a ocupação e colonização da Serra dos Tapes em São

Lourenço do Sul. De fato, era necessário compreender a dinâmica dos elementos que ao longo do tempo moldaram e produziram um cenário resultante de fatos que ocorreram em outros tempos e em outros lugares. Os constantes conflitos que geravam desordem e insegurança influenciaram no deslocamento de 350 mil pomeranos para os Estados Unidos, Austrália e para o Brasil. Entre as colônias que receberam imigrantes pomeranos no Brasil, estão os municípios de Santa Maria de Jetibá no Estado do Espírito Santo, Pomerode no Estado de Santa Catarina e São Lourenço do Sul no Estado do Rio Grande do Sul (TRESSMANN, 2008, WILLE, 2011).

No capítulo denominado “Turismo” buscou-se expor sobre o fenômeno turístico de maneira generalizada e, em particular, do Turismo no Espaço Rural e seus desdobramentos. O turismo no espaço rural pode ser relacionado principalmente com a necessidade de novas fontes de emprego e renda por parte das famílias rurais. Fialho destaca a função do Turismo como indutor de desenvolvimento e de preservação da atividade turística junto ao espaço rural, “pois tem o papel de conservar, manter e valorizar o patrimônio histórico, cultural e natural da região onde está sendo explorado” (2000, p. 15).

O capítulo “O cenário turístico de São Lourenço do Sul” aborda a história do fenômeno turístico no município, desde as primeiras ações de implantação de infraestrutura básica no município, passando por ações mais específicas consideradas as primeiras tentativas de estímulo à vinda de turistas. Contudo, fazia-se necessário a variação da oferta turística local para que o município pudesse se fortalecer turisticamente e minimizar os possíveis efeitos negativos da sazonalidade. Concomitantemente havia uma preocupação com a degradação do espaço rural e com a saúde dos moradores, que com o passar das décadas substituíram os minifúndios policultores, com aptidão especial para a fruticultura pelo cultivo de fumo (CERQUEIRA, 2010; FERREIRA, 2012; WILLE, 2011).

Com a intenção de valorizar o espaço rural, diversificar a matriz produtiva local, gerar outras fontes de emprego e renda aos moradores do espaço rural, elevar o desenvolvimento econômico municipal por meio da exportação de produtos oriundos da colônia e valorizar aspectos históricos e culturais da imigração pomerana, foram então realizadas as primeiras atividades para a implantação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano no ano de 2005.

Entende-se que mais do que se constituir como uma possibilidade de revalorização econômica do espaço rural, o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul propõe a valorização histórico-cultural da imigração pomerana, inclusive pelos moradores de São Lourenço do Sul, a partir e por intermédio da atividade turística realizada no espaço rural do município.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 OBJETO DE ESTUDO

Roteirização turística no espaço rural.

2.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Como se deu o processo de constituição de roteiros turísticos, baseado na experiência do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, de São Lourenço do Sul, RS?

2.3 HIPÓTESE

A atividade turística do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul, surge como uma possibilidade de revalorização do espaço rural, bem como valorização dos aspectos históricos e culturais da imigração pomerana.

2.4 OBJETIVOS

2.4.1 Objetivo Geral

Identificar como se deu a roteirização turística no espaço rural do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, no município de São Lourenço do Sul.

2.4.2 Objetivos específicos

- a) Reconstituir a história da constituição do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano;
- b) Identificar as propriedades, suas modalidades de inserção no roteiro, bem como os atrativos turísticos por elas ofertados;
- c) Inventariar as manifestações culturais presentes nesses atrativos turísticos;
- d) Analisar a relevância do roteiro junto ao cenário turístico local e regional.

2.5 METODOLOGIA

A curiosidade é uma característica intrínseca ao ser humano. E como tal, fomenta a exploração, a investigação e o aprendizado do que está em seu entorno. A curiosidade pode ser por uma simples informação do dia-a-dia, ou então, referir-se a algo mais complexo, como uma investigação científica, normalmente desencadeada por alguma dúvida ou por algum problema ainda não resolvido.

Pesquisar significa identificar uma dúvida que necessite ser esclarecida e construir e executar o processo que apresenta a sua solução, quando não há teorias que a expliquem, ou quando as teorias que existem não estejam aptas para fazê-lo (KÖCHE, 2010, p. 121).

Como as informações pertinentes à pesquisa dificilmente encontram-se agrupadas e acessíveis ao pesquisador, torna-se imprescindível sua coleta e análise, seja por meio da pesquisa bibliográfica e/ou pesquisa de campo. Essas pesquisas devem ser marcadas por um planejamento metodológico, com procedimentos e técnicas previamente estabelecidos, contudo a flexibilidade, a criatividade e a imaginação crítica do pesquisador merecem estarem presentes (GOLDENBERG, 2003; KÖCHE, 2010) uma vez que, novas perspectivas podem surgir durante a trajetória de investigação:

[...] alguns procedimentos são incorporados 'inicialmente', quando da formulação do projeto, de acordo com os objetivos e as propostas teóricas do estudo, mas novos procedimentos podem ser incorporados 'durante' todo o percurso de pesquisa (LIMA; MIOTO, 2007, p. 42).

Cabe destacar que tal flexibilidade “não significa descompromisso com a organização racional e eficiente” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 40), nem tampouco desconexão, pois como explica Moreira, a pesquisa científica “deve caminhar dentro de certos preceitos e obedecer a certas regras” (2002, p. 11) para que dela derivem estudos de qualidade.

A presente pesquisa caracteriza-se por utilizar simultaneamente as abordagens qualitativa e quantitativa, usufruindo da pesquisa empírica, na qual o objeto da pesquisa refere-se ao outrem, o qual só é passível de conhecimento por intermédio dele próprio, no qual experiências, compreensões, sentimentos, impressões são relatadas (MOREIRA, 2002). A pesquisa empírica se caracteriza

especialmente por valer-se simultaneamente de “diferentes estratégias de busca de dados” (MOREIRA, 2002, p. 11).

Para os empiristas, a fonte primordial do conhecimento é a experiência externa que deriva do contato imediato de um sujeito com um objeto sensível que é exterior a esse sujeito (CHIZZOTTI, 2006, p. 40).

Esse estudo encetou-se com a revisão bibliográfica, fundamental e imprescindível a qualquer investigação científica. Posteriormente seguiu-se para a segunda fase, denominada pesquisa de campo, na qual por meio de distintas estratégias buscou por dados relacionados à temática, para então dar-se início à terceira fase da pesquisa, de análise dos dados. A escolha por essa abordagem se dá em virtude do objeto de pesquisa abordar fenômenos humanos, a constituição de roteiros turísticos no espaço rural, bem como os desdobramentos inerentes à revalorização do espaço rural e dos aspectos históricos e culturais da imigração pomerana no município de São Lourenço do Sul, RS.

Cabe salientar que dados quantitativos fizeram-se presentes, os quais possibilitaram traçar um perfil sobre os proprietários, as propriedades e a atividade turística realizada junto ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Tais dados foram obtidos através de processo censitário, realizado junto às seis propriedades que recebem turistas. Além dos dados obtidos junto aos proprietários, buscou-se informações pertinentes ao inventário da oferta turística de São Lourenço do Sul, ocasião em que foi possível identificar a infraestrutura básica e de apoio ao turista, serviços, equipamentos e atrativos turísticos do local.

2.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir deste item serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados por esse estudo, que se caracteriza, quanto aos seus objetivos, como um estudo exploratório-descritivo.

A pesquisa exploratória procura aprimorar ideias ou descobrir intuições. Caracteriza-se por possuir um planejamento flexível, envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares as formas mais comuns de apresentação das pesquisas exploratórias são a *pesquisa bibliográfica* e o *estudo de caso*. [...] *A pesquisa descritiva*, em geral, procura descrever fenômenos [...] Utiliza

técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e a observação sistemática (DENCKER, 1998, p. 151).

As pesquisas exploratórias, ou projetos exploratórios que se caracterizam pela ausência da necessidade de comprovação, têm como objetivo principal “[...] descobrir novas ideias e novas perspectivas. Por este motivo, os estudos são suficientemente flexíveis para permitir considerar os mais variados aspectos do problema de pesquisa” (SCHLÜTER, 2003, p. 72).

Dencker (1998) e Köche (2010) sinalizam a utilização de pesquisas exploratórias em ciências sociais. Os autores explicam que em pesquisas exploratórias “não se trabalha com a relação entre variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa” (KÖCHE, 2010, p. 126) e que sua presença se dá “por permitir a consideração de fatores históricos fundamentais à compreensão das estruturas sociais” (KÖCHE, 2010, p. 154).

As pesquisas descritivas, como explica Schlüter (2003), são as mais utilizadas no turismo. Baseada em Pizam (1994), a autora apresenta que os estudos descritivos admitem o uso de qualquer técnica de coleta de dados e que os estudos descritivos são utilizados com maior frequência em estudos de casos e questionários. Dessa forma, os estudos descritivos:

[...] medem ou avaliam diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado. Do ponto de vista científico, descrever é medir. Isto é, em um estudo descritivo seleciona-se uma série de questões e mede-se cada uma delas independentemente, para desta forma (pese a redundância) descrever o que se estuda (HERNÁNDEZ SAMPIERI, R., et al., 1999 *apud* SCHLÜTER 2003, p. 78).

Em relação à pesquisa descritiva, não experimental, Köche explica que tal pesquisa “estuda as relações entre duas ou mais variáveis de um dado fenômeno sem manipulá-las.” (2010, p. 124). O autor segue explicando que não há maior ou menor valoração entre os diferentes tipos de pesquisa, o que não deve faltar é a cientificidade.

2.6.1 Pesquisa bibliográfica

Por meio da revisão bibliográfica realizada em livros, periódicos, dissertações, teses, revistas científicas, jornais entre outras fontes tornou-se possível identificar as principais informações pertinentes à pesquisa.

Desenvolvida a partir de material já elaborado: livros e artigos científicos. Embora existam pesquisas apenas bibliográficas, toda pesquisa requer uma fase preliminar de levantamento e revisão da literatura existente para elaboração conceitual e definição dos marcos teóricos (DENCKER, 1998, p. 152).

Contudo, como destacam Lima e Mito, é fundamental “pinçar das obras escolhidas os temas, os conceitos, as considerações relevantes para a compreensão do objeto de estudo” (2007, p. 41). Parte-se então para o referencial teórico-conceitual (também denominado de marco teórico), o qual adquire importância em dois momentos da pesquisa: primeiramente ao fundamentar o objeto de estudo colaborando especialmente com conceitos, tipologias, entre outros aspectos, e posteriormente, por contribuir na análise dos dados obtidos durante e após a pesquisa de campo. Para Malinowski “o pesquisador de campo depende inteiramente da inspiração que lhe oferecem os estudos teóricos” (1978, p. 23), o que reforça a importância dessa fase numa pesquisa científica.

Godoy (1995) explica que documentos como jornais, revistas, diários, cartas, memorandos, fotografias, filmes, estatísticas entre outros, podem ser considerados como uma importante fonte de dados. As múltiplas possibilidades de documentos contribuem especialmente com as pesquisas de caráter qualitativo. Os documentos podem ser considerados fontes imparciais, uma vez que neles mantêm-se as mesmas informações do momento de sua criação, contribuindo assim para uma melhor contextualização histórica, social e econômica da sociedade em questão. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder explicam que “considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação” (2002, p.169). Os documentos podem ainda ser classificados como primários ou secundários:

[...] documentos são considerados “primários” quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado,

ou “secundários”, quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência (GODOY, 1995, p. 22).

Para esse estudo a busca ampliada por materiais escritos, estatísticos e elementos iconográficos (GODOY, 1995) torna-se fundamental, visto que ainda é reduzida, e por vezes confusa, a literatura sobre imigrantes pomeranos, roteiros turísticos e turismo no espaço rural (sendo os dois últimos temas abordados frequentemente pelo vértice de *cases*). Entre os documentos identificados como potenciais fontes de dados estão:

- Ata da Assembleia Geral de Constituição da Associação Caminho dos Pomeranos;
- Estatuto da Associação Caminho dos Pomeranos;
- Inventário da Oferta Turística local;
- Reportagens em jornais e sites de internet entre outras possibilidades que pudessem advir no decorrer do estudo.

2.6.2 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo tende a contribuir para a obtenção e complementação das informações associadas à investigação científica que se desenvolve. Neto (1994) explica que o trabalho de campo pode propiciar duas situações: a primeira é a aproximação com aquilo que se estuda, ou seja, com as teorias, e a segunda é a possibilidade de criar um novo conhecimento, a partir da realidade vista no campo.

Distintas técnicas podem ser utilizadas na coleta e análise dos dados. Para esse projeto de pesquisa, utilizou tais possibilidades, visto que se trata, também, de uma pesquisa com abordagem qualitativa, as quais “se caracterizam pela utilização de múltiplas formas de coleta de dados” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 164).

A expressão “estudo de campo” adotada por Moreira é considerada por ele, um conceito de maior abrangência, referindo-se à observação das pessoas *in situ*, ou seja, aos grupos naturalmente formados diferentemente dos grupos *ah doc*, comuns às pesquisas experimentais. O mesmo autor também faz uma ressalva à palavra “observação”, na qual se incluem “toda e qualquer técnica por meio da qual os dados sejam coletados” (MOREIRA, 2002, p.16). Haguette (2001) explica que as

expressões “trabalho de campo, pesquisa de campo e estudo de campo” eram inicialmente relacionadas aos sociólogos e antropólogos americanos – que queriam se opor aos “antropólogos de gabinete” – entre as décadas de 1920-1950. Os dois grupos,

[...] lançaram mão de técnicas semelhantes na abordagem do real, especialmente no valor que alocaram ‘a participação do pesquisador no local pesquisado, e à necessidade de ver o mundo com os olhos dos pesquisados (HAGUETTE, 2001, p. 67).

Dessa forma, considerou-se a possibilidade de adoção de múltiplas técnicas para a coleta de dados, descritas a partir desse momento.

Procedente da área da saúde, o estudo de caso é tradicionalmente utilizado na pesquisa médica e psicológica, e caracteriza-se pelo detalhamento de uma individualidade, a qual então possibilita a pormenorização de determinada doença (GOLDENBERG, 2003). Dessa forma, o estudo de caso permite maior amplitude e detalhamento de distintos fenômenos. A autora segue explicando que:

Este método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso. Adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de pesquisa bibliográfica em ciências sociais. O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade (GOLDENBERG, 2003, p.33).

Dencker (1998) e Godoy (1995) corroboram, caracterizando o estudo de caso como uma análise profunda, detalhada e intensa. Os dados podem advir de diferentes momentos e fontes, e que os estudos de caso normalmente são sustentados por pesquisas qualitativas, no entanto “podem comportar dados quantitativos para aclarar algum aspecto da questão investigativa” (GODOY 1995, p. 26).

Foram realizadas durante a pesquisa de campo, pelo menos duas visitas a cada uma das seis propriedades do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, uma visita a uma família integrante da Associação Caminho dos Pomeranos (essa família possui ascendentes pomeranos), duas visitas à Secretaria Municipal de Turismo e uma a cada uma das agências de turismo receptivo local.

A necessidade de maximizar as informações iniciais, e de comprometimento por um olhar mais apurado sobre toda a temática incitaram novas visitas, especialmente aos proprietários integrantes do Roteiro. A tabela 1 apresenta o cronograma das visitas. Durante as mesmas foram realizadas entrevistas e registros fotográficos.

Tabela 1: Cronograma de visitas ao Roteiro Caminho Pomerano

Visita	Data	Entidade visitada	Instrumento aplicado
1ª	18/Junho/2011	Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História	Apêndice A
		Casa das Cucas Pomeranas	
		Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão	Nenhum. Apenas fotografias.
2ª	10/Janeiro/2012	Casa da Schimier	Apêndice B
		Família Klasen – Queijaria e Artesanato em flores secas	
		Heiden Haus	
3ª	04/ agosto/2012	Secretaria de Turismo	Apêndice D
		Inês Klug	Apêndice B
		Casa do Colono e os Monumentos	Nenhum. Apenas fotografias.
		Família integrante da Associação	Apêndice G
4ª	30/Set. a 03/ Out./2012	Todas as seis propriedades	Apêndice C
		Secretaria de Turismo	Apêndice E
		Trade Turístico (Agências)	Apêndice F
		Casa Leitzke	Nenhum. Apenas fotografias
		Loescher Kaffeehaus	Nenhum. Apenas fotografias
5ª	25/Fevereiro/2013	Fazenda do Sobrado	Nenhum. Apenas fotografias

Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012-2013).

A observação participante e as entrevistas em profundidade, utilizadas especialmente durante a 4ª visita, são procedimentos que se relacionam com estudos de casos, os quais “têm suas origens em uma tradição de pesquisa

antropológica nas ‘sociedades primárias’” (GOLDENBERG, 2003, p. 34). A referida autora destaca ainda que se torna inviável formular regras em relação aos procedimentos de entrevista e observação utilizadas em estudos de casos, em razão de versarem sobre fenômenos singulares. A duração é igualmente variante, assim como os problemas e descobertas com os quais o pesquisador pode se deparar.

Ainda sobre a mescla das abordagens qualitativa e quantitativa, mesmo com suas particularidades metodológicas, elas podem ser complementárias e compõem juntas as ferramentas necessárias para a efetivação dessa pesquisa. Flick (2003) explica que nenhuma das perspectivas maximiza ou minimiza a importância da outra, nem tão pouco podem ser consideradas falsas ou verdadeiras, podendo ser incorporadas em qualquer momento da pesquisa, inclusive de forma simultânea. Por meio da análise detalhada proposta por estudos de caso, pretende-se corroborar, ampliar, ou até mesmo negar dados existentes até o momento.

Inicialmente, durante o século XIX, os pesquisadores, ou cientistas, não tinham por hábito coletar as informações sobre as sociedades “exóticas” que estudavam de forma direta. Eles baseavam-se nas informações prestadas, por exemplo, pelos missionários ou militares (SANTOS, R. 2005).

Com Franz Boas, um alemão radicado nos Estados Unidos, e Bronislaw Malinowski, um polonês radicado na Inglaterra, surge a moderna Antropologia mediante o “trabalho de campo” (fieldwork), que também denominamos etnografia (algo como “mapeamento de etnias”). Os pesquisadores deixaram de priorizar as informações indiretas, fornecidas por colonizadores, viajantes e missionários, para transformar a tarefa de coleta de dados em parte integrante de sua pesquisa (SANTOS, R., 2005, p. 37).

Nessas circunstâncias, de etnografia, os pesquisadores antropólogos buscaram pelo contato direto com o outro. Isso foi possível por intermédio da observação direta, mais ou menos participante.

[...] Malinowski é considerado o revolucionário pioneiro do trabalho de campo, embora antes dele já tivessem viajado para coletar diretamente informações. Sua importância foi, sem dúvida, ter estabelecido métodos e técnicas para a etnografia, em particular a “observação participante” (SANTOS, R., 2005, p. 39).

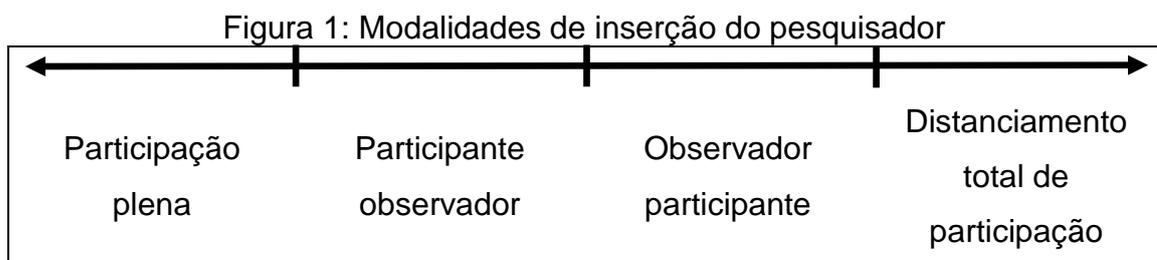
A observação participante é então utilizada nos estudos sobre os problemas sociais norte-americanos ocorridos entre as décadas de 1920 e 1930 realizados

especialmente na Escola de Chicago, pelos quais foi possível compreender os significados da estrutura social daquele período, sua dinâmica e propor novos conceitos na intenção de explicar tais realidades (HAGUETTE, 2001). Moreira define a observação participante como “[...] uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental” (2002, p. 52).

A observação participante é uma das técnicas empregadas em pesquisas qualitativas e de caráter empírico. Ela se caracteriza pela inserção do pesquisador em outras realidades, pela interação com os demais, pela busca da compreensão das situações e os significados correspondentes. Neto qualifica a técnica pela relação face a face:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos (NETO, 1994, p. 59).

O autor ainda apresenta distintos graus de inserção do pesquisador no campo, situação que resulta em diferentes modalidades de observação participante.

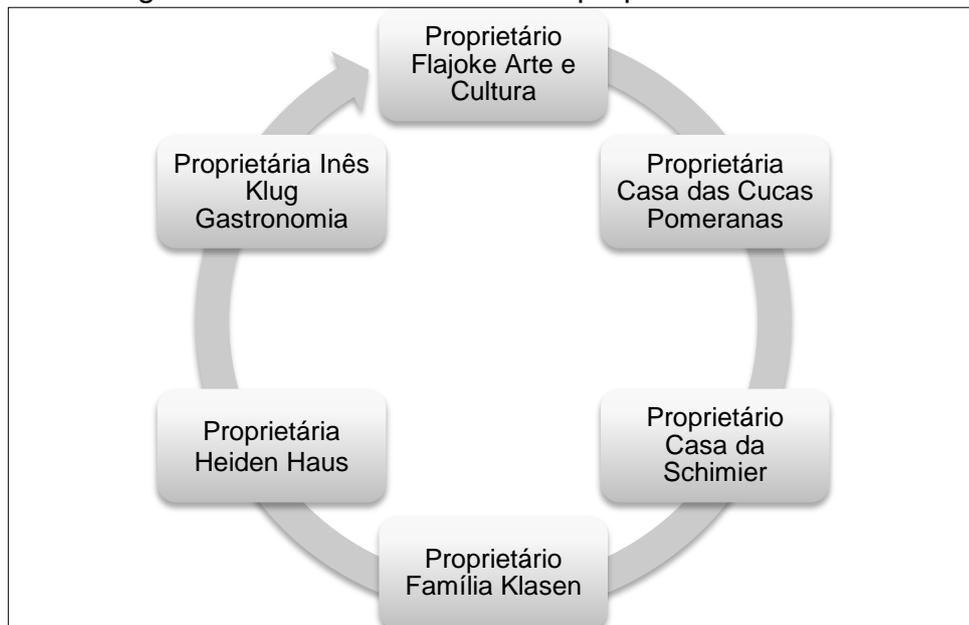


Fonte: Adaptado de Neto (1994)

A variação entre participante observador e observador participante não é clara. Na primeira situação “o pesquisador deixa claro para si e para o grupo sua relação como sendo restrita ao momento da pesquisa” (NETO, 1994, p. 60) e sua relação com o cotidiano daquele grupo pode ocorrer, por exemplo, com observações do dia-a-dia do grupo estudado. Enquanto que na segunda situação, o observador participante realiza suas observações de maneira rápida e superficial, como uma atividade complementar às suas entrevistas.

Neto (1994) igualmente destaca a importância da aceitação do pesquisador pelo grupo como fator decisivo neste procedimento metodológico. Nesse sentido, tomou-se o cuidado de obter a autorização (por escrito) para realização da entrevista, assim como a liberação para fotografar a propriedade dos seis proprietários que recebem turistas em suas propriedades, dando início à rede de contatos.

Figura 2: Rede de contatos com proprietários rurais



Fonte: Elaborado pela autora

Tornou-se fundamental apurar junto às pessoas envolvidas o maior número de informações e dados possíveis, na intenção de elaborar um documento mais condensado. Contudo, como apresenta Goldenberg “a pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas” (2003, p. 13) no qual, “só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar” (p. 14). Tendo em vista a futura análise de dados, percebeu-se que as informações até então eram insuficientes para dar conta de solucionar a hipótese proposta por essa pesquisa, do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano surgir como uma possibilidade de revalorização do espaço rural, bem como dos aspectos históricos e culturais da imigração pomerana de São Lourenço do Sul. Desse modo, considerou-se então a possibilidade de ampliação dos dados, visto que “às vezes, nossos dados não são suficientes para estabelecermos conclusões, e, em decorrência disso, devemos

retornar à fase de coleta de dados para suplementarmos as informações que nos faltam” (GOMES, 2003, p. 67).

Ponderaram-se igualmente as falas iniciais dos proprietários, percebendo-se assim a necessidade de ampliar a rede de contatos para então alcançarem os objetivos propostos por esse estudo. Assim, optou-se pela inclusão da participação do poder público municipal, por meio da Secretaria de Turismo, do *trade* turístico¹ local e demais membros da Associação Caminho dos Pomeranos (comunidade).

Figura 3: Rede de contatos com proprietários rurais, *trade* e setor público



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação à comunidade, com o desígnio específico de alargar os conhecimentos pertinentes à história dos descendentes de imigrantes pomeranos, alguns proprietários rurais sugeriram que a pesquisadora conversasse com a família. O objetivo destas entrevistas com idosos se deu em razão destes serem considerados como “memória viva” da história da cidade, bem como dos descendentes de pomeranos. O objetivo principal dessa entrevista foi buscar reconstituir determinado acontecimento ou período histórico, ou seja, descobrir trajetórias de vidas, as quais estão inseridas num contexto histórico e social (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002; CHIZZOTTI, 2006; NETO, 2003).

¹ *Trade* turístico é o conjunto de equipamentos constituintes de um destino turístico. É a reunião de meios de hospedagem, bares e restaurantes, centros de eventos, agências de viagens e turismo, empresas de transporte e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente à atividade turística (MTUR, 2013a).

Cabe destacar que tais entrevistas não se destinaram a realizar a prática de história de vida. Para a realização dessas entrevistas, considerou-se alguns critérios: preferencialmente integrar famílias com ascendência pomerana; ser maior de idade; ter conhecimentos sobre os imigrantes pomeranos e suas manifestações culturais; ser capaz de comunicar-se oralmente e em língua portuguesa; autorizar (por escrito) a divulgação dos dados coletados. A abordagem foi então realizada com um casal de idosos de São Lourenço do Sul: ela, com 75 anos, agricultora aposentada e ele com 77 anos, agricultor aposentado, é bisneto de um dos primeiros imigrantes pomeranos a desembarcar no porto localizado no povoado de São Lourenço em 1868² (CARPINEJAR, 2011). Ainda nessa entrevista, contribuíram o filho e a nora do casal de idosos.

Como resultado, “o produto fundamental da observação participante é o que se conhece por relato etnográfico” (MOREIRA, 2002, p. 52), que são as considerações detalhadas da realidade alheia a qual o pesquisador se inseriu por determinado tempo e com determinada intensidade, pois “o consumo de tempo é inerente à necessidade de apreender os significados de eventos e comportamentos” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p. 164). Cabe destacar que o relato etnográfico origina-se das notas realizadas em campo.

O método etnográfico por sua vez, tem sua raiz relacionada à Antropologia, no entanto, atualmente integra diferentes áreas do conhecimento, como Sociologia, Psicologia e Educação (CHIZZOTTI, 2006). Inicialmente, as etnografias dedicaram-se a descrever populações longínquas e primitivas, normalmente formadas por grupos sociais minoritários até chegar aos grupos inseridos na atual dinâmica social. No entanto, como destaca Cabral, “o objecto [sic] de estudo alargou-se extraordinariamente” (1983, p. 328), deixando de restringir-se apenas aos distantes e deslembrados povoados, e dessa forma, passando a abranger também os atuais grupos dos grandes centros urbanos, como por exemplo, os pichadores paulistas (PEREIRA, 2010). Todos – indivíduos ou grupos – são passíveis de serem descritos socialmente, culturalmente, politicamente ou outro sobre outro vértice qualquer, com a intenção de compreender seu cotidiano, assim como os significados atribuídos às suas vivências (CABRAL, 1983; CHIZZOTTI, 2006).

² Há uma possível incoerência na data publicada na reportagem, visto que o período de chegada dos primeiros povoadores da Colônia de São Lourenço refere-se aos primeiros dias de janeiro de 1858 (COARACY, 1957), contudo, é possível que seus antecedentes tenham vindo em levadas seguintes.

Igualmente à observação participante, a etnografia também depende do contato direto, intenso e prolongado com o objeto de estudo.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais **originais** de pequenos grupos, para fazer o registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo (CHIZZOTTI, 2006, p. 71 – grifo meu)³.

Todas as propriedades integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano foram visitadas tendo como finalidade a coletas de dados. Finalmente, com a junção dos resultados obtidos por intermédio da observação participante e das entrevistas, pretendeu-se dar corpo a esse estudo de caso, o qual se diferencia pelo viés etnográfico.

As entrevistas podem também ser consideradas como uma das estratégias utilizadas na busca de dados. Existem basicamente três tipologias de entrevista: estruturada, não estruturada e semiestruturada (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2002; MOREIRA, 2002; NETO, 2003). Elas podem ser realizadas individualmente ou com grupos, essa por sua vez, tem como intenção complementar as entrevistas individuais. As entrevistas estruturadas caracterizam-se por apresentar um conjunto de questões, as quais são aplicadas a todos os entrevistados. As mesmas foram aplicadas com os seis proprietários que recebem visitantes em suas propriedades, caracterizando-se como processo censitário. Questões que abarcaram dados dos proprietários, das propriedades e da atividade turística estiveram presentes. Nesse momento, os questionamentos terão um caráter de inventário turístico, que se caracteriza como:

Processo de levantamento, identificação e registro dos Atrativos Turísticos, dos Serviços e Equipamentos Turísticos e da Infra-estrutura de Apoio ao Turismo como instrumento base de informações para fins de planejamento e gestão da atividade turística (MTUR, 2006).

Santos E. (2008; 2005; 2004) ao longo de seu estudo longitudinal sobre o turismo no espaço rural da metade sul do Rio Grande do Sul, utiliza majoritariamente as entrevistas estruturadas, pois assim é possível “*obter del*

³ Acredita-se, no entanto, que não seja possível a manutenção da originalidade, da autenticidade, uma vez que qualquer grupo tem sua história e cultura modificadas, em menor ou maior grau, quando do contato com outros grupos sociais.

*entrevistado respuestas a las mismas preguntas, permitiendo la comparación de las respuestas*⁴ (SANTOS, E., 2008, p. 78).

Nas entrevistas não estruturadas o entrevistador apresenta o tema da pesquisa, deixando o entrevistado falar sobre o assunto e caso avalie ser necessário, faz algumas considerações na intenção de “provocar” novos relatos. Assim, cada proprietário recebeu uma carta de apresentação, bem como concedeu autorização para as entrevistas, fotografias e filmagens.

E finalmente, nas entrevistas semiestruturadas há perguntas pré-estabelecidas, entretanto o entrevistado possui liberdade para suas respostas e podem ainda, surgir no decorrer dessa modalidade novos questionamentos. Este módulo está presente informalmente (tanto nas entrevistas estruturadas, como nas não estruturadas) quando são propostas aos entrevistados outras contribuições que eles considerem importantes. A entrevista pode ser a técnica dominante no momento da coleta dos dados ou então ser umas das técnicas utilizadas na observação participante. Para esse projeto de pesquisa, considera-se a segunda opção mais coerente.

Cabe salientar que os indivíduos integrantes da rede de contatos, sejam eles proprietários rurais, *trade* turístico local ou setor público tiveram sua identidade preservada, assim como o nome de outras pessoas por eles citados, foram alterados. Todos os instrumentos de pesquisa aplicados durante a pesquisa de campo encontram-se nos apêndices.

As imagens são consideradas por Loizos (2008) como um método potencialmente útil em pesquisas qualitativas, sendo considerado como fidedigna fonte de dados (FLICK, 2004). A fotografia pode por si só ser um objeto de pesquisa, assim como contribuir com o conhecimento.

Desde suas origens, registrada em emulsões fotoquímicas constituídas por grãos de halogênios de prata, até a sua forma mais recente de fragmentação e captura, o pixel, a fotografia vem firmando-se cada vez mais como a grande protagonista de conhecimentos artísticos, científicos e tecnológicos contemporâneos (NÚCLEO DE FOTOGRAFIA, 2012).

A imagem expressa na fotografia pode tanto referir-se a um acontecimento de um passado distante, quanto de um passado recente, contudo é um momento

⁴ Obter do entrevistado respostas das mesmas perguntas, permitindo uma comparação das respostas (Tradução minha).

que faz parte da memória de um indivíduo e/ou de um grupo, podendo também servir de referência para interpretações futuras. As fotografias históricas podem também contribuir com outras técnicas de coletas de dados, como por exemplo, a entrevista. A fotografia, “pode servir como um desencadeador para evocar memórias de pessoas que numa entrevista não conseguiria [...] as imagens fazem ressoar memórias submersas” (LOIZOS, 2008, p.143).

Godolphim (1995) já indicava a utilização de fotografias em pesquisas de campo, contribuindo especialmente no momento da construção dos textos etnográficos, prática essa adotada desde o primeiro ensaio etnográfico, realizado em junho de 2011. Dessa maneira, as primeiras fotografias permitiram uma visão holística do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano.

3 DA POMERÂNIA PARA O BRASIL

A Pomerânia, antiga província da Prússia Setentrional, localizava-se à beira do mar Báltico. A cidade de Stettin era a capital e atualmente, essa nação encontra-se extinta. Além disso, cabe destacar de que seu território abrangia o norte da Alemanha e da Polônia.

Figura 4: Localização da antiga província da Pomerânia



Fonte: GLOBO RURAL (2008)

Sua área territorial atingia 38.409km² (área inferior ao Estado do Espírito Santo – Brasil), sua faixa litorânea estendia-se por cerca de 500 km e sua topografia compreendia campos, prados e ondulações. A Pomerânia chegou a ter 2,9 milhões de habitantes em 1939 quando teve início a 2ª Guerra Mundial. E ao findar dessa guerra, a província foi dividida em duas partes: o território ao leste do rio Oder foi entregue a Polônia, enquanto que o território existente do lado oeste do mesmo rio foi integrado ao atual Estado alemão de Mecklemburgo – Pomerânia Ocidental (TRESSMANN, 2008; WILLE 2011).

Os solos da Pomerânia Ocidental eram muito propícios à agricultura, principalmente, o trigo e a cevada, enquanto que na Pomerânia Oriental as condições climáticas e solo desfavoreciam a agricultura, dificultando muito a vida dos lavradores. Segundo JACOB (1992:14) o grande orgulho da Pomerânia era seu litoral caracterizado por baixas costas e belíssimas praias e em épocas remotas foi considerado o “celeiro agrícola” da Europa (LIMA, DIAS, 2007).

Localizado no extremo nordeste da Alemanha, o Estado de Mecklemburgo – Pomerânia Ocidental é atualmente reconhecido como a “Terra dos mil lagos” e continua destacando-se por sua produção agrícola, como na extinta Pomerânia, sobretudo de oleaginosas, batatas e cereais (MFRE, 2003; DW, 2012).

A Pomerânia tem sua origem relacionada aos povos eslavos ocidentais. De acordo com Wille (2011), os eslavos eram originários da Ásia Central e dividiam-se em meridionais, orientais e ocidentais. Por volta de 175 d.C. os eslavos ocidentais passaram a ocupar o território localizado ao sul do mar Báltico, entre os rios Oder e Vístula. Em 300 d.C., os eslavos ocidentais já haviam ocupado todo território pomerano, sendo desse modo considerados os fundadores da Pomerânia. Por volta de 600, os eslavos já constituíam metade da população europeia ocidental, com o avanço e o contato com os povos nativos dos demais países, os eslavos acabaram por perder “a sua identidade étnica, porque foram absorvidos pelas populações nativas dos países onde se fixaram” (WILLE, 2011, p.17).

Figura 5: Terras planas no interior da Pomerânia



Fonte: POMERANOS (2013).

Ao longo de sua existência, as terras da extinta província da Pomerânia foram palco de numerosos conflitos travados por povos vizinhos. A região apresentava características geográficas privilegiadas: era uma terra baixa, tinha considerável quantidade de lagos e rios, o que possibilitava uma produção de alimentos farta, além de possuir uma ligação invejável de mais de 500 km com o Mar Báltico.

Tais características acabaram por suscitar o interesse dos povos vizinhos, os quais passaram a invadir o território pomerano. As constantes invasões geraram desordem e insegurança, de acordo com Rölke (1996 *apud* COSTA, 2007), durante o século XII, foram 22 guerras em solo pomerano. As invasões ocorriam principalmente por parte de noruegueses, dinamarqueses e poloneses. Em vista disso, as famílias pomeranas passaram a buscar apoio e segurança junto às famílias mais poderosas, o que séculos mais tarde “dá início à estrutura de ducados e ao sistema feudal” (COSTA, 2007, p. 45). Além das guerras que se seguiram nos séculos seguintes, as pestes que devastavam a Europa dizimaram um terço da população pomerana (POMERANOS, 2012).

A Pomerânia também foi palco de muitas guerras e lutas, em função de interesses externos e disputa de territórios por parte da Alemanha e da Polônia, que forçavam uma aculturação, com intuito político, como forma de dominação [...] Nessa luta de interesses de duas grandes potências, os pomeranos foram envolvidos sem que eles próprios tivessem consciência da causa. Seus povoados foram queimados, casas destruídas e lavouras incendiadas (LIMA, DIAS, 2007, p. 12).

Em 789, o exército de Carlos Magno, imperador do Sacro Império Romano Germânico invadiu a Pomerânia com a intenção de impor o cristianismo aos pomeranos. Em 800, com a finalidade de impedir o avanço do exército de Carlos Magno, a Dinamarca construiu a Fortaleza de Jonnsburgo, com dois ensejos: defender o território pomerano das invasões polonesas e, servir de ponto de apoio para a expansão do império dinamarquês em direção à Rússia e a Ucrânia (WILLE, 2011).

Durante o século XII, teve início o processo de conversão dos pomeranos à fé cristã, assim como ao processo de germanização. Na ocasião foram batizadas pelo bispo alemão⁵ Otto von Bamberg cerca de 7 mil pessoas, e essa cerimônia ocorreu na cidade de Pyritz, realizando-se posteriormente também em outros locais da Pomerânia. Durante a primeira viagem missionária, foram construídas igrejas, capelas e mosteiros, as quais acabaram sendo destruídas pelos ‘convertidos’ quando o bispo retornou à Alemanha. Assim, os pomeranos retornaram suas crenças primárias reavendo a adoração de seus deuses⁶. Anteriormente ao

⁵ Cabe destacar, que nesse período não existia o Estado Alemão. O processo de unificação alemã teve início em meados do século XIX, sendo finalizado no ano de 1871. Seu objetivo era a integração e consequente unificação dos diversos estados germânicos em apenas um, a Alemanha.

⁶ Os pomeranos acreditavam em divindades que moravam em florestas (WILLE, 2011).

processo de cristianização, os pomeranos eram considerados politeístas e animistas⁷, pois acreditavam em múltiplos deuses, bons e maus, o que fazia com que acreditassem em curas mágicas, posto que suas doenças pudessem vir do ar, da água, do fogo, e de outros elementos da natureza (COSTA, 2007; WILLE, 2011).

A segunda incursão missionária ocorreu em 1128 (quatro anos após a primeira). Nessa ocasião, além dos ensinamentos religiosos, o bispo Otto von Bamberg e os padres alemães que o acompanhavam transmitiram aos pomeranos a língua, os hábitos e costumes alemães, além de técnicas agrícolas e industriais, consolidando-se assim o processo de germanização. As igrejas anteriormente destruídas foram reconstruídas, assim como novos mosteiros e conventos foram edificadas, solidificando o cristianismo junto aos pomeranos (WILLE, 2011).

A tarefa de aproximar-se dos pomeranos somente obtém sucesso em 1128, quando o rei Lotário da Saxônia empreende uma nova tentativa de cristianização, com a ajuda do Bispo Otto de Bamberg, que frente às dificuldades encontradas em suas incursões ao território pomerano utilizou-se de uma característica marcante dos pomeranos: a pesca de arenque, ou peixe *hering*. Sabendo da dificuldade de conservar o pescado, Bamberg enviava junto com os missionários grandes quantidades de sal, artigo difícil e caro, fator que lentamente possibilitou a aproximação dos pomeranos não somente com a Igreja, mas com os estados germânicos, afastando-se definitivamente do mundo eslavo (COSTA, 2007, p. 46).

Em meados de 1400, o processo de germanização consolida-se com o surgimento de muitas cidades e a oficialização da língua alemã, atraindo nobres, artesãos e comerciantes alemães, cuja influência, tanto numérica quanto cultural, faz com que os pomeranos aos poucos incorporem a cultura alemã.

A língua *wende*⁸, de raiz eslava perde sua força, sendo substituída pelo *Plattdeutsch*, ou baixo-alemão, dialeto falado durante a Idade Média ao longo dos mares do Norte e Báltico (COSTA, 1984; COSTA, 2007; WILLE, 2011).

A germanização completou-se no ano de 1400 com a oficialização da língua alemã [...] Depois de 1400, a Pomerânia foi absorvida política, econômica e

⁷ Politeístas acreditam em vários deuses, em muitas divindades. Animistas são aquelas pessoas que atribuem aos elementos da natureza, aos seres vivos e aos fenômenos naturais um princípio vital, ou seja, seriam passíveis de possuírem sentimentos, emoções, vontades ou desejos, e até mesmo inteligência.

⁸ Faz referência à tribo eslava *wende*, cuja tradução da palavra significa “os habitantes de grandes pastagens”. Os *wendes* eram nômades e provavelmente pastores de rebanho. Lentamente eles começaram a habitar as terras do litoral do Mar Báltico, por volta de 600 d.C., estabelecendo-se em terras pomeranas. O nome Pomerânia tem sua origem em *Po Morje* que na língua *wende* significa “terra perto do mar” (COSTA, 2007; GRUNEWALD, 2012).

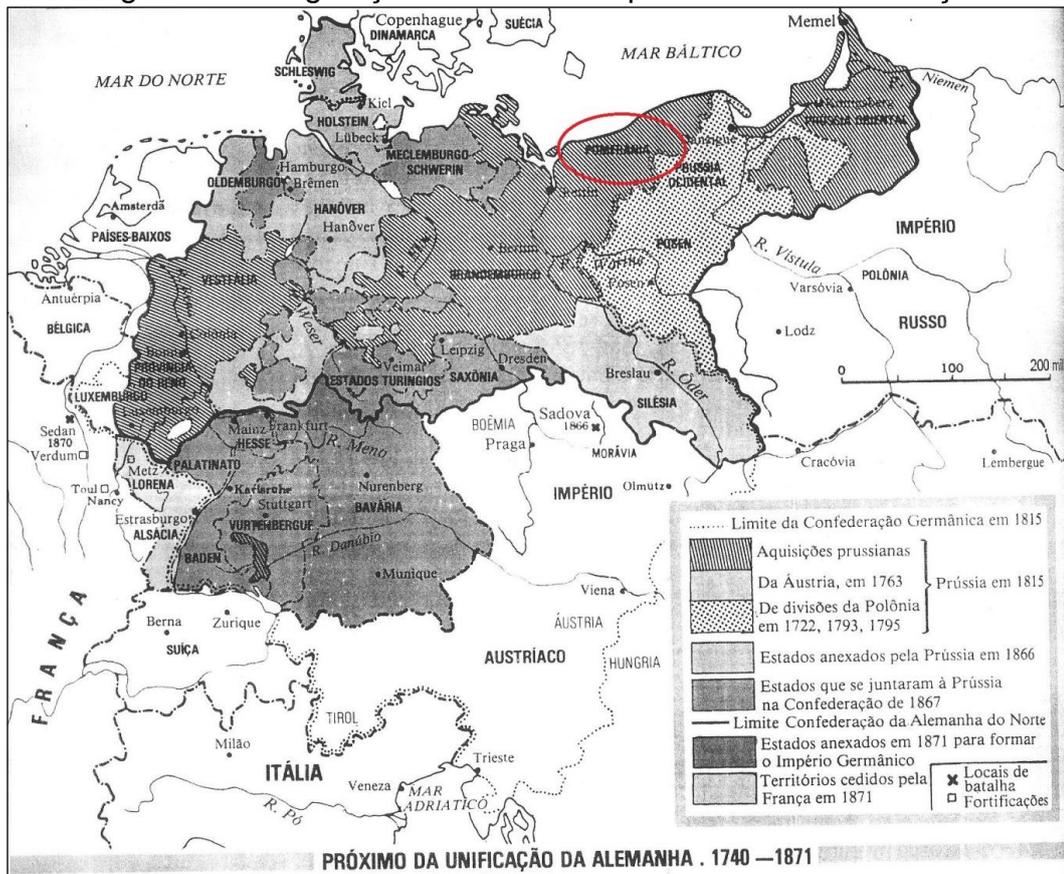
culturalmente pela Alemanha. Os hábitos, costumes e a cultura alemã incorporaram-se totalmente à vida cotidiana da gente pomerana, e, assim, a Pomerânia se tornou uma terra de alemães (WILLE, 2011, p. 20).

Em 1525, Johannes Bugenhagen dá início à Reforma Luterana na Pomerânia e Dinamarca, “na época da emigração, a quase totalidade dos pomeranos era luterana” (WILLE, 2011, p. 44). Foi ele quem traduziu a Bíblia para o dialeto do baixo-alemão (*Plattdeustch*) falado na Pomerânia e no norte da Alemanha. No século XVII, entre 1618 e 1648, ocorreu no território pomerano, a Guerra dos 30 anos, ocasião em que a Pomerânia é novamente invadida, dessa vez pelo exército católico do General Wallenstein que ameaçava exterminar com os protestantes luteranos. O país foi então socorrido pelos suecos (WILLE, 2011).

No que se refere à jurisprudência do território pomerano, esse esteve de 1186 até 1806, sob o domínio do Sacro Império Romano Germânico, que se caracterizava pela união de territórios na Europa Central durante a Idade Média, Moderna e Contemporânea, e que se encontrava sob o governo de um imperador romano. Quando Napoleão Bonaparte dissolveu esse império, no início do século XIX, a Pomerânia foi integrada ao Reino da Prússia, que durou de 1701 até 1871, o qual era formado por dez províncias e sua área abrangia cerca de dois terços de toda a área do Império Alemão, situação que o confirmou como o principal estado-membro do Império Alemão.

Concluída a Unificação Alemã em 1871, o Reino da Prússia foi então denominado Estado da Prússia, situação que seguiu até 1918 quando a Alemanha foi derrotada na 1ª Guerra Mundial. Nesse mesmo ano, a denominação do Estado da Prússia deixa de existir, sendo substituída por Estado Livre da Prússia, o qual teve uma breve história, pois foi totalmente abolido no final da 2ª Guerra Mundial.

Figura 6: Configuração da Alemanha próxima a sua Unificação



Fonte: BURNS (1997)

Ao longo dos séculos, descortinava-se na Europa um cenário sócio econômico controverso: os conflitos por territórios eram constantes; os camponeses viam-se forçados a abandonar o espaço rural e deslocar-se para os espaços urbanos; o trabalho artesanal reduzia-se em virtude do processo de industrialização; as manufaturas substituíam o trabalho manual pelas máquinas, logo, não conseguiam mais absorver todo o excedente de trabalhadores; entre outras ocorrências. O desenvolvimento gerado pelo capitalismo resultou num “excedente populacional sem terra e sem trabalho” (PESAVENTO, 1990, p. 45), o que minimizou as perspectivas de permanência dos europeus em suas terras natais.

Vários acontecimentos na Europa do século 19 favoreceram a emigração para o Novo Mundo. As guerras napoleônicas, as socialistas de 1848 e as guerras da unificação da Alemanha, em 1871, causaram mortes, devastação nas plantações e fome. [...] os impostos eram elevadíssimos (ROCKENBACH; FLORES, 2004, p. 11).

Tal massa populacional poderia simultaneamente “ameaçar a estabilidade interna” (PESAVENTO, 1990, p. 46) do território europeu, assim como, no caso do

Brasil, ser a oportunidade para a “transição de mão de obra escrava para a mão de obra livre” (PESAVENTO, 1990, p. 46). Nesse contexto, levas de imigrantes começaram a emigrar para o Brasil, seja por meio de iniciativas governamentais ou então particulares, e desta maneira a migração para o Brasil acabou se tornando uma possibilidade de sobrevivência para os europeus de forma geral. Rockenbach e Flores (2004) descrevem que as travessias duravam em torno de três meses e eram bastante precárias, pois a comida era racionada e a água logo se tornava imprópria para o consumo. Após sua chegada, os imigrantes permaneciam em “quarentena” na intenção de verificar se não possuíam nenhum tipo de doença contagiosa, para só então seguir até o destino final.

Foi também durante os séculos XIX e XX, que importantes mudanças ocorreram no território do futuro país. Diferentes nomes e sistemas de governo marcaram esse período. Em 1822, com a independência do Brasil, extinguiram-se os laços de união política com Portugal e Dom Pedro I ordenou a elaboração de uma constituição (em 1824) na qual definiu o novo nome fazendo referência ao sistema imperial de governo: Império do Brasil. Essa denominação estendeu-se entre 1824 a 1891. Em 1889, com a Proclamação da República, outra denominação fazia-se necessária para afastar-se a referência ao antigo sistema monárquico. O nome mudou para República Estados Unidos do Brasil e a expressão "Estados Unidos" reforçava a unidade territorial e o novo sistema federativo. Essa denominação estendeu-se entre 1891 a 1969. E finalmente, com a Constituição de 1969, o nome do país foi modificado para República Federativa do Brasil, referência ao sistema republicano vigente no país, e assim, permanece até os dias atuais (BRASIL, 2013).

Com a chegada em 1808 da família real portuguesa e sua corte na cidade do Rio de Janeiro, capital do novo governo, distintos órgãos públicos e instituições de cunho artístico, cultural e científico foram estabelecidos. Contudo, tornava-se necessário ocupar, povoar e promover o crescimento e o desenvolvimento não apenas da capital do Império, mas também das demais regiões no território.

A necessidade de uma maior oferta de mão de obra livre possibilitaria a expansão das atividades agrícolas e industriais no país, já que o governo brasileiro vinha sendo pressionado por parte da Inglaterra para suspender o tráfico negreiro (ALVIM, 1999; MAAS, 2010). Assim, o governo imperial passou a estimular o processo migratório de europeus para o Brasil, também com o desígnio de colonizar

as terras mais ao Sul, além de promover o branqueamento da população brasileira, ou seja, reduzir a população negra e alargar a população branca no país.

Os imigrantes, além de servirem de mão-de-obra [sic] para o desenvolvimento industrial crescente, seriam um vetor de branqueamento da população, numa espécie de exercício de “melhoramento da raça”. Era preciso apagar as marcas indígenas e africanas na imagem da população. [...] O branqueamento populacional seria um meio viável de se solucionar o problema das raças e produzir indivíduos mais fortes e belos. O imigrante traria os ensinamentos da “civilização” e seu estabelecimento e expansão nas cidades latino-americanas enfraqueceriam a mestiçagem (SILVA, 2009, p.11-12).

O primeiro grupo de colonos estrangeiros inseridos no território do Rio Grande do Sul chegou ainda em 1743 e tratava-se de quatrocentos açorianos (SCHRÖDER, 2003). Mas, é a partir do século XIX que o processo se intensifica. Pesavento (1990) destaca dois importantes momentos: o primeiro refere-se à imigração de pessoas vindas do atual território alemão iniciada em 1824 e a segunda, cerca de cinquenta anos mais tarde, com a chegada dos imigrantes vindos do atual território italiano, a partir de 1875. Roche (1969) indica a disparidade entre origem, período da viagem, local de residência (zonas urbanas ou rurais), além de desigualdade cultural e profissional. Dentre os imigrantes vindos da atual Alemanha prevaleceram àqueles originários de zonas rurais, os quais partiram de regiões distintas.

Uma fração sempre mais considerável da imigração no Rio Grande do Sul foi fornecida pelas cidades alemãs, cuja estrutura social se modificou no decorrer do século XIX. [...] Os primeiros que se fixaram no Rio Grande do Sul, provinham de Holstein, de Hanover de Mecklembourg. Seguiram-nos, logo depois camponeses originários de Hunsruck; [...] Os westfalianos concentraram-se, a partir de 1868, de preferência em Estrêla [sic], os pomeranianos⁹ em Santa Cruz ou em São Lourenço, [...] (ROCHE, 1969, p. 158).

No entremeio desse período, em 1858 chegaram os imigrantes vindos da extinta província pomerana (COARACY, 1957).

Na época em que os primeiros pomeranos imigraram para o Brasil, no final da década de 1850, a Pomerânia era uma Província da Prússia. A Província Prussiana da Pomerânia surgiu em 1817. Mais tarde, em 1871, com a união

⁹ Jean Roche (1969) utiliza a nomenclatura “pomeranianos”. No entanto, há uma predominância da nomenclatura “pomeranos” por parte de outros autores. O termo refere-se aqueles nascidos na extinta província da Pomerânia.

dos estados alemães, ela passa a fazer parte do Império alemão (TRESSMANN, 2008, p. 2).

Foi durante este mesmo período do século XIX, que mais de 350 mil pomeranos migraram para os Estados Unidos, Austrália e para o Brasil. Tressmann (1998) apresenta que cerca de 30 mil pomeranos rumaram para o Brasil, enquanto que 331.400 dirigiram-se para os Estados Unidos entre 1830 e 1900.

Na Pomerânia Oriental a maioria destes imigrantes trabalhava como arrendatários nas terras de fazendeiros da aristocracia. [...] A promessa de terra própria havia empurrado muitos camponeses para o Brasil (e também para a América do Norte), no momento em que começava a mecanização da agricultura, expulsando-os da terra na qual muitos viviam e trabalhavam, pois os fazendeiros agora preferiam trabalhar lotes extensos e contratar mão de obra sazonal (DROOGERS, 2008, p. 19).

A figura 6 a seguir apresenta os movimentos migratórios entre a província pomerana e o Brasil, assim como as migrações internas.

Figura 7: Imigração Pomerânia - Brasil e migrações internas



Fonte: HEINEMANN, 2013

Dentre as colônias que receberam os imigrantes pomeranos no Brasil, estão: Santa Maria de Jetibá no Estado do Espírito Santo, Pomerode no Estado de Santa Catarina e São Lourenço do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Cabe destacar que as cidades adjacentes dessas anteriormente citadas, igualmente acabaram por receber imigrantes pomeranos, ou seus descendentes, em maior ou menor proporção como é o caso das cidades gaúchas de Pelotas, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre (WILLE, 2011).

Na região norte do país, no estado de Rondônia, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970 receberam migrações internas de pomeranos luteranos vindos do Espírito Santo (LINK, 2004), um dos primeiros núcleos de imigração pomerana no Brasil.

3.1 SANTA MARIA DO JETIBÁ

Santa Maria do Jetibá é um município do Estado do Espírito Santo (Figura 8). De acordo com os dados do censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui 34.176 habitantes e extensão territorial de 735,555 Km². Tornou-se município por meio da Lei Estadual nº 4067, de 06 de maio de 1988 desmembrando-se do município de Santa Leopoldina (IBGE, 2012a). Santa Maria de Jetibá “tem nos descendentes de pomeranos quase 90% do total de sua população” (LIMA e DIAS, 2007, p. 15).

Figura 8: Localização do município de Santa Maria do Jetibá (ES)



Fonte: Adaptado de IBGE (2012a).

De acordo com os dados do censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui 34.176 habitantes e extensão territorial de 735,555 Km². Tornou-se município por meio da Lei Estadual nº 4067, de 06 de maio de 1988 desmembrando-se do município de Santa Leopoldina (IBGE, 2012a). Santa Maria de Jetibá “tem nos descendentes de pomeranos quase 90% do total de sua população” (LIMA e DIAS, 2007, p. 15).

O grupo formado pelos primeiros imigrantes pomeranos partiu do Porto de Hamburgo, na Alemanha, no final do mês de abril de 1859. Eram 27 famílias no total de 117 passageiros, todos, agricultores e luteranos. Depois da chegada ao estado do Rio de Janeiro, os imigrantes pomeranos seguiram viagem até Vitória, onde desembarcaram em 28 de junho de 1859 (LIMA, DIAS, 2007; TRESSMANN, 2008). No entanto, os maiores grupos de imigrantes pomeranos chegaram nos anos iniciais da década de 1870: entre 1872 e 1873, quando “[...] é registrado a entrada de 2.142 imigrantes” (TRESSMANN, 1998). A colonização e o povoamento do município são decorrentes da fundação da Colônia de Santa Leopoldina demarcada em 1856 e que tinha como objetivo acolher os imigrantes europeus que estavam prestes a chegar ao Brasil (PMSMJ, 2012a).

Em 16 de maio de 1873, imigraram para a Colônia de Santa Leopoldina 413 Pomeranos, e, ainda neste mesmo mês, chegaram mais 366 Pomeranos, todos luteranos. [...] Eram, principalmente, Pomeranos, mas também havia imigrantes oriundos das regiões do Reno e de Hessen, na Alemanha, de Luxemburgo e da Holanda, que iniciavam, assim, uma segunda etapa do processo de imigração. Apesar da diversidade de origem desses imigrantes, todos foram religiosa e socialmente assimilados pela cultura Pomerana, já que se constituía maioria. Como era usual entre os Pomeranos, foi providenciada a instalação de uma escola, uma capela e uma pastoral, precedida pela demarcação do cemitério, em 1879 (PMSMJ, 2012a).

O município destaca-se por sua atividade agrícola, característica reverenciada aos seus colonizadores, os pomeranos que ainda no continente europeu já haviam “tornado a Província Pomerânia no maior celeiro agrícola de todo o continente” (PMSMJ, 2012a). Santa Maria do Jetibá assenta sua produção primária na avicultura, olericultura e cafeicultura. Entre os hábitos culturais mantidos pelos descendentes dos imigrantes pomeranos, especialmente os moradores das zonas rurais está “a celebração do casamento, com várias cerimônias típicas se desenrolando durante três dias” (PMSMJ, 2012a).

Lima e Dias (2007) destacam algumas ações promovidas no município com o intuito de perpetuar a história e cultura dos imigrantes pomeranos, dentre as quais destacamos a atividade turística desenvolvida pelos descendentes de pomeranos em suas propriedades, onde recepcionam turistas nas antigas casas pomeranas de suas propriedades, bem como o Museu de Imigração Pomerana que tem importante papel na valorização da cultura local.

O Circuito Terras Pomeranas que conta com dezenove pontos de visitação oferece aos turistas atividades de agroturismo, turismo rural, ecoturismo, turismo pedagógico, turismo científico e lazer. A gastronomia, agroindústrias e artesanato também estão presentes no roteiro (PMSMJ, 2012b).

Entre as manifestações culturais de origem pomerana em Santa Maria do Jetibá, a língua está presente até os dias de hoje. Em relação às festas religiosas, destaca-se o casamento pomerano, o qual se iniciava com o anúncio oficial na igreja, ocasião em que o casal participava da Santa Ceia, tradição exercida dentro das normas da religião luterana.

No casamento antigo a noiva era arrumada por sua mãe e trajava vestido preto com um cinto verde e grinalda verde, tecida com murta e cipreste. O vestido preto era um traje de gala, usado em outras ocasiões festivas, como batizados e crisma. [...] Casava-se de preto pelo fato de deixar a casa dos pais amados para viver com outra família, ou simplesmente pelo frio da região da Pomerânia. No entanto, segundo atendentes do Museu de Imigração Pomerana em informação verbal, “durante o sistema feudal na Pomerânia, a primeira noite de núpcias era do senhor feudal, portanto, o preto era sinal de protesto e uma fita verde na cintura era sinal de esperança para a mudança” (LIMA e DIAS, 2007, p.17).

Além da cerimônia de casamento, como explicam Lima e Dias (2007), há também a Festa Pomerana, a Festa do Colono e a Festa da Colheita. Trombonistas e grupos de danças igualmente contribuem para a manutenção das tradições do povo pomerano na área da música e dança, respectivamente.

3.2 POMERODE

O município de Pomerode localiza-se no estado de Santa Catarina (Figura 9) e possui 27.759 habitantes e extensão territorial de 215,905Km². Tornou-se município por meio da Lei Estadual n.º 380, de 19 de dezembro de 1958, desmembrando-se do município de Blumenau (IBGE, 2012b).

Figura 9: Localização do município de Pomerode (SC)



Fonte: IBGE (2012b).

Pomerode e os municípios da região faziam parte da antiga Colônia Blumenau, um empreendimento privado de colonização, ou seja, a responsabilidade pela instalação e manutenção das colônias não foi realizada por órgãos governamentais.

A colonização de Pomerode teve início no ano 1861, ocasião em que os primeiros imigrantes decidiram subir um afluente do Rio Itajaí-Açu, liderados pelo colonizador Ferdinand Hackrath, que era sócio do farmacêutico alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, responsável pela Colônia Blumenau.

Os imigrantes que quisessem chegar até os seus lotes coloniais deveriam seguir a estrada de chão batido, partindo da sede da colônia Blumenau e alcançar a localidade de Salto Weissbach. Lá, atravessavam a balsa em direção ao Badenfurt e ao Rio do Teste. Em seguida rumavam a pé ou em carroças pela estrada de chão batido à margem esquerda do rio [...] Por muitos anos essa rua foi o importante elo entre Blumenau e o Vale do Rio do Teste (PMP, 2012a).

A cidade catarinense¹⁰, durante os anos iniciais do século XX, desenvolvia essencialmente atividades primárias, possuindo poucos pontos comerciais. Anos mais tarde, pequenas empresas familiares deram início ao processo de industrialização no município. Com pouco mais de cinquenta anos de emancipação,

¹⁰ Catarinense refere-se ao gentílico do estado de Santa Catarina.

Pomerode destaca-se pela herança cultural de seus antepassados pomeranos manifestada na língua, culinária, música, arquitetura e folclore (MAAS, 2010).

As regiões de imigração costumavam receber o nome da localidade de onde eram proveniente seus colonizadores. [...] Da mesma forma o nome Pomerode deriva de origem de seus fundadores, pois nos trechos médio e superior do Rio do Teste, onde se localiza o município de Pomerode, os lotes coloniais foram ocupados por imigrantes provenientes da Pomerânia, no norte da Alemanha, junto ao Mar Báltico (IBGE, 2012b).

Passados cerca de 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes, Pomerode considera-se a cidade mais alemã do Brasil¹¹ e busca preservar os traços culturais herdados dos colonizadores vindos da Pomerânia. Entre algumas das ações promovidas no município destacam-se: a Festa Pomerana, a *Osterfest* (Festa de Páscoa), os grupos folclóricos, as bandinhas típicas, os corais, as sociedades e clubes de caça e tiro, além das edificações enxaimel¹² (uma antiga técnica de construção trazida para o Rio Grande no Sul no século XIX pelos imigrantes alemães) que integram a Rota do Enxaimel (MAAS, 2010; PMP, 2012a).

São cerca de 50 construções genuínas dispostas em um agradável roteiro de 16km, sinalizado em português e alemão. [...] as paisagens do trajeto rural fazem parte do conjunto de bens tombados em nível federal pelo Instituto Nacional de Patrimônio Histórico. As casas construídas no período da imigração chamam a atenção, em especial pelo ótimo estado de conservação (PMP, 2012b).

Além disso, há também as feiras artesanais (*Ostermarkt*, *Adventmarkt*, *Wintermarkt* e *Oktobermarkt*¹³) que possuem relação com datas comemorativas como Páscoa e Advento, ou então estão relacionadas a algum período do ano como Inverno e o mês de Outubro. O dialeto pomerano *Pommersche Plattdeutsch*¹⁴ ainda se faz presente nas conversas no interior de Pomerode e cabe recordar que essa foi

¹¹ O município adota o *slogan* “A cidade mais alemã do Brasil” (PMP, 2012a).

¹² A origem da arquitetura em Enxaimel está associada com as antigas tribos bárbaras, mas foi na Idade Média que chegou ao seu desenvolvimento. Oliveira explica: “O enxaimel seria a expressão em português para o que os alemães chamam de *Fachwerk* ou *Fachwerkbau*. [...] a tradução literal para o termo *Fachwerkbau* seria **construção em prateleiras**, onde a estrutura consiste em uma trama de madeira aparelhada com peças horizontais, verticais e inclinadas, que em sua construção vão formando paredes estruturadas e encaixadas entre si. Posteriormente, estes quadros ou tramos são preenchidos com taipa, tijolos, adobe ou pedra (OLIVEIRA, 2011, p. 19 – grifo do autor).

¹³ Numa tradução livre: Feira de Páscoa, Feira de Advento, Feira de Inverno e Feira de Outono respectivamente.

¹⁴ Em 1400, foi oficializada na Pomerânia a língua alemã, *Hochdeutsch*. No entanto, no tempo da reforma luterana, o dialeto do baixo-alemão, o *Plattdeutsch*, ainda se falava não só na Pomerânia, mas também em todo o norte da Alemanha. Era a língua do povo, principalmente da zona rural (WILLE, 2011, p. 43).

a língua instituída ao longo do processo de germanização ocorrido na Pomerânia durante a Idade Média.

3.3 SÃO LOURENÇO DO SUL

Localizado no estado do Rio Grande do Sul, o município de São Lourenço do Sul (Figura 10), possui 43.111 habitantes e extensão territorial de 2.036,134 Km². Tornou-se município por meio da Lei Estadual nº 7.199, de 31 de Março de 1938, desmembrando-se do município de Pelotas. Por meio do Decreto-Lei Estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944, o nome do município foi alterado, passando de São Lourenço para São Lourenço do Sul (COSTA, 1984; IBGE, 2012c; PMSLS, 2012).

Figura 10: Localização do município de São Lourenço do Sul (RS)



Fonte: IBGE (2012c).

O município está distante 198 km de Porto Alegre, capital do estado, 59 km de Pelotas, uma das maiores cidades do interior gaúcho¹⁵ e 110 km de Rio Grande, onde se localiza o Porto de Rio Grande, o maior da região sul do Brasil (HAMMES, 2010) e os acessos ao município podem ser realizados por meio das rodovias BR-116 e RS-265. Dos 43.111 habitantes de São Lourenço do Sul, 24.237 pessoas moram na área urbana (56,2%) e 18.874 na rural (43,8%). A densidade demográfica

¹⁵ Define genericamente aquele que nasceu no Rio Grande do Sul. Ou então se refere ao território correspondente ao estado sulista.

é de 21,17 hab./km² (IBGE 2012). Na região da Laguna dos Patos, o relevo torna-se praticamente plano, chegando a cerca de 1 a 3 metros acima do nível do mar (HAMMES, 2010).

O relevo municipal não apresenta grandes altitudes [...]. A serra dos Tapes que é a denominação sulina da serra do Mar, recebe no nosso município nomes locais [...] na zona colonial, no 2º distrito (Taquaral) [...] é que se encontra o ponto mais alto de São Lourenço do Sul, com 325 metros acima do nível do mar [...] as altitudes se encontram numa média de 100 a 200 metros [...] A Coxilha do Barão 195 metros [...] Boqueirão está a 134 metros, Reserva a 105 metros (HAMMES, 2010, p. 52).

A primeira divisão municipal estado do Rio Grande do Sul ocorreu no ano de 1809, quando os quatro primeiros municípios foram estabelecidos: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha.

Figura 11: Divisão municipal 1809



Fonte: SPGPC (2012).

As terras que futuramente pertenceriam ao município de São Lourenço do Sul integravam o território do município de Rio Grande (HAMMES, 2010).

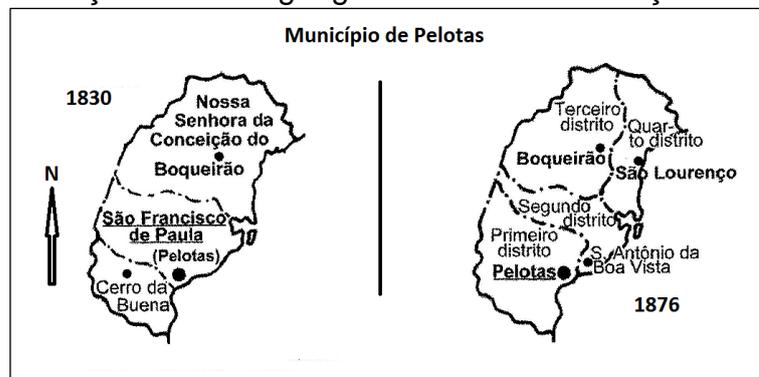
A formação dos municípios no Rio Grande do Sul está intimamente ligada à história da sua ocupação. A partir das sesmarias e dos núcleos açorianos o Rio Grande do Sul inaugurou o processo de divisão do seu território em áreas administrativas. A primeira foi no ano de 1809, separando a então

Província de São Pedro em quatro áreas: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha (SPGPC, 2012).

O município Rio Grande, considerada vila desde 1747, fragmenta-se a partir da década de 1830, originando outros quatro municípios: o próprio Rio Grande, Pelotas (em 1830), Piratini (também em 1830) e São José do Norte (em 1831). O recém-emancipado município de Pelotas por sua vez, congregava as freguesias de São Francisco de Paula, além de duas freguesias recém-criadas, a Nossa Senhora da Conceição do Cerro Buena (ao sul) e Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão (ao norte), a qual compreendia as terras do atual município de São Lourenço do Sul (HAMMES, 2010).

A localidade do Boqueirão localiza-se estrategicamente entre a planície próxima à Laguna dos Patos e o planalto da Serra dos Tapes. Pela localidade cruzavam as estradas que interligavam dois importantes centros urbanos, Porto Alegre e Pelotas, assim como as estradas que ainda hoje interligam os municípios de São Lourenço do Sul e Canguçu.

Figura 12: Evolução histórico-geográfica de São Lourenço do Sul (1830-76)



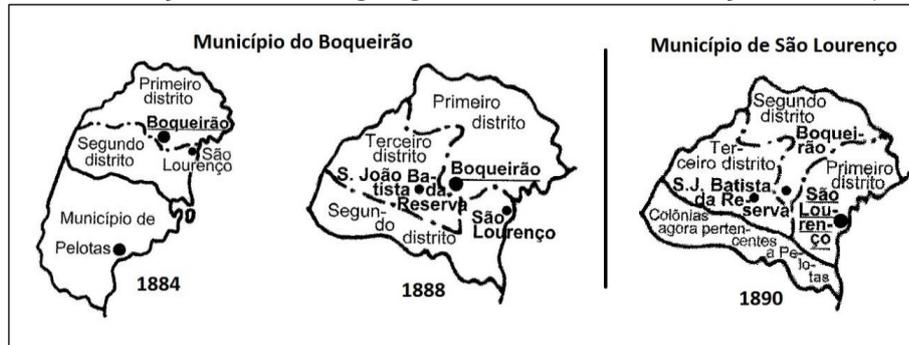
Fonte: Adaptado de HAMMES (2010).

A partir do ano de 1876, o município de Pelotas sofre nova modificação no seu território. A Lei n.º 1.031 de 29 de abril de 1876 possibilita a criação da freguesia de São Lourenço, a qual se desmembra da freguesia de Boqueirão, e assim Pelotas passa a ter quatro distritos: 1º distrito (ou distrito sede): Pelotas; 2º distrito: Santo Antonio da Boa Vista; 3º distrito: Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão; e 4º distrito: São Lourenço (HAMMES, 2010).

Em menos de uma década, no dia 26 de abril do ano de 1884, por intermédio da Lei n.º 1.449 é então criado o município de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, o qual deixa de ser freguesia para tornar-se vila. O novo

município é inicialmente constituído por dois distritos: o 1º distrito, ou distrito sede, Nossa Senhora da Conceição da Boqueirão e o 2º distrito, São Lourenço. Quatro anos mais tarde, em 13 de dezembro de 1888, o município do Boqueirão passa a ter um 3º distrito, o de São João Batista da Reserva (HAMMES, 2010).

Figura 13: Evolução histórico-geográfica de São Lourenço do Sul (1884-90)



Fonte: Adaptado de HAMMES (2010).

De acordo com Hammes (2010), a extensão de terras, desde a região do Boqueirão até a Laguna dos Patos (sentido oeste leste) pode ser considerada como o atual território do município de São Lourenço do Sul, a qual integrava a Estância São Lourenço, também conhecida como Fazenda do Sobrado. José Antonio d'Oliveira Guimarães, proprietário da área, destinou parte dela para a fundação de um novo povoado, o de São Lourenço. Tal povoado localizava-se às margens do arroio São Lourenço e dispunha de um porto que realizava o escoamento da produção agrícola da colônia, assim como recebia os imigrantes vindos da Europa. Esse fato estimulou seu crescimento demográfico e econômico, possibilitando assim novo status, o de freguesia. Nos anos posteriores, comerciantes e outros profissionais estabeleceram-se ao longo do arroio, impulsionando o crescimento do povoado recentemente estabelecido. Em 1890, a sede do município é então transferida do Boqueirão para São Lourenço em virtude da importância que o segundo povoado vinha adquirindo.

[...] a *freguesia de São Lourenço* prosperava a olhos vistos. Porto fluvial e lacustre, recebia toda a produção da colônia, mostrando enorme progresso. Sua magnífica situação geográfica abria-lhe perspectivas imensas e num curto espaço de apenas cinco anos São Lourenço transformava-se no mais importante núcleo de atividades da região [...] resolveu o governador Falcão da Frota – por meio do ato n.º 88, de 15 de fevereiro de 1980 - transferir a sede municipal para essa localidade elevando-a a categoria de *vila* (HAMMES, 2010, p. 240).

Ainda de acordo com Hammes (2010) é por meio desse ato governamental que a denominação “município de São Lourenço” passa a figurar, esquecendo as denominações anteriores relacionadas a este território. Décadas mais tarde, o Decreto n.º 7.199 de 31 de março de 1938 garante a São Lourenço do Sul sua emancipação política (COSTA, 1984; COSTA, 2007). Presentemente, o município divide-se em oito distritos, estabelecidos pela Lei municipal n° 1.628, de 29 de março de 1990.

Tabela 2: Distritos de São Lourenço do Sul

Distrito:	Compreende:
Distrito Sede	Sede do município
Primeiro Distrito	Boqueirão
Segundo Distrito	Taquaral
Terceiro Distrito	Esperança
Quarto Distrito	Harmonia
Quinto Distrito	Prado Novo
Sexto Distrito	Boa Vista
Sétimo Distrito	Faxinal

Fonte: Adaptado de HAMMES (2010)

A origem do nome do município está inteiramente atrelada ao da família de José da Costa Santos, esposo de Anna Joaquina Gonçalves da Silva e a existência da Fazenda São Lourenço, onde havia uma capelinha cujo orago, ou seja, o santo que dá nome a capela, templo ou freguesia era São Lourenço, ao qual a família era devota. À proporção que, existe uma lenda de que a estátua de São Lourenço teria sido encontrada flutuando no Arroio São Lourenço, ocasionando com isso, a denominação do lugar, “o fato é que a Fazenda São Lourenço, atual Fazenda do Sobrado, é que deu o nome a cidade” (SETUR – SLS, 2007).

No que se refere às características geográficas do município, o relevo municipal não apresenta grandes altitudes. O ponto de maior altitude, com 325 metros acima do nível do mar localiza-se na divisa com o município de Canguçu, enquanto que o de menor altitude localiza-se na planície, no banhado do Caipira com cerca de 1 a 3 metros acima do nível do mar. As localidades de Coxilha do Barão, Boqueirão e São João da Reserva, onde se encontram atrativos do Roteiro

de Turismo Rural Caminho Pomerano, estão respectivamente a 195, 134 e 105 metros acima do nível do mar (HAMMES, 2010).

Em relação à ocupação do território sul-rio-grandense¹⁶ por imigrantes pomeranos, grupo étnico foco dessa pesquisa, os pomeranos dirigiram-se também para as regiões onde hoje estão localizadas as cidades de Santa Cruz do Sul e Nova Petrópolis (ROCKENBACK e FLORES, 2004). Contudo, um número mais expressivo de pomeranos fixou-se no sul do Rio Grande do Sul, tendo importante participação na formação de São Lourenço do Sul. Tais imigrantes foram acomodados na região do planalto na Serra dos Tapes, região que um século antes foi renegada, por suas condições atípicas à produção pecuarista, foi então ocupada por esses imigrantes. Essas terras cresceram significativamente, destacando-se inclusive como maior produtora de batatas do século XIX e parte do século XX (COSTA, 1984; COSTA, 2007).

[...] nas terras planas e de pastagens desenvolveram-se as estâncias, predominando o homem luso-brasileiro, dedicando-se à criação de gado [...] Na serra lourenciana predominou o homem germânico, com o desenvolvimento da pequena propriedade e da diversidade de produção (COSTA, 2007, p. 39-40).

Schwartz reforça a informação da desvalorização das terras pela existência da mata densa e explica que “quando houve um movimento nacional para a criação de colônias agrícolas liderado pelo governo imperial, essas foram as terras ocupadas” (2008, p. 54).

A Colônia de São Lourenço, na Serra dos Tapes, foi um empreendimento realizado por uma empresa particular, a qual não precisou ser incorporada à administração oficial do Império, situação vivida por muitas outras que acabaram fracassando por diversos motivos. Em 30 de Dezembro de 1856, no Rio de Janeiro, Jacob Rheingantz firmou contrato de colonização com o governo imperial e na ocasião adquiriu oito léguas quadradas de terras na Serra dos Tapes, as quais deveriam ser povoadas com colonos agricultores alemães, suíços ou belgas. Em maio de 1857, Rheingantz partiu para a Europa dando continuidade ao seu projeto e em 31 de outubro de 1857, o grupo formado pelos primeiros 88 imigrantes, embarcou no navio holandês *Twee Vieden* e chegou ao porto de Rio Grande nos primeiros dias de janeiro do ano seguinte, sendo a Colônia de São Lourenço

¹⁶ Referente ao estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

fundada em 15 de janeiro de 1858, por seu idealizador Jacob Rheingantz (COARACY, 1957; COSTA, 1984).

O fundador expressava confiança, dedicação, entusiasmo e fé no seu empreendimento, ao ponto de convencer toda sua família a vir para o Brasil. No mesmo período da vinda dos imigrantes, chegaram à Colônia de São Lourenço seus pais e quatro irmãs. Dois irmãos já haviam chegado anteriormente às terras da colônia em 1846 e 1856. Apenas uma irmã permaneceu na Alemanha, pois já havia constituído família no continente europeu.

A população de São Lourenço do Sul é formada essencialmente por portugueses (tanto do continente quanto das Ilhas dos Açores), por germânicos (alemães e pomeranos) e um menor número de afro-brasileiros, italianos e libaneses. No entanto, os pomeranos foram decisivos na formação da Colônia de São Lourenço do Sul, 81% de todos os imigrantes que se estabeleceram na região da Serra dos Tapes, contribuíram para o sucesso do empreendimento da colônia de Rheingantz e conseqüentemente para a criação do referido município (COSTA, 1984, COSTA 2007, LIMA, 2006).

Passados 154 anos da colonização e 74 anos da emancipação política de São Lourenço do Sul, o município tem na agropecuária sua principal atividade econômica.

[...] com destaque para suínos, bovinos, laticínios, milho, feijão, soja, arroz, batata, cebola, fumo, aspargo, pimenta, alho e amendoim. Das terras de São Lourenço, 95% pertencem a pequenos e médios produtores. Também são importantes a indústria do couro e o turismo, que conta com uma importante quantidade de hotéis, pousadas e restaurantes (PMSLS, 2012a).

Ao que se refere para essa pesquisa, a atenção esteve direcionada à atividade turística desenvolvida no espaço rural de São Lourenço do Sul, a qual será discutida nos próximos capítulos.

4 TURISMO

Nos distintos períodos da história da humanidade, os deslocamentos sempre fizeram parte da vida das pessoas, seja por necessidades físicas ou por espirituais. Contudo, não é adequado relacionar tais deslocamentos com o fenômeno turístico ou com a concepção de viagens que se conhece atualmente, visto que para Barretto “o homem primitivo migrava [...]. Isso não é o mesmo que viajar. Viajar implica voltar” (1997, p. 44). Trigo (2002) relaciona o surgimento do turismo com o século XIX e igualmente o relaciona com a Revolução Industrial desencadeada no continente europeu.

O século XIX foi portador de uma série de transformações tecnológicas que impactaram os deslocamentos por todo o mundo. O navio a vapor e as estradas de ferro fizeram que a dinâmica de viajar se alterasse sensivelmente. Em seguida, o surgimento de veículos motorizados e aviões ampliou ainda mais a possibilidade de deslocamentos (ASSUNÇÃO, 2012, p. xvi).

Os deslocamentos, as viagens, fazem-se presentes ao longo da história da humanidade por diversos motivos, entretanto, torna-se melindroso afirmar, por exemplo, que os deslocamentos durante a Idade Média por meio das Cruzadas denotem o turismo religioso, e mais, que tal segmento turístico “[...] data de muitos séculos atrás” (IGNARRA, 2003, p. 2). Assunção apresenta o século XX, como o período em que ocorre o “pleno desenvolvimento da atividade turística” (2012, p. xx). E como apresenta Rejowski, trata-se de “viagens enquanto antecedentes do turismo” (2002, p.18).

Durante a Antiguidade Clássica, na Grécia, as cidades desenvolveram-se ao longo das costas litorâneas. A boa infraestrutura dos portos permitia um maior fluxo nas viagens possibilitando assim considerável comércio entre as cidades-estados gregas, enquanto que o planejamento e a construção de estradas eram restritos, todavia mesmo assim, viagens a pé, a cavalo ou em carroças eram realizadas nas estradas do interior (BARBOSA, 2002; REJOWSKI, 2002).

O apreço pelas viagens fez com que os gregos realizassem contínuas e frequentes viagens, celebrando santuários e competições atléticas. A partir de 776 a.C. os jogos olímpicos estimularam o deslocamento de atletas e pessoas até Olímpia, intencionados a assistir os jogos, mas também apreciar cerimônias

religiosas, recitais de poesias e discursos de filósofos entre outras atividades (BARBOSA, 2002; BARRETTO, 1997; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). E por volta do século V a.C, era possível encontrar ao longo das estradas, próximos aos portos e nos grandes centros algumas hospedarias em condições precárias (BARBOSA, 2002).

Por razões de ordem moral e religiosa, os gregos não tinham por hábito viajar a lazer. Entre os diferentes motivos para as viagens dos gregos, “um dos principais era um misto de ‘turismo religioso’ de peregrinação e ‘turismo de saúde” (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p. 20). Os gregos percorriam longas distâncias em busca de águas minerais que pudessem curar seus doentes. Outro importante aspecto relacionado aos gregos é a hospitalidade, baseada num preceito divino. O ato de bem receber era considerado um ato honroso e uma obrigação dos gregos para com quem chegasse a sua cidade (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

As viagens realizadas pelos romanos, também podem ser descritas como “antecedentes remotos do turismo” (BARRETTO, 1997, p. 44). O território romano detinha de uma boa quantidade de estradas, o governo romano por questões administrativas precisava garantir a integridade de seu vasto território, para tanto era fundamental dispor de boa infraestrutura viária, tanto para seus funcionários governamentais quanto para as tropas e comerciantes, situação essa que facilitava os deslocamentos entre os séculos II a.C. e II d.C. em território romano (BARBOSA, 2002; BARRETTO, 1997; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). Os romanos, além de construir veículos de transporte providenciaram uma vasta rede de estradas. Barbosa destaca que “os romanos aprenderam técnicas de construção de estradas, de pontes e de aquedutos com os etruscos” (2002, p. 19).

Como os nobres romanos viajavam longas distâncias, foram instalados ao longo das vias pontos destinados para a troca de animais, otimizando o tempo destinado às viagens. Junto a esses pontos foram instaladas as primeiras hospedarias, elemento fundamental para a viabilização das viagens, contudo, YASOSHIMA e OLIVEIRA alertam que “mesmo nas melhores acomodações, o mobiliário era extremamente simples, apenas uma cama e um candelabro” (2002, p. 32). Além disso, os romanos chegavam a percorrer mais de cem quilômetros diários e entre seus destinos preferidos estavam cidades litorâneas e *spas* (termo que provém do latim *‘salute per aqua’*, saúde pela água) onde buscavam por descanso e divertimento (BARBOSA, 2002; IGNARRA, 2003). Os romanos apreciavam ainda as

pirâmides e os monumentos do Egito, além de realizarem viagens em ocasiões de festejos e jogos olímpicos (BARBOSA, 2002; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). Outro aspecto de grande importância para as viagens nesse período foram os dois séculos de inexistência de hostilidade entre as fronteiras:

A *Pax Romana* foi fundamental para as viagens. Foram dois séculos de paz sob o Império Romano, sem precedentes na história mundial. [...] sob a égide da *Pax Romana*, criou-se uma ordem de prosperidade propícia à mobilidade dos homens, das mercadorias e das ideias (YASOSHIMA, OLIVEIRA, 2002, p. 24-25).

O surgimento da classe média romana fez surgir as viagens regionais e sazonais, com o ensejo das férias de verão. Com isso, surgiram estações balneárias, em que os romanos praticavam o *otium*¹⁷, o qual estava relacionado a viagens e à permanência da beira mar. Tal viagem não se limitava apenas aos banhos, mas contemplava passeios, leituras, conversações, além de atividades relacionadas ao ambiente, como a pesca. A Grécia e o Egito também eram destinos onde a elite romana buscava por prazer (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

O advento das águas termais também pode ser relacionado aos romanos, os quais expandiram os centros destinados aos banhos por todo território romano: “grande parte das estâncias termais europeias em funcionamento, e, que hoje são importantes centros de atração turística, tiveram início com os romanos” (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p. 27). Esses centros além das atividades relacionadas aos banhos dispunham de apresentações teatrais, jogos de circo, corridas de carros entre outras distrações.

Com o fim do Império Romano por volta do século V d.C., tem início a Idade Média. A sociedade nesse período foi caracterizada por uma maior permanência dos homens junto às suas terras, onde, sobretudo desempenhavam atividades agrícolas, possibilitando aos feudos maior autossuficiência, redução da atividade comercial entre os distintos povoados, e redução da circulação de pessoas entre os feudos. Nesse período apenas pessoas dotadas de espírito aventureiro embrenhavam-se

¹⁷ O *otium* não deve ser confundido com ociosidade ou desocupação. Os romanos desfrutavam do *otium* comumente com viagens, e permanência, à beira-mar. Tais viagens implicavam em variedade e diversão, alternando passeios, leituras, conversas e banhos sulfurosos (REJOWSKI, 2002). Darras ao fazer uma análise entre os princípios e valores da antiga arte de viver das sociedades gregas e romanas da antiguidade, bem como de seu tempo livre, *scholê* para os gregos e *otium* para os latinos explica que se trata de “um complexo sistema espacial, temporal e simbólico das experiências e práticas intelectuais, meditativas e recreativas para o corpo e para a mente desenvolvidas durante os períodos de tempo livre” (DARRAS, 2008, p. 6).

por estradas que se deterioravam com o passar dos anos e que eram tomadas por saqueadores, assassinos e bárbaros (BARBOSA, 2002; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

As exceções, nessa época, eram as cruzadas. Grandes expedições eram organizadas para visitação dos centros religiosos da Europa e libertar Jerusalém do domínio dos  rabes (IGNARRA, 2003, p. 4).

A Igreja teve intensa influência sob a sociedade durante o período medieval. Os deslocamentos que ocorriam estavam relacionados às feiras (motivos comerciais), ou então às peregrinações, em que se buscava “não o prazer, mas a ‘porta da eternidade’” (YASOSHIMA, OLIVEIRA, 2002, p. 33), e não possuíam relação com o lazer, “a Europa medieval conheceu, nos mil anos de sua história, uma infinidade de santuários” (BARBOSA, 2002, p. 22).

Entre os destinos preferenciais dos peregrinos estavam Roma, Jerusalém, Santiago de Compostela, Meca entre outros, sendo que “visitar Roma, a sede da Igreja Católica, era uma atividade obrigatória” (YASOSHIMA, OLIVEIRA, 2002, p. 34). A peregrinação tinha como objetivo o exercício da piedade, o pagamento de promessas, o pedido de cura ou o contato com as relíquias sagradas destes destinos. Abadias e mosteiros recebiam os peregrinos, que enfrentavam a precariedade das estradas, o desconforto e a falta de higiene durante as viagens (BARBOSA, 2002; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

Essa corrente de pessoas circulando em decorrência das cruzadas e que paralelamente incrementavam o comércio, propiciava o surgimento de pousadas e de alojamentos ao longo das rotas europeias (BARBOSA, 2002, p. 25).

Somente a partir do ano 1000 d.C   que as viagens passaram a ser mais seguras e a alargar-se (IGNARRA, 2003). Nesse mesmo período, são construídas especialmente na França, igrejas e catedrais, as quais se tornaram, e são até os dias atuais, importantes atrativos turísticos (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002).

As peregrinações chegaram a ser consideradas um fenômeno de massa durante os séculos XIII e XIV, tamanho o crescimento das viagens com tal objetivo. Paralelamente as viagens de cunho religioso, um comércio de relíquias, santos e afins, nem sempre verdadeiros, se consolidou. É nesse período também que surge “um novo g nero literário: os livros de viagens” (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p.

35). Um guia de viagens do século XIV já fornecia informações sobre as regiões e abrigos ao longo do caminho. Cabe retomar que os deslocamentos além de cunho religioso, tinham também o comercial. De fato, depois das epidemias que assolaram a população europeia, durante o século XV ocorre uma renovação do comércio, quando então “os mercadores percorriam os caminhos à procura de clientes e de mercadorias novas. Eram os peregrinos do comércio” (YASOSHIMA, OLIVEIRA, 2002, p. 36). Com o avanço do protestantismo no continente europeu, as peregrinações à Jerusalém reduzem. E, entre os séculos XV e XVI, tem início as viagens marítimas com a finalidade de descobrimento de novos territórios:

Com o surgimento da Idade Moderna, aparecia uma dupla vertente no sentido de viagem; num primeiro momento, as viagens dos descobrimentos tinham um sentido expansionista: ampliação dos territórios europeus além-mar. Num segundo momento, ocorreu a expansão das fronteiras culturais, surgindo o Grand Tour das classes privilegiadas, a precursora do turismo (BARBOSA, 2002, p. 29).

Durante a Idade Moderna, entre os séculos XVI e XVIII, ocorreu o processo do Renascimento Europeu, em que a religião perde seu poder e o “desejo de explorar e entender o mundo” (YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002, p. 37) prospera. O Renascimento representou um grande incentivo às viagens culturais, motivadas por estudos e experiências. Posto isso, Salgueiro (2002) destaca as transformações suscitadas nesse novo viajante:

Trata-se aqui não do viajante de expedições de guerras e conquistas, não do missionário ou do peregrino, e nem do estudioso ou cientista natural, ou do diplomata em missão oficial, mas sim do *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas [...] Um viajante dispendioso acima de tudo de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela historiografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura (SALGUEIRO, 2002, p. 291).

Alemães, poloneses, dinamarqueses, holandeses e ingleses dedicaram-se a um dos grandes acontecimentos deste período, o *Grand Tour*, a tradicional viagem pela Europa, a qual ganhava repercussão entre as famílias ricas. Tais viagens tornaram-se essenciais para a complementação dos estudos, para o aprendizado de novos idiomas ou ainda para distração. A cultura dos povos passados, a arte, a arquitetura, sobretudo das ruínas, além das paisagens eram os pontos observados pelos viajantes do *Grand Tour*. Dessa forma, o fenômeno causou grande interesse

na Inglaterra, uma potência europeia em desenvolvimento e com dinheiro para gastar. Por vezes, as viagens poderiam ser mais curtas e menos onerosas, mas o verdadeiro *Grand Tour* envolvia Paris e um circuito pelas principais cidades italianas: Roma, Veneza, Florença e Nápoles. Diferentes rotas poderiam ser feitas, de acordo com o interesse do viajante, estação do ano, poder aquisitivo entre outros aspectos. Dois pontos eram importantes: chegar a Paris, o que garantia boa parte das expectativas e alcançar Roma, o apogeu do *Grand Tour*, onde a realização tornava-se completa. Tal prática perdurou durante os séculos XVII e XVIII, e ela garantia a completa educação dos jovens que viajavam por toda Europa na companhia de seus tutores (BARBOSA, 2002; SALGUEIRO, 2002; YASOSHIMA e OLIVEIRA, 2002). Barretto explica a prática:

[...] realizada por jovens acompanhados de seu professor particular. Não havia propriamente turismo, mas sim *tours*, viagens de ida e de volta, realizados pela classe privilegiada, uma minoria rica (elite), um *tour* de aventura, masculino [...] viajavam quando queriam e podiam e com uma duração aproximada de três anos. [...] faziam sua viagem a pé, a cavalo ou no lombo de burros. A ideia era que os jovens [...] adquirissem experiência de vida, firmeza de caráter e preparação para a guerra (BARRETTO, 1997, p. 47-48).

O *Grand Tour* durou até o final do século XVIII, visto que a partir do século XIX, o turismo de massa desenvolve-se por toda Europa, um segmento turístico destinado para a classe média urbana da sociedade do século XVIII. As minúcias do *Grand Tour* corroboram para que os deslocamentos ocorridos durante a Antiguidade e a Idade Média não sejam considerados como fenômeno turístico. Assim como os dizeres propostos por Gastal e Mafra igualmente contribuem:

O Turismo surge no bojo da modernidade, quando fatores econômicos e sociais encaminham novos modos de ser-e-estar no mundo. A revolução industrial, o avanço de meios de transporte de massa – destaque-se o trem e o vapor – e o tempo livre dos trabalhadores. Decorrência de menor jornada de trabalho e do direito a férias, permitem que as viagens passem a ser formatadas como produtos para comercialização no mercado (GASTAL, MAFRA, 2008, p.198).

Trigo (2002) igualmente explica que o turismo de forma organizada passou a advir a partir do século XIX, como uma consequência do desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial, quando “a nova tecnologia da máquina a vapor [...] foi aplicada aos navios e aos trens” (REJOWSKI, et al, 2002, p. 44). Navios

passaram a ser construídos com luxo e refinamento destinados a realizar viagens intercontinentais, enquanto que os trens substituíram as precárias diligências, minimizando assim o desconforto causado pelas intempéries durante as viagens, proporcionando maior segurança e agilidade aos passageiros nas viagens continentais (IGNARRA, 2003; TRIGO, 1999).

Trigo sinaliza ainda, o surgimento de “parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar” (TRIGO, 2002, p. 12). A tecnologia desencadeada no final do século XIX, por meio da inserção do ferro fundido, possibilitou sua utilização nas construções de torres, estações ferroviárias, espaços utilizados para sediar feiras e exposições, entre outras edificações. Rejowski, et al (2002) também destacam as mudanças socioculturais ocorridas no entremeio dos séculos XIX e XX:

[...] foi nele que houve a implantação e o desenvolvimento da atividade turística como um grande negócio, em decorrência de inúmeros fatores, dentre os quais se destacaram as transformações econômicas e sociais, e as novas tecnologias. Disso resultaram mudanças envolvendo novos hábitos de viagem, novos tipos de viajantes, o florescimento e a diversificação das empresas turísticas, e a organização do setor (REJOWSKI, et al, 2002, p. 43).

Trigo (2002) explica que o turismo praticado durante o século XIX caracterizou-se como residencial, ou seja, as pessoas permaneciam até três meses habitando uma segunda residência. Tal viagem, ou temporada tinham como principais motivadores a saúde, o clima, o descanso e é nesse período que se desenvolvem o termalismo, o cassinismo, o paisagismo, o montanhismo, além do retorno aos balneários marítimos (BARBOSA, 2002; REJOWSKI, et al, 2002; TRIGO, 2002).

Com a 1ª Guerra Mundial, no início do século XX, a atividade turística no continente europeu foi praticamente suspensa, sendo retomada entre 1929 e 1932, quando sofre uma nova crise, em razão da crise enfrentada pela queda da Bolsa de Valores de Nova York (TRIGO, 1999). Durante a 2ª Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, período em que a prática turística ficou adormecida: “neste conflito, mostrou-se a eficiência do transporte aéreo e, a partir de 1945 [...] o turismo entrou na era do avião” (BARRETTO, 1997, p. 54). A partir de 1950, as tecnologias bélicas desenvolvidas ganham fins pacíficos e o turismo volta a prosperar com ares de turismo de massa, quando nove milhões de pessoas viajaram para outros países

(BARRETTO, 1997; PÉREZ, 2009; TRIGO, 1999). Os países acometidos por conflitos bélicos percebiam no turismo uma oportunidade para sua recuperação econômica (REJOWSKI e SOLHA, 2002).

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo tomou novos rumos, consolidou-se e expandiu-se, profissionalizando-se [...] o que caracterizou o turismo de 1950 a 1973 foi a 'massificação do turismo' possibilitada por fatores políticos, econômicos, educacionais, culturais, sociológicos, trabalhistas etc. (REJOWSKI e SOLHA, 2002, p. 90).

Em razão dos direitos garantidos pelas questões trabalhistas (redução da jornada de trabalho, férias e descanso semanal) ao longo do século XX, um número maior de pessoas passou então a viajar, especialmente em seus períodos de férias. O crescente fluxo de chegadas de turistas internacionais, bem como o aumento das receitas geradas pelo turismo, possibilitou a denominação de *boom turístico* quando o turismo cresceu num ritmo acelerado, num período compreendido entre os anos de 1950 a 1973. O continente europeu e o norte-americano, eram as grandes áreas do turismo internacional. O *boom turístico* inevitavelmente ocasionou também problemas: a exploração voraz e impudente de sua própria "matéria-prima" (REJOWSKI e SOLHA, 2002, p. 118) e um novo discurso, e ação, tornaram-se necessários: o turismo sustentável, usufruído na atualidade e pelas gerações vindouras.

Ao findar o século XX e iniciar o XXI, o turismo apresenta sua complexidade e sua abrangência. Aliado às transformações tecnológicas e às mudanças que não se cessaram ao longo das décadas, o perfil do turista também se alterou: a diminuição da duração e a maior frequência das viagens é um exemplo dessa variação.

Ao que se refere ao Brasil, Solha apresenta que o desenvolvimento turístico não é um fenômeno contemporâneo e preciso: "a atividade tem evoluído, com maior ou menor intensidade, acompanhando as mudanças econômicas, sociais e culturais, e os avanços da tecnologia" (2002, p. 123). A prática da talassoterapia, tratamento médico à base de banhos de mar, foi hábito incorporado à sociedade brasileira pelos integrantes da família e corte real, esse hábito foi estimulado também em virtude das precárias condições de saneamento e saúde na cidade do Rio de Janeiro (PIRES, 2002; SOLHA, 2002).

Além dos banhos de mar, os tratamentos com as águas minerais também ocorreram no Brasil, com a descoberta de águas minerais na cidade de Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina, em 1913. Na década de 1920, começam a surgir chácaras de lazer no entorno das grandes cidades e no litoral. Em 1922, é inaugurado o Hotel Copacabana Palace no Rio de Janeiro e entre as décadas de 1930 e 1940 ocorre o desenvolvimento dos cassinos junto às estâncias hidrominerais, termas climáticas (SOLHA, 2002).

Em relação aos transportes, companhias aéreas brasileiras são fundadas entre as décadas de 1920 e 1930, no entanto as atividades intensificaram-se na década seguinte, "chegando a existir 65 empresas aéreas no Brasil em 1948". (SOLHA, 2002, p. 132). O transporte de passageiros e de carga por intermédio do sistema ferroviário adentrou para o interior de alguns estados brasileiros. Em 1932, é "realizado o primeiro cruzeiro marítimo na costa brasileira, fazendo o percurso Rio de Janeiro ao Amazonas, em dois meses" (SOLHA, 2002, p. 132). Contudo, Barretto (1997) destaca que o turismo ferroviário e marítimo foi pouco incentivado no Brasil, mesmo o país apresentando fatores facilitadores à conservação e construção de uma malha ferroviária, como "relevo caracterizado por baixas altitudes e ausência de grandes barreiras geográficas" (TRIGO, 2002, p. 21). O autor destaca ainda que a partir da década de 1950 ocorre o desenvolvimento no transporte rodoviário.

Trigo (2002) destaca duas fases de grande relevância para a atividade no Brasil: a primeira no início da década de 1970, quando a ditadura militar vê no turismo a possibilidade de rendas alternativas, almejando o crescimento econômico tão desejado ao país. Porém, não houve preocupações em relação ao meio ambiente natural e cultural, tão pouco com a qualidade dos serviços oferecidos e com a formação profissional (PANOSSO NETTO e TRIGO, 2009). Nesse período ocorreram financiamentos em prol da hotelaria, assim como surgiram os primeiros cursos na referida área. Foram realizadas ainda campanhas aproveitando a popularidade de personalidades brasileiras e de acontecimentos:

[...] implantou-se uma estrutura de financiamento hoteleiro, cursos superiores e técnicos de Turismo, marketing agressivo, porém inócuo, e muita agitação cívica baseada na conquista do tricampeonato de futebol (1970), nas vitórias de Emerson Fittipaldi, na Fórmula 1, e na beleza e sensualidade das brasileiras, sempre finalistas nos então famosos concursos de Miss Universo (PANOSSO NETTO e TRIGO, 2009, p. 57).

Entretanto, essa fase acabou fracassando em função de fatores econômicos e da falta de coerência dos planejadores em relação ao meio ambiente e qualidade de serviços e dos profissionais. A segunda fase refere-se às duas décadas seguintes (1970 – 1990) quando o turismo ficou paralisado devido à sequência de crises econômicas que assolaram o país. Em decorrência da estabilização democrática e ampliação da economia, a atividade turística teve condições de ter um novo crescimento e investimentos nacionais e internacionais surgiram nas áreas de hotelaria, entretenimento, infraestrutura, qualificação profissional e outros. Panosso Netto e Trigo (2009) sinalizam o crescimento do turismo interno brasileiro ao longo da década de 1990, quando então “o turismo encontrou condições propícias para sua segunda onda de crescimento” (p. 58).

Entre 1992 e 1998, o turismo brasileiro integrou o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. De 1999 até 2002, associou-se ao Ministério de Esportes e Turismo. E finalmente, por meio da Medida Provisória nº 103, de 1º de janeiro de 2003, posteriormente convertida na Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, foi constituído o Ministério do Turismo (MTUR), dispondo de autonomia e não estando mais vinculado a outras pastas (MTUR, 2011). Para Panosso Netto e Trigo “a estruturação do Ministério do Turismo, e as novas políticas nacionais para a área [...] complementaram o ciclo de mudanças positivas” (2009, p. 58). Entre as políticas adotadas está o Plano Nacional de Turismo (PNT), que descentralizou a gestão do turismo no país. Entre as ações do PNT, destaca-se a criação do Fórum Nacional de Secretários, que ao longo dos anos foi ganhando valor.

Essas ações minimizaram a centralização de poder e tomada de decisão, que sempre existiu no turismo nacional. O turismo passa a ser mais importante na cadeia produtiva, e os envolvidos – agentes de viagens, instituições de ensino, conselhos locais, associações, ONGs, departamentos e secretarias municipais de turismo, operadoras de turismo, etc. – assumem maior responsabilidade a partir do momento em que participam dos processos de decisão e gestão (PANOSSO NETTO e TRIGO, 2009, p. 60-61).

Ainda, com a criação do Ministério do Turismo, em 2003, o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), autarquia especial do Ministério do Turismo teve sua atribuição direcionada exclusivamente para a promoção internacional, ou seja, passou a ser responsável pela promoção, marketing e apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional

(MTUR, 2013). Ao longo dos anos, o turismo, incluindo as viagens de negócios, visita a amigos e familiares, deslocamentos motivados por estudos, religião, saúde, eventos, além das tradicionais viagens de férias e lazer, sobressai-se como um dos setores socioeconômicos mais significativos do mundo. Panosso Netto e Trigo (2009) sinalizam a chegada de turistas estrangeiros vindos da Argentina, dos Estados Unidos e do continente europeu, os últimos impulsionados especialmente pelas campanhas da EMBRATUR e à ampliação da frequência de voos entre Brasil e Europa.

O turismo, hoje, já é o quinto principal produto na geração de divisas em moeda estrangeira para o Brasil, disputando a quarta posição com a exportação de automóveis [...] Além de contribuir para tornar o Brasil mais conhecido ao olhar estrangeiro, e ao nosso próprio, o turismo aciona uma gigantesca engrenagem de oportunidades de trabalho e renda em diferentes pontos do nosso território (MTUR, 2007a, p. 5).

Com os resultados positivos que o fenômeno turístico brasileiro vem apresentando durante os últimos anos, a atividade se consolida no Brasil. Cabe destacar que não é intenção dessa pesquisa aprofundar-se na temática sobre segmentação turística, que Panosso Netto e Trigo apresentam como “uma estratégia de marketing que visa a atrair um público específico para um lugar específico” (2009, p. 135). Contudo, para dar continuidade no aprofundamento dessa pesquisa, considera-se importante apresentar quais são os segmentos turísticos¹⁸ fomentados pelas políticas nacionais brasileiras, com fins de planejamento, gestão e mercado: Turismo Social, Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo Rural e Turismo de Saúde. A partir do próximo item, aborda-se a atividade turística realizada no espaço rural brasileiro. O deslocamento, com fins turísticos, para as áreas rurais teve início durante a década de 1980, motivado especialmente pelas dificuldades econômicas que o setor agropecuário padecia.

¹⁸ Segmentação turística adotada pelo Ministério de Turismo, como estratégia para organização da oferta turística brasileira. O órgão tem conhecimento que tal classificação não dá conta de todo universo que constitui o fenômeno turístico, assim como das novas denominações que surgem a todo o momento.

4.1 TURISMO NO ESPAÇO RURAL

Antes de abordar especificamente a temática do fenômeno turístico no espaço rural, uma das bases desse projeto de pesquisa, considera conveniente versar sobre o espaço rural, visto que esse transformou-se significativamente ao longo das últimas décadas:

Observamos no Brasil que, a partir dos anos de 1970, as dinâmicas nas áreas rurais vêm se complexificando à medida que há também um maior contato com o desenvolvimento tecnológico. A existência de instituições e de serviços tipicamente urbanos no campo evidencia a heterogeneidade da produção e dos modos como os trabalhadores se relacionam e organizam suas atividades (NAGABE, 2010, p. 19).

O espaço rural foi longamente marcado por limitações e carências de toda ordem, gerando dualidade e incompatibilidade entre as extensões geográficas rurais e urbanas (NAGABE, 2010). Trigo (2010), no entanto, alerta para a intensa transformação que esse espaço vem passando, já que por muitas décadas as atividades laborais e econômicas realizadas no espaço rural estiveram pautadas ao setor primário, agricultura e pecuária, as quais se desenvolveram de maneira natural e satisfatória, sem maiores arroubos. Veiga trata do desenvolvimento econômico no espaço rural tendo por base a agropecuária:

Muita gente pensa que o desenvolvimento de uma região rural depende essencialmente do desempenho de sua agricultura. Para o senso comum, quanto mais produtiva for a agropecuária, melhor será o desenvolvimento local. Foi assim no passado com tanta frequência que faz crer que a regra seja eterna (VEIGA, 2002, p. 71).

O Brasil com suas dimensões quase que continentais, e o reconhecimento de celeiro mundial¹⁹, sempre teve o desafio de alimentar a crescente população nacional e mundial. A constante e pertinente preocupação fomentou a modernização e a mecanização das principais operações de cultivo, colheita e pós-colheita. Porém, efeitos negativos foram igualmente desencadeados: a mão de obra dedicada às atividades agrícolas foi consideravelmente abreviada, o que acarretou na redução dos rendimentos, situação que obrigou as famílias a buscarem por novas fontes de

¹⁹ O Brasil é considerado um dos países mais preparados para suprir a atual escassez de alimentos. De acordo com pesquisas realizadas por organizações internacionais, o crescimento de sua produção, nos próximos dez anos, deve ser superior a 40%, firmando-se como grande celeiro do mundo (COSTA, 2010).

renda para garantir sua sobrevivência, o que tornou quase inevitável o deslocamento das pessoas para os espaços urbanos em busca de melhores condições de vida. Elesbão aponta alguns dos motivos desencadeadores para tal deslocamento, para o êxodo rural:

Motivações que, geralmente, estão ligadas à própria sobrevivência do indivíduo, mas também a toda uma valoração depreciativa do rural em relação à cidade, que fazia com que os habitantes do campo também desejassem morar na cidade e passar a integrar uma nova realidade de progresso e “desenvolvimento” (ELESBÃO, 2010, p. 163).

Nesse sentido, o deslocamento das famílias rurais para os espaços urbanos não se tornou uma ação genérica. Assim como houve famílias que partiram em direção aos espaços urbanos, outras permaneceram no espaço rural, e para tais tornou-se essencial obter novas ocupações que possibilitassem novos e complementares rendimentos. Pinto e Lanzer (2005) apresentam dados sobre o crescimento da população economicamente ativa (PEA) rural e destacam o envolvimento crescente de pessoas, com domicílio rural, desempenhando atividades capazes de diversificar a economia rural.

Como alternativa, foram agregados ao espaço rural os demais setores da economia: o secundário, de transformação, assim como o terciário, de prestação de serviços. Por não integrarem as atividades agrícolas, do setor primário, e por caracterizarem-se como “atividades externas à agropecuária” (VEIGA, 2002, p. 206), tais atividades são denominadas atividades não agrícolas, as quais se caracterizam por sua diversidade frente às atividades corriqueiras do espaço rural, e também pela oportunidade de possibilitar fontes adicionais de renda aos moradores rurais.

Por sua vez, com a junção das atividades agrícolas e não agrícolas, têm-se a prática de pluriatividades, multiatividades (TREVIZAN, 2006) ou ainda multifuncionalidades (CRISTÓVÃO, 2002) junto às propriedades rurais. Schneider (2003, p. 10) explica que as pluriatividades são “um fenômeno que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura” e que por sua vez, essas atividades proporcionam oportunidades para a permanência das famílias no espaço rural, além de diversificar a economia daquele espaço, o qual deixa de depender apenas de um único setor, o primário:

[...] o desenvolvimento rural requer a participação tanto da agricultura como de outras atividades produtivas (industriais, artesanais e de serviços). A agricultura, além de participar da criação de valor e na geração de postos de trabalho, deverá contribuir para a conservação da paisagem e do meio ambiente [...] a função produtiva, antes restrita à agricultura, passa a abranger diversas atividades, o artesanato e o processamento de produtos naturais, o turismo rural e a conservação ambiental (KAGEYAMA, 2008, p. 10).

É importante mencionar que as pluriatividades são igualmente decorrentes e influenciadas pela redução do tempo destinado às tradicionais atividades do espaço rural, situação na qual os moradores não mais se ocupam de forma integral às atividades agropecuárias, e passam a combiná-las com outras atividades, internas ou externas às propriedades, das quais advêm rendimentos complementares.

[...] trabalhadores em tempo parcial no setor agrícola e com pluriatividades, são fenômenos que resultam, no caso brasileiro, não apenas da queda dos rendimentos agrícolas e da liberação do tempo de trabalho agrícola, em função da tecnologia introduzida no processo produtivo, mas também por que as cidades já não oferecem condições favoráveis de trabalho para algumas empresas, porque cresce a demanda por moradia no meio rural, com melhores condições de vida para pessoas aposentadas, especialmente quando há bom acesso a meios de comunicação e de locomoção. Começam a existir, portanto, no meio rural, fatores de atração e, no meio urbano, fatores de repulsão. Os fatores de atração estariam centralizados nas novas perspectivas de trabalho e nas possibilidades de melhores condições de vida no meio rural. No caso brasileiro, as perspectivas de trabalho no meio rural vêm resultando de atividades emergentes relacionadas à moradia, ao lazer, turismo (ecoturismo, turismo rural, turismo em fazenda), preservação/conservação ambiental, infraestrutura etc. Serviços públicos que antes eram exclusivos da cidade, vão ocupando espaços rurais como energia elétrica, água encanada, tratamento sanitário, saúde, educação, transporte público [...] Vale também destacar o papel das novas atividades agropecuárias, neste processo de mudança estrutural, gerando novos nichos de mercado: floricultura, criação de animais silvestres (javali, capivara, jacaré, tartaruga, avestruz, aves exóticas), ervas medicinais, aromáticas, aquicultura, horticultura diversificada, agricultura orgânica, hidropônica, etc. Todas essas atividades atraem mão de obra urbana para o rural e contribuem para aumento de renda dos agricultores (TREVIZAN, 2006, p. 7-8).

As pluriatividades podem ainda proporcionar novas funcionalidades aos espaços por vezes ociosos das propriedades, além de agregar valor aos seus produtos. Um exemplo concreto são as agroindústrias, indústrias que penetraram nos espaços rurais (KAGEYAMA, 2008), situação na qual os proprietários rurais além de cultivarem frutíferas, podem transformá-las em doces, geleias, compotas, sucos, etc. Schneider e Fialho (2000) já destacavam no início da década passada, o

crescimento das indústrias de transformação, como uma das principais atividades da população economicamente ativa com domicílio rural.

Concomitantemente à combinação de atividades primárias e secundárias, é possível também a combinação com atividades terciárias, de comércio e prestação de serviços, e desta forma:

[...] concretizar a ideia fundamental de que o espaço rural não era mais um reduto exclusivo das atividades agrícolas e que as atividades de turismo e recreativas no meio rural poderiam se transformar numa importante fonte de renda (SILVA, 2010, p. xxvi).

Chega-se assim, a prática do turismo no espaço rural, como um exemplo de atividade não agrícola, o qual pode contribuir não apenas economicamente, mas igualmente nos aspectos ambiental, cultural e social do espaço rural. Pinto e Lanzer destacam que:

O mundo rural não pode mais ser visto apenas pela sua relação com a produção de alimentos para seu sustento e o da cidade. Tampouco pode ser compreendido como a contraposição ao urbano, embora essa ainda seja uma característica forte do imaginário rural. A emergência de uma nova ordem rural pluriativa, multifuncional e diversificada aponta para o surgimento de uma nova realidade onde a produção agropecuária é apenas uma de suas variáveis (2005, p. 171).

Com o aumento dos espaços urbanos, como um dos resultados da Revolução Industrial, ocorrida entre os séculos XVIII e XIX, o contato com a natureza tornou-se uma atitude necessária aos moradores dos espaços urbanos, visto que esse produzia os primeiros sinais de degradação como, por exemplo, o excesso de poluição:

À medida que a sociedade se urbanizou e os problemas desse processo começaram a ser sentidos, a percepção em relação ao rural começou a mudar, o qual passou a ser associado à saúde, ao descanso e à qualidade de vida. Nesse contexto, o rural passou a ser olhado [...] como um espaço onde se pode ter contato com a natureza e uma qualidade de vida (ELESBÃO, 2010, p. 150-151).

Nesse sentido, pode-se rememorar sobre o período, no final do século XIX, quando visitas as montanhas tornaram-se inclusive recomendações médicas, visto que o ar delas já era considerado de melhor qualidade, se comparado com o ar da cidade, especialmente para as pessoas acometidas por problemas respiratórios,

como a tuberculose. Tal situação possibilitou a mudança na adjetivação da expressão natureza, a qual deixa de oferecer perigos, ou pelo menos em escalas menores, e passa a oferecer, por exemplo, a “cura aliada à natureza” (BARBOSA, 2002). Tem-se assim, a busca mais intensa pelo espaço natural, e rural. Na transição do paradigma malefícios-benefícios, relacionado à natureza, a prática do turismo no espaço rural se faz presente, muito provavelmente que não com as configurações de turismo que se conhece atualmente.

Entre os novos produtos a saciar a busca por harmonia e equilíbrio interior, na tentativa de encontrar e refazer energias vitais ou mesmo de retornar a vivência do território como fonte de identidade – buscam-se *origens puras*, a segurança do lar para sempre perdido, o contato com a natureza – e a redescoberta dos valores do passado, que o imaginário pós-moderno atribui à arquitetura colonial, aos costumes ditos autênticos de comunidades menores, por suas redes de interatividade vistas como mais sólidas nos espaços rurais (HAAS, 2007, p. 25-26).

A prática do turismo no espaço rural no Brasil é guiada pelas experiências vivenciadas por outros países ao longo da segunda metade do século XX no período pós-guerra: durante a década de 1950 nos países do norte e centro da Europa e na década de 1970 nos países do sul da Europa e América do Norte. Foi durante as décadas de 1980 e 1990 que a atividade brotou e expandiu-se por todo território brasileiro. Ainda na década de 1990 a atividade desenvolveu-se na África e no Japão (SANTOS, A., 2008; SANTOS e PIRES, 2010; TULIK, 2003; TULIK, 2010; ZIMMERMANN, 1996). Nagabe (2010) destaca, além disso, que no continente europeu já na década de 1950, os projetos aglutinavam ações de desenvolvimento rural, por meio do turismo, e a valorização do patrimônio cultural. Em relação aos motivos de implantação do turismo nos espaços rurais, inter-relações de ordem social, econômica, política, ambiental fazem-se presentes. Tulik (2010) sinaliza o turismo no espaço rural como uma alternativa para contornar os problemas decorrentes das crises agrárias. Santos A. (2008) amplia:

O Turismo Rural surge num contexto mundial por dois vieses convergentes: reflexo do crescimento da população urbana, e como forma de renovar as atividades econômicas no meio rural. Desde então, diversas mudanças foram alterando este processo e ganhando características distintas, seja por diversificação geomorfológica dos espaços, situação econômica ou pelo patrimônio cultural (SANTOS, A., 2008, p. 38).

Barrera (2006b) destaca que mesmo havendo distintos conceitos, evoluções e tipologias inerentes à prática do turismo rural europeu, cerca de 500 mil estabelecimentos dedicam-se à atividade no continente. Santos, A. (2008) identifica aspectos sobre o desenvolvimento do turismo no espaço rural em alguns países da Europa e dos Estados Unidos, bem como quais foram suas contribuições para posterior implementação da atividade no Brasil. Na Alemanha, a tradição de inserir o turista no meio rural, sem necessariamente oferecer serviços de hospedagem, data de mais de 150 anos, sendo compreendida como uma forma de complementação de renda do produtor rural.

A Áustria por sua vez, ao iniciar as atividades de turismo no espaço rural, hospedava os turistas em casas particulares, porquanto a rede hoteleira não suportava a demanda que buscava por esportes nas montanhas: “apenas uma parte das propriedades rurais produtivas recebe turistas, ofertando hospedagem, alimentação, lazer e participação nas atividades agrícolas” (SANTOS, A. 2008, p. 40). Ainda sobre a Áustria, outros autores indicam a conscientização da população em relação aos benefícios de complementação da atividade agrícola e redução do êxodo rural. O país possui uma legislação específica que restringe o número de Unidades Habitacionais (UH's) em dez por estabelecimento, e mesmo assim atinge-se a marca de 170 mil leitos no meio rural. (BARRERA, 2006b; BOULLÓN e BOULLÓN, 2008).

Motivada pela reforma política administrativa e pela necessidade na tomada de decisões relacionadas aos problemas agrícolas, a Bélgica passou a fomentar a atividade turística no espaço rural a partir da década de 1970. A tranquilidade e o modo de vida do campo são apontados por pesquisas como motivadores para a escolha do destino nas férias dos belgas. Também na década de 1960, órgãos governamentais espanhóis buscaram revitalizar casas rurais em prol do turismo, no entanto somente em 1973 a iniciativa foi oficializada. Outro ponto importante foi que “na Espanha a busca partiu da comunidade, para alcançar um novo enfoque, o Turismo Rural, pois a agricultura estava desordenada e sem diversificação” (SANTOS, A., 2008, p. 43).

A França destaca-se como pioneira no desenvolvimento do turismo rural, no entanto somente em 1950 a atividade turística no meio rural foi oficializada. Sua origem está relacionada aos problemas sofridos em áreas rurais decorrentes da 2ª Guerra Mundial e pela necessidade de conservação dos recursos naturais. O país

igualmente destaca-se por ter sido pioneiro nos estudos e discussões sobre a temática. Outro ponto de realce é que o turismo rural francês foi instituído por meio de movimentos associativos, como o *Gîtes de France*²⁰ que “fortaleceu a atividade, e priorizou o reconhecimento de origem, sendo a mais antiga e maior associação de proprietários/empreendedores rurais” (SANTOS, A., 2008, p. 44).

Na Holanda o turismo rural iniciou-se por volta de 1970 e atividades recreativas ao ar livre como passeios de bicicleta, caminhadas ou cavalgadas, caracterizam o turismo rural do país (BARRERA, 2006b; BOULLÓN e BOULLÓN, 2008). Na Itália, as atividades turísticas no espaço rural tiveram início na década de 1960. Dois fatos foram motivadores: as crises agrícolas e as edificações desocupadas no espaço rural. Foi na região da Toscana que ocorreu a primeira experiência agro turística do país. Assim como em outros países, a possibilidade de complementação de renda é um aspecto considerado. Entre algumas das atividades propostas estão o convívio com a família rural, a gastronomia regional, as festas típicas e as atividades da agropecuária. Em Portugal, o turismo no espaço rural iniciou no ano de 1978, com a denominação de Turismo de Habitação realizado em casa de qualidade e prestígio. Na década seguinte, em 1983 a atividade turística no espaço rural português é reconhecida e passou a receber financiamentos por intermédio do Fundo de Turismo. Com o agravamento da crise agrária, em 1986 a atividade foi então consolidada. Durante a década de 1990, com a formulação de políticas específicas foram estabelecidas duas modalidades para a prática turística no espaço rural: o agroturismo, quando o turista participa das atividades agrícolas e o turismo rural, ocasião em que não ocorre necessariamente qualquer participação no cotidiano agrícola por parte do turista, casario de valor arquitetônico e mobiliário de qualidade também integram essa modalidade (SANTOS, A., 2008).

Já no continente norte-americano, nos Estados Unidos, a atividade turística teve início nos ranchos a partir da década de 1970. Atualmente são oferecidos serviços de hospedagem, alimentação e atividades de lazer, entre as quais a montaria em cavalos e touros (SANTOS, A., 2008).

²⁰ As Pousadas da França (*Gîtes de France*) são uma rede composta por 45 mil casas rurais e outras 10 mil casas que oferecem cama e café (*bed & breakfast*) destinadas à hospedagem de famílias ou grupos. Entre os objetivos da rede estão a promoção de férias confortáveis, agradáveis em ambientes naturais. Promover e preservar o interior da França e seu patrimônio cultural também é um dos objetivos da rede composta por cerca de 43 mil pessoas (*GÎTES DE FRANCE*, 2013).

Ao que tange o turismo no espaço rural no continente sul-americano, o Chile promove iniciativas de atividades turísticas em áreas indígenas, com a divulgação da cultura *mapuche*²¹. Já no Paraguai, a atividade surgiu a partir da década de 1990 e dividiu-se em três modalidades: Turismo de Estância (com criação extensiva de gado de reprodução), Turismo de granja (com criação de animais de menor porte e gado leiteiro) e Agroturismo (na produção da terra). Na Colômbia, nos departamentos de Caldas, Quindío e Risaralda, onde a cultura cafeeira sempre foi referência, o turismo rural vem desenvolvendo-se: “*El turismo se ha constituido en una alternativa de desarrollo económico para el ele cafetero, prueba de ello es el posicionamiento de la región a nivel nacional com el turismo rural*”²² (BARRERA, 2006a, p. 103). No Peru o turismo rural abarca ainda atividades de piscicultura, ecoturismo e agroturismo (BARRERA, 2006a, p. 120).

Com esses exemplos, é possível observar uma variedade de expressões, conceitos, tipologias e características inerentes à prática turística no espaço rural. As expressões encontradas, não apenas em materiais acadêmicos, mas também em promocionais, como nas folheterias são diversas: Turismo Rural, Agroturismo, Agriturismo, Turismo em Áreas Rurais, Turismo no Espaço Rural, Turismo Verde, Turismo de Granja, Turismo Rural Comunitário, Turismo Campestre, Agroecoturismo, entre outros (BENI, 2007; SOUZA e ELESBÃO, 2011; TULIK, 2003), contudo tratam genericamente de uma mesma prática. Por vezes, o turismo no espaço rural é confundido inclusive com outros segmentos de turismo, como por exemplo, ecoturismo ou enoturismo, provavelmente por causa da inserção dessas modalidades no espaço rural. Tulik explica que “[...] no Brasil foram assimilados conceitos europeus no que se refere à utilização de expressões como turismo no espaço rural e turismo rural” (TULIK, 2010, p. 9), contudo, a autora faz um alerta: “[...] se deve ter cuidado com a utilização da literatura específica referente a outros

²¹ Trata-se de um grupo indígena inserido principalmente nas regiões centro-sul do Chile e no Sudoeste da Argentina. Schifferli explica que “[...] os mapuches, chamados também araucanos, constituem o grupo indoamericano [sic] mais numeroso que habita o território chileno. Com uma população aproximada de 600.000 pessoas, segundo dados do censo 2002 (Instituto de Estudios Indígenas, 2003) conseguiram conservar sua língua e sua cultura com base, principalmente, nos vínculos familiares e religiosos. A maior parte dos integrantes da etnia reside em zonas rurais entre os rios Bío-Bío e a ilha de Chiloé, sendo que a maior concentração se encontra, de acordo com o último censo, na região conhecida como Araucanía ou Frontera, no sul do Chile” (2007, p. 20).

²² O turismo tem constituído uma alternativa de desenvolvimento econômico para o café prova elementar disto é a posição da região com o turismo rural em todo o país (Tradução minha).

países, pois há risco de generalizar para o Brasil situações próprias de outros lugares” (TULIK, 2010, p. 22).

Em se tratando do território brasileiro, tal confusão torna-se ainda maior em virtude da deficiência em estabelecer com precisão o que é urbano e o que é rural. A dicotomia urbano-rural gera numerosos entraves, além de diferentes e estéreis tentativas de conceituação, as quais utilizam díspares critérios: densidade demográfica, características da atividade econômica da população, percepções políticos administrativos, impostos entre outros (SCHNEIDER, 2006; TULIK, 2003). Importantes mudanças ocorridas nas últimas décadas propiciaram aos espaços rurais bens e serviços antes destinados apenas aos espaços urbanos.

[...] as transformações sociais, especialmente na área tecnológica, a expansão dos serviços, tais como de energia elétrica, comunicação e transportes, vem produzindo novas transformações no setor produtivo e na oferta de serviços em áreas até então consideradas rurais, a ponto de se colocar em xeque onde começa o rural, onde termina o urbano e quais as reais diferenças entre rural e urbano (TREVIZAN, 2006, p. 7-8).

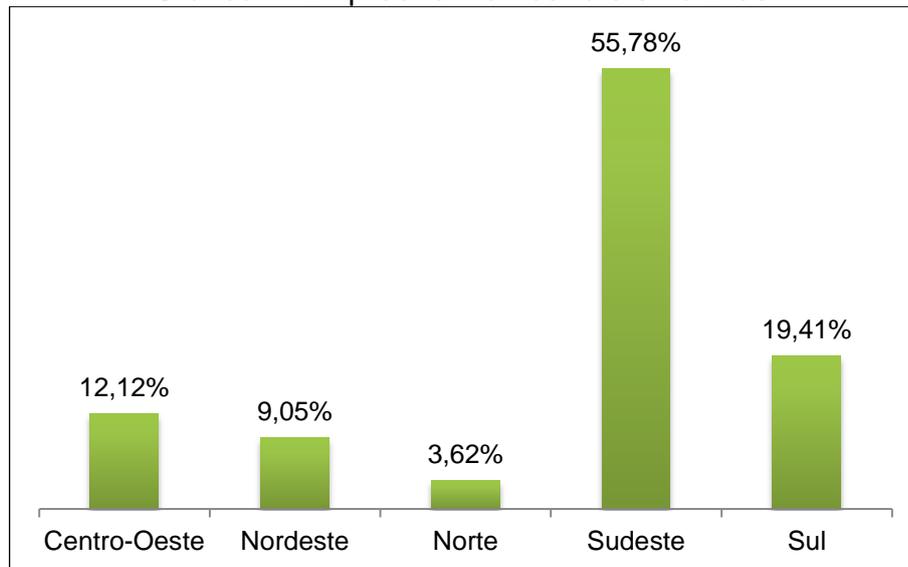
Neste contexto Tulik explica que “o novo rural incorporou a agroindústria, a oferta de residências e a oferta de serviços, dentre os quais, o turismo” (2003, p. 22). A mesma autora (TULIK 2003; 2010) aborda sobre a imprecisão quanto primogenidade dos locais e das datas, visto que “deslocamentos aparecem registrados em obras literárias, seja na forma de temporadas no campo, seja como piqueniques” (TULIK, 2003, p. 59). Entre as experiências de turismo no espaço rural brasileiro, que apresentaram traços mais relevantes e que serviram de modelo às demais, destacam-se àquelas que remetem ao município serrano de Lages, no Estado de Santa Catarina (RODRIGUES, 2000; TROPIA, 1998; TULIK, 2003; TULIK, 2010; ZIMMERMANN, 1996).

O turismo surgiu no espaço rural brasileiro em meados de 1980, no contexto da ascensão do turismo pós-fordista e começou a se expandir e fortalecer nos anos 1990 concomitantemente ao fortalecimento das novas ruralidades, as quais se alicerçaram na adesão dos agricultores a atividades não-agrícolas, as quais atribuem outras funções ao campo, na pluriatividade da família e na valorização do rural, enquanto lugar de produção, paisagem e cultura (TEIXEIRA; SOUZA; WANDSCHEER. 2012, p. 74).

Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT), o turismo no espaço rural apresenta um crescimento anual de aproximadamente 6%, enquanto que no

Brasil, o crescimento em torno de 30% ao ano. Atualmente o Brasil encontra-se na quarta posição quanto ao desenvolvimento da atividade de Turismo Rural, superado apenas pela Espanha, Portugal e Argentina. O Estado de São Paulo é o maior destino de Turismo Rural no Brasil, contudo pelo menos dezoito estados brasileiros oferecem atividades de turismo no espaço rural (IDESTUR, 2010). O gráfico 1 apresenta a divisão destes no país.

Gráfico 1: Empreendimentos rurais no Brasil



Fonte: Adaptado de Nagabe (2010)

Tulik (2010) igualmente destaca a presença do turismo no espaço rural em todos os estados brasileiros, embora haja uma maior concentração nas regiões Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo), onde as “especificidades locais e regionais, decorrentes, sobretudo, da herança cultural” (TULIK, 2010, p. 3) são marcantes. Nagabe (2010) indica a presença de 4.851 empreendimentos dessa natureza.

Outro ponto de relevância são as particularidades da atividade turística de cada estado, as quais contribuem para a falta de consenso quanto à conceituação da atividade. Cabe destacar também, que os próprios espaços rurais apresentam características históricas, geográficas, culturais, sociais, ambientais díspares, que contribuem para a diversidade do turismo no espaço rural, pois como destaca Trigo (2010, p. xxiii) “os espaços rurais brasileiros são diversificados, extensos e complexos”.

[...] No Estado de São Paulo, o Turismo Rural estruturou-se acompanhando a distribuição das fazendas do ciclo do café [...] Rio Grande do Sul, onde o Turismo Rural está fortemente apoiado na colonização europeia [...] o Paraná, que tem o Turismo Rural fundamentado no tropeirismo, nas romarias religiosas e em roteiros gastronômicos [...] a Bahia criou roteiros diversificados no interior e no litoral [...] Sergipe desenvolveu hotéis-fazenda e o turismo histórico (TULIK, 2003, p. 64-68).

Tulik (2003) em sua análise sobre a atividade turística no espaço rural utiliza a expressão Turismo Rural como o aglutinador de todas as outras atividades realizadas nesse espaço:

Turismo Rural é uma expressão empregada, geralmente, de modo extensivo a qualquer atividade turística no espaço rural. Identifica-se com Turismo no espaço Rural e Turismo nas Áreas Rurais, ambos utilizados como sinônimos [...] Além disso, a utilização de termos diferentes (área, espaço, zona e meio) como sinônimos é usual na literatura (TULIK, 2003, p. 9).

Para Schneider, a expressão turismo rural seria aglutinadora, na qual diferentes modalidades estão presentes:

[...] quando se fala em turismo rural se está referindo ao conjunto de modalidades e empreendimentos que tem lugar no espaço rural tais como o agroturismo, o ecoturismo, o turismo cultural, o turismo esportivo, o turismo ecológico, os hotéis fazenda, etc. Portanto, é pensando nestas formas de organização econômica e produtivas que prestam serviços e/ou atividades de acolhimento, transporte, hospedagem, alimentação, lazer, recreação e entretenimento e outros que se estará referindo ao mencionar o turismo praticado em áreas rurais. Por conta desta definição abrangente de turismo rural, vale salientar a que a unidade de referência ou análise das atividades incluídas nesta definição passa a ser o próprio espaço rural, que não se restringe aos estabelecimentos agropecuários e nem aos empreendimentos comerciais (SCHNEIDER, 2006, p. 1).

A discussão acerca de expressões, conceitos e tipologias inerentes ao turismo no espaço rural é dificultosa. Silva, et al. (1998) e Oxinalde (1994) destacam a presença de diversas modalidades de turismo no espaço rural. A prática do turismo é bastante variável no espaço rural, uma vez que é possível realizar distintas atividades – de lazer, esportivas, contemplativas, entre outras – com diferentes fins de acordo com a motivação do turista: *“hay que considerar que al espacio rural como un espacio que ofrece multiplicidad de opciones al turista”*²³ (MARTÍNEZ, MONZONÍS, 2000, p.11). Bricalli e Almeida (2002) reforçam a existência de variadas

²³ Há de se considerar o espaço rural como um espaço que oferece várias opções para os turistas (Tradução minha).

classificações para a atividade e que “vários autores ramificam o turismo no espaço rural em agroturismo, ecoturismo, turismo eco-rural, e no próprio turismo rural” (2002, p. 114).

Não obstante de concordar com a conceituação disponível nas Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil 2003-2007, em que se encontra a atividade deliberada como o “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (MTUR, 2003), esta pesquisa, optou-se em utilizar a expressão Turismo no Espaço Rural (TER) por entender que ela abarca todas as demais atividades passíveis de serem realizadas no espaço rural, assim como explica Beni.

Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite para fruição dos cenários e instalações rurícolas – nesse sentido, alguns autores valem-se da expressão turismo no espaço rural para incluir também o agroturismo (BENI, 2007, p. 417).

O turismo no espaço rural caracteriza-se por ser uma atividade não agrícola, a qual pode ser executada nas propriedades simultaneamente, em maior ou menor intensidade, possibilitando às famílias a oportunidade de atividades variantes e rendas complementares ao seu orçamento. Nesse sentido, se considerar o viés econômico, como uma linha de análise, apresentado por autores como Beni (2007) e Santos e Almeida (2006) tem-se a prática de agroturismo ou turismo rural. Santos e Almeida explicam que “o agroturismo vê a atividade turística como uma receita complementar e o turismo rural tem no turismo sua principal fonte de renda” (2006, p. 53-54). Beni igualmente explica que em propriedades onde os rendimentos advindos da atividade agropecuária representam a maior fonte de rendimentos configura-se o agroturismo. E no caso de turismo rural, “[...] o turismo passa a ser então, a principal atividade produtiva” (BENI, 2007, p. 417). Apesar das convergências e divergências em relação à conceituação, algumas características fazem-se presentes não apenas no Brasil, mas também em outros países: a necessidade de diversificação de renda para suprir as necessidades decorrentes das quedas de rentabilidade antes consagradas; a presença em maior ou menor escala de atividades agropecuárias, a recepção dos turistas pelos próprios proprietários, com eventuais contratações de mão de obra.

Transcorrida uma década das iniciais experiências turísticas no espaço rural brasileiro, o tema passou a ganhar espaço no meio acadêmico e na esfera pública ao longo da década de 1990 (SANTOS e PIRES, 2010). O turismo no espaço rural foi primeiramente contemplado pelo Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) em 1996, para só então ser aspirado pelas políticas públicas de turismo. Mesmo com a criação do Conselho Nacional de Turismo (CNTUR) e da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR, posteriormente denominado de Instituto Brasileiro de Turismo) em 1966, nenhuma ação específica para o turismo rural foi desenvolvida até meados da década de 1990.

Somente a partir de 1996, concomitantemente ao processo de desenvolvimento das políticas públicas de turismo (PNT/PNMT), foi lançado o Pronaf com a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável do segmento rural [...] a partir de 2003, o Programa ganhou novas linhas de crédito e vantagens de financiamento para atividades como a agroindústria e o turismo rural (SANTOS e PIRES, 2010, p. 62-63).

Outro importante acontecimento, que visava contribuir na formulação de políticas e diretrizes voltadas para o segmento de turismo no espaço rural foi a realização do Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável (CITURDES). Sua primeira edição ocorreu na cidade de Santa Maria, RS, em maio de 1998. O II CITURDES também foi realizado em Santa Maria em 2000. O III CITURDES aconteceu no período em 2002, desta vez na cidade de Santa Cruz do Sul, RS, indicando sua característica itinerante. O IV CITURDES foi realizado na cidade de Joinville, SC no ano de 2004. O V CITURDES, em 2006 retornou a Santa Maria. VI CITURDES foi realizado na cidade de Toluca, no México, em 2008. Em 2010, o evento retorna ao Brasil, o VII CITURDES foi realizado na cidade de Porto Alegre, RS. E em sua última edição, o evento alcança o continente europeu, em Chaves, Portugal foi realizado o VIII CITURDES (MERCADOS NÃO AGRÍCOLAS RURAIS, 2013). Ainda em sua primeira edição foi lançada a Carta de Santa Maria, um documento organizado a partir das discussões que nortearam o pioneiro Congresso: “é o documento que marca o reconhecimento da importância socioeconômica do turismo rural no Brasil” (SANTOS e PIRES, 2010, p. 63).

Foi por meio da Carta de Santa Maria, e via Ministério do Esporte e Turismo, que teve início a mobilização com o desígnio de desenvolver o turismo no espaço rural brasileiro. Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande

do Sul e Bahia iniciaram as atividades turísticas no espaço rural antes da implantação de políticas públicas para o setor, enquanto que Mato Grosso, Pará, Rio de Janeiro, Amazonas, Goiás e Piauí iniciaram a prática das atividades turísticas depois da implantação de políticas públicas (SANTOS e PIRES, 2010).

A partir do próximo item, abordar-se-á sobre o estado do Rio Grande do Sul que se destaca pela quarta posição do *ranking* do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. O setor de serviços concentra 65,2% da atividade econômica, enquanto que a indústria e a agropecuária concentram 24,6% e 10,2%, respectivamente (FEE, 2011; SPGPC, 2013; RGS, 2013). Entretanto, o Rio Grande do Sul sobressai-se igualmente pela atividade turística que desenvolve.

4.2 TURISMO NO RIO GRANDE DO SUL

O Turismo vem se consolidando no país como um importante vetor de desenvolvimento socioeconômico. Para que tal cenário continue a prosperar, ações de planejamento e gestão integrada entre o poder público e a iniciativa privada tornam-se de suma importância. Para tal, foi estabelecido o Plano Nacional de Turismo (PNT). Sua primeira edição foi elaborada para o quadriênio 2003 – 2006, a segunda para o quadriênio 2007 – 2010, e o atual, para o quadriênio 2011/2014. O Plano Nacional de Turismo é organizado em macroprogramas e programas (BARBOSA, 2012; MTUR, 2007a; MTUR, 2010).

Os macroprogramas são desdobramentos temáticos agregados, escolhidos pelo seu potencial de contribuição para atingir os compromissos estabelecidos nas metas. [...] Os macroprogramas são constituídos por um conjunto de programas que organizam, por temas afins, as diversas atividades executivas da atuação ministerial e seus parceiros. Os programas, por sua vez, se desdobram em diversas ações, que traduzem o seu detalhamento em projetos e atividades que propiciarão a realização das metas (MTUR, 2007a, p. 57).

Dentre os diferentes macroprogramas²⁴, está o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil²⁵, lançado em abril de 2004. O programa é

²⁴ Integram o Plano Nacional de Turismo oito Macroprogramas: Macroprograma informação e estudos turísticos; Macroprograma planejamento e gestão; Macroprograma logística de transportes; Macroprograma regionalização do turismo; Macroprograma fomento à iniciativa privada; Macroprograma infraestrutura pública; Macroprograma qualificação dos equipamentos e serviços turísticos; Macroprograma promoção e apoio à comercialização.

responsável pela organização e estruturação da oferta turística do país e busca pela descentralização da oferta turística brasileira, assim como a inclusão de novos destinos nos roteiros.

Incorporada nesta versão do PNT como Macroprograma de Regionalização do Turismo, a proposta é balizada pela segmentação – da oferta e da demanda – como uma estratégia de organização do turismo para fins de planejamento e gestão, tendo em vista a concepção de produtos, roteiros e destinos que reflitam as características de peculiaridade e especificidade de cada região (MTUR, 2007a, p. 67).

Além do Plano Nacional de Turismo, com seus macroprogramas e programas, o Ministério também lançou o Índice de Competitividade do Turismo Nacional. Trata-se de uma ferramenta para avaliar e orientar políticas públicas do Turismo no país. A avaliação acontece desde 2008, quando foi lançado o Relatório Brasil, com a divulgação dos Índices de Competitividade do Turismo Nacional, sendo treze dimensões, entre elas: infraestrutura, acesso, serviços e equipamentos, marketing e sustentabilidade são avaliadas. O Índice tem como objetivo medir a competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional.

O novo indicador é uma ferramenta poderosa para o planejamento de políticas públicas, pois permite identificar os pontos fortes dos destinos e conhecer as fragilidades que precisam ser vencidas, promovendo, assim, o desenvolvimento do turismo nas diversas regiões do país. Os índices apresentados no Relatório Brasil 2011 resultaram de um esforço conjunto entre diversos (BARBOSA, 2012, p. 9).

Como já mencionado, o Programa de Regionalização do Turismo, prioriza o conceito de gestão descentralizada, além de promover a estruturação, o desenvolvimento e a sustentabilidade das regiões turísticas. Para isso, torna-se fundamental conhecer a realidade dos municípios turísticos brasileiros. O Ministério então desenvolve ações para a estruturação de destinos prioritários, ou indutores, os quais têm como incumbência a indução do desenvolvimento nas regiões em que estão inseridos. Os Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional:

[...] são aqueles que dispõem de infraestrutura básica e turística e atrativos qualificados, que se caracterizam como núcleo receptor e/ou distribuidor de

²⁵ Integram o Programa Regionalização do Turismo (PRT) os programas: Programa de planejamento e gestão da regionalização; Programa de estruturação dos segmentos turísticos; Programa de estruturação da produção associada ao turismo; Programa de apoio ao desenvolvimento regional do turismo.

fluxos turísticos, capazes de atrair e/ou distribuir significativo número de turistas para o entorno e dinamizar a economia do território em que estão inseridos (BARBOSA, 2012, p. 23).

Em conformidade com o Mapa da Regionalização do Turismo 2009, o estado do Rio Grande do Sul, há três municípios: Bento Gonçalves, Gramado e Porto Alegre. Os municípios indutores integram as microrregiões turísticas Uva e Vinho, Hortênsias, Porto Alegre e Delta do Jacuí, respectivamente.

O estado do Rio Grande do Sul localiza-se no extremo sul do Brasil, atinge extensão territorial de 281.748,5 km² (cerca de 3% do território) e possui população total de 10.735.890 habitantes (FEE, 2011; SPGPC, 2013).

Figura 14: Localização do Estado do Rio Grande do Sul



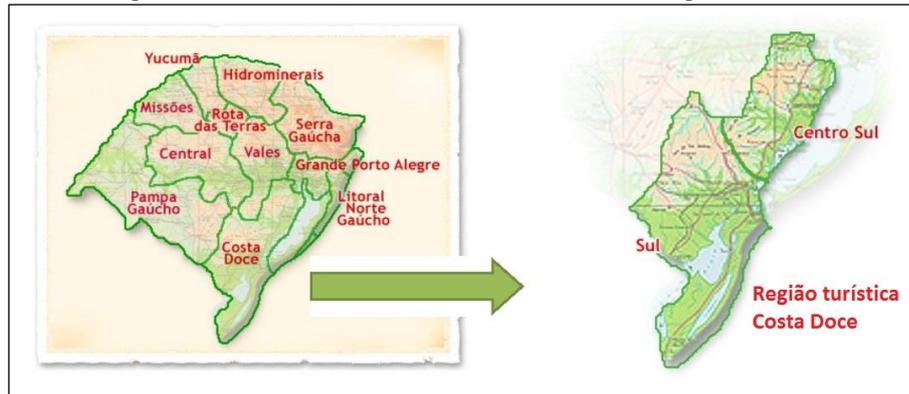
Fonte: SPGPC, 2013

Atualmente o Rio Grande do Sul possui 11 regiões turísticas e 23 microrregiões, onde diferentes segmentos turísticos são fomentados: turismo de negócios e eventos, turismo náutico, turismo de aventura, turismo cultural, ecoturismo, turismo rural, enoturismo, turismo de sol e praia, entre outros.

A região da Costa Doce localiza-se no sul do estado do Rio Grande do Sul, entre as cidades de Guaíba e Chuí, na fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Ao longo dessa faixa encontra-se o complexo lacustre da Costa Doce formado pelo Lago

Guaíba, Laguna dos Patos, Lagoa Mangureira e Lagoa Mirim. A região subdivide-se em duas microrregiões turísticas: Centro Sul e Sul. São Lourenço do Sul é um dos municípios²⁶ que integram a região turística Costa Doce (COSTA DOCE, 2012; FUCKS, 2005; SETUR, 2012).

Figura 15: Regiões turísticas, Costa Doce e microrregiões Centro Sul e Sul



Fonte: Adaptado de SETUR (2012)

Ao que se refere à origem do turismo no espaço rural gaúcho, pode ser referenciada a região de Lavras do Sul, quando propriedades abriram à visitação. Santos, E. (2004; 2005) em sua pesquisa longitudinal sobre a atividade turística em propriedades rurais da Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul, identificou o município de Lavras do Sul “como precursor do agroturismo e do turismo rural, com grande ascendência nos anos 90” (SANTOS, E. 2005, p. 61). Entre as propriedades identificadas por sua pesquisa em 2004 estão a Fazenda do Sobrado, Fazenda Pousada São Marcos, Fazenda Quero-Quero, Fazenda Crispim e Fazenda Serro Formoso.

Contudo, uma pesquisa desenvolvida junto às propriedades rurais da região Campos de Cima da Serra, na metade norte do estado do Rio Grande do Sul identificou a propriedade Capão do Índio em Vacaria, como sendo a que há mais tempo desenvolve atividades turísticas, desde 1990 (SPINDLER, et.al, 2012), assim ela pode ser considerada como uma das pioneiras no estado do Rio Grande do Sul. Independentemente de qual foi a propriedade precursora, cabe destacar o atual cenário do turismo no espaço rural gaúcho.

²⁶ Integram ainda a microrregião Costa Doce: Arambaré, Arroio Grande, Barra do Ribeiro, Camaquã, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cerro Grande do Sul, Chuí, Chuvisca, Cristal, Dom Feliciano, Guaíba, Jaguarão, Mariana Pimentel, Pedras Altas, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Sentinela do Sul, Sertão Santana, Tapes, Turuçu (SETUR, 2012).

[...] neste Estado o diferencial local foi embasado na valorização de experiências rurais com a possibilidade de vivência da colheita, vindimar das uvas, bem como participar da elaboração de quitutérias locais, mexendo os tachos de cobre para produzir doces, fazer a massa e assar cuca, uma especialidade local da culinária das comunidades de imigrantes alemães, bem como participar de tropeadas e cavalgadas pelos campos e pradarias (ROQUE, s.d., p. 3).

A Secretaria de Turismo do estado do Rio Grande do Sul (SETUR-RS) relaciona aspectos históricos, culturais, geográficos ao tratar do “Turismo Rural”:

Por suas características culturais, históricas e geográficas, o Rio Grande do Sul converte-se em um autêntico paraíso para o Turismo Rural. Praticar esportes radicais, cavalgadas em noites de luar, tomar banho de cachoeira, tirar água de poço, andar de carroça, percorrer trilhas ecológicas e saborear a cachaça produzida nos alambiques artesanais, apreciar as vinícolas que se encontram ao longo do trajeto com degustação e varejo de produtos típicos coloniais, são atrações que estão contempladas nos Roteiros Turísticos Rurais [...] Diversas propriedades e roteiros rurais distribuídos harmoniosamente, nas dez Regiões Turísticas do Estado, oferecem ao turista a oportunidade de provar o doce amargo do mate, a comida típica feita no fogo à lenha, o churrasco junto ao fogo de chão, e sentir o calor humano e hospitaleiro do gaúcho na roda de chimarrão. (SETUR, 2011).

A variedade de atividades proporcionadas junto ao espaço rural do estado do Rio Grande do Sul reforçam as ideias de Oxinalde (1994) e Tulik (2003) quanto à variedade de termos, expressões e conceitos. Para Oxinalde (1994) o turismo no espaço rural é a soma de diferentes modalidades, que não se excluem, mas sim, se complementam, como por exemplo, o ecoturismo, turismo cultural, turismo esportivo, agroturismo, turismo rural e turismo de aventura. No decorrer do próximo item serão apresentados alguns exemplos desses diferentes roteiros junto ao espaço rural do Rio Grande do Sul, no entanto antes cabe apresentar uma reflexão sobre os roteiros de forma genérica.

4.3 ROTEIROS TURÍSTICOS

Rota, roteiro, itinerário, percurso, trajeto, caminho, *forfaits*, *city tours*, excursão, pacote, entre outras terminologias. Tavares (2002) identificou dez diferentes nomenclaturas remissivas a roteiros turísticos, essas decorrentes especialmente de suas características operacionais. A autora relata que a confusão

é tamanha que existem diferentes terminologias para denominar produtos idênticos, assim como terminologias idênticas para denominar produtos diferentes.

Bahl e Nitsche (2012) elegem o termo itinerário, visto que para eles, “roteiro é a designação dada à programação de uma viagem, em que são descritos os locais a serem visitados, os serviços oferecidos e as atividades previstas dentro de um pacote turístico” (BAHL e NITSCHE, 2012, p. 40) referindo-se a elementos comuns de uma agência ou operadora de viagens, ou em outras palavras, à comercialização.

Beni (2007) utiliza-se do termo “circuitos turísticos”, enquanto que Tavares (2002) utiliza-se do termo “roteiros turísticos”. Para Tavares “inexistem conceitos e definições que sejam capazes de englobar todos os seus pormenores” (2002, p. 9), apesar disso, apresenta uma caracterização para roteiros turísticos:

Roteiros turísticos são itinerários de visitação organizados. É um termo genérico utilizado na apresentação de itinerários e programações efetuados com a finalidade de turismo. Roteiros existem em qualquer parte onde esteja sendo praticado o turismo, seja em pequenas localidades ou em grandes cidades. Podem ocorrer também em diferentes ambientações, como em áreas urbanas ou rurais, regionais, nacionais, internacionais ou entre elas (TAVARES, 2002, p. 14).

Rota, roteiro, itinerário – ou demais sinônimos – rotineiramente referem-se ao caminho, trajeto ou percurso a ser percorrido, no qual estão inseridos os atrativos turísticos merecedores de visitação. Tavares destaca, no entanto que o roteiro “não é somente uma sequência de atrativos a serem visitados, é também uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade” (TAVARES, 2002, p. 14). Os turistas habitualmente não costumam deslocar-se para realizar visitas a um único atrativo, mas sim, a destinos que apresentem contextualizações, sejam elas históricas, culturais, naturais etc.

Beni igualmente destaca a importância da tematização comum ao longo de toda extensão, e explica que por meio dos circuitos turísticos tem-se “a possibilidade de realizar visita sequencial a atrativos que possuam algum tipo de conexão entre si” (2006, p. 126). Tavares nessa mesma linha ressalta que “atrativos turísticos não existem por si só” (2002, p. 19) e que por intermédio dos roteiros turísticos é possível contextualizar os atrativos turísticos de um destino, possibilitando maior poder de atratividade (2002). Ramos compreende os:

[...] roteiros como produtos turísticos que para se inserirem no mercado precisam se constituir como itinerários ou seja, uma sequência de atividades e narrações, uma multiplicidade de interpretações, que configurem uma experiência turística (RAMOS, 2012 p. 7).

Percebe-se que particularidades como tematização, encadeamento e conexão são destacadas por esses autores, independente da terminologia utilizada. Bahl e Nitsche destacam que “um itinerário deve possuir uma temática principal ligada à identidade daquela comunidade onde esteja localizado” (2012, p. 42).

Um único atrativo tende a ter um menor poder de atratividade, sendo normalmente conjugado com demais atrativos locais ou regionais. Beni (2007) explica que os atrativos turísticos compõem o patrimônio turístico do local e que dessa forma, reunidos e contextualizados são capazes de suscitar o deslocamento de pessoas.

Qualquer lugar é passível de atrair visitação turística. Entretanto, a atratividade não está relacionada apenas ao patrimônio material, mas igualmente ao patrimônio imaterial. Aspectos históricos, sociais, culturais e ambientais que identifiquem a localidade podem contribuir para a contextualização e importância do atrativo. Para Tavares, “a valorização sociocultural que o atrativo possui ou recebe é imprescindível para mostrar a sua relevância no panorama turístico local” (2002, p. 17), além de contribuir para a leitura da realidade existente.

Ignarra (2003) explica que os atrativos turísticos compõem a oferta turística de um determinado local (juntamente com serviços turísticos, serviços públicos, infraestrutura básica, gestão, imagem da marca e preço). Para o autor, “os atrativos estão relacionados com as motivações de viagem dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos” (IGNARRA, 2003, p. 53), ocasião em que se sobressai a complexidade do elemento atratividade, visto sua característica de subjetividade: “o seu conceito é complexo, dado que a atratividade de certos elementos varia de forma acentuada de um turista para outro” (IGNARRA, 2003, p. 53). Cisne corrobora:

Ora, o interesse de cada ser humano, aqui entendido como SUJEITO TURÍSTICO, é variável e dependente de cada situação e local. No caso do turismo, envolve fatores complexos como motivação e, ao considerá-la sob a perspectiva de desejo, envolve as expectativas intrínsecas do Sujeito frente àquela localidade visitada, ou seja, à subjetividade relativa ao contexto desses “atrativos merecedores de serem visitados” (CISNE, 2010, p. 26).

Além desta variabilidade de atratividade, os atrativos turísticos podem ser classificados de diversas maneiras: por sua categoria, por seu poder de motivação e por sua hierarquia de atratividade. Essa última bastante controversa, pois envolve preferências pessoais (TAVARES, 2002). Beni caracteriza os atrativos turísticos como “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los” (2007, p. 331).

Para o Ministério do Turismo (MTUR) os “atrativos turísticos são locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los” (2007b, p. 27). O órgão ressalta que por meio da integração e organização dos diferentes elementos – atrativos turísticos, equipamentos, serviços turísticos e infraestrutura de apoio do turismo – produtos turísticos são consolidados. Igualmente a outros autores (BENI, 2006; TAVARES, 2002), o MTUR também acorda que “a roteirização confere realidade turística aos atrativos que estão dispersos através de sua integração e organização” (MTUR, 2007b, p. 15), e define o roteiro turístico como:

[...] um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro (MTUR, 2007b, p. 13).

O Ministério do Turismo classifica os atrativos turísticos em cinco grupos. Os atrativos turísticos são novamente divididos em tipos e subtipos.

- 1) Atrativos Naturais;
- 2) Atrativos Culturais;
- 3) Atividades Econômicas;
- 4) Realizações Técnicas, Científicas ou Artísticas;
- 5) Eventos Permanentes.

Fundamentada nessa modalidade de classificação, o quadro a seguir apresenta os atrativos turísticos do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Cabe destacar que as categorias “Realizações técnicas, científicas ou artísticas” e “Eventos permanentes” não obtiveram nenhum exemplar junto ao roteiro. Nas demais categorias, alguns “tipos e subtipos” de atrativos também não foram identificados.

Tabela 3: Categorias de atrativos turísticos

Categorias	Definição	Tipos	Subtipos	Roteiro Caminho Pomerano
NATURAIS	Elementos da natureza que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxos turísticos. Elementos da cultura que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxo turístico.	Montanhas	Picos, cumes, serras, montes, morros e colinas.	Serra dos Tapes
CULTURAIS	São os bens e valores culturais de natureza material e imaterial produzidos pelo homem e apropriados pelo turismo, da pré-história à época atual, como testemunhos de uma cultura.	Sítios Históricos	Centro histórico, cidade histórica, conjunto histórico, quilombo, terra indígena, conjunto paisagístico, monumento histórico, sítio arqueológico, sítio paleontológico, jardim histórico.	Monumentos comemorativos
		Edificações	Arquitetura civil, arq. militar, arq. religiosa. arq. industrial e/ou agrícola, arq. vernacular, arq.funerária, ruínas.	Propriedades particulares Igreja Nª Sra Conceição do Boqueirão Igreja da Coxilha do Barão
		Gastronomia Típica	Pratos típicos, iguarias regionais, doces e/ou salgados, frutas, bebidas, outras.	Cuca pomerana Peito de ganso defumado Schimier Licor de butiá <i>Maischnaps</i>
		Artesanato	Cerâmica, cestaria, madeira, tecelagem, bordados, metal, pedra, renda, couro, plumaria.	Flajoke Casa das Cucas Heiden Haus

				Inês Klug
		Saberes e Fazeres	Contar estórias e/ou casos, recitar poesias e/ou rezas, preparar receitas tradicionais, elaborar trabalhos manuais e/ou de arte popular.	Flajoke Casa das Cucas Casa da Schimier Familia Klasen Heiden Haus Inês Klug
ATIVIDADES ECONÔMICAS	Atividades produtivas capazes de motivar a visitação turística e propiciar a utiliza�o de serviços e equipamentos turísticos.	Agropecuária	Agricultura, Pecuária, Aquicultura, Cria�o de animais silvestres, Agroindústria, Outras culturas.	Casa da Schimier Familia Klasen Inês Klug

Fonte: Adaptado de IGNARRA (2003) e MTUR (2006; 2007b).

Para o MTUR (2007b), o processo de roteirização pode contribuir no aumento do número de turistas que visitam uma região, bem como alargar o período de permanência nos destinos, colaborando para maior circulação de riquezas.

Nesse sentido, cabe retomar os conceitos propostos por Beni (2006) quando o autor trata de regionalização e roteirização turística. O autor utiliza o termo “espaço turístico” quando trata do território onde ocorre a atividade turística, e que pode ser operacionalizada de duas formas: as multidestações e as estações múltiplas.

[...] O processo de formação de multidestações compreende o estabelecimento de parceria entre estações já existentes para a formação de circuitos, corredores, rotas e roteiros turísticos, sendo essencial à competitividade de qualquer estação, pois reflete o estabelecimento de relações de competição e cooperação entre tais estações, premissas básicas de qualquer processo de *clusterização* (BENI, 2006, p. 125)²⁷.

Enquanto que nas estações múltiplas, “um mesmo espaço é capaz de oferecer uma série de produtos, ou estações específicas, que atendam a diferentes segmentos da demanda turística” (BENI, 2006, p. 126). Bahl e Nitsche contribuem, destacando que num planejamento turístico regional a:

[...] integração de agrupamentos municipais ou de regiões em roteiros e itinerários turísticos é seguramente uma das formas mais adequadas para se agregar atrativos de variadas configurações, concentrar esforços mercadológicos, orientar investimentos, aplicar recursos financeiros, ordenar as suas ofertas turísticas e promover o desenvolvimento integrado (BAHL; NITSCHKE, 2012, p. 37).

Bahl e Nitsche (2012) destacam ainda outros elementos, intrínsecos e essenciais, na formatação de um itinerário como: vias de acesso, infraestrutura de apoio e comunicação visual própria que evidencie a sua identidade.

Até o presente momento, podem ser pinçados alguns elementos a partir das contribuições desses autores: 1) Difícilmente atrativos isolados conseguirão alcançar uma movimentação turística expressiva, se comparados a um conjunto de atrativos;

²⁷ O conceito de *cluster* se constrói a partir da ideia de aglomeração ou concentração de empresas e atividades afins. Para alguns pesquisadores, *cluster* é considerado um sinônimo de arranjo produtivo local (APL). Tomazzoni explica que “*cluster* é o agrupamento territorial de agentes econômicos que desenvolvem atividades similares, e arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais com foco em um conjunto específico de atividades econômicas, com vínculos e interdependências” (2009, p. 68).

2) A tematização e contextualização podem contribuir para uma maior ou menor atratividade, a qual não se limita apenas ao patrimônio material, mas também ao patrimônio imaterial; 3) O estabelecimento de relações de competição e cooperação entre os destinos, com a finalidade de reunir esforços, orientar investimentos, ordenar as ofertas turísticas e promover o desenvolvimento associado. Contudo, observa-se que tais entendimentos versam, sobretudo sob a ótica mercadológica.

Cisne, em sua pesquisa “Roteiro turístico, tradição e superação: tempo, espaço, sujeito e (geo)tecnologia como categorias de análise”, amparada por um pensamento complexo e evitando o reducionismo, ou então “a redução do complexo ao simples, ou no caso do Turismo, a redução do fenômeno ao produto” (2010, p. 161) buscou atribuir um novo significado a Roteiro Turístico, superando a ideia de mercadoria. Ela deu início à sua pesquisa, realizando uma retomada histórica sobre o assunto:

[...] percebeu-se haver uma lacuna no que concerne às teorizações referentes ao assunto. Tanto nas práticas de mercado como na reflexão acadêmica, o Roteiro Turístico é apresentado como mero indicador, às vezes descritivo, de locais a serem visitados pelos turistas/visitantes em uma determinada localidade ou região, indicativos esses distribuídos num tempo e num espaço (CISNE, 2010, p. 12).

Cisne (2010) fez uma análise das tradicionais categorias – tempo, espaço e tematização –, contrapondo-as com novas proposições – sujeito e tecnologia. A autora rebate a tradicional subjetividade do agente formatador em relação a gostos, sentimentos e interesses quando da seleção e organização do roteiro turístico.

As mudanças no perfil do turista (baseada na teoria do Pós-Turismo, de Sérgio Molina), a inserção e o crescente desenvolvimento de tecnologias, inclusive de informação possibilitaram “maior autonomia dos viajantes em termos de destinos e na aquisição de produtos e serviços” (CISNE, 2010, p. 15). Nesse mesmo sentido, Ramos (2012) ressalva a importância do profissional de planejamento com conhecimentos multidisciplinares, além de sugerir a revisão das metodologias aplicadas ao planejamento turístico e a importância de criatividade e inovação no ato de planejar.

Com as novas demandas não basta mais proporcionar uma variedade de elementos para serem conhecidos ao longo de um percurso, mas é preciso dimensionar, fazer emergir a compreensão não apenas do que se oferece

para conhecer por meio da viagem, mas da essência do 'porque conhecer' e principalmente de 'como conhecer' (RAMOS, 2012 p. 8).

Entre os aspectos analisados por Cisne (2010, p. 38) está a inserção do sujeito turístico, o qual a pesquisadora expõe que esse não deve ser percebido apenas como "cliente, passageiro, hóspede, mas como SUJEITO em suas subjetividades" no processo de elaboração dos roteiros turísticos, que outrora estava restrito ao agente formatador, uma mudança de perspectiva defendida pela pesquisadora.

Para tratar sobre a tematização, Cisne (2010) apoia-se na teoria do imaginário, o qual ao longo dos anos foi erroneamente associado ao não real, ao não verdadeiro. Para dar continuidade a sua contextualização, agora relacionada ao fenômeno turístico, a pesquisadora apresenta alguns entendimentos de Gastal (2005) quando ela então trata dos "sentimentos construídos em relação a locais, objetos e mesmo pessoas" (CISNE, 2010, p. 72), determinando aos lugares características como romântico, bonito, seguro, civilizado, etc. Tais tematizações, repousadas nos imaginários, poderão contribuir na organização de roteiros turísticos, como explica Cisne, tendo a Rota Romântica como exemplo:

A construção de tematizações para o Turismo parte, então, desses sentimentos que podem alimentar roteirizações como o da Rota Romântica na Serra Gaúcha, por exemplo, construída a partir de um imaginário de romantismo rural e bucólico, associada a certa germanidade (CISNE, 2010, p. 73).

Cisne (2010) explica que a constituição da Rota Romântica, ocorreu não apenas baseada no território em si, mas sim, sustentado por toda uma atmosfera, neste caso, a germanidade da Rota Romântica. Cisne, explica que durante o período denominado Moderno, a tematização era tendenciosa, movida pelo imaginário social, em que um modelo é aceito e no qual a igualdade sobressai-se a diferença. A pesquisadora faz uma analogia, instalação por contágio, a qual ela então "remete à roteirização emprateleirada, buscado por turistas que se deixam levar por modismos e por estereótipos, produtos padronizados pelo e para o mercado" (CISNE, 2010, p. 74). Enquanto que a pós-modernidade,

[...] traz consigo um novo olhar, um olhar orientado não mais pelo recorte, mas para o recorte, abre espaço para imaginários construídos com maior subjetividade. A presença da TEMATIZAÇÃO nos Roteiros Turísticos surge

daí, dos recortes e leituras de uma realidade, às vezes uma realidade imaginal, produto de uma construção simbólica e imaginária, o que justificaria o poder de atração que algumas localidades turísticas apresentam, pois as representações se aproximariam mais das expectativas coletivas em relação à realidade concreta, dos signos que são idealizados para atender a essas expectativas que o visitante espera encontrar (CISNE, 2010, p. 74-75).

Cabe ressaltar que, nem o imaginário social dado por contágio, nem mesmo o imaginário individual dado por construção, sobressaem-se um do outro. Percebe-se uma mescla: “esse paradoxo revela que o surgimento de uma nova forma ou modalidade de tematização não anula as demais” (CISNE, 2010, p. 75).

No âmbito dos roteiros, tem-se o modelo “produto formatado” que segue tematizações criadas por agentes operadores, mas emerge agora um novo modelo, segundo o qual, o próprio sujeito cria suas representações simbólicas e imaginais a partir da empatia com o outro se desejando no lugar do outro (CISNE, 2010, p. 76).

Um dos maiores questionamentos de Cisne (2010) refere-se ao livre-arbítrio em relação às escolhas por parte desse Sujeito Turístico, ou seja, quais são os pontos que o turista “julga merecedores de visita, conforme sua motivação e desejo de viagem e expectativas” (2010, p. 92). A pesquisadora utiliza as palavras de De Botton (2003) para amparar seus questionamentos acerca dos roteiros turísticos até então reduzidos aos indicadores de atrativos a serem visitados. Para ela, as palavras do filósofo “tem reflexos diretos no tema central deste Estudo” (CISNE, 2010):

[...] Somos inundados de conselhos sobre lugares *aonde* devemos ir, mas ouvimos pouquíssimo sobre *por que* e *como* devemos ir – se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples, nem tão triviais (DE BOTTON, 2003, p. 17).

Cisne (2010) a partir do pensamento de De Botton (2003), descreve como seria o roteiro turístico pós-moderno, o qual é pensado sob três planos de existência. O primeiro deles é caracterizado pela motivação inicial, excitada pela curiosidade e pelo desejo de evasão. Como o roteiro é elaborado pelo próprio Sujeito, a partir de seus anseios e desejos e amparado por informações ofertadas pelos próprios moradores locais, tal roteiro transcende a mera sequência de atrativos. No plano seguinte, o Roteiro Turístico Pós-Moderno se dá exatamente pelo percurso no espaço físico. A substituição, ou sobreposição das expectativas pelas experiências e

emoções vividas pelo Sujeito “é o que, de fato, agrega valor ao Roteiro contemporâneo” (CISNE, 2010, p. 169). E a terceira fase, ocorre a partir do relato, oral ou escrito, enriquecido com imagens, mapas, etc., mas, sobretudo com “o legado deixado não só pelos caminhos percorridos, mas pelas trocas simbólicas” (CISNE, 2010, p. 169) entre visitante e visitado. Para que o Sujeito possa visitar uma localidade qualquer, a autora destaca a importância da disponibilidade de informações, seja por parte das empresas privadas de turismo ou pelos órgãos públicos competentes. O Sujeito terá assim o material necessário para planejar, ou então, roteirizar sua viagem:

Após conhecer sobre uma localidade [...] após pesquisar sobre o lugar e decidir pelo deslocamento, o Sujeito inicia o planejamento, que se dá, em princípio, no campo imaginal e pela “viagem” no ciberespaço, para só então, iniciar a viagem propriamente dita, pela EMPIRIZAÇÃO DO ROTEIRO. É nessa fase que ocorre o grande despertar para o entendimento de Roteiro Turístico, pois, ainda que não haja uma Roteirização prévia para uma viagem, na forma de planejamento, o Roteiro Turístico acontece durante sua empirização, concretizando-se. Além disso, é na fase da empirização que acontece a transferência da expectativa para a experiência (CISNE, 2010, p. 173).

Cisne no final de sua discussão não apresenta um conceito. Ela explica que “o resultado final mostrou que ainda há muito que se percorrer neste caminho, muito a ser refletido, debatido, aprimorado e acrescentado” (2010, p. 187).

Depois de discorrer sobre roteiros, independentemente de a análise ser em maior ou menor grau referida às práticas de mercado ou à reflexão acadêmica, serão analisados alguns estudos de caso acerca de roteiros turísticos no espaço rural do Rio Grande do Sul.

4.3.1 Roteiros turísticos no espaço rural no Rio Grande do Sul

O Rio Grande do Sul, por intermédio da Secretaria de Turismo do estado Rio Grande do Sul (SETUR-RS) apresenta em seu site, cerca de 40 opções de rotas ou roteiros turísticos desenvolvidos no espaço rural.

Tabela 4: Rotas e Roteiros turísticos do Rio Grande do Sul

Rota ou Roteiro	Abrangência
A Estrada do Sabor	Garibaldi
Alemães do Sul - Caminhos de um Povo	Nova Petrópolis
Caminho das Belezas e dos Sabores Rurais	Quinze de Novembro
Caminho das Pipas	Rolante
Caminho de Cultura e Alegria	Lagoa dos Três Cantos
Caminho Farroupilha Cultura & Tradição Gaúcha	Alegrete, Bagé, Caçapava do Sul, Camaquã, Guaíba, Pelotas, Piratini, Porto Alegre, Rio Grande, Rosário do Sul, Sant'Ana do Livramento, São Gabriel, São José do Norte, São Lourenço do Sul.
Caminho Pomerano	São Lourenço do Sul
Caminhos da Agricultura Familiar	Marcelino Ramos
Caminhos da Colônia - A Gastronomia Italiana	Caxias do Sul e Flores da Cunha
Caminhos da Produção	Augusto Pestana
Caminhos de Jacobina	Sapiranga
Caminhos de Pedra	Bento Gonçalves
Caminhos Rurais de Porto Alegre	Porto Alegre
Criúva - Ecoaventura Gaúcha	Caxias do Sul
Delícias da Colônia	Colinas, Estrela e Imigrante
Estrada do Imigrante	Caxias do Sul
Rota Turística Della Cuccagna	Tapera
Rota Caminho dos Tropeiros	Candelária
Rota Colonial Baumschneis	Dois Irmãos
Rota Colonial Linha Stein	Salvador do Sul
Rota das Cantinas	Garibaldi
Rota das Salamarias	Marau
Rota do Chimarrão	Venâncio Aires
Rota dos Casarões	Sobradinho
Rota Germânica do Rio Pardinho	Santa Cruz do Sul e Sinimbu
Rota Nostra Colônia	Jaguari
Rota Pelotas Colonial	Pelotas
Rota Sabores e Saberes do Vale do Caí	Bom Princípio, Capela de Santana, Harmonia, Montenegro e Tupandi.
Rota Turística e Gastronômica	Santa Maria e Silveira Martins
Rota Vale dos Vinhedos	Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul.
Roteiro Rural de Lomba Grande	Novo Hamburgo

Roteiro Vale do Paraíso	Três Cachoeiras
Roteiro Vale do Rio das Antas	Bento Gonçalves
Roteiros Integrados da Quarta Colônia	Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins.
Vale dos Parreirais	Erechim
Vinhos de Pinto Bandeira	Bento Gonçalves

Fonte: SETUR (2013a)

Dentre os municípios gaúchos com a maior oferta de rotas ou roteiros turísticos, Bento Gonçalves lidera com quatro opções: Caminhos de Pedra, Rota Vale dos Vinhedos, Roteiro Vale do Rio das Antas e Vinhos de Montanha. Caxias do Sul possui três roteiros junto ao espaço rural: Caminhos da Colônia - A Gastronomia Italiana, Criúva – Ecoaventura Gaúcha e Estrada do Imigrante. Os municípios de Garibaldi, Pelotas, São Lourenço do Sul e Silveira Martins, possuem cada um, duas opções de roteiros turísticos. Em São Lourenço do Sul, além do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, oferece também em parceria com outros municípios o roteiro Caminho Farroupilha Cultura & Tradição Gaúcha.

Roque expõe que o Rio Grande do Sul “apresenta-se no cenário nacional do turismo rural, como sendo um dos estados mais desenvolvidos, no que se refere à qualidade e diversidade de produtos ofertados” (s.d., p. 3) nas distintas regiões turísticas, inclusive no entorno da capital Porto Alegre. Nesse sentido, serão feitas breves considerações sobre alguns roteiros turísticos, para então no próximo capítulo, tratar do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano.

O roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre merece ser destacado por estar inserido na área rural da capital do estado, Porto Alegre (região turística Grande Porto Alegre e microrregião Porto Alegre e Delta do Jacuí). O roteiro é desenvolvido junto à zona sul, considerado o maior reduto verde da capital. Nessa região outrora se localizavam as estâncias, hoje transformadas em propriedades menores, onde a agricultura familiar prevalece. Pomares de ameixas, pêssegos e parreirais produzem 1,6 mil toneladas de frutas por safra (CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE, 2013; RIBEIRO, 2010).

Na zona rural denominada também de “rururbana”, que abrange onze bairros e ocupa cerca de 30% do território de Porto Alegre, capital do Rio

Grande do Sul, localiza-se o destino de Turismo de Base Comunitária, Caminhos Rurais de Porto Alegre. O mel, a floricultura e a pesca, a agroecologia e sua diversidade, bem como a criação de ovelhas e cavalos, despertam interesse neste destino que conta hoje com diversos empreendimentos e equipamentos turísticos, com potenciais diversos e atrativos (CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE, 2013).

O projeto foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Turismo, pela Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). A iniciativa de aliar a atividade turística à rotina das pequenas propriedades da Zona Sul de Porto Alegre surgiu no final da década de 1990, contudo o roteiro só foi lançado em novembro de 2005. Atualmente, o roteiro é composto por trinta e dois empreendimentos, que oferecem uma diversidade de tipos de turismo no espaço rural: ecoturismo, turismo rural, turismo cultural, turismo de estudos e intercâmbios e turismo de negócios e eventos; além dos serviços e equipamentos turísticos que constituem o roteiro (TEIXEIRA; SOUZA, 2012).

De acordo com Rodrigues (2011), o roteiro turístico Caminhos Rurais de Porto Alegre é divulgado em feiras, eventos, junto aos postos de Serviço de Atenção ao Turista (SAT), além de ser comercializado por agências de viagens locais. Uma versão mais compacta é oferecida aos domingos, o roteiro “Domingo no Campo”, com passeios a três propriedades do roteiro. Além da prestação de serviços (alimentação, hospedagem e espaços para eventos) oferecidos pelas propriedades, os proprietários comercializam os produtos de suas propriedades, agregando valor às matérias primas.

A Rota Colonial Baumschneis no município de Dois Irmãos (região turística Grande Porto Alegre e microrregião Vale do Rio dos Sinos) também surgiu a partir da necessidade de diversificar atividades e rendimentos dos moradores/produtores do espaço rural local. A cultura e o cotidiano dos descendentes de imigrantes tornou-se o atrativo turístico da rota. A “Rota Colonial Baumschneis” (“Linha ou Picada do Baum”) tem seu nome relacionado ao primeiro morador da região, que se instalou por volta de 1825, antes mesmo da chegada, em 1829, do primeiro grupo de imigrantes alemães na localidade (FIALHO, 2000).

Com o objetivo de absorver a mão de obra jovem oriunda das áreas rurais, e dispensada da indústria coureiro-calçadista ao longo da década de 1990, a Prefeitura Municipal de Dois Irmãos buscou na atividade turística junto ao espaço

rural, alternativas para a permanência da população jovem na área rural, complementação de renda da atividade agrícola e ainda, valorização das características ambiental, cultural e social, que o município dispõe. Além da Prefeitura Municipal, o projeto foi igualmente desenvolvido pela Associação da Rota Colonial (composta por agricultores que desenvolvem alguma atividade ligada ao turismo no meio rural em suas propriedades), pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e pela EMATER.

A Rota engloba uma diversidade de atrativos entre estabelecimentos comerciais, desde áreas naturais, possibilidades de compra de produtos coloniais, até prédios históricos e cemitérios. A busca por desenvolver o turismo no meio rural veio atender as necessidades de diversificar a oferta turística do município bem como gerar um maior desenvolvimento socioeconômico a população residente nessa área (ASHTON, FAGUNDES, 2011, p. 230-231).

Fialho igualmente destaca o aspecto socioeconômico: “o principal objetivo desta iniciativa é criar perspectivas econômicas que revertam ou cessem o êxodo rural dos jovens, filhos de agricultores” (2000, p. 144).

Ao que se refere às atividades de recepção e condução dos turistas durante o roteiro, estes são recepcionados por guias e por uma bandinha típica no centro da cidade. Durante o itinerário, de sete quilômetros e a bordo de uma jardineira²⁸, todas as propriedades da Rota Colonial Baumschneiss são visitadas garantindo fluxo de turistas e evitando discriminação a alguma propriedade. Assim, também é possível propiciar a mesma frequência de visitantes a todas as propriedades. Tal organização, segundo Fialho (2000) possibilita melhor administração do tempo dos agricultores, pois esses podem se organizar para conciliar as atividades agrícolas e não agrícolas, como a do turismo.

Outra particularidade deste roteiro foi que em sua fase inicial foi estipulado um período de adaptação à nova realidade do turismo no meio rural, entre setembro de 1999 a março de 2000, em que o funcionamento do roteiro ocorreu tendo em vista o caráter experimental, enquanto que a segunda fase iniciou em março de 2000, já com todos os atrativos à disposição dos turistas.

A Rota Colonial Baumschneis previa a criação de cerca de 60 empregos diretos divididos nos quinze estabelecimentos comerciais, os quais “praticam várias

²⁸ Veículo utilizado no transporte de passageiros (ônibus) com capô dianteiro similar a de um caminhão. Utilizado especialmente em zonas rurais, visto sua resistência às estradas de terra.

atividades econômicas, desde comércio de secos e molhados até produtos confeccionados, mas principalmente produtos coloniais e artesanatos” (FIALHO, 2000, p. 144-145). A inserção do turismo no espaço rural de Dois Irmãos contribuiu para a valorização e o fortalecimento da propriedade rural familiar, geração de emprego e renda para a comunidade local, agregação de valor aos produtos agrícolas, da valorização da cultura local e do fortalecimento do associativismo entre os indivíduos.

O Roteiro Estrada do Sabor, no município de Garibaldi (região turística Serra Gaúcha e microrregião Uva e Vinho), abrange diferentes localidades do espaço rural (FÁVERO, 2004). As distâncias percorridas desde o centro da cidade até cada uma das propriedades são variantes, de 2 a 12 quilômetros (PMG, 2012).

Como a ideia foi trabalhar com as famílias que tivessem interesse espontâneo em participar, o projeto não obedece a um caminho, um roteiro único, como comumente se observa nas propostas de turismo rural, e se situou em seis localidades. Cada uma das propriedades possui características diferenciadas, no que tange à localização, estrutura e a usos e costumes da família. O que se buscou foi valorizar a história da família, seu modo de vida, suas receitas, os utensílios e equipamentos utilizados, para compor a atratividade da propriedade (FÁVERO, 2004, p. 177).

O roteiro Estrada do Sabor iniciou-se no ano de 2001 envolvendo famílias que tinham como principal atividade a agricultura e/ou a agroindústria. Fávero explica que para incentivar a produção agroindustrial e fortalecer o diferencial do roteiro, “[...] 70% dos produtos comercializados deveriam ser produzidos no local, desde a matéria prima” (FÁVERO, 2004, p. 179). Atualmente, cinco famílias integram o Roteiro Estrada do Sabor, e entre as atividades oferecidas estão passeios pelos parreirais, trilhas ecológicas de produção, degustação e comercialização de produtos locais, como copas, salames, pães, queijos, vinhos e sucos, (PMG, 2012).

Fávero (2004) destaca ainda que os empreendedores foram instruídos a evitar grandes investimentos na fase inicial, visto que com a incerteza de fluxos turísticos, o retorno normalmente advém a médios e longos prazos. Outra decisão discutida e aprovada pelo grupo de empreendedores refere-se à cobrança de uma taxa de serviços, visto que “há todo um acompanhamento, visitação e farta degustação, onde é dedicado um longo espaço de tempo, [...] O custo das refeições e degustações foi cuidadosamente elaborado” (FÁVERO, 2004, p. 179).

Um dos diferenciais do Roteiro Estrada do Sabor refere-se à conjugação das ações de contemplação e vivência. O roteiro integra o Projeto Economia da Experiência²⁹ criado em 2006 pelo Ministério do Turismo, em parceria com o SEBRAE e o Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares da Região Uva e Vinho (SHRBS), nessa perspectiva busca trabalhar com todos os sentidos, incentivando a mudança de expectador para ator.

O vice-presidente da Associação Estrada do Sabor destaca (informação verbal³⁰), que todas as propriedades possuem particularidades e que todos os proprietários estão preparados para contar histórias. No que se refere à governança do roteiro, ocorrem mensalmente reuniões com os associados, num sistema de rodízio junto às propriedades, onde todos recebem e são recebidos pelos colegas associados.

Na cidade vizinha de Bento Gonçalves (região turística Serra Gaúcha e microrregião Uva e Vinho), encontra-se o Roteiro Caminhos de Pedra. O roteiro é considerado pioneiro no estado (recebeu o primeiro grupo de visitantes em maio de 1992), além de ser constantemente parâmetro para outras experiências turísticas no espaço rural (SILVA e ALMEIDA, 2002).

Em um trajeto de sete quilômetros passando por construções em pedra e madeira, moinhos, casas de massas, de teares, de erva-mate, além de cantinas e capelas e ao longo do percurso são ofertados produtos coloniais aos visitantes como vinhos e queijos produzidos de forma artesanal conforme a tradição italiana (BÜHLER, 2011, p. 23).

A partir do levantamento do arquitetônico realizado em todo o interior do município de Bento Gonçalves no final da década de 1980, constatou-se alguns pontos positivos como maior concentração de casas históricas e facilidade de acesso, o que conseqüentemente poderia contribuir para o potencial turístico daquele local:

A primeira preocupação foi em preservar o patrimônio arquitetônico da imigração italiana no Rio Grande do Sul. O Distrito de São Pedro (de Bento

²⁹ A chamada Economia da Experiência parte do princípio de que o mundo busca novos valores de mercado, no qual o componente emocional se sobrepõe ao racional. Aplicado ao fenômeno turístico defende-se que há um número crescente de turistas que procuram fazer viagens que lhes tragam vivências marcantes, como protagonistas e não meros espectadores (ESTRADA DO SABOR, 2013).

³⁰ Durante o Curso de Capacitação para Atendimento ao Turista promovido pela Secretaria de Turismo e Cultura do município de Garibaldi (RS) realizado nos dias 22 e 23 de Abril, 05 e 06 de Maio de 2013.

Gonçalves) apresentou-se como o local ideal para implantar a proposta. Possuía um acervo considerável, uma paisagem agradável, concentrava os atrativos em um trajeto reduzido e próximo à cidade e contava com cursos de água capazes de impulsionar as agroindústrias com força hidráulica, a exemplo das empresas do passado (SILVA; ALMEIDA, 2002, p. 167).

Assim, no início da década seguinte, a atividade turística passou então a ser fomentada por empresários do município, como auxílio financeiro à manutenção do patrimônio arquitetônico do local e estímulo no processo de reconstrução da identidade cultural (ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DE PEDRA, 2013; TEIXEIRA, MICHELIN e DALL'AGNOL, 2008).

Anos mais tarde, em 10 de julho de 1997, com assessoria do SEBRAE foi fundada a Associação Caminhos de Pedra, congregando empreendedores e simpatizantes, a qual elaborou na ocasião um projeto que contemplasse não apenas o patrimônio arquitetônico, mas também a língua, as artes, as habilidades manuais, dos descendentes dos imigrantes. Atualmente, a Associação Caminhos de Pedra conta com mais de cem associados e a visitação média anual é de 60.000 turistas. O roteiro possui 15 pontos de visitação e 56 pontos de observação externa, e em alguns desses pontos o atendimento é gratuito, enquanto que em outros é cobrada uma taxa de visitação (ASSOCIAÇÃO CAMINHOS DE PEDRA, 2013).

No Roteiro Caminhos de Pedra a maioria dos moradores locais é descendente de imigrantes italianos, “esses mantêm a identidade italiana, sua *italianidade*, e a apresentam como um dos principais atrativos” (TEIXEIRA, MICHELIN e DALL'AGNOL, 2008, p. 8). No entanto, antes os moradores envergonhavam-se de sua identidade cultural italiana e, sobretudo do seu patrimônio cultural material: “ter uma casa de pedra era sinônimo de pobreza e estar parado no tempo, assim como falar o dialeto *talian*” (TEIXEIRA, MICHELIN e DALL'AGNOL, 2008, p. 8). Os autores seguem abordando como o turismo contribuiu para a revalorização dessa herança cultural:

A reconstrução da identidade italiana que ocorreu na comunidade de São Pedro sofreu diversas alterações dos traços culturais, sendo por meio da globalização e também do contato com o outro, tornando assim a identidade dinâmica por sofrer influências tanto internas quanto externas (TEIXEIRA, MICHELIN e DALL'AGNOL, 2008, p. 9).

Souza, Elesbão e Schaidhauer corroboram destacando que entre as contribuições resultantes da atividade turística está também, a melhoria da autoestima dos moradores locais:

Um dos aspectos relatados como mais positivo na realização da atividade de turismo rural, foi a melhoria da autoestima dos agricultores. Também foram mencionados o aumento da renda, a valorização cultural, a maior integração da comunidade e a permanência das famílias na região (SOUZA, ELESBÃO e SCHAIDHAUER, 2011, p. 223).

Silva e Almeida destacam que os produtos ofertados ao longo do roteiro foram submetidos a uma pesquisa sobre antigas receitas e modos de fazer, baseadas nas memórias dos idosos, que mesmo não exercendo mais atividades laborais, continuam participando da vida familiar e comunitária: “no esteio das atividades, os habitantes foram paulatinamente envolvidos e valorizados a ponto de elevar-lhes a auto-estima [sic]” (2002, p. 168). Nesse mesmo sentido, da valorização da *italianidade*, Teixeira; Michelin e Dall'agnol (2008) destacam que foi por intermédio da atividade turística e do contato com as diferentes culturas, que os moradores do roteiro “passaram a valorizar e a buscar a reconstrução da sua identidade que estava se perdendo” (2008, p. 9), visto que era justamente a identidade italiana local que motivava os deslocamentos dos turistas.

Com uma área de abrangência bem maior, a Rota Romântica está inserida entre a planície do Vale do Sinos e o Planalto da Serra Gaúcha (regiões turísticas Grande Porto Alegre, Serra Gaúcha e Vales e microrregiões Vale do Rio dos Sinos, Hortênsias e Vale do Caí, respectivamente).

A Rota Romântica foi instituída como uma proposta de roteirização a partir dos atrativos ligados a germanidade presentes nos treze municípios³¹ localizados ao longo das rodovias BR 116, RS 326, VRS 815 e RS 235. O roteiro atinge 135 quilômetros (HAAS, 2007). Os municípios envolvidos proporcionam uma diversidade de produtos e serviços, são aproximadamente 17 mil leitões e cerca de 600 restaurantes. São ofertados pelos municípios diferentes roteiros, com fins e temas variados: roteiros religiosos, histórico-culturais, compras, rural, ecológicos, entre outros (ROTA ROMÂNTICA, 2013).

³¹ Canela, Dois Irmãos, Estância Velha, Gramado, Ivoti, Linha Nova Morro Reuter, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Picada Café, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval, São Francisco de Paula e São Leopoldo (SETUR, 2013b).

Porém, merece destaque a modalidade de planejamento pela qual passou a Rota Romântica: “a origem da proposta se dá não no âmbito do poder público, mas [ela é] gestada dentro da Universidade, como proposta acadêmica” (HAAS, 2007, p. 14), a fundação da Rota Romântica foi oficializada em 1995, entre os municípios integrantes do Projeto Turístico Rota Romântica e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Haas explica que na ocasião de sua pesquisa, treze municípios integravam a rota, mas a ideia inicial não era tão abrangente:

[...] a proposta original contemplasse apenas oito, ou seja, aqueles ainda demarcados pela ruralidade e pelas tradições, cultura, hábitos e patrimônio histórico originais, herdados da presença de imigrantes alemães, no local. A *germanidade* presente nestes municípios seria uma história viva e um testemunho de *um outro tempo*, um passado a ser articulado na forma de memória para que, como tal, continue a alimentar identidades tradicionais associadas a este passado germânico, mas também a construir novas identidades a partir de uma suposta germanidade criada e recriada (HAAS, 2007, p. 13).

Haas (2007) perpassa pelas temáticas de imaginários, errâncias, germanidade, ruralidade, patrimônio além de questionar sobre essa nova modalidade de planejamento turístico: quando concepção, inventariação, planejamento e incentivo para uma maior inserção da comunidade partem da Universidade, diferentemente das práticas tradicionais, marcadas pela centralização e pelo tecnicismo, realizadas até então e sustentadas pelas políticas públicas oficiais.

A pesquisadora aborda também sobre como o passado tornou-se um produto de mercado, desejado por pessoas que não conseguem mais alcançar sentidos com as vivências presentes, especialmente em virtude da pressão cada vez mais intensa. Nesse momento, buscam-se pelas *origens puras*:

[...] na tentativa de encontrar e refazer energias vitais ou mesmo de retornar a vivência do território como fonte de identidade – buscam-se *origens puras*, a segurança do lar para sempre perdido, o contato com a natureza – e a redescoberta dos valores do passado, que o imaginário pós-moderno atribui à arquitetura colonial, aos costumes ditos autênticos de comunidades menores, por suas redes de interatividade vistas como mais sólidas nos espaços rurais. Neste contexto o espaço rural adquire um maior valor cultural no mercado de Turismo, sendo desfrutado tanto através de roteiros que incentivam o movimento e o nomadismo no seu território – ou seja, através de fluxos – seja nos seus fixos, isto é, os atrativos ali presentes (HAAS, 2007, p. 25-26).

Nessa mesma linha, o turismo no espaço rural se sobressai e “os roteiros de Turismo como forma de fortalecimento das atividades praticadas no meio rural, tem sido muito incentivados” (HAAS, 2007, p. 26). A pesquisadora destaca que essa era a proposta turística da Rota Romântica, baseada no forte apelo étnico-cultural, prevendo o emprego de hábitos, costumes e tradições legadas da presença germânica na região, apoiada num imaginário romântico:

A Rota Romântica [...] é antes de tudo o imaginário da Rota Romântica. Embora o nome pouco tenha a ver com a homônima alemã, a uni-las se poderia destacar um imaginário romântico aliado ao campestre, às paisagens bucólicas, à vida do colono. A isto alia-se a *germanidade* presente na região, também esta devendo ser considerada não como algo *autêntico* em relação às raízes européias [sic], mas como a *aura* que, como um *cimento*, ata gastronomia, língua e outras expressões culturais (HAAS, 2007, p. 38).

Haas (2007) destaca a relevância do planejamento e da gestão compartilhada durante todo o processo turístico, especialmente o da criação da Rota Romântica. Ações de definição, implantação, organização do espaço, estabelecimento de normas e critérios devem preferencialmente ser realizadas de forma participativa, integrando órgãos governamentais, empresas privadas e comunidade.

Pode-se inferir a partir desses exemplos, a importância da participação de diferentes atores na formatação de uma rota ou roteiro turístico. Bahl e Nitsche destacam:

[...] os itinerários dependem de uma organização coletiva por parte dos responsáveis pela oferta turística local – iniciativa privada, poder público e sociedade civil organizada. Em muitos itinerários brasileiros, os empreendedores com o apoio de entidades parceiras (públicas, privadas e do terceiro setor) têm formado associações para a gestão dos itinerários de forma organizada (BAHL; NITSCHKE, 2012, p. 41).

Teixeira, Souza e Wandscheer (2012) aderem às mesmas opiniões de Bahl e Nitsche (2012), no que se refere à articulação entre iniciativa privada, poder público e sociedade civil. Eles destacam especialmente o papel das associações, presentes em todos os exemplos acima, e no Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano.

[...] as associações comunitárias, enquanto estratégia de organização da sociedade civil, na busca por satisfazer as necessidades e interesses, bem como legitimar as demandas sociais locais frente às políticas públicas, vêm ganhando crescente importância junto ao turismo no espaço rural, [...] No contexto específico do turismo, ressalta-se que, as organizações, sejam associações ou cooperativas, [...] que tem dentre seus objetivos o de cooperar para o fomento da atividade turística, a partir da articulação de diversos atores, internos e externos a comunidade, com interesses diferentes, mas convergentes ao produto turístico, podem constituir a base da produção de ideias e processos atuantes na condução do desenvolvimento da atividade turística na esfera local (TEIXEIRA; SOUZA; WANDSCHEER. 2012, p. 71-72).

Nagabe (2010) igualmente destaca o aspecto associativo dos membros integrantes das rotas ou roteiros. Ela destaca ainda outros aspectos bastante comuns aos roteiros turísticos no espaço rural brasileiro:

De modo geral, os roteiros turísticos rurais brasileiros oferecem como **atrativos os recursos naturais e/ou culturais agrícolas, formas de lazer e de entretenimento, e os alimentos produzidos no campo. São geralmente grupos de pequenos empreendimentos familiares, associados ou não, que oferecem day use e refeição**, ou antigas fazendas que preservam a memória rural por meio de bens materiais e imateriais, hospedando seus visitantes em antigas edificações repletas de história (NAGABE, 2010, p.18 – grifo meu).

Tal caracterização pode ser prontamente relacionada ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, onde os seis pontos de visitação oferecem a modalidade **day use**³², em que atrativos como recursos naturais e/ou culturais, lazer e entretenimento, refeições com alimentos produzidos no campo são oferecidos aos turistas.

Brambatti (2002a; 2002b) também faz uma relação entre roteiros turísticos, patrimônio histórico e turismo rural. O autor destaca que as pessoas buscam junto ao espaço rural a possibilidade de aliviar o stress gerado pela modernidade, pelos processos produtivos e pelo ritmo acelerado dos centros urbanos. Segundo Brambatti, os roteiros turísticos que buscam valorizar patrimônio histórico-cultural, seja material ou imaterial, afirmam-se como “instrumentos de resistência a padrões unificadores da globalização” (2002a, p. 8) consolidando-se como “a **prova histórica**, o **testemunho vivo** de uma identidade que se manifesta no espaço e no território geográfico, legitimando uma identidade regional, étnica,” (2002a, p. 8-9 –

³² A expressão *day use* é utilizada especialmente na hotelaria. Refere-se a uma tarifa especial, pela utilização de um quarto durante o dia, sem pernoite (MTUR, 2013). No caso dos roteiros turísticos, refere-se à utilização de produtos e serviços oferecidos, sem a utilização de serviços de hospedagem no decorrer do roteiro.

grifo do autor). Mas o autor alerta que tais especificidades não se afirmam ou referem-se ao velho, ao passado, mas ao novo que é “produto da criatividade reinventadora da tradição, como uma vantagem comparativa e competitiva no mundo moderno” (2002a, p. 9). Nesse sentido, expressões como “o sabor da culinária alemã” ou “pratos típicos da cozinha italiana” perdem significado quando referidas a locais que não sejam Alemanha e Itália, respectivamente por exemplo.

Por meio da valorização e preservação do patrimônio histórico cultural no espaço rural, o sentimento de pertencimento do grupo de pessoas tende a manifestar-se com mais afinco. É o que acontece, por exemplo, nos roteiros turísticos desenvolvidos na região turística da Serra Gaúcha, onde saberes e fazeres transmitidos ao longo das gerações são conservados e transformados em produtos da oferta turística local.

Os roteiros, enquanto ações concretas de re-invenção das tradições, são o espaço privilegiado para o desenvolvimento das ações comunitárias, de pertencimento, de organização associativa, de atividades criadoras, onde a ação coletiva adquire uma dimensão social que transcende o meramente econômico (BRAMBATTI, 2002a, p. 9).

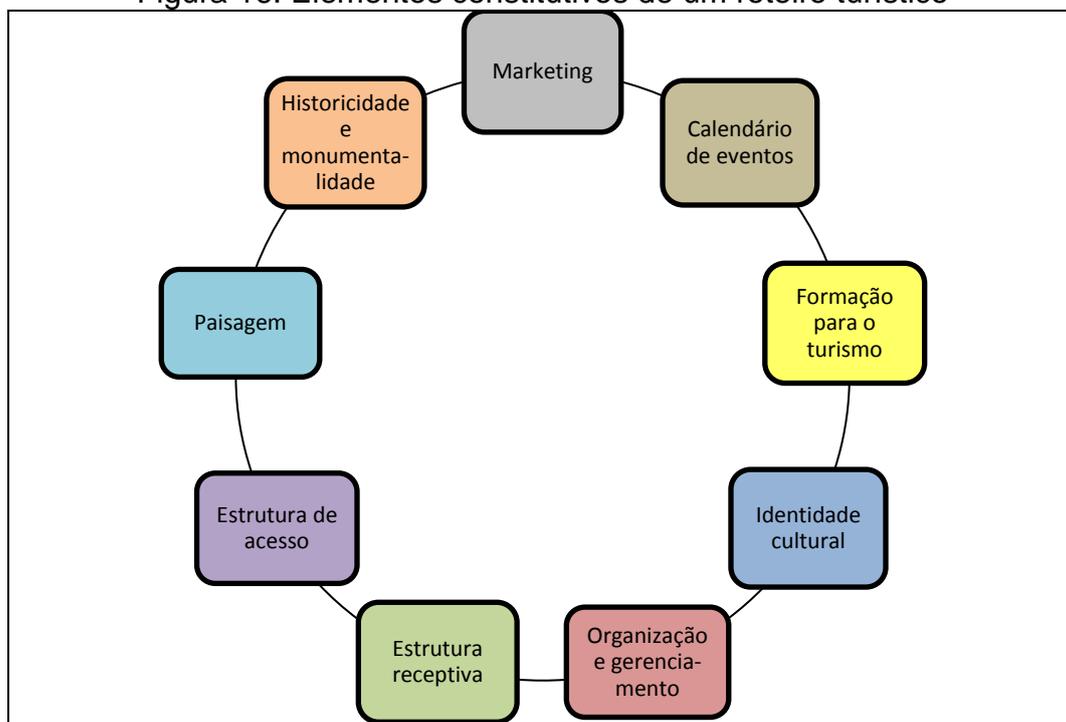
Brambatti define os roteiros de turismo como sendo “percursos, caminhos, rotas percorridas por turistas, com o objetivo de usufruir de um contexto, visto no seu conjunto, de forma organizada e atrativa” (2002a, p. 15-16). O autor também alerta para a necessidade e importância do planejamento, o qual contribui para a mudança de “prédios históricos ou paisagem natural em atrativos turísticos” (BRAMBATTI, 2002a, p. 16) e mais, o encadeamento de equipamentos turísticos ou não, formando-se assim a estrutura fundante não só do roteiro, como também do destino.

A paisagem que se funde com a arquitetura. Esta por sua vez abriga as atividades produtivas, dando lugar ao movimento e à dinâmica econômica. Tudo adquire cor e vida pela cultura, pelas marcas características das identidades locais, expressas na língua, na gastronomia, nos costumes, na forma de viver, de interagir, de estar no mundo e de se comunicar com os outros. O roteiro surge então como algo próprio do lugar. Algo que só acontece ali e que faz a vantagem comparativa frente aos outros produtos e atrações (BRAMBATTI, 2002a, p. 16).

A partir de Brambatti (2002a) e Zimmermann (1996) podem ser destacados alguns pontos acerca de roteiros turísticos e turismo no espaço rural. Brambatti elenca nove elementos constitutivos de um roteiro turístico:

- | | | |
|------------------------------------|--------------------------------|----------------------------|
| 1. Historicidade e monumentalidade | 4. Estrutura receptiva | 7. Formação para o turismo |
| 2. Paisagem | 5. Organização e gerenciamento | 8. Calendário de eventos |
| 3. Estrutura de acesso | 6. Identidade cultural | 9. Marketing |

Figura 16: Elementos constitutivos de um roteiro turístico



Fonte: Adaptado de Brambatti (2002a)

Zimmermann (1996) que adota a nomenclatura turismo rural, elenca princípios, características, insumos e fatores inerentes ao turismo no espaço rural. A tabela 5 busca reunir os elementos apresentados por Brambatti (2002a) e Zimmermann (1996).

Tabela 5: Destaques sobre roteiros e TER

		ZIMMERMANN		
		Princípios fundamentais do turismo rural	Características do turismo rural	Insumos e fatores
BRAMBATTI	Historicidade e monumentalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Preservação das raízes 		
	Paisagem	<ul style="list-style-type: none"> • Harmonia ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> • Conscientização ecológica 	<ul style="list-style-type: none"> • Paisagem • Clima
	Estrutura de acesso			<ul style="list-style-type: none"> • Acesso
	Estrutura receptiva			<ul style="list-style-type: none"> • Atividade produtiva • Lazer • Compras • Informações • Hospedagem
	Organização e gerenciamento	<ul style="list-style-type: none"> • Atendimento familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Oportunidade de novas fontes de renda • Diminuição do êxodo rural 	
	Identidade cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Identidade própria • Autenticidade • Divulgação dos costumes 	<ul style="list-style-type: none"> • Intercâmbio cultural 	<ul style="list-style-type: none"> • Gastronomia • Cultura
	Formação para o turismo		<ul style="list-style-type: none"> • Diversificação dos polos turísticos 	
	Calendário de eventos			
	Marketing			

Fonte: Adaptado de Brambatti (2002a) e Zimmermann (1996)

Esses elementos, princípios, características e insumos inerentes aos roteiros turísticos e ao turismo no espaço rural serão posteriormente utilizados nas análises do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, descrito a partir do próximo capítulo.

5 O CENÁRIO TURÍSTICO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

São Lourenço do Sul possui uma área total de 2.031 km², correspondendo a aproximadamente 0,8% da superfície total do estado. A figura 17 apresenta a localização geográfica de São Lourenço do Sul.



As atividades de agricultura e pecuária integram de longa data a economia do município de São Lourenço do Sul. A área de planície, próxima a Laguna dos Patos foi doada a militares que lutaram pela incorporação ao domínio português, da área até então pertencente à Espanha, onde organizaram estâncias destinadas à criação de gado e produção de charque. Posteriormente, quando houve um movimento para a criação de colônias agrícolas, liderado pelo então governo imperial, a região do planalto foi então ocupada e colonizada pelos imigrantes (HAMMES, 2010; SCHWARTZ, 2008). Das terras de São Lourenço do Sul, 95% pertencem a pequenos e médios produtores. Entre as atividades agropecuárias desenvolvidas em São Lourenço, merecem destaque a criação de suínos e bovinos, o cultivo de milho,

feijão, soja, arroz, batata, cebola, fumo, aspargo, pimenta, alho e amendoim e a produção de laticínios.

No que se refere a uma economia local, esses grupos configuraram aquilo que se denominou de região colonial, lugar de implantação de cultivos de frutas como pêsego, morango, bem como leguminosas e alguns cereais, produzidos em escala familiar. [...] O declínio da indústria colonial e a introdução de monoculturas, como a fumageira na década de 1970, foram elementos degradadores das condições de vida na zona rural, resultando em um crescente abandono das propriedades rurais e a migração para centros urbanos em busca de postos de trabalho (FERREIRA, 2012, p. 17).

No espaço rural, a inserção das atividades não agrícolas é uma maneira de estimular a permanência da população no espaço rural, bem como de oportunizar novas fontes de rendas a essas famílias. A prestação de bens e serviços por intermédio da atividade turística, seja no espaço rural ou no urbano, é um exemplo de alternativa econômica.

Nesse sentido, as primeiras ações com o objetivo de criar uma infraestrutura turística básica, no espaço urbano do município, foram realizadas a partir da segunda metade do século XX. O plano de urbanização previu o fornecimento de energia elétrica, além de obras de embelezamento nas praias, praças e no calçadão. Essas ações podem ser consideradas como as primeiras tentativas de estímulo à vinda de turistas e veranistas (COSTA, 2007).

Para o crescimento e desenvolvimento de destinos turísticos, sejam eles pequenas localidades, municípios ou regiões, o provimento de infraestrutura adequada, básica ou turística, é condição essencial para a qualidade dos produtos turísticos e dos serviços prestados. A realização de obras de acesso, sinalização turística, implantação de centros de informações turísticas são alguns exemplos de ações destinadas à melhoria da qualidade do produto turístico.

A infraestrutura básica e turística, acrescida dos atrativos turísticos compõe a oferta turística de cada local. Os atrativos turísticos, por sua vez “são considerados como elementos básicos para a determinação turística de uma localidade” (BAHL, 2004, p. 34) e podem ser classificados em naturais e culturais. Os atrativos turísticos naturais são aqueles que têm seus elementos sobrevivendo da natureza, enquanto que os atrativos culturais originam-se de manifestações humanas. Bahl (2004) considera os “conteúdos culturais” (p. 65)

constituídos a partir das manifestações provenientes dos indivíduos de uma localidade – costumes, crenças, gastronomia, vestimentas, manifestações artísticas e comportamentais, entre outras – como um ponto benéfico e diferenciado, frente às demais comunidades. O autor, contudo, ainda alerta:

[...] torna-se bastante utópico desejar que, com a contínua evolução tecnológica de meios de comunicação [...], as manifestações não se alterem ou se desvinculem das suas tradições originais, mas deve-se estimular que não se deixem desaparecer (BAHL, 2004, p.66).

Nesse sentido, cabe destacar a experiência vivida pelos índios Pataxós na Bahia, no sul da Bahia, onde tradições foram atualizadas e mantidas. Os índios pataxós, “sempre figuraram como uma atração casual nos passeios dos turistas” aponta Grunewald (2009, p.108), os quais dependiam praticamente dos rendimentos advindos da verba de artesanato aos turistas que vinham desfrutar do turismo histórico ou recreativo na região. Além das peças artesanais produzidas e vendidas pelos índios, eles também vendiam outros artigos o que acabou gerando uma imagem degenerativa dos índios pataxó. No entanto, ocorreu uma renovação cultural e a etnia pataxó foi fortalecida.

Os turistas parecem ter incentivado os Pataxós a revigorar seus patrimônios culturais, interessados em tradições que poderiam ainda existir por trás daquela “triste situação de aculturação”. Assim, nos passos do artesanato, outras tradições foram atualizadas pelos Pataxós como resultado do turismo, tais como nomes indígenas, língua, danças e música, pintura corporal e xamanismo (GRÜNEWALD, 2009, p. 109).

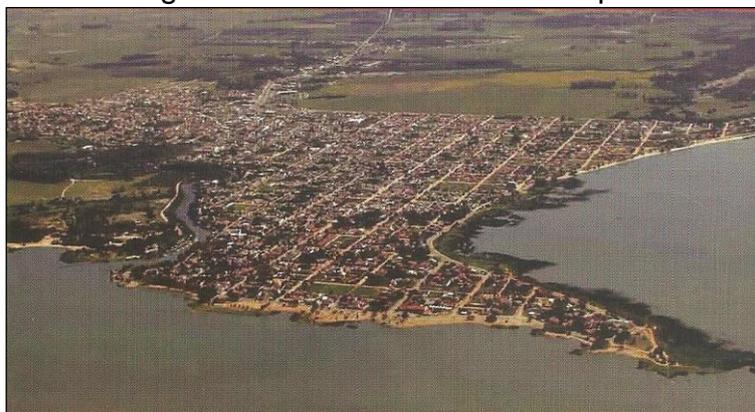
Assim como os índios pataxós, outros grupos étnicos apropriam-se da atividade turística e acima de tudo, “[...] se renovam objetivando a interação com o turismo” (GRÜNEWALD, 2003, p. 147). Tal fato é perceptível ao analisar a substituição do cavalo ornamentado com flores pela bicicleta cheia de fitas, durante uma das narrativas apresentadas no Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, do qual se tratará com mais afinco posteriormente.

Ao que se refere à oferta turística no município de São Lourenço do Sul, atualmente ela tem em sua composição atrativos e estrutura de serviços turísticos que contemplam especialmente dois segmentos: o de turismo de sol e praia e o turismo no espaço rural.

A segmentação turística apresenta-se como uma “estratégia para estruturação e comercialização de destinos e roteiros turísticos brasileiros” (MTUR, 2010b, p. 9), a qual pode ser estabelecida a partir da oferta, ou então da demanda. No caso da oferta, a segmentação turística possibilita distintas tipologias de turismo, as quais são estabelecidas a partir da existência de atividades, práticas e tradições, ou então por aspectos ou características do local, assim como também podem ser determinadas pelos serviços e/ou infraestrutura do local. No caso da segmentação baseada na demanda turística, a segmentação é definida a partir das especificidades dos grupos de turistas que já frequentam ou que poderão vir a frequentar determinado destino turístico (MTUR, 2010b). Cabe destacar que a segmentação turística é uma estratégia de *marketing* com vistas à comercialização dos produtos e à consolidação da imagem da localidade nos mercados que se deseja atingir.

A figura 18, utilizada no folder promocional da temporada de verão 2012, apresenta uma imagem aérea do município.

Figura 18: Vista aérea do município



Fonte: SETUR SLS (2012)

A tabela 6 apresenta o descritivo da oferta turística local (infraestrutura de apoio ao turismo, serviços e equipamentos turísticos e atrativos turísticos) de São Lourenço do Sul. Enquanto que a figura 19 apresenta a localização desses produtos e serviços.

Tabela 6: Oferta turística de São Lourenço do Sul

Produto/Serviço	Empresa
 <p>Hotéis e Pousadas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Hotel das Figueiras e DMC Pousadas 2. Plaza Center Hotel 3. Hotel Muralha 4. Hotel Vilela 5. Hotel Fazenda do Sobrado 6. Pousada Verde Água 7. Pousada Velho estaleiro 8. Pousada Sol Nascente 9. Pousada Bella Lua 10. Pousada da Figueira 11. Laguna Apart Hotel 12. Cabanas Recanto da Lagoa 13. Cabanas do Sul 14. Camping Municipal
 <p>Gastronomia</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tropicális Restaurante 2. Restaurante e Churrascaria Casa Nostra 3. Restaurante Terrasse Schulz 4. Restaurante Pinz 5. Resturante Lourenciano 6. Restaurante Mar Doce 7. Restaurante Novo Sabor 8. Restaurante Laguna 9. Bar e Restaurante Gamboa 10. Restaurante Fiscvher 11. Restaurante Bom Apetite 12. Cantina do Camping 13. Free Lanches 14. Kotto Lanches 15. Casa Velha Lanches 16. Pastelaria e Lancheria Kaffeemaschine 17. Comilão Lanches 18. Cia dos Lanches 19. Lancheria Bergmann 20. Pizzaria Art & Pizza 21. Mama Gisa Pizzaria 22. Pizzaria Kaningas 23. Pizzaria Bambinos 24. Lancheria e Sorveteria Tia Alice

		25. Sorveteria Dröse 26. Tropicális Sorveteria 27. Centro Público de Economia Solidária
	Museu	1. Museu Histórico Municipal
	Roteiros Turísticos e Passeios	1. Caminho Pomerano 2. Passeios de Barco 3. Fazenda do Sobrado

Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012)

O Roteiro Caminho Farroupilha inserido em duas regiões turísticas, Costa Doce e Pampa Gaúcho, não é mencionado neste material de divulgação do município³³. O referido roteiro aborda sobre a Revolução Farroupilha, e em São Lourenço do Sul é contada por intermédio dos passeios de barco na Laguna dos Patos, da visita à antiga casa de “Donana” e atual Fazenda do Sobrado (personalidade e propriedade descritas posteriormente).

Figura 19: Localização da oferta turística



Fonte: Setur São Lourenço do Sul (2012)

³³ A pesquisadora recebeu esse mapa em uma das visitas ao município de São Lourenço do Sul.

Todos os meios de hospedagem (hotéis, pousadas e camping) encontram-se na área urbana do município. A oferta de leitos atinge 1.300 leitos disponíveis. Outra particularidade do município é a locação de imóveis para a temporada de verão. O Camping Municipal, Ecocamping Internacional da Laguna dos Patos, tem capacidade para 1.200 barracas, *trailers* ou *motor homes*.

Complementam a oferta turística de São Lourenço do Sul equipamentos e serviços turísticos como: correios e telégrafos, posto telefônico, delegacia de polícia civil, posto da Brigada Militar, Polícia Rodoviária Estadual, corpo de bombeiros, hospitais (na área urbana e rural), posto de saúde, farmácias, agências bancárias, postos de combustível, transportadora turística, táxis (32 carros na área urbana e 16 na área rural), além do centro de informações turísticas.

5.1 TURISMO DE SOL E PRAIA

Durante o século XIX no Mar Mediterrâneo, os banhos de mar tinham caráter medicinal sendo indicados apenas para os adultos. No século XX, na Europa, os banhos de mar ganharam um aliado, o sol que passa a ser associado à saúde, ao entretenimento e à recreação. No Brasil, o turismo de praia tem início no Rio de Janeiro, expandindo-se posteriormente para o Sudeste e o Sul. A partir da década de 1970, a região Nordeste destaca-se como principal destino de turismo de sol e praia do país. Há ainda outras denominações para esse segmento, como por exemplo, turismo litorâneo ou turismo de praia, o qual para fins de formulação de políticas públicas “constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor” (MTUR, 2010a, p. 14).

São Lourenço do Sul possui cerca de cinco quilômetros de praias junto a Laguna dos Patos. As praias se caracterizam por possuírem águas rasas e calmas. A areia é branca e mais grossa, se comparada ao restante do litoral gaúcho. As praias ainda possuem uma particularidade: a presença de plátanos, figueiras e coqueiros ao longo da orla.

A Praia das Ondinas é frequentada especialmente por famílias com crianças pequenas. Está localizada próxima ao Largo de Eventos Laura Abreu, local onde se encontra uma cruz de ferro fundido com 12 metros de altura, marco da primeira missa realizada à beira da Laguna dos Patos.

A Praia de Nereidas tem sua paisagem constituída por coqueiros e pedras em sua orla. Essa praia é frequentada pelo público jovem, visto que há uma maior oferta de bares e restaurantes.

Figura 20: Praia da Barrinha, em São Lourenço do Sul



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

A Praia da Barrinha é a mais extensa, sendo visitada por turistas que procuram São Lourenço do Sul para um dia de praia. Figueiras centenárias garantem sombra para os turistas.

Ao longo de toda orla há um calçadão para caminhadas e passeios de bicicleta. Alguns pontos do calçadão já possuem iluminação para passeios à noite.

Figura 21: Calçadão ao longo da orla



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

O Arroio São Lourenço com cerca de 34 km de extensão, dos quais 300 metros são navegáveis (BRASIL CHANNEL, 2012) cruza a área urbana do município e realiza contornos sinuosos ao longo de seu percurso. Em suas margens encontram-se estaleiros destinados à construção de barcos de pesca artesanal e também de lazer. Neste local são oferecidos aos turistas passeios de barco.

Figura 22: Foz do Arroio São Lourenço na Laguna dos Patos



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Em 09 de março de 2011, uma enchente atingiu as zonas urbana e rural de São Lourenço do Sul. Na zona urbana, a água alcançou 3 metros de altura depois do transbordamento do arroio São Lourenço, que corta o município. Além de arrancar árvores, a força das águas fez com que barcos fossem lançados contra as residências, ou então tivessem seus cascos danificados provocando naufrágios, além de desabrigar pelo menos 15 mil pessoas. A água também provocou danos em empresas, estabelecimentos comerciais, indústrias e estaleiros, afetando a economia do município:

O impacto financeiro causado pela enxurrada também é composto de cifras perdidas nas lavouras de arroz, em estabelecimentos de ensino, na rede hoteleira, no camping municipal, em unidades de saúde e na infra-estrutura [sic], como vias, pontilhões, pontes e estradas (PORTAL R7, 2011).

A orla ficou totalmente destruída. Árvores, eletrodomésticos, móveis e até animais, mesmo de grande porte como cavalos, foram levados pela força das águas até a Laguna dos Patos. Ainda hoje é possível encontrar restos de entulhos (tijolos, azulejos e afins) nas águas da Laguna dos Patos.

Figura 23: Orla (Praia da Barrinha) destruída após enchente de 2011



Fonte: Magda M. Spindler (2011)

Na margem direita do Arroio São Lourenço encontra-se o Ecocamping Internacional da Laguna dos Patos com área de 8,5 hectares. O local é arborizado e possui uma orla de aproximadamente 500 metros de praia à beira

da Laguna dos Patos. Sua infraestrutura conta com quadras de esportes, churrasqueiras coletivas, iluminação, lavanderias e banheiros com chuveiros (BRASIL CHANNEL, 2012).

O segmento de Sol e Praia é o que proporciona maior movimentação de turistas em São Lourenço do Sul, “a população transeunte no verão chega a ser entre novembro e março, quase 100 mil pessoas que passam pelo município” (Sujeito 12).

Apesar do sucesso deste segmento, o Sujeito 12 segue explicando que “nós estávamos muito focados no segmento sol e praia, ou seja, no período de dezembro, final de novembro até início de março, nossa economia do turismo vai muito bem, obrigada!”. A preocupação em estender a permanência, ou incentivar o retorno dos turistas durante outro período, ao longo do ano, possibilitou o estabelecimento do segundo segmento turístico em São Lourenço do Sul, o turismo no espaço rural.

5.2 TURISMO NO ESPAÇO RURAL

A atividade turística no espaço rural de São Lourenço do Sul se deu no início na década de 1990. Como mencionado anteriormente, a inclusão de outras atividades laborais junto ao espaço rural tornaram-se imprescindíveis, no sentido de possibilitar a própria diversificação, bem como propiciar novas fontes de rendas. A inserção de atividades não agrícolas e a consequente complementaridade de rendimentos não são imperativas apenas no Brasil:

El turismo rural aparece como una actividad económica complementaria a la agricultura, lo que permite al/la pequeño/a productor/a, unidad productiva, diversificar y ampliar su fuente de ingresos y, por lo tanto, disminuir su dependencia del monocultivo (MENDOZA, HERNÁNDEZ e VILLARREAL, 2009, p. 9)³⁴.

As duas experiências que antecederam o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, assim como o próprio roteiro (universo empírico dessa pesquisa), também consideraram a diversificação de atividades e rendas para sua inserção nas atividades turísticas. Essas duas experiências merecem ser

³⁴ “O turismo rural surge como uma atividade econômica complementar a agricultura, o que permiti que ao(a) pequeno(a) produtor(a), a unidade produtiva diversificar e ampliar sua fonte de renda e, portanto, reduzir sua dependência na monocultura” (Tradução minha).

relatadas. Outro aspecto relevante, e comum aos três roteiros, é a valorização do patrimônio material ou imaterial, seja ele herança da presença de portugueses, alemã-pomerana, afro ou indígena. Ferreira destaca a oportunidade da ascendência de um novo segmento turístico em São Lourenço do Sul, por intermédio desse legado:

A motivação patrimonial parece ser um importante motor que impulsiona a economia local através do incentivo a um turismo dito cultural e rural, abrindo postos de trabalho numa cidade cujo ingresso de turistas era basicamente regido pela sazonalidade, ou seja, o uso da praia lacustre, esportes náuticos e navegação amadora nos meses de verão (FERREIRA, 2012, p. 23).

A primeira experiência turística no espaço rural foi a Fazenda do Sobrado, situada no distrito sede de São Lourenço do Sul, distante cerca de um quilômetro da área central do município. A propriedade, com extensão de 300 hectares pertence desde 1965 à família Serpa e limita-se com a orla da Laguna dos Patos, situação que possibilita uma praia particular com 3 km de extensão. O acesso à propriedade se dá por via terrestre ou lacustre (FUCKS, 2005; PMSLS, 2012c).

O Sobrado (Figura 24) é um prédio constituído por dois pavimentos e é a sede da propriedade o mesmo foi construído por escravos no final do século XVIII (FUCKS, 2005). A edificação possui valor histórico-cultural, que se expressa, sobretudo na sua arquitetura em estilo colonial português, comum nas regiões Central e Litoral do estado do Rio Grande do Sul (FUCKS e ALMEIDA, 2002).

A história da Fazenda do Sobrado inicia-se com o capitão Joaquim Gonçalves da Silva, o primeiro dono das terras onde hoje se localiza a Fazenda do Sobrado. Joaquim Gonçalves da Silva era natural de Santa Marina do Real, Portugal, e casado com Perpétua da Costa Meireles. O casal teve vários filhos, entre os quais o General Bento Gonçalves e Anna Joaquina Gonçalves da Silva, ou “Donana”³⁵ (FUCKS, 2005).

³⁵ “Donana” casou-se com José da Costa Santos, considerado o fundador da Vila do Boqueirão. A filha caçula do casal, Perpétua da Silva dos Santos casou-se em 1831 com Francisco dos Santos Abreu e o jovem casal permaneceu residindo no sobrado, juntamente com seus doze filhos. Uma das filhas do casal, Ana Joaquina dos Santos Abreu casou-se com seu primo, o Coronel José Antonio de Oliveira Guimarães, que juntamente com Jacob Rheingantz são considerados os fundadores da Colônia de São Lourenço em 1884.

Em suas dependências, os comandantes da Revolução Farroupilha (1835-1845) reuniam-se para deliberarem sobre os rumos da guerra na região do litoral:

Foi por intermédio de Joaquim José Inácio que a Fazenda do Sobrado proporcionou apoio logístico aos farrapos (escravos, cavalos, gado, construção e reparo de barcaças e lanchões). Nesse mesmo período, ela também foi utilizada como quartel-general por Bento Gonçalves e seus comandados, além de ter prestado auxílio e abrigo a Giuseppe Garibaldi que ali se resguardava da Armada Imperial (FUCKS, 2005, p. 88).

Outro diferencial da Fazenda era o lampião que “Donana” mantinha aceso todas as noites, facilitando a orientação daqueles que navegavam entre Pelotas e Porto Alegre (PMSLS, 2012). Para Fucks (2005), o produto turístico da Fazenda do Sobrado consolidou-se com o passar dos anos, a partir do convertimento do patrimônio arquitetônico em atrativo. A autora sinaliza alguns motivadores para isso: a sobreposição de ações e vivências do passado e do presente; as histórias de vida dos seus moradores sejam eles colonizadores, estancieiros, farroupilhas, ou ainda, da atual família empreendedora.

Figura 24: Fazenda do Sobrado



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

De acordo com Costa (2007), a Fazenda do Sobrado é considerada a primeira iniciativa de turismo no espaço rural do município de São Lourenço do Sul. Os proprietários, com o objetivo de complementar os rendimentos,

advindos basicamente das atividades agrícolas, deram começo às atividades não agrícolas, ou seja, ao turismo, em outubro de 1994.

Com isso, a renda que vinha sendo gerada na propriedade – proveniente basicamente da comercialização da produção de arroz e soja, da criação de equinos [...] – sofreu um sensível acréscimo em função do valor agregado a esses produtos que, então, passaram a ser consumidos pelos turistas no próprio local. Além disso, a renda familiar passou a ser acrescida da renda não agrícola obtida com a prestação de serviços turísticos como recepção, hospedagem, alimentação e lazer (FUCKS, 2005, p. 114).

Conforme explica Fucks (2005), a concepção da ideia de implantação da atividade turística na Fazenda do Sobrado partiu da própria Família Serpa, a partir do relato de uma pessoa conhecida, que havia viajado para a Europa, e que conheceu o turismo rural europeu. Atualmente, a Fazenda do Sobrado, oferece serviços de hospedagem e alimentação, além do convívio com lidas campeiras, passeios a cavalo e pôneis, trilhas, passeios e pescaria na Laguna dos Patos. No local é possível ainda realizar eventos.

A segunda iniciativa refere-se ao **Loescher Kaffeehaus**, instalado junto ao prédio do Moinho Loescher, situado na localidade de Picada das Antas.

Costa (2007) explica que as terras do Moinho Loescher foram adquiridas pela família Loescher em 1882, no local encontrava-se um córrego e um moinho construído em 1876 por outro imigrante. Junto a essas instalações, a família Loescher construiu atrás do moinho, a sua residência. Tanto o moinho quanto a represa foram constantemente ampliados pelos descendentes dos Loescher. No ano de 1953 foi construído um novo prédio, com estrutura de concreto e cinco andares. A área de abrangência do moinho atingia não apenas o município de São Lourenço do Sul, mas também os municípios vizinhos de Pelotas e Canguçu. O moinho comportava duas unidades conjugadas de produção: uma de trigo e outra de milho, as quais encerraram suas atividades em 1967 e 1975, respectivamente.

Situado na Picada das Antas, além da Coxilha do Barão [...] o moinho que possui uma grande roda que gira pela força gravitacional da água canalizada de um pequeno córrego da região, restaurada no ano de 1997, mantém em seu interior engrenagens enormes feitas de madeira e datadas do início do século 20 (HAMMES, 2010, p. 103).

Ao que se referem às atividades turísticas nessa propriedade, o Loescher *Kaffeehaus* teve início no ano de 1998, com atendimento aos turistas nos finais de semana, sendo oferecidos refeições, almoço e café colonial, além de trilhas ecológicas. A estrutura física, o valor histórico e arquitetônico do moinho tornou-se atrativos do local. O empreendimento chegou a receber cerca de 200 pessoas por dia, conforme registros do livro de visitantes, no entanto após três anos de funcionamento, em virtude da oscilação no número de turistas e das dificuldades frente ao preparo das refeições, gerando ora lucro ora prejuízo, encerrou suas atividades em 2001.

Figura 25: Moinho Loescher



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Em 2005, a propriedade foi integrada ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano³⁶, onde ofertava os mesmo atrativos do período inicial da atividade turística, exceto as refeições (COSTA, 2007).

A terceira experiência lourenciana de turismo no espaço rural refere-se ao **Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano**, para o qual será dedicada uma secção especial.

³⁶ Já na primeira visita ao roteiro realizada no mês de junho de 2011, tal empreendimento não constava mais no folder promocional do roteiro, nem mesmo como ponto de observação.

5.3 ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO

As primeiras tratativas para a criação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano iniciaram-se no ano de 2005, sendo desenvolvido e aperfeiçoado durante o ano de 2006 e oficialmente lançado para a comunidade e *trade* turístico lourenciano em janeiro de 2007. A iniciativa de implantação partiu do poder público municipal, sendo viabilizada pela Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio (COSTA, 2007).

Além de contemplar o ambiente rural, este roteiro é também cultural e possibilita o benefício das famílias envolvidas com a geração de emprego e renda, além de proporcionar ao turista mais uma oportunidade de visitar São Lourenço do Sul. Dessa forma a cidade busca se tornar atrativa o ano todo, e não apenas no verão com a oferta de sol e praia (SANTOS, N.; KLUMB, G., 2008, p. 6-7).

A necessidade de complementação da oferta turística de São Lourenço do Sul tornou-se iminente.

[...] o município que quer se consolidar turisticamente, ele tem que criar outras alternativas e outros roteiros. Então criamos junto com o SEBRAE a elaboração de um roteiro de turismo rural, denominado Caminho Pomerano, e com isso se iniciou todo um trabalho junto aos agricultores, para abrirem suas propriedades, mostrar as suas potencialidades, ou seja, se você produz a cuca, por que você não pode transformar essa cuca num produto turístico e que esse produto turístico possa lhe trazer rendimentos, assim como quem planta frutas da época também, como a *schimier*, o ganso enfim, uma série de atividades. Então na verdade nosso trabalho foi nesse primeiro momento provocá-los, além de provocar, também criar todas as condições (Sujeito 12)³⁷.

Para possibilitar a formatação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano foi constituída no dia 06 de outubro de 2005 a Associação Caminho dos Pomeranos, entre seus trinta e nove membros fundadores estão pessoas físicas e jurídicas. Além de proporcionar atividades educativas, artísticas e culturais aos seus associados, compete à Associação Caminho dos Pomeranos criar alternativas de turismo (ASSOCIAÇÃO CAMINHO DOS POMERANOS, 2005). Assim como Teixeira, Souza e Wandscheer (2012) e

³⁷ Com a intenção de preservar a identidade dos membros que compõem a rede de contatos optou-se pela utilização do termo “Sujeito” acrescido de um numeral, conforme ordem de entrevistas. Por vezes, utiliza-se o termo “Proprietário (a)” quando os entrevistados tratam de suas propriedades.

Bahl e Nitsche (2012), Mendoza, Hernández e Villarreal (2009) também ponderam sobre a importância das cooperativas ou associações no que se refere à dinamização e democratização da economia do local:

El turismo rural asigna valor a los recursos locales, es decir los activos que se encuentran en manos de pequeña/os productora/es, en su mayoría en áreas ejidales organizados en cooperativas o asociaciones comunales. Esa posibilidad de ofertar un servicio turístico al mercado partiendo de las potencialidades endógenas, entendiéndose lo que poseen las cooperativas y municipios, es lo que permite dinamizar la economía local, en la medida en que el turismo rural y comunitario se convierta en el sector que logre la redistribución de ingresos y beneficios generados entre la mayor cantidad de actores económicos locales, democratizando de esta manera su economía, siendo éste un mecanismo de inclusión y diversificación de actores de la economía local que funciona como eje generador del desarrollo (MENDOZA, HERNÁNDEZ e VILLARREAL, 2009, p.11)³⁸.

A Associação Caminho dos Pomeranos conta atualmente com cerca de 60 associados, no entanto, o Sujeito 9 que é membro fundador da Associação indica um número menor de associados atuantes. O Sujeito 2 reforça o reduzido número de associados ativos: “no início foram 56 associados, mas que estão ativos são uns vinte e pouco, ativos, ativos mesmo!”. Sobre a constituição da Associação Caminho dos Pomeranos e do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, o Sujeito 2 que participa desde o princípio, “eu sou sócia fundadora e logo entrei na diretoria, então foi fundada em 2006 até hoje eu estou na diretoria”, relata como ocorreu o processo:

[...] começamos com reuniões onde se trabalhou a Associação Caminho dos Pomeranos. [...] primeiro tivemos um cursinho rural, aí surgiu de fazer a rota turística rural, e aí a gente fez várias reuniões, onde a gente chegou nesse ponto né... E porque Caminho Pomerano? Que foi onde os alemães vieram, os pomeranos vieram fugidos da Alemanha né e vieram pela água, com navio desembarcaram aqui em São Lourenço e o trecho deles vieram de São Lourenço chegaram aqui em Boqueirão, sempre dizem que aqui eles foram bem acolhidos, e daqui eles foram para a Coxilha do Barão, onde eles começaram a desbravar matas e começaram a

³⁸ O turismo rural atribui valor aos recursos locais, é dizer que os ativos se encontram nas mãos de pequenos(as) produtores(as), em sua maioria em áreas organizados em cooperativas ou associações comunitárias. Essa possibilidade de oferta de um mercado de serviços de turismo baseado no potencial endógeno, entender o que possuem as cooperativas e municípios, é o que permite dinamizar a economia local, na medida em que o setor do turismo rural e comunitário torna-se o setor que alcança redistribuição de renda e benefícios gerados entre a maior quantidade de atores econômicos locais, democratizando desta maneira a economia, sendo este um mecanismo de inclusão e diversificação dos atores da economia local, que funciona como eixo gerador de desenvolvimento (Tradução minha).

agricultura deles para sobreviver porque eles vieram sem nada né...
(Sujeito 2)

Em relação à implantação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, o Sujeito 14, igualmente membro fundador, conta que projeto Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves (RS), foi uma das inspirações para o roteiro turístico de São Lourenço do Sul. Silva e Almeida (2002) já o destacaram como parâmetro para outras experiências turísticas no espaço rural.

[...] e eu coloquei como exemplo os Caminhos de Pedra, porque eu vi os Caminhos de Pedra nascer também. [...] E aí quando o Zé Nunes quando venceu me chamou, vamos fazer o Caminho de Pedras com os nossos colonos? Ué, tô pronta! Eu vou implantar isso na nossa colônia. Montamos dia 16 de janeiro, ele entrou dia primeiro, dia 16 de janeiro nós estávamos nos Caminhos de Pedra com 48 pessoas, famílias da colônia, 48 pessoas da colônia. Ele ficou enlouquecido, fomos até o Salvati lá, visitamos todas as cantinas, todas as casas, tudo. Quando ele chegou ele disse, nós vamos implantar isso, tá chegando um secretário de turismo que vai te dar toda a força, o cara é ma-ra-vi-lho-so, Zelmute Oliveira, ele veio de Pelotas prá cá [...] e montou com a gente o Caminho Pomerano. Se trouxe SEBRAE, se trouxe o Programa 5S prá fazer com os nossos colonos, os nossos empreendedores, tudo que tu pode imaginar de cursos ele proporcionou a todos nós. [...] se montou desde como receber o turista, como arrumar a propriedade, o que oferecer, o que cada um ia oferecer, se montou a Associação [Caminho dos Pomeranos] e aí a agência começou a vender o Caminho Pomerano. Nós fizemos nosso papel vendendo e guiando, assim que começou (Sujeito 14).

A Associação Caminho dos Pomeranos congrega não apenas as propriedades que recebem turistas. Os produtos produzidos pelas demais propriedades são comercializados na feira do produtor rural (realizada na área urbana de São Lourenço do Sul), em eventos como *Südoctoberfest*³⁹, Reponte da Canção, Expointer entre outros⁴⁰ ou ainda junto aos seis pontos de visitação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. A família do Sujeito 9, associados à Associação Caminho dos Pomeranos cultivam frutas, verduras e legumes destinados à merenda escolar local, além de possuírem uma pequena agroindústria. O Sujeito 2 explica como funciona o processo:

³⁹ A palavra *Südoctoberfest* significa Festa de Outubro do Sul. Em 2013, a festa acontecerá nos dias 11, 12 e 13 de Outubro junto ao Camping Municipal de São Lourenço, próximo ao Arroio São Lourenço e a Laguna dos Patos.

⁴⁰ A *Südoctoberfest* e Reponte da Canção são eventos locais de São Lourenço do Sul, enquanto que a Expointer é considerada a maior feira de exposição de animais da América Latina, realizada na região metropolitana de Porto Alegre, RS.

[...] eles vendem quando tem eventos, como a das flores, eles vendem quando tem evento, porque não está dentro do trajeto do roteiro, eles ficam afastados né?! [...] Como a Mirian, ela mora no Prado Novo e ela tem o suco lá no Carlinhos. E quando têm eventos a gente vai, junta aí [os produtos dos demais associados] [...] cada entidade tem seu espaço, nós do Caminho, nós temos o artesanato e a agroindústria, então são dois espaços que nós ganhamos, um para agroindústria outro para artesanato (Sujeito 2).

Contudo, de acordo com Costa (2007) um dos desígnios da Associação Caminho dos Pomeranos é a criação de alternativas de turismo sustentável. Entre os objetivos do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, destaca-se a valorização da zona rural; a diversificação da matriz produtiva local; a geração de outras fontes de emprego e renda aos moradores do espaço rural; a elevação do desenvolvimento econômico municipal por meio da exportação de produtos oriundos da colônia; e a valorização de aspectos históricos e culturais da imigração pomerana que se instalou na Serra dos Tapes.

Em relação ao último objetivo elencado é possível perceber na fala de um dos associados que passados cerca de seis anos desde a constituição da Associação e conseqüentemente do roteiro, já ocorre uma maior valorização da cultura pomerana.

Muita gente até pouco tempo tinha vergonha de ser pomerano, de falar o pomerano né... Então esse resgate começou desde que o prefeito atual viu que né, a ideia dele sempre foi de resgatar essa história. Começou ai que a coisa começou a mudar, que se foi procurar, então primeiro era uma coisa assim, era feio, então tem muita gente ainda tá nesse... Hoje se tá trabalhando mais, de manter a história viva, porque esse dialeto não existe mais, então o pessoal da Alemanha mesmo vem prá cá para conseguir resgatar essa história (Sujeito 9).

Ferreira destaca que os imigrantes pomeranos e seus descendentes “eram considerados cidadãos de segunda categoria até a ‘descoberta’ do patrimônio pomerano” (2012, p. 21). A autora também destaca os relatos de humilhações sofridos pelos pomeranos frente a outros grupos vindos da Alemanha como os da região da Renania. A transição do sentimento de vergonha para orgulho foi uma consequência da Associação Caminho dos

Pomeranos e do roteiro. Teixeira, Michelin e Dall'agnon destacam que tal vivência é comum a outros roteiros, quando da interação com o outro.

Através do turismo a identidade de uma comunidade pode ser valorizada, pois a relação com o outro evidencia as diferenças culturais fazendo com que ambos passem a valorizar mais a sua própria identidade por meio das diferenças percebidas nas relações entre visitantes e visitados (TEIXEIRA, MICHELIN, DALL'AGNON, 2008, p. 4).

Ao longo de sua história, o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano não teve excessivas movimentações de entradas e saídas em relação às propriedades. No ano de 2006 integravam o roteiro as propriedades Casa das Cucas Pomeranas, Família Klasen, Família Loescher, Família Radtke e Inez Klug. Em 2007, a propriedade Flajoke Arte e História passou a integrar o roteiro. Em 2009, a propriedade Casa da Schimier ingressou. No ano seguinte, em 2010, duas propriedades deixaram de receber turistas, Família Loescher e Família Radtke. E em 2011, a propriedade Heiden Haus passou a fazer parte do roteiro. A tabela 7 apresenta tal movimentação.

Tabela 7: Histórico das atividades turísticas nas propriedades

Propriedade	Início das atividades turísticas	Término das atividades turísticas
Casa das Cucas Pomeranas	2006	Em atividade
Casa das Schimiers	2009	Em atividade
Família Klasen	2006	Em atividade
Família Loescher	2006	2010
Família Radtke	2006	2010
Flajoke Arte e Cultura	2007	Em atividade
Heiden Haus	2011	Em atividade
Inês Klug	2006	Em atividade

Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012)

A saída dessas propriedades foi motivada por problemas familiares:

[...] A grande maioria das pessoas que residem no interior, já são de uma idade um pouco avançada [...] e quando se trabalha num empreendimento, se requer, se exige na verdade uma atenção maior a este empreendimento e exige das pessoas enfim, uma atenção maior e os dois empreendimentos que fecharam que foi o Seu Radtke e foi o Loescher, o Loescher por problemas familiares lá entre eles

que não conseguiram [...] e o seu Radkte e a dona Frida foi falta de pernas mesmo pra tocar o empreendimento, eles não poderiam abandonar sua atividade que eles têm há anos e não estavam conseguindo, eles por conta própria dar continuidade ao empreendimento e ao mesmo tempo eles não quiseram investir na contratação de pessoas, por isso eles acabaram optando em sair do roteiro (Sujeito 12).

Na propriedade da Família Radtke eram oferecidas refeições e visitas guiadas à propriedade. Eram também cultivados na propriedade, alimentos agros ecológicos que abasteciam a feira semanal no centro de São Lourenço do Sul (COSTA, 2007; PINHEIRO, 2010).

Ainda é possível encontrar na sinalização turística do roteiro referências a essas duas propriedades, como por exemplo, a Família Loescher, proprietária do Loescher *Kaffeehaus*.

Figura 26: Sinalização turística



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A figura 27 apresenta a configuração inicial do roteiro em 2006. O Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano é atualmente composto por quinze pontos ou atrativos turísticos⁴¹. Beni define os atrativos turísticos como “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los” (BENI, 2007, p. 331).

⁴¹ Os nomes foram transcritos da mesma forma como estão nas placas indicativas nas propriedades, ou no caso de não haver sinalização, conforme indicação dos proprietários.

Figura 27: Configuração inicial do roteiro



Fonte: Associação Caminho dos Pomeranos (2011).

Optou-se em realizar uma divisão quanto aos atrativos turísticos do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano: atrativos com e sem presença de animação turística, pontos colaborativos e pontos opcionais. A animação turística apresenta-se como uma maneira de entretenimento e otimização do tempo livre de modo descontraído, criativo e alegre durante as viagens. Sobre a animação turística, Torres (2004, p. 3) explica tratar-se da “promoção de atividades com o intuito de humanizar as viagens, tornando ativa a participação do visitante, deixando de ser um mero espectador e sim parte atuante de todo o processo”.

Cavaco explica que em Portugal a animação turística no espaço rural desenvolve-se tendo por base recursos locais de caráter cultural (patrimônio cultural material e imaterial). Além de cooperarem para o desenvolvimento turístico de uma determinada região, as atividades de animação turística contribuem para a diversificação da oferta turística:

Face a um concorrente de peso constituído pelo duo sol/mar, o espaço rural afirma-se, cada vez, mais um destino de férias, privilegiando-se as noções de proximidade, natureza, descanso, que se conjugam com actividades culturais, desportivas, lúdicas (CAVACO, 2005, p. 2).

Como já tratado anteriormente, São Lourenço do Sul já fomenta o segmento de sol e praia há bastante tempo, com a efetivação de obras de embelezamento da orla, por exemplo, ainda durante a década de 1950.

Somente quarenta anos depois ao longo da década de 1990 é que surgem as atividades de turismo no espaço rural, tendo o patrimônio material como grande atrativo, uma vez que tanto a Fazenda do Sobrado, quanto o Moinho Loescher possuem valor histórico, cultural, econômico e político para o município e região.

No que se refere ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, além de sua inserção num ambiente rural, são realizadas distintas atividades ao longo do percurso: narrativas históricas, apreciação de acervos particulares, relatos sobre modos de preparo de pratos locais, degustações, contatos com animais entre outras atividades.

A tabela 8 apresenta os atrativos turísticos ofertados pelo Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano.

Tabela 8: Modalidade de inserção no Roteiro Caminho Pomerano

Atrativo turístico	Classificação
Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História	Atrativo turístico com animação
Casa das Cucas Pomeranas	
Casa das Schimier	
Família Klassen – Queijaria e Artesanato em flores secas	
Heiden Haus	
Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia	
Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão	Atrativo turístico sem animação
Casa do Colono	
Casa Leitzke	
Monumentos comemorativos	
Vinícola Weingartner – Maischnaps	Ponto colaborativo
Agroindústria da Fazenda	Pontos opcionais
Agroindústria Figueira do Prado	
Coopar	
Silvia Chocolates Artesanais	

Fonte: Criado pela autora (2012)

Os atrativos turísticos sem animação – Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, Casa do Colono, Monumentos comemorativos e Casa Leitzke – podem ser classificados como atrativos histórico-culturais (BENI, 2007).

Esses quinze pontos ou atrativos turísticos geraram uma nova configuração do roteiro, como pode ser observado na figura 28.

Figura 28: Configuração atual do roteiro



Fonte: Associação Caminho dos Pomeranos (2012).

No que se refere à localização das propriedades, pode-se observar nas figuras 27 e 28 representativas do roteiro, que apenas a propriedade Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História localiza-se a leste da rodovia BR 116. Todos os demais pontos e atrativos turísticos do roteiro estão a oeste da rodovia federal, sendo que três deles às margens da RS 265, que por muitos anos foi a única estrada que interligava a colônia e o porto de São Lourenço. Cabe destacar ainda, que na direção leste, a 4,8 Km do trevo, situa-se o Centro de Informações Turísticas, o qual realiza atendimento apenas no período de verão.

A tabela 9 apresenta as distâncias entre o trevo (BR 116 / RS 265) e os atrativos do roteiro.

Tabela 9: Distâncias entre o trevo (BR 116 / RS 265) e atrativos

Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História	2,1 Km
Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão	6,5 Km
Casa das Cucas Pomeranas	6,6 Km
Casa da Schimier	9,6 Km
Família Klassen – Queijaria e Artesanato em flores secas	11,9 Km
Heiden Haus	15,3 Km

Vinícola Weingartner – Maischnaps	18 Km
Casa de Jacob Rheigantz e Monumentos	20,8 Km
Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia	21 Km
Casa Leitzke	23,3 Km
Moinho Loescher	26,7 Km

Fonte: Pesquisa de campo (2012)

Para a descrição dos atrativos seguir-se-á a ordem proposta pelo mapa do roteiro, contudo cabe destacar que não existe uma sequência única de visitação ao roteiro, inclusive, as agências de turismo por vezes selecionam apenas alguns pontos para visitação, dependendo do tempo, motivação, ou até mesmo do perfil do grupo.

5.3.1 Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História

A propriedade **Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História** situa-se na localidade de Banhado Grande, às margens da RS 265, rodovia estadual que possibilita o acesso à área urbana do município de São Lourenço do Sul.

O proprietário é casado, possui duas filhas e todos residem na propriedade. Ele é aposentado e possui formação superior em Administração. A família não possui ascendência pomerana, seus ascendentes vieram da região de *Sponheim*, no estado da Renânia-Palatinado, Alemanha.

Figura 29: Propriedade Flajoke Arte e Cultura



Fonte: Magda M. Spindler (2011)

A propriedade possui extensão de 0,7 hectares, encontra-se há duas gerações na família e neste período nunca foi dividida. Não é exercida nenhuma atividade agrícola (agricultura ou pecuária).

A atividade turística, exemplo de atividades não agrícolas, foi inserida na propriedade a partir de 2007. A iniciativa partiu do proprietário e de sua esposa, motivados pela necessidade de agregar valores aos rendimentos da família. O proprietário conta como se deu esse processo de inserção:

Fomos nós! [...] Na realidade a gente estava só no artesanato, mas artesanato, turismo, turismo rural acaba tudo vinculado [...]. Fomos fazer um curso de turismo rural, só isso. Nem sei como a gente entrou no curso. [...] nós fomos fazer o curso, [...] e aí desse curso do grupo que surgiu nesse curso, que basicamente são esses empreendedores que estão hoje aí surgiu a ideia de fazer a associação e a prefeitura sempre fomentando [...] então é isso, do artesanato para o turismo rural foi esse pulo assim. E como eu sou falante prá caramba, no curso as pessoas começaram a me olhar como... bom fui eleito, fui aclamado presidente, e aí comecei a me envolver... (Proprietário).

Mesmo inserida no espaço rural, a propriedade não possui (e nem possuía) produção agropecuária, o que causava desconforto ao proprietário: “eu ia me sentir muito mal pegar e mostrar um galpão, eu não tenho cavalo, eu não tenho vaca né...” (Proprietário), contudo, com o passar do tempo, ele encontrou uma maneira para sacramentar sua inserção no roteiro:

[...] não precisa ser colono para fazer parte, eu posso também criar outra situação, foi quando entrou a Noiva de Preto e o Convidador que acabou ficando as duas figuras, a logomarca já foi feita em cima do Convidador, pronto a gente já tinha um motivo para ter um empreendimento. [...] agora eu estou fazendo a parte cultural, daí Flajoke Arte e Cultura, arte por causa do nosso artesanato e cultura em função do resgate da cultura do Caminho Pomerano (Proprietário).

A visitação nessa propriedade acontece no galpão, localizado ao lado da residência da família. No entorno do galpão, há um gramado com árvores e canteiros com flores. Um fogão à lenha, instalado no interior do galpão é acesso nos dias mais frios, enquanto que nos dias quentes, as atividades são realizadas ao ar livre, próximo ao quiosque. Há também dois banheiros destinados aos turistas.

Figura 30: Galpão onde são recepcionados os turistas.



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

Em meio aos objetos antigos, angariados na própria família ou então doados por moradores da região e expostos no galpão estão móveis, utensílios domésticos, ferramentas e instrumentos de trabalho, peças de vestuário entre outros objetos. Desse acervo, cabe destacar duas peças: o vestido de Noiva na cor preta e a bicicleta do Convidador, objetos que se tornaram definitivamente motivadores para a inclusão do proprietário no roteiro.

O Convidador é uma figura que se destacou já né?! Entrou pra logomarca, esse é uma coisa que tem que estar! Por isso eu enxerguei pô! esse Convidador tem que estar junto sempre, entrou a história das fitas [...] A noiva de preto é outro ícone importante que entrou e que a gente tinha que explorar e muito, porque é uma coisa totalmente inusitada e aí, puxa, foi que tem os dois, eu posso fazer uma encenação aqui com esses os dois. Foi aí que eu arrumei a justificativa para o nosso empreendimento (Proprietário).

A bicicleta do Convidador, cheia de fitas coloridas é utilizada durante as encenações do Casamento Pomerano, uma adaptação para com o cavalo utilizado outrora pelo *Hochtiedsbitter* (Convidador, em pomerano) em suas viagens de casa em casa, convidando amigos, parentes e conhecidos. Tal adaptação pode ser balizada nas ideias de Bahl (2004) e Grünwald (2003), quando ambos os autores tratam das mutações ocorridas nas ditas tradicionais manifestações culturais. O que se sobrepõe é que “deve-se estimular que não se deixem desaparecer (BAHL, 2004, p. 66)”, mesmo que para isso seja necessária a renovação quando a intenção é “a interação com o turismo”

(GRÜNEWALD, 2003, p. 147), panorama que pode ser observado nessa propriedade.

Figura 31: Vestido da noiva preto e a bicicleta do Convidador



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Tanto o Convidador, como seu cavalo, eram ligeiramente reconhecidos em razão das fitas e flores que tinham em seu vestuário e cabresto respectivamente (HAMMES, 2010).

Essas coisas vão mudando, como a bicicleta do Convidador. Eu assisti em 1967 um Convidador que chegou de bicicleta, não chegou a cavalo. E a original é a cavalo, porque não tinha bicicleta e aqui adaptaram [...] acho que com o tempo essas coisas vão mudando vão se adaptando (Proprietário).

Os turistas são recepcionados pelo proprietário, ornamentado com as vestes do Convidador, um dos personagens da mimese⁴² que acontece no decorrer da visitação, na qual é apresentada a história do Casamento Pomerano:

O Convidador normalmente era o irmão da noiva, que algumas semanas antes do casamento saía a cavalo até as casas das famílias conhecidas, para convidar para a cerimônia de casamento. Ele fazia o convite verbalmente a cada família, de casa em casa, e como forma

⁴² Do grego, *Mimesis*, significa imitação ou representação. Ação de imitar; copiar, reproduzir ou representar, recriando a realidade, absorvendo sua essência revigorando-a. O Dicionário Houaiss apresenta: figura em que o orador, usando discurso direto, imita outrem, na voz, no estilo ou nos gestos.

de confirmação da presença, a família fixava uma fita de tecido colorida em suas vestes, que como gratidão recebia ainda um lanche, uma gorjeta e um *trago* (cachaça) Como as famílias já suspeitavam que ao retornar à casa da noiva, ele não fosse mais lembrar quem tinha confirmado a presença, as fitas eram uma forma de lembrar quantas famílias haviam aceitado o convite (Proprietário).

É igualmente narrado aos turistas trechos da história da extinta província da Pomerânia, assim como a história da chegada dos imigrantes pomeranos em São Lourenço do Sul.

Figura 32: Encenação na Propriedade Flajoke



Fonte: SETUR São Lourenço do Sul (2012)

Ao que se refere à história do vestido da Noiva de Preto existem diferentes versões. Hammes ao tratar das festas de maior relevância para os imigrantes pomerânios⁴³ faz um alerta sobre a veracidade da história do casamento: “de poucos anos para cá surgiu uma história-lenda, de fonte duvidosa, tentando explicar o fato de a noiva pomerânia ter de casar com vestido preto” (2010, p. 198). No entanto, o proprietário conta que houve uma opção, por parte dos proprietários, pela versão contada aos turistas que visitam o roteiro.

⁴³ Assim como Roche (1969) que adota o termo “pomerânios”, Hammes (2010) por vezes utiliza o termo “pomerânios”, contudo optou-se pela utilização do termo “pomerano” ao tratar daquele que tem sua origem na extinta província da Pomerânia, assim como por ser o termo de maior frequência na bibliografia correspondente ao tema.

Tem várias histórias [...] a história de ficar a primeira noite com o senhor feudal, a gente aqui dentro do roteiro, a gente conversou e debateu muito sobre isso, é uma coisa, não quer dizer que seja a mais certa, mas dentro daquilo que a gente apurou é algo mais convincente e uma coisa boa de se contar para um grupo, porque causa um espanto assim e não é mentira! É uma coisa que a gente conta como verdade e realmente isso aconteceu, mas lá na origem, aqui não! Quando eu conto a história eu friso bem isso, no Brasil quando eles vieram prá cá, eles continuavam de preto aqui, a gente tem fotos, mas não pelo motivo original lá, aí sim para manter um costume, um hábito que eles tinham... (Proprietário, 2012).

Figura 33: Vestido da noiva com pregas e topes



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

De acordo com o proprietário, e narrador da história, a noiva vestia-se de preto como forma de protesto. Na Pomerânia havia o feudalismo e os pomeranos eram vistos pelos senhores feudais como “escravos brancos” (Proprietário). Cabe rememorar as proposições de Ferreira (2012), quando a autora destacou a humilhação sofrida pelos imigrantes pomeranos frente a outros grupos.

O proprietário conta que quando uma moça se casava, a primeira noite de núpcias ocorria com o senhor feudal, no entanto, por vezes ela acabava engravidando e a responsabilidade de criar e educar a criança era do noivo. Posteriormente, as famílias passaram a permitir a relação sexual antes do casamento para evitar filhos ilegítimos, “a este respeito deve-se destacar a liberdade sexual característica dos pomeranos. Era e ainda é comum os noivos terem relações sexuais antes do casamento” (COSTA, 2007, p. 53). As noivas

acabavam engravidando e elas então se valiam de vestidos pretos com pregas e topes para disfarçar a cintura.

Há também uma versão que defende o uso de uma fita verde, como sinal de esperança e fertilidade: “[...] é nos temos assim: que é o preto por causa disso aí [de passar a noite com o senhor feudal] e aí tem uma fita verde, a fita verde é sinal de fertilidade, que o filho seria do marido então...” (Sujeito 9).

Figura 34: Membros da Associação com as vestimentas



Fonte: Associação Caminho dos Pomeranos (2011)

Costa apresenta três versões para a cor e destaca uma nova versão para as pregas:

A noiva casava-se com um vestido de seda preto, [...] São várias as versões para tal costume. A primeira refere-se a sobriedade da cor, o que significaria uma demonstração de respeito pela cerimônia. A segunda seria de que o preto era a cor da roupa das rainhas e princesas, portanto neste dia a noiva se sentiria como tal. A terceira seria referente à *prima note*, costume medieval no qual a noiva passava sua primeira noite com o senhor feudal da qual tanto ela quanto o noivo eram servos ou vassalo, de acordo com depoimento do historiador local Jairo Scholl Costa. Este vestido era maior do que o tamanho da noiva, e possuía pregas, para servir durante a gestação ou caso a noiva engordasse ao longo do tempo. Além disso, possuía botões na frente, para ser usado durante a amamentação. O véu era

branco e a grinalda de murta, sendo que entre os colonos pomeranos de São Lourenço do Sul era comum o uso de grinalda de flor natural, e conforme sua disposição, sendo colocada fechada ou aberta, significava que a noiva era virgem ou não (COSTA, 2007, p. 52-53).

O casamento acontecia normalmente na casa dos pais da noiva e estendia-se por vários dias: “a festa de casamento durava três dias: sexta, sábado e domingo. Já na quinta começavam a carnear [...] Às vezes quebravam pratos atirando-os ao chão, para dar sorte ao novo casal e aos seus filhos” (HAMMES, 2010, p. 203). Outro hábito mantido até hoje, especialmente na zona rural, é que cada convidado leva uma galinha, contribuindo assim com o preparo da sopa de galinha (Sujeitos 7, 8, 9 e 10).

O tradicional do casamento pomerano é a sopa de galinha que existia, de lata! Feito em lata de óleo, de 20 litros, óleo de consumo, ali era feita a sopa. Ela tem uma, como dizem, os pomeranos antigamente eles usavam essa, mas era feito um dia antes, eles comiam ela um dia antes para espantar os mal olhados e aí acho que acabou virando tradição e agora comem no dia da festa, mas quando estavam preparando o casamento eles já faziam (Sujeito 10).

O proprietário conta que a sopa de galinha é um dos rituais mantidos pelos descendentes de imigrantes pomeranos, assim como a quebra dos pratos e da planta mil em rama.

Outros rituais ocorriam no período do enlace, como o “Quebra-pratos” onde se quebravam os pratos para tirar tudo de ruim, o casal então se colocava a recolher os cacos e quem reunisse mais era considerado o cabeça do casal [...] Era também feita uma “sopa de galinha”, para fortificar o casal. A mãe da noiva lhe entregava um vaso com uma muda de “mil em rama”, a qual deveria estar sempre bonita e não podia morrer, caso isso acontecesse o casamento estava em perigo... Poderia ocorrer ainda uma “revoada de gansos” do interior da casa dos noivos para a rua com a intenção de afastar todo o azar (Proprietário, 2012).

Costa (2007) detalha que a canja de galinha com *nudel* (massa caseira) era servida, pois se acreditava que a galinha tivesse poderes de denunciar a aproximação de maus espíritos, assim se noivos e convidados tomassem a canja juntos, teriam o capacidade de perceber e espantar os seres sobrenaturais de suas casas e de suas vidas. Bahia (2000) destaca que a sopa com miúdos de galinha é servida no dia do “Quebra-louças”, ritual que precede

o dia do casamento, no qual são realizadas práticas que visam boa sorte para a construção de uma nova *Land*⁴⁴.

Esta sopa não pode faltar no Dia do Quebra-louças, pois significa boa sorte para o novo casal. Entre os pomeranos, a galinha é considerada um animal que “cisca” e que anuncia a presença de elementos estranhos no terreiro. A sua habilidade de vigilante é fundamental para detectar e afastar (“cisgar”) tudo que possa prejudicar a futura vida do casal (BAHIA, 2000, p. 168).

Todos esses rituais podem ser talvez relacionados às origens pagãs dos pomeranos, quando esses ainda residiam na extinta província Pomerana.

Outro aspecto referenciado pelo proprietário é o preconceito sofrido pelos imigrantes pomeranos e seus descendentes, como por exemplo, a falta da liberdade de culto prometida. Quando foram autorizados a construir suas igrejas, as portas não deveriam estar na frente da construção, e sim ao lado. A inexistência de pastores e igrejas, logo da chegada dos imigrantes a Serra dos Tapes também prejudicou a manutenção dos hábitos religiosos, visto que os pomeranos “[...] não podiam realizar casamentos com as tradições que conheciam em sua terra de origem, porque tudo era primitivo e não havia sequer ministros religiosos, ou, muito menos, igrejas” (HAMMES, 2010, p. 2000). O Sujeito 14 também aborda sobre a ausência das igrejas no período inicial da colônia de Jacob Rheingantz, e também menciona o preconceito sofrido, no que se refere ao credo manifestado pelos imigrantes:

[...] e uma das coisas que foi prometida a esses alemães–pomeranos é o livre credo, 60% era protestante e eles chegaram aqui o país, a religião oficial era o catolicismo. Eles podiam ser protestantes, mas não tinham pastores, não podiam construir igrejas, não podia ter sino, eles tinham que fazer seus cultos, seus batizados, casamentos nas casas ou nas escolas, muitos e muitos anos levaram para ter o direito de erguer sua igreja, com torre e sino [...] isso foi um trabalho muito árduo, porque não vieram pastores na primeira vez, começaram a vir mais tarde, no início foram aqueles pastores livres, eles pegavam as pessoas mais educadas, mais cultas, que tinham um pouco mais de estudo e aquele era o pastor daquela comunidade (Sujeito 14).

⁴⁴ Na língua pomerana, a palavra que designa a unidade familiar como unidade de consumo e produção – juntamente com a propriedade, os animais, objetos e valores que constituem seu modo de vida – é *Land*. [...] Na língua portuguesa temos o uso da palavra “colônia”, que teria o mesmo significado de *Land*. O termo “colônia” é usado pelos pomeranos para designar a área rural, em oposição à cidade (BAHIA, 2000, p. 174).

Quando finalmente foram autorizados a construir suas igrejas, as portas não deveriam estar na frente da construção, e sim ao lado (Proprietário).

Hammes (2010) destaca ainda outras particularidades inerentes ao casamento entre os pomeranos, o autor explica que as noivas ganhavam normalmente mais de um vestido para a cerimônia matrimonial. Um dos vestidos era preto com o qual se casava. O vestido preto serviria posteriormente para participações em cerimônias religiosas como na Santa Ceia, em enterros e batizados, além de outras festividades.

O costume de casar com o vestido preto, com seu comprimento '3/4' – quase até aos pés – com véu e grinalda brancos, e com flores de pessegueiro na grinalda, estendeu-se desde a chegada dos pomerânios na sua nova pátria até por volta da década de 1930-40 (até 1950!) quando, então, algumas noivas passaram a casar com vestidos mais claros (em geral azul) e, mais tarde então, de branco (HAMMES, 2010, p. 201).

Costa (2007) destaca que os pomeranos foram os últimos grupos étnicos, de origem germânica, a abandonarem a prática de casar-se de preto. O Sujeito 9 casou-se com um vestido azul marinho, influenciada por sua sogra:

Eu quis branco, eu gostei muito do branco, a sogra não quis, não branco depois não pode usar, risos... [...] Alguns tinham azul escuro prá casamento [...] o casamento começou de tarde e depois eles mudou a roupa e bota outro vestido, verde, colorido... Colorido não vamos dizer, outra cor para dançar... (Sujeito 8)

O Sujeito 4 conta que atualmente não são mais mantidos os costumes de antigamente, referindo-se a substituição de cores escuras, como preto ou azul, para a cor branca no vestido da noiva: “[...] a cerimônia era feita em casa tudo, o pastor fazia, ou o padre [...] quando eu era moleque lá em casa, na minha época já era mais de branco”. Com o passar dos anos, outras mudanças puderam ser percebidas, como a realização da cerimônia do casamento nas igrejas e a substituição do convite oral pelo impresso, por exemplo. Um convite de casamento em alemão encontra-se exposto na propriedade *Heiden Haus*.

Na propriedade Flajoke Arte e Cultura – Artesanato e História, além da narrativa histórica, são ofertados aos turistas exposições, degustações e comercialização de artesanato e do *Maischnaps* – uma aguardente feita a partir

da concentração de ervas. O *Maischnaps* comercializado junto à propriedade é produzido pela propriedade Vinícola Weingartner – *Maischnaps*.

O atendimento ocorre pelo proprietário e sua esposa. Depois da visitação, com duração média de uma hora, os turistas seguem para a região da Serra dos Tapes, onde estão localizados todos os demais atrativos turísticos do roteiro.

Figura 35: Sinalização turística



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Durante o deslocamento até as demais propriedades, os turistas percorrem a RS 265, estrada que interligava o porto natural, localizado no povoado de São Lourenço e a colônia estabelecida junto a Serra dos Tapes. Ao longo dessa rodovia é possível encontrar a sinalização turística do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Autores como Zimmermann (1996) e Santos, Ribeiro e Vela destacam a importância do acesso para a prática do turismo no espaço rural: “O acesso também é fundamental no turismo rural, tanto em relação a rodovias e estradas vicinais conservadas como bem sinalizadas (2011, p. 185-186).

Quando uma localidade do roteiro possui uma história em particular, um pequeno texto é inserido na placa. Além da sinalização turística junto às propriedades, há placas nas diferentes localidades integrantes do roteiro.

5.3.2 Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão

A **Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão** é considerada o marco principal da Vila do Boqueirão. Foi nessa localidade que os imigrantes pomeranos tiveram os contatos iniciais com lusos brasileiros e italianos que ali já residiam.

As primeiras levas de imigrantes estrangeiros que aqui aportaram ali se estabeleceram. Eram italianos e se radicaram em período anterior ao da chegada dos alemães à Serra dos Tapes. Dedicaram-se a agricultura e muitos deles ao comércio, o que propiciou o florescimento de uma pequena, porém progressiva burguesia (COSTA, 1984, p. 44).

Dali, os imigrantes pomeranos partiram para as localidades de São João da Reserva e posteriormente para a Coxilha do Barão.

Figura 36: Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão



Fonte: Magda M. Spindler (2011).

No ano de 1807, os moradores da Fazenda Boqueirão, de propriedade de Anna Joaquina da Silva (“Donana”), liderados pelo Coronel Simão Soares da Silva ergueram uma capela devotada a Nossa Senhora da Conceição. Cinco anos mais tarde, em 5 de agosto de 1811 foi realizada a primeira missa. O padre era Roberto Gonçalves da Silva, irmão do General Bento Gonçalves da Silva, um dos líderes da Revolução Farroupilha.

A freguesia do Boqueirão desenvolveu-se demográfica e economicamente, e “já no ano de 1850 a freguesia contava com 500 almas” (COSTA, 1984, p. 44), alcançando a categoria de Vila em 1886. No entorno da Igreja se desenvolveu o povoado, berço do município de São Lourenço do Sul.

Nas dependências desse atrativo, nos anos iniciais do Roteiro era realizada uma pequena encenação, a qual não ocorre mais:

[...] nós mostrávamos a igreja, vinha a menina, porque tem a imperatriz, na igreja do Boqueirão, acontece todos os anos na Festa do Divino Espírito Santo, igual como acontece em Lisboa até hoje. Com imperatriz, com manto, com bastão, toda vestida de imperatriz com as aias que acompanham, com as bandeiras na frente. A festa é como se fosse em Portugal... (Sujeito 14)

O Sujeito 9 comenta sobre as dificuldades de relacionamento entre as Associações de Moradores do Boqueirão e Caminho dos Pomeranos, situação que acabou contribuindo para a cessão da encenação descrita pelo Sujeito 14.

É nós até temos um problema aqui assim, da visitação. A Associação de Moradores lá assim é muito fechada, não querem [...] porque seria um ponto turístico aquilo ali, uma coisa que teria que ser aberto prá visitação né? Eles estão atravancando assim [...] Eles são muito individualistas parece que não querem, tem gente que é contra, então no momento que mudar aí de repente vai ser... (Sujeito 9).

De acordo com relatos de integrantes da rede de contatos, composta por proprietários rurais, *trade* e setor público, por vezes as chaves da igreja não são disponibilizadas para a visitação interna dos turistas, possibilitando assim apenas a visitação externa a esse ponto.

Os turistas entram porque nós temos que avisar a senhora que está com a chave pra ela ir lá abrir. É outra coisa assim que é bem rançosa. [...] Então quando eu visitava antes, vinha a imperatriz com as meninas botavam o manto, tudo e ficavam sentadinhas no altar e eu dentro da igreja contando tudo e depois naquela casa dos Farina que hoje é a Associação dos Moradores do Boqueirão, ali a Dona Marcilda das cucas, ali ela tinha um mini-museu com artesanato e as cucas e todos eram recebidos no salão como foi a festa dos pomeranos quando chegaram. A Associação não deixou mais nos fazermos isso, porque brigaram com a Dona Marcilda, então eu tenho que ir prá dentro da casa da Dona Marcilda e não visito mais o salão. Então isso aí é os ranços que tem em São Lourenço, pega implicância contigo não deixa mais e terminou... Eu quero retomar isso aí, mas a igreja eu consigo abrir, só não tenho mais a imperatriz (Sujeito 14).

Sobre a família de imigrantes italianos Farina e o salão, o Sujeito 14 continua sua descrição:

[...] lá no Boqueirão, essa família Farina, aquela casa grande que tem ali atrás da igreja, [...] tinha um salão familiar, ou seja, pra bailes das famílias, e ali eles receberam estes primeiros 88 imigrantes alemães-pomeranos com festa, com música, com comida, com bebida [...] foi o primeiro lugar que foram amavelmente recebidos [...] (Sujeito 14).

Figura 37: Sede da Associação dos Moradores do Boqueirão



Fonte: Magda M. Spindler (2013).

Entre os anos de 2006 e 2009, as atividades desenvolvidas pela Casa das Cucas Pomeranas eram realizadas junto à Associação dos Moradores do Boqueirão. Atualmente não ocorre visita nesse estabelecimento.

5.3.3 Casa das Cucas Pomeranas

A propriedade **Casa das Cucas Pomeranas** situa-se na localidade de Boqueirão, às margens da RS 265, Rodovia Estadual que além de possibilitar o acesso à área urbana do município, interliga São Lourenço do Sul ao município de Canguçu.

A proprietária é solteira e possui ascendência pomerana. No momento da primeira visita ao roteiro, em junho de 2011, ela residia na propriedade com seu filho e sua sobrinha-neta. Na terceira visita ao roteiro em setembro de 2012, o filho não residia mais na propriedade, ele havia se mudado para a área

urbana do município e constituído família. Ela é aposentada e possui ensino médio completo.

A propriedade possui extensão de ½ hectare, encontra-se há duas gerações na família e neste período nunca foi dividida. São exercidas atividades agrícolas (agricultura ou pecuária) para consumo interno, como criação de galinhas e cultivo de uma horta. Por localizar-se próxima à rodovia RS 265, a constituição de um gramado é praticamente inviável.

Figura 38: Propriedade Casa das Cucas Pomeranas



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A atividade turística é desenvolvida pela proprietária desde 2006, ano de início do roteiro. Primeiramente a recepção ocorria junto a Associação de Moradores do Boqueirão, contudo a partir de 2009, a recepção dos turistas passou a acontecer na própria residência da proprietária, onde não existe placa de identificação.

Na Casa das Cucas Pomeranas, os turistas poderão conhecer a história das cucas, seu modo de preparo e sua relação com os feriados festivos pomeranos. Baysdorf e Rodrigues (2007) apresentam que o calendário pomerano até a metade do século XX sobrepunha-se ao calendário cívico brasileiro e internacional. Os pomeranos em virtude de sua origem e de sua religião luterana protestante tinham feriados desiguais aos do calendário católico. As comemorações e confraternizações nos feriados de Natal, Páscoa,

Espírito Santo, Ascensão de Cristo e Bußtag (dia da penitência⁴⁵) eram estendidas: na Páscoa, por exemplo, além das tradicionais comemorações no Domingo de Páscoa, essas persistiam ainda no segundo e terceiro dia, ou seja, na segunda e terça feira imediatamente posterior à Páscoa.

Tais continuidades nas comemorações desencadeavam uma movimentação atípica na família hospitaleira, que se ocupava com o preparo e a quantidade de gêneros alimentícios que seriam oferecidos aos familiares e amigos, que se deslocavam por longas distâncias, na intenção de confraternizar com os seus entes. Essa apreensão pode ser percebida na fala da proprietária:

Lá em casa eram quatro datas sagradas: Natal, Páscoa e Espírito Santo né? E no aniversário do pai que era em julho, né. Então quando o pai fazia anos em julho, a mãe fazia sempre cuca pra ele. Eram quatro datas que se faziam cucas, aí era fornada! Natal e essas três datas, Páscoa e Espírito Santo eram três dias de festa lá na colônia. Então a mãe fazia fornada de cucas pra se chegasse visita prá ter para os três dias já. Eu me lembro, era pequena, e a mãe também trabalhava na lavoura e então pra essas datas nos últimos dois dias era a limpeza da casa e era assim, tudo, armário tudo era limpo! Assim, a gente fazia, no fim de semana limpeza, limpeza normal, mas essas datas era assim, tudo, tirava tudo do armário, lavava tudo né?! Então tinha muito serviço e ela fazia, então amassava de noite, e de madrugada quando estava crescida ela botava nas formas e assava né e quando clareava já tavam prontas as cucas para ela continuar na lida dela (Proprietária).

A iniciativa para o início das atividades turísticas foi da proprietária, inspirada nos ensinamentos de sua mãe, visto que o preparo das cucas foi um legado deixado por ela que era descendente de pomeranos. A proprietária conta como aprendeu, e como surgiu a ideia de transformar tal aprendizado em atrativo de sua propriedade:

Eu era pequena e tinha muita pena dela, todos nós dormindo e ela trabalhando né, daí eu levantava e ficava com ela, eu me lembro ela dizendo ‘vai dormir, não precisa ficar comigo’, mas eu ficava com ela [...] e no clarear do dia já tava pronto as cucas. E foi daí que surgiu, que me deu essa ideia de lembrar da mãe de como ela fazia as cucas [...] foi ai que surgiu de eu fazer as cucas (Proprietária).

⁴⁵ Dia do Bußtag: comemorado na segunda quarta-feira do mês de maio, era o dia da penitência, ocasião em que se comemorava o final da Guerra dos 30 anos, a assinatura da paz de Vestfália em 1648 e a conseqüente paz entre católicos e protestantes (BAYSDORF; RODRIGUES, 2007). O “ß” (*Eszett*) é uma letra do alfabeto gótico incorporada ao alfabeto alemão. Com a reforma ortográfica promovida a partir de 1996, o ß desapareceu sendo substituído por “ss”.

A proprietária emociona-se ao lembrar-se do momento em que surgiu a ideia:

Acho que foi um anjo da guarda! Foi muito engraçado, por isso que eu digo, acho que foi um anjo da guarda, que me soprou. A gente sempre tinha reuniões, aí sempre tinha bastante gente e cada um tinha o que fazer, um fazia isso, outro fazia aquilo e eu não tinha nada, mas eu de curiosa, eu sempre ia para ver o que ia acontecer né? E um dia eu cheguei um pouco atrasada e aí me sentei bem atrás, e aí o Zelmute falando na frente, porque ele era secretario de turismo, e eu sem nada, eu até fiquei um pouco triste! De repente, parece que alguém atrás diz assim: E as cucas da tua mãe? Que ela fazia... Aí eu disse oh Seu Zelmute, eu quero a vez para falar, e ele me deu a palavra, eu nunca pensei que isso ia virar realidade, aí eu disse oh Seu Zelmute, lá em casa vai ser a Casa das Cucas Pomeranas, e aí foi assim, ele largou aquilo e deu certo! (Proprietária).

De acordo com a proprietária, durante o decorrer dessa pesquisa houveram mudanças nos procedimentos adotados na visitação. Inicialmente a visitação na propriedade iniciava-se na sala de estar, onde estão dispostos objetos antigos (utensílios de cozinha como talheres, pratos, bules e toalhas bordadas) além de objetos como porta-retratos de seus familiares. A continuidade da visitação acontecia numa pequena cozinha, onde enquanto eram preparadas as cucas os turistas fotografavam, filmavam e anotavam a receita.

Figura 39: Pesquisadora, proprietária, sobrinha neta e acervo



Fonte: Marcelo de Borba (2012)

Na sequência, o grupo era então direcionado a garagem da residência, local destinado à degustação e comercialização das cucas e artesanato – toalhas bordadas e peças em tricô e crochê produzido pela proprietária.

Figura 40: Apresentação do preparo da cuca



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A partir de 2012, a atividade de preparo das cucas passou a ser realizado na garagem, um espaço mais amplo, onde ao lado está o banheiro da casa, que é compartilhado com os turistas.

Vem pela sala, eu falo da história, do museu eu explico né, e a gente vem direto prá cá e tem o artesanato lá, as cucas nessa mesa, eu coloco aí. E aqui eu faço a demonstração né, das cucas e o Rodrigo gosta assim que eu faço fogo no fogão a lenha e deixa a cuca lá dentro né, então eu amasso a cuca e ele fica perto do fogão, aí eu dou um sinal e digo assim: “Rodrigo vê se a cuca já tá pronta, faz esse favor pra mim” e ele tira a cuca e eles adoram né, coisas simples, mas eles adoram! (Proprietária).

A visitação na Casa das Cucas Pomeranas tem duração média de trinta minutos. Entre as atrações desta propriedade estão as histórias dos imigrantes pomeranos, exposições com objetos antigos, modos de fazer, degustações e varejo. Atualmente o atendimento é realizado pela proprietária e sua sobrinha neta.

5.3.4 Casa da Schimier

A propriedade **Casa da Schimier**⁴⁶ está igualmente situada na localidade do Boqueirão, às margens da RS 265.

Figura 41: Propriedade Casa da Schimier



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

O proprietário é divorciado e reside com sua companheira na propriedade. Ele possui ensino médio incompleto, é aposentado, embora continue atuando como comerciante. A família paterna do proprietário possui ascendência pomerana, enquanto que a materna miscigena as etnias italiana e portuguesa.

A propriedade estende-se ao longo de três hectares, encontra-se há quatro gerações na família e neste período já foi dividida. A propriedade destina sua produção agropecuária para o consumo interno e externo, esse último por intermédio da comercialização das *schimier* e conservas. A atividade turística iniciou-se em 2009, por iniciativa do proprietário, o qual descreve como ocorreu sua inserção no roteiro:

Eu não participei da fundação, do começo do Caminho Pomerano, porque eu tava em outra atividade, eu tinha loja de móveis [...] Em

⁴⁶ A palavra alemã *schimier* derivada da palavra *schimieren*, que é o ato de passar algo no pão. Em relação ao preparo da *schimier*, as frutas são descascadas, sementes e/ou caroços são extraídos, são então picadas ou trituradas. Na sequência, as frutas são cozidas com água e açúcar, até desgrudar do fundo da panela.

[19]98 eu comecei aqui um pequeno frigorífico e trabalhei aqui até 2002, eu aqui no frigorífico. E aí arrendei, e como estava arrendado a pessoa que veio pra cá arrendou por dois anos e ficou sete anos. Aí nesse período 2005-2006, o Caminho Pomerano começou, então aqui estava arrendado e eu tava com a loja em São Lourenço [do Sul]. Aí 2007, o inquilino falou que ia desocupar que ia construir pra ele, e acabou construindo só que levou dois anos, 2009. Aí como eu não tinha interesse em voltar a abater pequenos animais e a propriedade me dava mais prazer eu trabalhar com pomar, frutíferas né, e o Caminho Pomerano aí, eu via passar as excursões, aí fui me interar e recebi o convite na época do Caminho, e me aceitaram como sócio. Então foi onde eu comecei em 2008 a plantar frutíferas, 2009, 2010 e tenho um pequeno pomar, que a propriedade é pequena [...] Então eu estou há quatro anos no Caminho Pomerano, desde 2008, 2009 aí sim, começou já fazer *schimier* na Casa da Schimier (Proprietário).

O prédio de alvenaria destinado à visitação está localizado a poucos metros da rodovia, em seu interior há um espaço reservado à produção de *schimier* e conservas, e outro espaço à exposição e comercialização dos produtos. À frente do prédio há uma área para estacionamento de carros e ônibus.

O proprietário relata como se dá a visitação na propriedade, explicando sobre as vivências que os turistas podem desfrutar. Ele ainda planeja como serão as visitas quando os pomares atingirem uma idade adulta:

A visitação maior, ela é dentro da propriedade. Desde 2008 quando eu parti para a parte de turismo eu sempre menciono que a minha propriedade é aberta. [...] seria “apanhe e pague”! Quando meu pomar tiver de cinco, seis anos, os mais velhos estão com quatro anos agora vai ter fruta, na época que tem fruta as pessoas vão comer dentro da propriedade. A atração maior dos visitantes é visitar a propriedade, vão ver a criação de patos, de galinha, que a gente tem pra consumo próprio, mais ornamental, vão no meio do pomar, fazem perguntas, vão na horta, vê a horta quando tem, cada época tem uma produção diferente, uma época é cenoura, outra época é alface... [...] a gente tem bastante hortaliças assim para o consumo da casa e o excedente a gente acaba fazendo conservas na parte de cenoura, de beterraba e o pepino sim, a gente planta mesmo para fazer conserva, então a gente planta uns pés a mais pra poder fazer sempre a mais um vidros de conserva (Proprietário).

Enquanto os visitantes conhecem as hortas e os pomares, cultivados de maneira orgânica e sem o uso de agrotóxicos, o proprietário explana sobre todo o processo, desde o plantio até o preparo da *schimier* e das conservas, técnicas que o proprietário aprendeu com sua mãe: “no tacho sou eu, então não é fácil fazer tudo...”. O cultivo de frutas e seu processamento, *schimier*,

compotas, doces em caldas, frutas cristalizadas, tornou-se uma atividade econômica não apenas em São Lourenço do Sul, mas em toda região, ao ponto de ser reconhecida por sua tradição doceira, desenvolvida, sobretudo por grupos de origem europeia (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008).

Na origem, os *doces finos* estavam associados à cultura familiar de determinada classe social dos fins do séc. XIX e início do séc. XX [...] Os *doces coloniais* ou doces de frutas agregam a dimensão étnica a essa discussão, considerando a contribuição das etnias italiana, francesa e pomerana na área rural do município⁴⁷ (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008, p. 91-92).

Neste caso, os autores versam sobre a pesquisa que desenvolvem sobre o doce produzido do município de Pelotas distante cerca de 65 quilômetros de São Lourenço do Sul, bem como o processo de Inventário Nacional de Referências Culturais correspondente. Todavia, como destacou Wille (2011), os descendentes dos imigrantes pomeranos hoje em dia povoam os municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre, podendo-se assim esboçar semelhanças com a produção de doces de frutas da propriedade Casa da *Schimier*, visto que o fazer do doce, seja ele fino, colonial ou com frutas está “inserido numa tradição doceira da região” (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008, p. 92).

Os mesmos autores expõem, ainda, sobre a atividade charqueadora realizada em Pelotas, a qual propiciou ao município uma grande movimentação econômica, que exportava charque e importava açúcar, originário principalmente da região nordeste do Brasil, situação que contribuiu para o surgimento da tradição doceira no município de Pelotas. Como o trabalho de salgar a carne nas charqueadas ocorria entre os meses de novembro e abril, no decorrer dos outros meses os escravos eram realocados para as chácaras localizadas no interior do município, também de propriedade dos charqueadores, a fim de realizarem outras tarefas.

Era comum que os charqueadores fossem proprietários de uma *data* de mata na Serra dos Tapes, para onde seus escravos se deslocavam durante a entressafra, com a finalidade de obter lenha e,

⁴⁷ Cabe lembrar que São Lourenço do Sul originou-se de Pelotas, município do qual obteve emancipação política no ano de 1884.

fortuitamente, desenvolverem o plantio de roças e pomares (CERQUEIRA, 2010, p. 872).

No decorrer da segunda metade do século XIX, na Serra dos Tapes foram instituídas diversas colônias particulares, onde antes se encontravam as chácaras dos charqueadores, as quais foram vendidas ou arrendadas pelos próprios, na forma de pequenos lotes rurais, dando origem aos núcleos coloniais ocupados pelos imigrantes irlandeses, ingleses, gaélicos, alemães, pomeranos, franceses e italianos (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008), que:

Em seus lotes de terra, iniciaram uma história ligada ao minifúndio, à agricultura familiar, à horticultura, à suinocultura, à avicultura e à fruticultura, para fornecer alimento à crescente população urbana. Pessegueiros, marmeleiros, figueiras, goiabeiras e vinhas espalharam-se pela região. Os colonos, de origem pomerana, alemã, italiana e, sobretudo francesa, contribuíram para a tradição dos *doces de fruta*, recriando saberes herdados dos antepassados e adaptados aos recursos locais. Após a consolidação desses imigrantes como colonos, verificou-se um aumento do cultivo do pêssego, da laranja, da maçã, do figo, da goiaba, do marmelo (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008, p. 107).

Como resultado do cultivo dessas frutas, agregadas ao açúcar, derivaram as compotas, os doces de massa de fruta, as passas e os cristalizados (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008). O proprietário por sua vez, também apresenta a *schimier* (ou então, o doce de massa de fruta) como uma iguaria resultante dos processos migratórios. Ele aborda, do mesmo modo, alguns processos utilizados em outros períodos para armazenar os alimentos:

A *schimier*, a geleia veio junto com, na bagagem do pomerano. Do italiano o salame e o queijo, [...] e outras culturas que trouxeram suas iguarias quando vieram para o Brasil [...] Tinha que se guardar super cozido, o cozimento é o melhor armazenamento de qualquer produto alimentício. Se você armazena corretamente dificilmente ele vai estragar e vai manter seus sabores e seus nutrientes. [...] Na época a carne era frita e cozida na banha e guardavam em vasilhas com a banha [...] e aí todo mundo guardava em casa, a carne cozida na banha quente, a *schimier*, a geleia, tudo se guardava para o ano inteiro porque a nossa região aqui, a fruta é só aquela época e os colonos da época também não tinha porco e boi gordo o ano inteiro, porque eles também só tinham produto, ração era o que eles produziam em casa... (Proprietário).

O proprietário ressalta que a escolha da *schimier* como atrativo de sua propriedade se deu por diversos ensejos, entre os quais ele destaca o convívio mais próximo com o espaço rural e com os produtos orgânicos:

Porque eu sou filho de agricultor, neto de agricultor e pela idade avançada, me aposentei no comércio, [...] então a gente tem que ter outras atividades e como eu sou mais do ecológico, sempre gostei do orgânico, cultuei a galinha caipira, o ganso, uma linguça feita em casa, um pão, uma cuca feita em casa tem seu valor... (Proprietário).

A ascendência pomerana “sempre tinha doce e sucos de fruta, coisa de pomerano!” e a oferta local e sazonal das frutas “a *schimier* era feita com as frutas que se tinha em casa” o que também contribuiu para o surgimento deste saber-fazer:

[...] pode-se afirmar que os *doces de fruta*, eventualmente denominados *doces de safra*, pela sazonalidade, ou mesmo *doces de tacho*, por serem produzidos em tachos de cobre, trazidos da Europa e posteriormente adquiridos de ciganos, são genericamente denominados *doces coloniais*, pois possuem sua origem na região de economia colonial, fortemente marcada pela fruticultura (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008, p. 107).

O proprietário resalta que outrora, depois de pronta a *schimier* era guardada em latas, para então serem consumidas no transcorrer do ano. Ferreira, Cerqueira e Rieth, por intermédio das entrevistas que realizaram para sua pesquisa, apresentam outros processos alcançados, decorrentes da produção sazonal das frutas, repontando-se inclusive às práticas realizadas na extinta província da Pomerânia:

[...] os pomeranos também, assim como os italianos e franceses, se organizavam de uma maneira com o cultivo de frutas, que era abundante, tanto que [...] eles começaram a dar uma nova utilidade aos doces de frutas, não somente a compota; por exemplo, os alemães, os pomeranos, de uma forma geral, eles utilizam muito as frutas secas que eles faziam, mesmo tendo em abundância, e isso tem a ver com a cultura de origem que era de armazenar para enfrentar o tempo frio, pois tem localidades da Pomerânia que possuem apenas seis horas de sol; então, para a subsistência deles, teriam que conservar e esse hábito eles trouxeram para cá, de fazer aquela quantidade quando faziam aquelas tachadas, eram dias que as famílias se dedicavam para aquela prática; por exemplo, como o pêssego nativo que eles tinham aqui, eles secavam os menores no sol e faziam as tachadas de doce, as compotas, tudo que eles poderiam fazer e com o aproveitamento da casca e do caroço, eram feitos as geléias [sic], nada era desperdiçado, então isso era

conservado até a próxima safra e com isso também surgem as cucas e sobre elas colocavam fatias de frutas da época como o pêssego, a uva, a marmelada e tantas outras frutas (FERREIRA, CERQUEIRA e RIETH, 2008, p. 108).

Mendoza, Hernández e Villarreal (2009, p. 10) destacam a manutenção das manifestações culturais como um dos benefícios oriundos da prática turística no espaço rural: “*Entre otros beneficios se encuentra la recuperación y el mantenimiento de las manifestaciones arquitectónicas y culturales de la región visitada, así como la protección de los entornos naturales*”⁴⁸. Nesse mesmo sentido, Ferreira destaca a revitalização por parte da atividade turística de hábitos perdidos ao longo do tempo:

É possível compreender que nesse trabalho de recuperação de elementos tradicionais, alguns elementos da cultura já se encontravam em estágio residual, tal como alguns hábitos culinários, foram revalorizados e inseridos na dinâmica patrimonial (FERREIRA, 2012, p. 23).

Figura 42: Plantio de diferentes frutas e verduras



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Além da agroindústria presente na propriedade, o proprietário mostra-se preocupado em oferecer novos produtos, agregando valor a sua produção de frutas e viabilizando os rendimentos suplementares desejados:

⁴⁸ "Entre outros beneficios se incluem a recuperação e manutenção das manifestações arquitetônicas e culturais da região visitada, assim como a proteção dos ambientes naturais" (Tradução minha).

E a fruta até agora o que produziu nesses primeiros dois, três anos de, que o pomar já tem e que a gente tem industrializado ou congelado, e agora a gente vai trabalhar junto com a polpa de fruta. O pomar vai avançando a idade e vai produzindo mais. A frutífera é no quinto ano em diante, sexto ano em diante. Ela já produz no segundo ano, mas é mínimo. Então pra não ter excedente de *schimier*, de geleia eu vou congelar a polpa pra vender a polpa de fruta pra você levar aquele pacotinho de 100 gramas para casa e fazer teu suco em casa, recheio de um bolo, fazer uma torta. Então a pessoa vai encontrar aqui uma variedade de fruta da nossa região bem significativa, a gente tem umas quantas frutíferas diferente, variedades diferentes na produção (Proprietário).

A multiplicidade de frutas e verduras pode ser percebida ao longo da visitação, quando podem ser admiradas diferentes espécies:

A mais comum na nossa região é o pêssego. Que aqui perto de Pelotas é nossa região, metade sul pra baixo o pêssego predomina né? Aí outras regiões já tem a uva, a gente também plantou a uva, aí tem ameixa, que é pouco desenvolvida, a gente tem ameixa, figo, goiaba, amora, framboesa, mirtilo, araçá, são as principais. Já tem produção de kiwi, então tem poucos pés, mas já produziram esse ano a gente acha que vai ter produção [...] e essas frutas a gente vai trabalhar mais. Nas frutas nativas é o araçá, a pitanga, a guabiroba, essas a gente quer fazer elas com mais excelência: não produz muito, os pés produzem pouco e a Casa da *Schimier* se propõe assim, a trabalhar só, não é alta produção, não quero fazer da minha agroindústria, pra ir fornecer lá em Garibaldi, ali em Camaquã ou ali em Pelotas... É pra visitação que vem, quando eles chegam na Casa da *Schimier*, tem uma lojinha ali e aí compra, cada um leva 2, 3 vidrinhos... (Proprietário).

Figura 43: Produção da Schimier



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A degustação na propriedade Casa da Schimier diferencia-se das demais propriedades do roteiro, pois ela acontece com a matéria prima da *schimier*, ou seja, com as frutas *in natura*. Depois da visita aos pomares e as hortas, onde ocorre a degustação, os turistas são então direcionados ao prédio destinado a produção e comercialização de conservas e *schimier*.

A respeito de sua inclusão no Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, o proprietário lamenta a descontinuidade de oficinas, treinamentos, cursos e afins, já que sua inserção ocorreu quando o roteiro já se encontrava em atividade:

Eu nos primeiros três, quatro anos não acompanhei [o roteiro], mas sei hoje que o SEBRAE que ajudou um pouco [...] Porque nós também estamos sofrendo hoje, não tivemos orientação de ninguém, chegamos sem nada, sem cultura de turismo, sem propaganda, sem nada. (Proprietário).

Quando questionado sobre possíveis mudanças que faria, caso tivesse a possibilidade de gerenciar a área, o proprietário sugere:

O turismo [local] tem que se tornar conhecido! [...] Incluir a pousada de São Lourenço, o hotel de São Lourenço, um dia de Caminho Pomerano, nós temos que ter mais gastronomia no interior, hoje tem só um Café Colonial, teria que ter outros tipos de gastronomia, almoço, jantar, alguma coisa pra trazer esse pessoal, pra segurar [...] precisa ter mais atrativos, mais eventos e mais propaganda, mais meios de, veículos de comunicação, divulgar mais o Caminho Pomerano, mostrar mais o roteiro Caminho Pomerano e o Costa Doce. A pessoa não precisa se deslocar lá de Garibaldi, onde você mora, pra vir só em São Lourenço [...] temos a Fenadoce⁴⁹, aí vem gente do Estado inteiro pra Fenadoce e São Lourenço não aproveita nada! (Proprietário).

Nesse sentido, cabe retomar as ideias de Beni (2006) ao tratar de regionalização e roteirização turística. O autor apresenta que a regionalização turística é operacionalizada de maneiras distintas: pelas multidestações ou pelas destinações múltiplas. No exemplo proposto pelo proprietário, ocorrem as multidestações, nas quais se sucedem parcerias entre destinações já existentes com finalidade na formação de circuitos, corredores, rotas e roteiros turísticos, pois como o proprietário apresenta “a metade sul não tem essa

⁴⁹ A Festa Nacional do Doce (Fenadoce) é um evento anual realizado no município de Pelotas. O público nas últimas edições chegou a cerca de trezentos mil turistas ao longo dos quinze dias do evento (FERREIRA; CERQUEIRA; RIETH, 2008).

cultura de plantar o turismo” referindo-se, por exemplo, as ações conjuntas de divulgação, as quais envolveriam produtos e serviços turísticos diversos. Ressaltando modelos de outros roteiros de turismo rural, o proprietário também projeta ações futuras:

A gente não pode sonhar que um dia vai ser, pode né!? Vai ser um Caminhos de Pedra, um Caminho dos Vinhedos [sic], mas lá também eles contaram prá nós, nós tivemos lá há um mês atrás que eles estão dezoito anos, nos estamos a seis, sete, eu to a quatro então quando chegar aos dezoito anos aqui de certo vamos estar como a Casa do Tomate lá, todo mundo comprando, todo mundo visitando. No turismo a gente tem que plantar, esperar para colher... Não é só plantar frutífera, tem que plantar a ideia do turismo, da propriedade (Proprietário).

Entre as dificuldades encontradas pelo proprietário estão a falta de integração com o *trade* turístico local, especialmente com os hoteleiros; melhores estradas; a necessidade de um site pra divulgação e rótulos padronizados para os produtos do Roteiro; e o baixo fluxo de turistas. Ele expõe:

O turismo hoje na nossa região tem mais dificuldades, tem mais itens de dificuldade do que... mais negativo do que positivo. A gente vai parar e analisar nas reuniões do Caminho Pomerano é mais positiva, o pessoal que tá no Caminho Pomerano, nós, os seis que recebemos visitaçãõ a gente quer por demais. Mas já tem outros tem duas, três famílias que até já desistiram e aí o empecilho maior, realmente é o pessoal não acreditar, o pessoal da nossa localidade desde os vizinhos próximos né? (Proprietário)

Na propriedade Casa da *Schimier*, além de apresentações sobre modos de saber-fazer, correspondentes as conservas e a *schimier*, degustações e varejo são oferecidos aos turistas. A recepção e condução dos turistas durante a visitaçãõ na Casa da *Schimier* é realizada pelo proprietário e sua companheira, que por vezes são auxiliados por uma funcionária temporária. A visitaçãõ na propriedade tem duração média de uma hora.

5.3.5 Família Klasen – Queijaria e Artesanato em flores secas

A propriedade **Família Klasen – Queijaria e Artesanato em flores secas** está localizada na localidade do Boqueirão. Depois de percorrer a

rodovia RS 265 e andar cerca de 1 km em uma estrada vicinal, na qual podem ser observadas extensões de terra destinadas ao cultivo de fumo.

Ao lado da primeira porteira encontra-se a sinalização turística do roteiro a qual indica a propriedade. Passada a porteira, percorrem-se mais alguns metros até se chegar a um cercado, onde está a residência da família, a agroindústria e outras instalações rurícolas.

O proprietário é casado e reside com sua esposa na propriedade. Sua filha reside na área urbana de São Lourenço do Sul. Ele é agricultor e seu grau de escolaridade é o ensino fundamental incompleto. A família não possui ascendência pomerana, seus ascendentes vieram da Alemanha, no entanto o proprietário não soube identificar de qual região.

Figura 44: Propriedade da Família Klasen



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A propriedade possui 16 hectares, encontra-se há três gerações na família e nunca foi dividida. São exercidas na propriedade atividades agrícolas, agricultura ou pecuária, produção destina ao consumo externo, por meio da comercialização feita junto à feira do produtor rural, na Praça Dedê Serpa, nas quartas-feiras e nos sábados pela manhã na área central de São Lourenço do Sul.

Essa propriedade retrata muito bem o espaço rural: figueiras, açudes, coxilhas⁵⁰ e uma grande variedade de animais de diferentes portes e espécies como gansos, patos, marrecos, perus, galinhas, angolistas, cabritos, vacas, além de animais domésticos como gatos e cachorros. Estábulo, galinheiro, forno a lenha entre outras instalações características também podem ser encontradas na propriedade.

Figura 45: Área interna ao cercado.



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A visitação turística ocorre desde 2006 e ela acontece principalmente dentro desse cercado, onde além da residência, encontra-se também uma área coberta com dois banheiros e um pequeno espaço destinado ao varejo. Dentro desse cercado há árvores frutíferas, em alguns troncos ocos, galinhas e gansos fazem ninhos para lá depositar seus ovos. Não há canteiros com flores, apenas alguns vasos com flores e folhagens. Também não há gramados neste espaço da propriedade, o chão é batido. Igualmente instalada nesse cercado está a agroindústria destinada à produção de queijos.

Na propriedade da Família Klasen além das atividades agropecuárias, são igualmente desenvolvidas “atividades externas à agropecuária” (VEIGA, 2002, p. 206). Dessa forma, a combinação das atividades agropecuárias, com as da agroindústria e do turismo consolida a presença de pluriatividades

⁵⁰ Extensão de terras com contínuas e pequenas elevações na qual é comum a atividade pastoril (pecuária).

(SCHNEIDER, 2003). A variedade das atividades, agrícolas e não agrícolas, as últimas caracterizadas por sua diversidade frente às atividades corriqueiras do espaço rural, permitem novas oportunidades de renda aos moradores rurais. O proprietário inclusive relaciona os bons resultados da atividade turística na propriedade com as demais atividades que realiza:

Aqui está ótimo! [são ótimos porque] eu faço feira na praça, mas conhecido ficou, a gente já era assim... muita gente, turista, vem lá da cidade turística aí o pessoal tudo já conhece, já conhece sabe, [...] os que vem de fora também já, tudo que é lugar vem... e aqui também, os grupo que vem de Rio Grande compram muito (Proprietário).

Na propriedade, os turistas têm contato com os animais, desde filhotes até a idade adulta, situação que segundo o proprietário atrai os turistas: “o pessoal não vê isso mais, um pátio com tudo assim, tudo que é criação, solto...”

Figura 46: Turistas com os animais da Propriedade Família Klasen



Fonte: SETUR São Lourenço do Sul (2012)

No decorrer da visitação à propriedade, os turistas recebem explicações sobre o processo de fabricação dos produtos coloniais, participam de degustações de sucos, queijos, linguiça, produzidos na própria propriedade ou por outros integrantes da Associação Caminho dos Pomeranos, além de terem a possibilidade de aquisição desses diferentes produtos: “tem bolachinha, linguiça eu pego do açougue ali embaixo e seco elas bem, ovo,

galinha... se tem, e eles querem, tem! Criação eles querem, se tem galinha caipira...” (Proprietário).

Entre as diversas opções de produtos, da propriedade ou de outros associados, está o peito de ganso, produzido na propriedade e considerado como “iguaria para incrementar o turismo” (PGQP, 2007). O ganso chegou a ser cogitado para se tornar símbolo do roteiro:

‘O ganso poderá se tornar um símbolo do Caminho Pomerano’, explica o secretário de Turismo, Indústria e Comércio de São Lourenço do Sul, Zelmute Oliveira. Ele refere-se ao roteiro turístico lançado em novembro de 2006 que exhibe a herança cultural de imigrantes da Pomerânia [...] De acordo com o advogado e pesquisador da história de São Lourenço do Sul, Jairo Scholl Costa, o peito de ganso defumado chegou ao município junto com as primeiras levadas de imigrantes pomeranos, em 1858. A iguaria costumava ser servida na Europa, juntamente com o caviar e o salmão, nas mesas mais requintadas do Mar do Norte e do Mar Báltico. [...] Os pomeranos [...] sempre foram mestres na arte de preparar a parte mais nobre do ganso. O peito da ave é deixado na salmoura por dois ou três dias e depois é defumado durante o mesmo tempo. A carne assume uma coloração dourada. É servida em fatias, como uma fatia de presunto ou copa (PGQP, 2007).

Nesse sentido, o peito de ganso poderia se tornar o produto símbolo do roteiro como proposto pelo proprietário da Casa da *Schimier*. Contudo, para isso fazem-se necessários incentivos, de toda ordem, especialmente para a expansão da criação de gansos, pois como relata o proprietário “eu nunca tenho de chega!”.

Ele explica que no decorrer do ano de 2012 abateu mais de uma centena de gansos, mas que a produção já está quase findando: “É eu tinha feito peito de ganso, mas agora só tem coxinha, o resto já... matei mais de cem gansos e já foi tudo! É que ninguém produz mais, muita pouca gente que cria” (Proprietário).

O proprietário destaca apenas a produção feita por uma vizinha, “tem a Romilda que faz pra feira”. Costa (2007, p. 51) explica que ela “é associada à Associação Caminho Pomerano, fornecendo seu produto para consumo no café colonial ou almoço do roteiro, ou para degustação em eventuais feiras de turismo”.

Figura 47: Proprietário com as coxinhas defumadas de ganso



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Independente de se tornar ou não o produto símbolo do roteiro, em São Lourenço do Sul, acontece desde 1980 a *Südoctoberfest*. A comissão organizadora elegeu a imagem de um ganso como mascote da festa, referenciando mesmo que indiretamente o peito de ganso defumado (*spickbost*, em pomerano) produzido na área rural do município. A figura 48 apresenta o mascote da festa, referenciando-se assim ao “prato típico da cultura pomerana” (SÜDOKTOBERFEST, 2012).

Figura 48: Cartaz da 25ª edição realizada em 2012



Fonte: SÜDOKTOBERFEST, 2012.

O proprietário descreve também que aprendeu com seus antecessores a preparar a carne do peito de ganso defumado, o qual demanda em torno de 10 dias para ficar pronta.

Isso eu aprendi desde os antigos, desde antigamente. Como eu digo: o cara sempre veio seguindo do tempo, da vó e... [...] como eu digo, se eu to com vontade de comer uma galinha hoje eu mato, só que o ganso não é tão bom, o ganso melhor época é matar em maio, maio adiante, junho, julho, agosto... [...] Porque eles faziam antigamente o peito de ganso? Aquilo eles guardavam, durava o ano inteiro, que nem charque [...] Eles faziam em maio, aí durava o inverno, era mais comido no inverno, eles tinham comida no inverno inteiro [...] o processo é o mesmo [daquele de antigamente], botava no sal, deixava uns 4, 5 dias, uma semana, pendurava, deixava na fumaça que nem linguíça, que nem charque... (Proprietário).

E assim, no final de todo o processo tem-se:

[...] para consumo uma peça dourada pela gordura por fora e cor rubi por dentro, que é cortada em finas fatias e servida sobre fatias de pão preto, acompanhados de vodka, schnapps ou outro tipo de aguardente (COSTA, 2007, p.50).

A preocupação com os alimentos, especialmente durante o inverno pode ser observada na fala dos dois últimos proprietários. Outrora existia o cuidado de manter os alimentos em caldas no caso de frutas, em conservas, na própria gordura ou ainda defumados, como no caso das carnes. Dessa forma aumentava-se a durabilidade dos alimentos, visto que não existia refrigeração. O proprietário conta que o consumo de carne de ganso é um hábito comum em sua família, assim como o de galinhas. Apesar disso, ele relata não ser uma atividade fácil em virtude das particularidades dessa criação:

Sempre fazia pra gente comer, depois comecei com a feira, Caminho Pomerano e seguindo com isso... O grande problema é que o gansinho não é como a galinha, não consegue criar todo o ano, ela põe como agora, chocaram, mas morreram muito dentro da casca, muita tormenta e aí é um grande problema. [...] esse ano tenho trinta filhotes a recém, mas tem um oito chocando também, não é como galinha que tu pode chocar o ano inteiro [...] prá matar também, é de maio até agosto [...] ele não engorda fora de época [...] é cheio de grau o bicho! Risos... (Proprietário).

Em relação à outra atividade anunciada na placa de identificação da propriedade, o artesanato em flores secas, a atividade era realizado pela filha

do proprietário. Em virtude de sua mudança para a área urbana do município ela não deu continuidade à atividade que aprendeu com uma madrinha. A suspensão dessa atividade e a mudança no local de residência muito provavelmente se deram motivadas pela busca de melhores condições de vida como aponta Elesbão (2010).

Na Pomerânia, as agricultoras e as crianças tinham como hábito colher flores entre os meses de maio a outubro (primavera, verão e outono no hemisfério norte), porque depois, o inverno rigoroso tornava as flores escassas no campo. Elas então se dedicavam a secar as flores, para então ornamentar os altares das igrejas e as casas durante todo o ano (POMERANOS, 2012). Atualmente alguns exemplares de arranjos ainda encontram-se expostos no espaço destinado ao varejo. Há também alguns canteiros, designados ao plantio dessas espécies de flores.

Figura 49: Arranjos confeccionados com flores secas



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

No que diz respeito à sua inserção no roteiro, o proprietário relata que participa desde o início, incentivado especialmente pelo prefeito na época, destacando que no princípio “tinha curso do SEBRAE⁵¹ [...] sobre turismo rural, fizemos também boas técnicas [...]” (Proprietário).

⁵¹ SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micros e Pequenas Empresas.

É foi um grupo, que nossa turma se ajuntou e o município junto, o prefeito ajudou e nós já tava meio assim [...] Nossa cidade é turística e aí botaram o Caminho junto. [...] Nós juntamos primeiro a Associação e depois o Roteiro mais ou menos e depois nós fizemos a Associação pra organizar os papeis tudo assim [...] Tem uns quantos associados, são uns, até nem sei mais quantos são, são uma turma, logo na saída tinha uns 40, 50 sócios quase. [...] Os mesmos que estão segurando as pontas são, somos nós do roteiro, que recebemos (Proprietário).

Quando questionado sobre as dificuldades encontradas ao longo dos anos, o proprietário narra que o desenvolvimento foi de maneira lenta “é que nós fomos devagar pra não deixar a peteca cair”, o que pode ser remetido às palavras de Fávero (2004) quando a autora destaca a instrução transmitida aos empreendedores de outro roteiro, no sentido de evitar amplos investimentos na fase inicial, em virtude da incerteza de fluxos turísticos, e do consequente retorno a médios e longos prazos.

E sobre os rendimentos, o proprietário finaliza: “Foi uma boa sim, mas lucratividade não é tanto assim, como eu digo, uma coisa puxou a outra”, referindo-se as diversas atividades, agrícolas e não agrícolas, que ele e sua família desenvolvem.

Na propriedade Família Klasen – Queijaria e Artesanato em flores secas, além de apresentações sobre modos de saber-fazer, correspondentes ao preparo de queijos e processos de defumação, degustações de produtos coloniais, varejo e contato com animais são oferecidos aos turistas. A recepção e condução dos turistas durante a visita na propriedade é realizada pelo proprietário e sua esposa, que por vezes são auxiliados por vizinhos. A visita na propriedade tem duração média de trinta minutos.

Para chegar às demais propriedades, precisa-se retornar até a rodovia RS 265, para então alcançar o acesso à localidade de São João da Reserva, localidade que também teve importância no processo de colonização empreendido por Rheingantz.

[...] na Reserva Jacob Rheingantz manda construir um grande galpão de madeira, por isso se chama de Reserva, aquele distrito, porque ali ficava reservado para receber a leva de alemães que chegavam até ser demarcado a sua terra, fazer uma choupaninha, então essas famílias irem para as suas terras, por isso que se chama Re-ser-va. (Sujeito 14).

Já nas últimas décadas do século XIX, o povoado de São José da Reserva foi elevado à condição de freguesia, e posteriormente à condição de vila. Essa condição possibilitou à localidade um desenvolvimento ímpar se comparado às demais localidades que integram o roteiro.

Figura 50: Localidade de São João da Reserva, 6º distrito do município.



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

Atualmente São João da Reserva possui um hospital que atende não apenas pessoas da localidade, mas também de outras localidades de São Lourenço do Sul e municípios vizinhos, duas funerárias, posto de correio, farmácias, mercados, entre outros serviços. Como destaca Trevizan, nesta localidade ocorreu a inserção de “serviços públicos que antes eram exclusivos da cidade, [que] vão ocupando espaços rurais como energia elétrica, água encanada, tratamento sanitário, saúde, educação, transporte público” (2006, p. 7). Cabe destacar que, da estação rodoviária de São Lourenço do Sul, partem ao longo do dia, várias linhas de transporte coletivo, as quais atingem diferentes distritos, dentre os quais São João da Reserva.

5.3.6 Heiden Haus

É na localidade de São João da Reserva, que está estabelecida a propriedade **Heiden Haus**.

A proprietária é casada, não possui filhos, é aposentada e possui ensino fundamental incompleto. Seus antecedentes partiram das regiões de Hamburg e Lübeck, norte da Alemanha. Ela e seu esposo residem numa casa localizada ao lado do prédio destinado visitação turística.

A propriedade possui extensão de 2 ½ hectares, está há três gerações na família e neste período já ocorreram divisões de sua área. Na propriedade são exercidas poucas atividades agrícolas, destinadas apenas para consumo interno, como criação de alguns bovinos e cultivo de uma pequena horta.

A Heiden Haus foi a última propriedade a ser integrada ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, em março de 2011. A proprietária conta que ambos eram associados à Associação Caminho dos Pomeranos, contudo como na ocasião da fundação eles ainda tinham outros afazeres pediram o desligamento temporário. Depois de aposentados e com maior tempo livre eles então retomaram as atividades junto à Associação Caminho dos Pomeranos.

Figura 51: Propriedade Heiden Haus



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A visitação nessa propriedade ocorre em dois ambientes: no prédio ao lado da residência, o qual já abrigou uma funerária (atividade econômica a que se dedicavam anteriormente) e na própria residência da proprietária, a qual possui um gramado com arbustos e canteiros de flores.

A iniciativa partiu da proprietária, com o apoio do marido. O casal foi especialmente estimulado pelo Sujeito 14:

Tem uma guia, ela sempre dizia: ‘olha quando eu passo aqui pela vila São João da Reserva tem uma coisa me perguntando assim, porque ninguém desse lugar tá fazendo parte do Caminho Pomerano?’ aí a gente foi amadurecendo, amadurecendo, foi até então que a gente entrou. Como tinha bastante coisa de antigamente, antiguidades, peças, até vestimenta temos agora também (Proprietária).

Ao mesmo tempo, os proprietários já mantinham de maneira informal um acervo de peças reunidas na própria família e a inserção no Roteiro possibilitou que tais peças pudessem ser expostas a um público maior:

Olha surgiu desde que eu vim morar aqui na Reserva, como a minha sogra guardava tudo, tudo, tudo, ela tinha coisas, eu sempre dizia pro João assim: ‘um dia eu vou ter meu pequeno museu’. E depois com a venda lá do mercado então ficou mais as coisas acumuladas e aí ‘vamos fazer o museu mais tarde’ e chegou o ponto no Caminho Pomerano que a gente então, deu pra mostrar as pequenas coisas que a gente tem. E dar valor as coisas antigas (Proprietária).

A proprietária e seu esposo destacam que a inserção no Roteiro trouxe mudanças positivas, visto que as atividades junto à funerária estavam fortemente relacionadas a sentimentos tristes:

Pra mim foi bastante positivo, que a gente conheceu mais pessoas, faz mais amigos, prá nós foi bastante significativa essa nossa nova atividade e chega de tanta atividade com tristeza que a gente viveu [...], agora é só alegria! (Proprietária).

Como a visitação ocorre em diferentes espaços, inicialmente os turistas são recepcionados no prédio localizado ao lado da residência, onde podem observar o acervo de antiguidades, utensílios domésticos, peças de vestuário reunidas na família e na comunidade. Algumas dessas peças foram doadas após a enchente ocorrida em março de 2011: “as pessoas aproveitaram para fazer uma faxina no que sobrou...” (Proprietária). A proprietária explica como ocorre a visitação na propriedade:

A gente recebe primeiro eles lá em cima [no prédio], aí olham os objetos todos né. A gente faz uma degustação, eu sempre faço uma cuca ou bolo e a gente faz aqui em casa o licor de butiá e laranja, e agora nós até inclusive fizemos de jacarandá, saiu uma delícia! E dali então eu faço... Aceito as perguntas que eles fazem né. E fazem! Tem quatro tipos de objetos que a gente tem que falar sobre aquilo né? E aí depois, a gente vem aqui olhar os relógios (Proprietária).

Sobre os quatro tipos de objetos que apresenta aos turistas, a proprietária explica que a escolha partiu de um consultor.

Ele escolheu três peças acho que são: uma do lampião, que antigamente eles usavam para confeccionar o caixão durante a noite, que não tinha luz elétrica; uma jarra com bacia que usavam também porque não tinha banheiro, então tomavam banho no quarto, uma bacia, uma jarra e prá sabonete, inclusive tenho essa peça lá no acervo, e a outra era... ah! o primeiro carro depois que a gente casou, que a gente adquiriu, era um fuquinha 69... Mas tinha mais uma coisa, João esse eu já não me lembro mais, vou ter que olhar lá na minha lista. Então são coisas assim, que toda vez que vem um grupo a gente dá uma palestrinha. E a outra que seria é o porquê ou quando surgiu a ideia da coleção dos relógios. Isso é uma explicação que o pessoal gosta de saber [...] (Proprietária).

Tal seleção dos objetos a serem apresentados aos turistas, não parece ter sido uma decisão realizada de maneira endógena, ou seja, que se forma no núcleo, ou ainda, sem a necessária discussão com os proprietários. Pode-se perceber isso na fala da proprietária, quando ela tem dificuldade em lembrar a quarta peça a ser apresentada.

Figura 52: Acervo da propriedade Heiden Haus



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Entre as peças do acervo estão uma coleção de miniaturas de carros, uma coleção de bonecas, fotografias, quadros, peças de vestuário e sapatos, louças, faqueiros, ferramentas, lampiões, rádios, *wandschoners* (panos de

parede bordados, utilizados outrora como enfeites) e um caixão, relembrando a antiga atividade econômica dos proprietários.

Em um dos quadros expostos (o primeiro na linha inferior), está o convite para os Festejos do 1º Centenário da Colonização de São Lourenço do Sul (1858-1959), que ocorreram na localidade Coxilha do Barão. Entre as atividades estava a realização de uma missa campal, um culto, a inauguração do Monumento ao Colono, o hasteamento de bandeiras, almoço e à noite um grandioso baile.

Finda a visitação no prédio auxiliar, os turistas são então dirigidos até a sala de estar da residência, onde estão expostos os relógios de parede de diferentes tamanhos, idade e origens. De acordo com os proprietários, essa coleção é a que mais atrai os turistas.

Da família tem um [...] Fomos comprando dos colonos, dos brigue, agora o pessoal já vem oferecer prá nós... E todos funcionam. Quando o João dá corda demais, pleim! Arrebenta né?! Esses do cavalinho, esses são alemães, né?! Os outros são americanos, tem um acho que francês e um mexicano... Tem uns que é com peso ainda, acredito que é o mais antigo, é com corda, com fio de *nylon* (proprietária)

O início dessa coleção aconteceu ao findar da década de 1990 e a antiga atividade econômica contribuiu para a reunião do acervo:

Isso aconteceu em [19]98, [...] aí eu dizia assim para o meu marido 'Eu quero um relógio de parede antigo' e aí nós fomos pra cidade e na relojoaria do Claudio tinha um, cheguei lá e perguntei: 'Tá de venda? Sim. Quanto? R\$ 300,00', eu achei uma loucura de valor há doze, quatorze anos atrás, aí eu ainda perguntei 'Seu Claudio, o senhor me faz em duas vezes? Faço, então ele é meu!' disse para ele. E depois também como na profissão da gente sempre tinha praticamente em cada casa mais antiga, tinha um relógio de parede. Então depois da gente ter feito o serviço e tudo, de funerária né? Quando chegava aqui pra fazer o acerto eu chegava e perguntava, claro não diretamente pra pessoa, se não sabiam na vizinhança alguém que queria vender relógio, qualquer coisa assim, 'Ah! Fulano tem, Fulano tem, é só chegar lá e é capaz de vender' e assim a gente foi adquirindo um aqui, outro ali e agora o pessoal já vem oferecer pra nós [...] aqui em casa temos 52, um tá no conserto (Proprietário).

Sobre a multiplicidade de peças que integram o acervo da propriedade Heiden Haus, o Sujeito 13 destaca:

Tu já deves ter visto o arsenal [referindo-se a diversidade do acervo] que eles tem lá. Lindíssimo, qualquer pessoa, de qualquer gosto, gosta, fica fascinada com aqueles relógios! E o Seu João tem uma lábia que encanta todo mundo! Risos...

Figura 53: Parte da coleção de relógios da Heiden Haus



Fonte: Magda M. Spindler (2012).

Tal variedade de peças por vezes parece dificultar a inserção da propriedade na tematização do roteiro em sua totalidade. Uma relação entre a chegada de imigrantes sejam eles vindos da extinta província da Pomerânia, ou de outras regiões da Alemanha, com o processo de ocupação, colonização e expansão econômica desse território talvez pudesse contribuir para uma maior interação.

Os turistas podem ainda degustar e adquirir licores de butiá, produzido artesanalmente na propriedade e de laranja, esse normalmente fornecido por um primo do marido. A proprietária conta: “eu aprendi com minha mãe, principalmente o de butiá, o de laranja já era mais aqui da localidade aqui, foi com teu tio [referindo-se ao marido] né?!”.

Figura 54: Produção de Licor de Butiá



Fonte: Magda M. Spindler (2013)

Há também opções de trabalhos manuais como crochês e bordados produzidos pela proprietária. Costa (2007) explica que o artesanato com crochê e palha, e as estrelas de papelão e tecido são elementos da cultura pomerana. A proprietária possui uma estrela de papelão e tecido, confeccionada com retalhos de tecidos, outrora utilizados em seus próprios vestidos, de sua irmã e de sua mãe.

Figura 55: Artesanato pomerano



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Sobre possíveis ações ou mudanças que faria a proprietária explica:

Eu acho que, como nós temos umas localidades que é mais o foco de pomeranos, de repente o pessoal tinha que abraçar o Caminho [...] porque tem muita, muita coisa escondida ainda, antiguidades e de tudo né. Então acho que seria uma oportunidade de fazer umas reuniões nas localidades e procurar se eles não mostram interesse em participar (Proprietária).

A visitação na propriedade Heiden Haus tem duração aproximada de uma hora e a condução da visita é realizada pela proprietária e por seu esposo. Entre as atividades propostas estão as exposições de objetos antigos, as degustações e o varejo. Concluída a visitação os turistas seguem para a localidade Coxilha do Barão, onde se encontram os demais atrativos turísticos do roteiro.

5.3.7 Vinícola Weingartner – Maischnaps

Localizada na localidade Coxilha do Barão, a Vinícola Weingartner – *Maischnaps* não oferece visitação turística. É comum encontrar nos materiais de divulgação, como no folder do Roteiro, por exemplo, esta propriedade indicada pelo nome de seu proprietário, Tiago Thomsen.

Figura 56: Vinícola Weingartner – Maischnaps



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

O *Maischnaps* é uma bebida alcoólica produzida ainda na antiga província da Pomerânia no decorrer do mês maio, período de floração das

plantas, motivo pelo qual a bebida era preparada durante este mês. A bebida é produzida e comercializada por um dos associados da Associação Caminho dos Pomerano, no entanto ela é degustada e comercializada em outras propriedades do roteiro. Entre as indicações dos benefícios da bebida composta por 32 ervas, dentre as quais as folhas de laranjeira e bergamoteira, estão àqueles relacionados aos problemas digestivos:

O *Maischnaps*, também chamado de “Cachaça de Maio” é descrito como uma “bebida símbolo” dos pomeranos, com ritual específico. [...] deve ser preparado no mês de maio, sendo colocada uma folha de cada espécie de planta medicinal diferente a cada dia em um litro de cachaça. No último dia, colocam-se duas folhas de espécies diferentes para fazer o *bouquet*, acentuar o sabor e deve-se deixar curtir as folhas das plantas medicinais na cachaça por algum tempo. [...] Cada família entrevistada utiliza as ervas que possui em casa para produzir o *Maischnaps* e, portanto, em cada residência esta bebida possui um gosto diferente. [...] O *Maischnaps* assume diferentes significados nas famílias estudadas, podendo ser utilizado tanto como aperitivo, quanto como medicinal para dor de estômago, para tosse, para diarreia [sic] e para cólicas (DELPINO, 2011, p. 61).

Outras famílias integrantes da Associação e do Roteiro também produzem a bebida, mesmo que para consumo próprio. O Sujeito 6 conta que aprendeu a fazer o *Maischnaps* com seus pais.

5.3.8 Casa do Colono e Monumentos

Estão igualmente situados na localidade Coxilha do Barão a Casa do Colono e os Monumentos comemorativos à chegada dos primeiros imigrantes pomeranos em São Lourenço do Sul. O nome da localidade originou-se do genro de Rheingantz, o Barão Curt Von Steinberg, que administrou a colônia após a morte de seu fundador.

Hammes (2010) explica que foi na localidade Coxilha do Barão, que Jacob Rheingantz fundou sua colônia, composta por oito léguas quadradas de terras na Serra dos Tapes. Como já mencionado, Rheingantz firmou contrato com o governo imperial no final de 1856, em maio de 1857 partiu para a Europa para dar continuidade ao seu projeto e no final do mês de outubro de 1857 embarcou os primeiros imigrantes.

Figura 57: Sinalização turística na Coxilha do Barão



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A Casa do Colono foi construída por Jacob Rheingantz, e servia de moradia a ele e seus familiares, além de ser o local de onde administrava sua colônia.

O grande impulso, porém, foi dado em 1858, pela criação da Colônia Rheingantz, na região da atual São Lourenço, que na época fazia parte do território de Pelotas. Tratava-se de uma imigração de língua alemã, porém com forte presença da etnia pomerana, cuja presença é um diferencial da composição étnica da zona colonial da Serra dos Tapes. Em 18 de Janeiro de 1858, o empresário renano Jacob Rheingantz, em sociedade com o Sr. José Antônio de Oliveira Guimarães, iniciou a colonização da Serra, trazendo da Europa colonos alemães e pomeranos, a fim de ocupar as terras por eles adquiridas. Na região, prevaleceu o modelo da colonização baseado no empreendimento particular, predominando o componente étnico de origem alemã (CERQUEIRA, 2010, p. 873).

Os proprietários do roteiro relatam seu interesse em transformar a casa numa espécie de Museu do Imigrante. Já ocorreram exposições temporárias nesse espaço, ocasião em que foram utilizadas peças do acervo da propriedade *Heiden Haus*.

Figura 58: Casa de Jacob Rheigantz



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

No entorno da Casa do Colono, foram edificados três monumentos representativos às passagens dos 50, 75 e 100 anos da chegada dos imigrantes, além da placa de comemoração das festividades da passagem do Sesquicentenário da Imigração alemã-pomerana em São Lourenço do Sul. Choay explica a origem dos monumentos:

O sentido original do termo é do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva de seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva (CHOAY, 2001, p. 17-18).

O monumento erguido por um indivíduo, ou por um grupo, tem o objetivo de relembrar e perpetuar as lembranças acerca de acontecimentos, sacrifícios, crenças ou rituais de determinada comunidade. O passado, selecionados para fins vitais, invocado por intermédio dos monumentos pode contribuir para a manutenção e preservação da identidade de um grupo, seja ele étnico, religioso, nacional, tribal ou familiar. De acordo com Choay, o monumento se “constitui uma garantia de origens” (2001, p. 18). Situação que ocorre com os monumentos erigidos na Coxilha do Barão, e que se tornaram atrativos culturais concretos de acordo com a classificação proposta por Bahl (2004).

Figura 59: Monumento do Cinquentenário



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

O primeiro monumento foi erguido em comemoração aos cinquenta anos da chegada dos imigrantes e da fundação da Colônia, foi inaugurado em 1908. Esse monumento possuía originalmente uma pedra de mármore com inscrições em português e alemão que homenageavam Jacob Rheingantz. Essa pedra foi arrancada, quebrada e destruída por ocasião da Segunda Guerra Mundial, a qual foi posteriormente substituída por outra, apenas com inscrições em português. Na parte frontal desse obelisco encontra-se a foto do fundador, com uma pequena moldura de porcelana (HAMMES, 2010).

Para a passagem do centenário da fundação da Colônia em 1958, outro monumento foi construído, este em granito e com uma escultura em ferro fundido, de um semeador, a qual homenageia os colonos (HAMMES, 2010).

Figura 60: Monumento do Centenário



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

A visitação neste ponto do Roteiro pode ser estendida até a Igreja Evangélica de Picada Moinhos, em cujo subsolo encontra-se uma passagem que possibilita a visualização do caixão de ferro com os restos mortais de Rheingantz, trazidos de Hamburgo na Alemanha (HAMMES, 2010). O Sujeito 14 conta sobre o trabalho que Jacob Rheingantz fazia e sobre o traslado de seus restos mortais:

E isso ele fez, foi várias vezes, foi e voltou, foi e voltou... Numa dessas idas ele morre na Alemanha, buscando colonos, mas a colônia foi próspera, já estava grande, estava andando e ele deixa em testamento prá mulher dele pedindo que se um dia ele morresse na Alemanha buscando alemães para o Brasil, que ele gostaria de ser enterrado no coração da sua colônia, e ele está enterrado na Igreja lá da Coxilha do Barão, em frente a sua casa [...], na igreja protestante [...] (Sujeito 14).

Figura 61: Igreja Evangélica na Coxilha do Barão



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Depois da visitação à Casa do Colono, aos Monumentos e a Igreja com o túmulo de Jacob Rheingantz segue-se então até a próxima propriedade, localizada a poucos metros deste ponto.

5.3.9 Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia

A propriedade **Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia** situa-se na localidade de Picada Moinhos, no entanto, “o nome popular é Coxilha do Barão, por causa do Jacob Rheingantz” (Proprietária).

A proprietária é casada, possui um filho (também casado) e todos residem na propriedade. Ela é aposentada, contudo continua atuando como professora. A proprietária possui formação superior em fitoterapia e sua família possui ascendência pomerana.

A propriedade possui extensão de 10 hectares, encontra-se há três gerações na família e neste período já foi dividida. São exercidas na propriedade atividades agrícolas (agricultura ou pecuária) destinadas ao consumo interno. A produção é também destinada à fabricação dos alimentos oferecidos nas refeições dos turistas.

Figura 62: Propriedade Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

O início das atividades turísticas nesta propriedade ocorreu a partir de 2006, quando teve início o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. A iniciativa partiu da proprietária, motivada pela necessidade de agregar valores aos rendimentos da família. A inserção se deu especialmente pelo convite que recebeu da prefeitura naquela ocasião:

Porque eu trabalho com o projeto de plantas medicinais no município, aí eles me convidaram pra desenvolver alguma coisa que fosse relacionada com os chás né? Os chás de antigamente, aquele que as pessoas usavam [...] por isso que eu fui convidada a participar do Caminho Pomerano (Proprietária).

A visitação acontece em diferentes ambientes da propriedade, contudo, como o atrativo turístico são as plantas, a maior parte da visitação acontece ao ar livre. A proprietária descreve como ela acontece:

Os turistas são recebidos com uma saudação em pomerano. Dependendo do horário da chegada, eles são encaminhados para o espaço destinado às refeições ou então na área da mandala, onde recebem as explicações relacionadas. Os turistas podem ainda apreciar objetos antigos, especialmente ferramentas que pertenceram ao meu avô, que foi carpinteiro (Proprietária).

Além do pequeno gramado na frente da residência da proprietária, há uma diversidade de plantas em toda a extensão da propriedade. Ao fundo de duas edificações (residência da proprietária e pavilhão onde a família mantém uma empresa de transportes de carga) encontra-se a mandala estilizada

composta por ervas medicinais, as quais os pomeranos usavam contra as doenças, onde os turistas recebem as primeiras explicações sobre os benefícios dessas.

O termo mandala vem do sânscrito e significa "sagrado" ou "círculo mágico". O símbolo vem da antiguidade e representa a relação do homem com o universo ou ainda os planetas ao redor do sol (EMBRAPA, 2009).

Figura 63: Mandala de ervas



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Para se chegar até a mandala percorrem-se trilhas curtas (caminhos) de chão batido, delimitados por pedras. No entorno da mandala, em um dos lados há um poteiro e no outro lado, um pequeno barranco no qual a proprietária não permite que sejam passados maquinários, evitando assim que ervas possam ser retiradas sem cuidado, visto que muitas plantas que consideramos daninhas possuem benefícios à saúde. Mais ao longe uma pequena área com árvores. Vasilhames destinados a compostagem também podem ser vistos, e possuem um caráter educativo, já que é utilizado durante as explanações aos grupos.

Também nos fundos da residência, numa espécie de porão, que antes servia como depósito, e que atualmente abriga um pequeno museu particular os turistas podem observar o acervo de peças.

Figura 64: Acervo da propriedade



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Nesse mesmo espaço há também uma exposição artesanato em palha de milho produzido por mulheres da comunidade quilombola de São Lourenço do Sul e travesseiros aromáticos.

Figura 65: Artesanato



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Sobre as peças de artesanato produzidas e vendidas na propriedade, a proprietária defende a utilização de matéria prima local, como por exemplo, a palha de milho utilizada na confecção de artesanato, “[...] a palha de milho é nossa, então a gente tem que procurar trabalhar com o que é nosso”. Ainda ao que se refere ao artesanato pomerano, a proprietária explica sobre as estrelas

de papelão e tecido, vem a relação entre as estrelas e as boas vindas aos visitantes numa casa pomerana:

Quando chega, vamos dizer tu tá namorando ele, teu pai não quer isso, a gente bota a parte da estrela no quarto grande, sempre tem na casa do pomerano um quarto grande, onde tem cama, onde tem banco, onde tem um gramofone, uma coisa assim, e ela é colocada, ela é feita de várias cores, se a parte escura é colocada pro teu lado quando tu entra, não precisa nem dizer bom dia pro teu sogro, pode te virar e ir embora também que o teu casamento não vai ser aceito. Pomerano não fala, ele fala devido as cores. Se a parte clara é virada para o teu lado, tu é bem vindo na família, é bem assim. E se a visita também não e bem vinda, a estrela vai estar com a parte escurinha (Proprietária)

Figura 66: Almofada com símbolos pomeranos



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Entre as peças expostas nesse espaço, a proprietária destaca duas: o vestido de casamento de sua mãe, “ela casou de preto [...] e aí eles tinham um segundo vestido na hora, para a cerimônia religioso era um, e na hora do [...] o preto porque significava virgindade, agora se é verdade eu não sei...”; e a capa de uma antiga almofada, recentemente recebida de sua mãe. A proprietária relembra a explicação que recebeu de sua mãe para os desenhos bordados na capa de almofada: “Mãe o que quer dizer essas coisas redondas? Olha só, porque da mandala redonda? Ai ela me disse: União da família, a estrela do teto, a união da família, das pessoas da vizinhança [...] e a pombinha da paz [...]” (Proprietária).

Outro atrativo da propriedade é a gastronomia. O *Frischtick Haus* é um espaço destinado às refeições dos grupos que visitam o roteiro. Lá a família oferece refeições baseadas na culinária alemã-pomerana através de duas opções: o café pomerano ou o almoço da colônia. Entre os pratos oferecidos no café pomerano estão especiarias como carne de porco, cucas, *schmier*, pão caseiro, linguiça, mel, entre outros (COSTA, 2007). O espaço destinado às refeições dos turistas é decorado com uma estrela de papelão, a proprietária explica que “onde vocês entrarem e tiver uma estrela dessa é porque tem uma família pomerana” (Proprietária).

Figura 67: Espaço destinado às refeições



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Em relação aos atrativos de sua propriedade, a proprietária explica como se deu as escolhas:

Como é quê, eu com plantas medicinais, vou trabalhar dentro do Caminho Pomerano? Aí o pessoal me disse assim: 'Inês, tu é a única pessoa que fala pomerano', e é realmente dentro do Caminho Pomerano sou a única, de origem dos dois lados... E comecei a trabalhar em cima das plantas dos meus avós e bisavós, quando eu comecei a mexer naquela mala, vamos dizer assim né, comecei a conversar com meus avós... Menina, eu descobri coisas que eu jamais imaginava que eles sabiam sobre plantas e o que eles faziam com plantas. Aí me abriu o caminho! Pô, mas eu vou fazer meu horto de plantas, mas só o horto pra visitação não vai dar, o que que eu vou fazer mais? Vou ter que acrescentar alguma coisa, aí eu fiz um Frischtick Haus, Casa do Frischtick que eu ofereço almoço e café ou lanche, alguma coisa assim... [...] E eu, eu não me imaginava que eu

teria uma história tão grande, sabe pra conta e aí foi somando né... (Proprietária).

O estreito contato entre pomeranos e natureza pode ser remetido à história da Pomerânia, quando essa era ocupada por povos eslavos no século XII, “os pomeranos, devido a sua tradição pagã⁵² presente em sua raiz eslava, tinham seus deuses na natureza” (COSTA, 2007, p. 51). Os pomeranos acreditavam que os deuses, bons ou maus, presentes na natureza se manifestavam através dos elementos da natureza, como as chuvas e o sol. As doenças por sua vez podiam ser originárias do ar, da água, do fogo, e de outros elementos da natureza.

Quando de sua chegada à Serra dos Tapes, os pomeranos encontraram junto aos remanescentes indígenas conhecimento sobre a flora local e sua aplicação em diferentes problemas de saúde, usando meios de tratamento alternativos como forma de sobrevivência no isolamento da colônia.

[...] anteriormente ao processo colonizador, a região havia sido território de intensa ocupação indígena, associada arqueologicamente à tradição tupiguarani, localmente identificada, de acordo com as fontes etno-históricas, à presença de índios denominados tapes. (CERQUEIRA, 2010, p. 872).

Costa destaca que os pomeranos:

Possuíam simpatias para os males, utilizando-se de receitas caseiras que incluíam o uso de toucinho, querosene, mel (ACEVEDO, ESTRELA e SALAMONI, 1995), ou de chás, dependendo do tipo de dor. Com o processo de germanização, a religiosidade dos pomeranos foi aos poucos sendo alterada, predominando a crença em Deus, e não mais nas manifestações da natureza (2007, p. 51-52).

Tal situação pode ser confirmada na fala da proprietária, quando ela destaca que a relação dos imigrantes pomeranos e seus descendentes com os chás vem de longa data.

E dentro do pomerano eles usavam só chá, minha mãe me disse. Na casa assim oh, ãhhh vamos dizer na porta da sala tem um buraquinho sabe? Lá vai sempre o vidro de chá da família. [...] É lá

⁵² O paganismo seria a crença em outros deuses, por exemplo, o culto às forças da natureza, consideradas sagradas pelos pagãos.

tem remédio que alguém se corta, alguém se bate, lá tem um concentrado de plantas, com plantas tóxicas, com plantas bioativas, com plantas de tudo que é tipo né? Eles fazem uma, faziam uma infusão lá com alcanfor, que meu pai até hoje faz, tem garrafadas de alcanfor que o pessoal vem buscar do Seu Valdemar, [...] com essas plantas que são dos meus bisavós já né? (Proprietária).

Bahia (2003) destaca a transmissão desses ensinamentos, normalmente às mulheres da família.

[...] son las mujeres quienes se dedican a los servicios domésticos, al aprendizaje sobre el uso medicinal de las hierbas y plantas, especialmente a lidiar con las enfermedades infantiles, y conocen mejor el universo religioso. Su esfera de actuación comprende la cocina (casa), los niños y la iglesia, esto es, Küche, Kinder y Kirche, espacios sociales en los cuales son aprendidos los conocimientos mágicos y preservadas las lenguas alemana y pomerana. (BAHIA, 2003, p. 141)⁵³.

A proprietária caracteriza o momento em que está com os turistas, ao redor da mandala, como um dom:

[...] aqui o turista chega, faz um círculo, eu coloco uma [...] eu tenho um som que sai aqui, as pessoas colocam, ficam em círculo [...] porque dessa horta em círculo? isso aqui não é o relógio do corpo humano. Nós precisamos um do outro pra gente conseguir fazer um trabalho e sobreviver. Eu sozinha aqui, sem vocês, sem a ajuda de vocês não consigo nada e vocês também, sem a minha pequena compartilha, vocês também não vão conseguir. Ai a gente une as mãos e eu explico isso, coloco um som e eu não sei porque gente, eu começo a falar, eu passo uma mensagem, eu não sei da onde é que sai, sabe? [...] Eu começo a falar sabe, e as pessoas se emocionam, choram e eu não sei, eu sei o que eu digo, mas emocionalmente aquilo cativa, e eu não sei da onde eu tiro esse dom, eu também não sei... [...] é uma mensagem de 15, 20 minutos, eu falo sobre o chão onde a gente tá, [...] aí depois disso as pessoas largam as mãos, elas saem do círculo e eu começo a falar sobre cada planta, cada uma delas eu fico falando... (Proprietária)

A proprietária que integra o roteiro desde o princípio, destaca alguns pontos positivos ou negativos proporcionados pela atividade. Quando questionada, ela rapidamente destaca: “Ahhh!!! Muitos amigos, muitos amigos novos. Me trouxe muito enriquecimento pro meu trabalho também”. Tal afirmação vem ao encontro das ideias de Santos, E. (2004, p. 98), quando o

⁵³ “[...] são as mulheres que se dedicam aos serviços domésticos, ao aprendizado sobre o uso medicinal de ervas e plantas, especialmente para lidar com doenças infantis, e conhecem mais o universo religioso. Sua esfera de ação inclui a cozinha (casa), as crianças e da Igreja, isto é, *Küche, Kinder e Kirche*, espaços sociais em que são aprendidos conhecimentos mágicos e preservadas as línguas alemã e pomerana” (Tradução minha).

autor explica que “a atividade primária o deixa muito isolado do convívio social” quando comparada a possibilidade de convívio com pessoas diferentes durante a atividade turística.

Em relação às dificuldades enfrentadas, a proprietária destaca o baixo fluxo de turistas, a sazonalidade, a falta de divulgação, e por vezes a incompatibilidade dos agendamentos em relação às palestras que ministra. Ela destaca: “[...] dá prá se dizer, sempre no inverno tem mais movimento. Não vem nenhum durante o verão...”.

Na propriedade Inês Klug – Plantas medicinais e Gastronomia são oferecidas aos turistas serviços de alimentação, apresentações sobre modos de fazer, degustações, exposições, narrativa histórica sobre os chás e varejo. O atendimento é realizado pela proprietária. A visita tem duração média de 2 a 3 horas é dirigida pela proprietária.

5.3.10 Casa Leitzke

Um pouco mais adiante, a cerca de dois quilômetros dos monumentos está a Casa Leitzke, a qual seria uma réplica de um castelo pomerano.

Figura 68: Casa Leitzke



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Costa (2007) relata que a Casa Leitzke seria uma reprodução das habitações dos senhores feudais, as quais eram bastante amplas.

As primeiras casas foram construídas em regime de mutirão, com tijolos fabricados em formas de madeira, secos ao sol e depois cozidos no forno. Seu estilo reproduzia as habitações dos senhores feudais alemães, no espaço interno amplo e na divisão das peças (ACEVEDO, ESTRELA e SALAMONI, 1995). Ainda resta hoje, na zona rural de São Lourenço do Sul, uma casa no referido estilo, conhecida como “casarão da família Leitzke”, e apesar de fazer parte do roteiro “Caminho Pomerano” não está aberta para visitação, por tratar-se de uma propriedade particular (COSTA, 2007, p. 49-50).

Heinemann⁵⁴ apresenta um texto e uma imagem de uma casa característica no interior da Pomerânia, além de algumas particularidades inerentes a moradia na antiga província da Pomerânia.

Casa típica no interior da Pomerânia. Casa coberta com feno, e acima, está cruzada uma figura de  guia para espantar os maus olhados (supersti o). Mulher de colono pomerano alimentando seus gansos. Ao lado, sua horta, e ao fundo, pequena mata e pessegueiros. No tempo de colheita, faziam-se compotas, frutas cristalizadas e sopa doce e quente de p essego, para os dias de inverno (HEINEMANN, 2012).

De acordo com um dos proprietários do Roteiro Caminho Pomerano, a imagem possivelmente retrata as antigas choupanas, ou seja, as casas do pomeranos ainda em sua terra natal (Sujeito 1).

Figura 69: Casa típica no interior da Pomerânia



Fonte: POMERANOS (2012b)

⁵⁴ José Carlos Heinemann é autor do site POMERANOS Disponível em: <<http://www.pomeranos.com.br/index.php>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

As preocupações alusivas aos alimentos e ao inverno coincidem com as ideias de Heinemann (2012) e os relatos acumulados nas propriedades Casa da Schimier e Família Klasen. De acordo com Ferreira e Heiden, tais práticas culturais já haviam sido esquecidas, no entanto retornam com uma nova perspectiva: de “produtos coloniais”:

Essa valorização crescente da cultura pomerana se manifesta sobretudo no campo das práticas, festas, saberes e fazeres, elementos que constituem o patrimônio imaterial local. É importante considerar que muitas dessas práticas culturais já haviam sido abandonadas, tal como a criação doméstica de gansos. Outras já haviam perdido sua força de expressão no cotidiano e a exemplo disso temos o peito de ganso defumado que, atualmente, é anunciado e vendido nesse mercado de “produtos tradicionais” como um elemento da culinária típica pomerana. Outros elementos da culinária também passaram a compor esse repertório patrimonial, tal como as cucas e os doces pastosos de frutas. Ao encompassar esses elementos do cotidiano, o patrimônio se impõe como um novo estatuto, sobrepõe-se ao hábito criando a “tradição” (FERREIRA; HEIDEN, 2009, p. 149).

Não há nenhum exemplar no trajeto do roteiro que represente as choupanas. A Casa Leitzke por sua vez encontra-se habitada, no entanto os atuais moradores pouco sabem sobre sua história. Em uma conversa informal, uma das moradoras apontou o ano de 1904 como sendo o da construção do prédio. As atividades junto ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano encerram-se na Casa Leitzke.

5.4 UM PANORAMA DO ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO

Após a exposição individualizada dos pontos integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano considera-se oportuno alçar um olhar mais generalizado, reunindo opiniões dos proprietários integrantes do roteiro, do *trade* e do setor público de São Lourenço do Sul. Para tal, serão consideradas as orientações de Brambatti (2002a) e Zimmermann (1996) acerca dos elementos constitutivos, princípios, características, insumos e fatores inerentes ao turismo no espaço rural e aos roteiros turísticos, com o designo de traçar algumas considerações sobre o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul.

Para essa pesquisa, optou-se descrever e analisar apenas as propriedades com e sem animação turística, já que são nesses pontos que “as características da cultura pomerana [...] são convertidas em atrativo turístico no Caminho Pomerano” (KLUMB, 2009, p. 1). A exclusão dos demais pontos se dá pelo fato destes serem destinados às visitas técnicas, ou estarem fora do espaço rural.

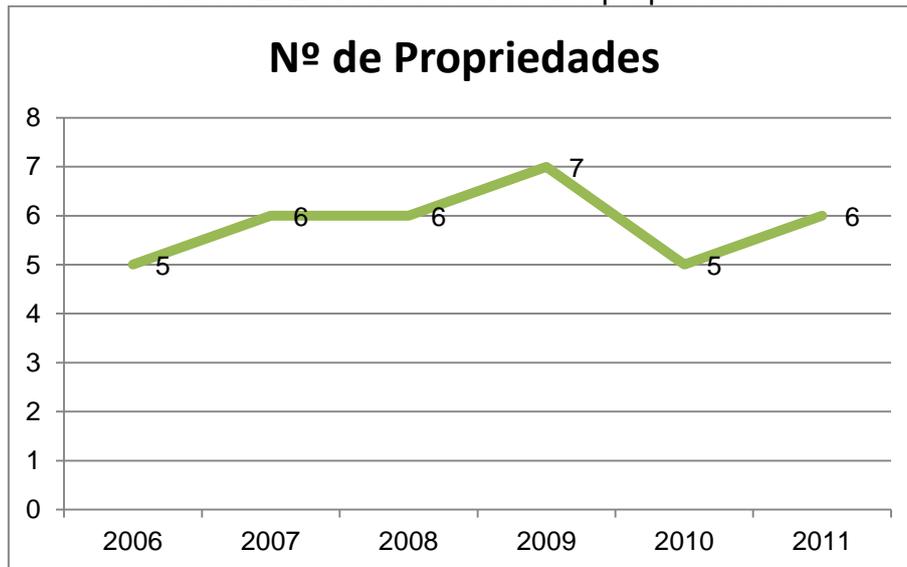
Deve-se destacar que as Agroindústrias Figueira do Prado, Fazenda da Boa Vista e a Fábrica de Chocolates Artesanais Sílvia Chocolates são pontos abertos à visita, mas que não fazem parte do percurso explorado pelo roteiro, e a COOPAR e a Casa Leitzke não possuem visita (COSTA, 2007, p. 60).

As seis propriedades integrantes do roteiro, que recebem turistas e realizam para com eles algum tipo de animação turística são propriedades pequenas, em 33,4% a área não atinge um hectare, e a maior delas possui 16 hectares. Em todas as propriedades, os proprietários possuem mais de uma fonte de renda, o que confirma a existência de atividades agrícolas e não agrícolas nas propriedades do Roteiro Caminho Pomerano.

No que se refere às atividades desenvolvidas nas propriedades 16,7% não possui nenhum tipo de atividade agrícola (agricultura e/ou pecuária), enquanto que em 83,3% delas são desenvolvidas atividades agrícolas. Dessas 60% destinam sua produção para consumo interno e 40% para consumo externo. Entre as atividades não agrícolas (indústria, comércio e serviços), a atividade turística no espaço rural teve início em anos díspares.

O gráfico 2 apresenta a movimentação (entrada e saída) das propriedades ao longo dos anos.

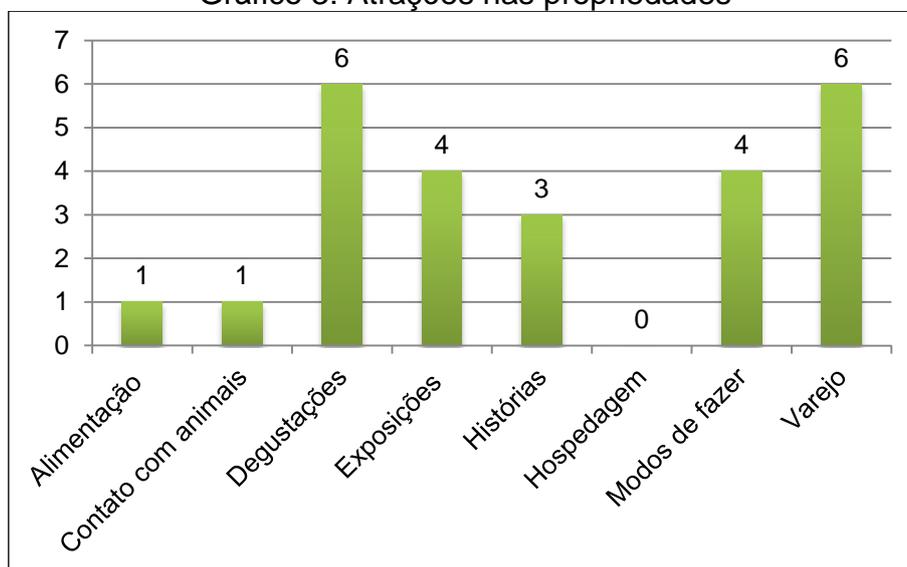
Gráfico 2: Entrada e saídas das propriedades



Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012-2013)

As atividades proporcionadas durante as visitas também são díspares, sendo que opções de degustações e varejo estão presentes em 100% das propriedades. O gráfico 3 apresenta as demais atividades propostas.

Gráfico 3: Atrações nas propriedades



Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012-2013)

Mesmo havendo diferentes atrativos ao longo do roteiro, algumas propriedades e localidades integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano chamam a atenção, visto que aparentemente destoam-se do cenário

rural tradicional, difundido até pouco tempo atrás. Tal discrepância pode ser relacionada, por exemplo, com:

- O tamanho de algumas propriedades (0,7 hectare; ½ hectare e 2 ½ hectares), o que pode resultar na reduzida, ou mesmo inexistente atividade agropecuária;
- A maior densidade populacional no entorno de algumas propriedades e localidades como Boqueirão e São João da Reserva;
- A inserção de uma oferta variada de produtos e serviços nas localidades rurais distantes até vinte quilômetros da área central do município, mesmo tendo-se consciência de que áreas rurais não são mais sublinhadas pela precariedade de bens e serviços;

Tais particularidades, mesmo que num primeiro momento causem estranheza, podem perfeitamente serem relacionadas à nova perspectiva do espaço rural denominado “novo rural”, que se faz presente nessas propriedades e localidades. A modernização da agricultura, bem como a ampliação de bens e serviços, por intermédio das atividades não agrícolas caracteriza o novo rural, em que “as atividades agrícolas e não agrícolas fazem parte das mudanças do rural tradicional para o ‘Novo Rural’” (SANTOS, A, 2008, p. 36). E como destaca Froehlich (2002), o espaço rural supera muitas das valorações negativas que lhe eram características no ideário da modernização. Os espaços antes ociosos são agora dedicados às novas atividades. É por intermédio desse processo de transformação, que se pode compreender a lógica contemporânea pela qual passam os espaços rurais, inclusive os que integram o roteiro:

O entendimento histórico de muitos aspectos das transformações recorrentes no mundo rural atual está relacionado, conforme variada literatura, ao fenômeno social conhecido por modernização da agricultura [...] Embora os aspectos ligados a esta modernização da agricultura tivessem uma focalização predominantemente econômico-produtivista, voltada às mudanças na base produtiva da agropecuária, o habitante do meio rural se viu, quase repentinamente, inserido numa nova dinâmica produtiva e sócio-cultural cada vez mais complexa e ampliada [...] O ritmo do tempo social tornou-se outro. A velocidade passou a dar a tônica à produção e aos transportes,

multiplicando-se as possibilidades e mesmo a rapidez dos deslocamentos de pessoas e coisas. As informações começaram a circular em alta velocidade e as probabilidades de relacionamentos ampliaram-se em muito, multiplicando as referências para a vida social, inclusive rural (FROEHLICH, 2002, p. 6-7).

Wandscheer e Teixeira (2010) partilham das mesmas ideias de Froehlich (2002) quando apresentam que as mudanças ocorridas ao longo do século XX, dentre as quais a modernização da agricultura, não alterou apenas a forma de trabalho dos habitantes do espaço rural, mas especialmente o meio onde estão inseridos e a forma de convívio:

[...] alteraram o próprio espaço e as inter-relações vigentes no seu âmbito, assim como desencadearam o processo de valorização do meio, da cultura e do ambiente rural que, posteriormente deixou de ser visto como espaço de atraso para ser vislumbrado como local onde se centraram os anseios de descanso, lazer e contato com o meio ambiente (WANDSCHEER, TEIXEIRA, 2010, p. 50).

Enquanto que as outras três apresentam, em maior ou menor proporção, características inerentes ao espaço rural tradicional como poteiros, áreas de pastagens, criações de animais, hortas e demais instalações rurícolas (galinheiro, estábulo, chiqueiro etc.).

Para a concretização dessa pesquisa foi construída uma rede de contatos composta, sobretudo pelos seis proprietários do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, pelo *trade* turístico local (por intermédio das agências de turismo receptivo de São Lourenço do Sul), pelo poder público municipal (através da Secretaria Municipal de Turismo) e pela comunidade. Como já tratado, a inserção da comunidade, a partir das entrevistas com uma família se deu exclusivamente com o desígnio de alargar os conhecimentos pertinentes à história dos descendentes de imigrantes pomeranos. A família é integrante da Associação Caminho dos Pomeranos.

Assim, para que se possa traçar um panorama do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, desde sua gênese até os dias atuais, serão utilizados os nove elementos constituintes de roteiros turísticos propostos por Brambatti (2002a), visto que os princípios, as características, os insumos e fatores propostos por Zimmermann (1996) referem-se ao turismo no espaço rural de maneira genérica. Cabe ressaltar que os dois autores, mesmo utilizando nomenclaturas diferentes acabam por tratar dos mesmos aspectos,

contudo a opção por Brambatti (2002a) se dá por sua listagem ser multifacetada, por atingir diferentes áreas de análise do fenômeno turístico.

1) Historicidade e monumentalidade: Brambatti explica tratar-se do patrimônio edificado no local:

São os prédios, os monumentos, casas, sítios que compõem a arquitetura do lugar. Passam a ser atrações pôr ter alguma ligação com a história da região, por ter acontecido alguma coisa de importante neles, por terem uma arquitetura antiga, por terem sido construídos pelos imigrantes. Possuem uma representação simbólica para a localidade, passam a significar, transformando-se em equipamentos de atração e visitação pública (BRAMBATTI, 2002a, p. 35).

No Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano podem ser elencados especialmente os atrativos: Igreja Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, Casa do Colono, Monumentos comemorativos e Casa Leitzke.

Contudo, acredita-se que a historicidade e monumentalidade vão além da arquitetura do lugar. Bens materiais ou imateriais compõem o patrimônio cultural de um local. O artigo 216 da Constituição Federativa, de 05 de Outubro de 1988 destaca que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988, p.35).

Cavalcanti (2008) ao tratar da atual valorização da pluralidade cultural explica que essa foi também fomentada pelos movimentos migratórios ocorridos entre os séculos XVIII e XX. O patrimônio cultural é formado não apenas pelos bens materiais, mas igualmente pelos imateriais. Cada grupo formador da nação brasileira é detentor de saberes, fazeres, festas, rituais, expressões, dialetos, crenças, culinárias, etc. Todas essas características, ora se configuram como referências identitárias, ora se distinguem, ora se entrelaçam frente às diferentes dimensões sociais, econômicas, políticas, religiosas que os cercam. A junção do patrimônio material e imaterial é que compõem a história dos diferentes grupos.

Entende-se que esse patrimônio, material e imaterial poderia ser melhor empreendido pelo roteiro, visto que a presença de imigrantes pomeranos no Estado do Rio Grande do Sul é praticamente singular. Não foram encontrados sinalizadores de outros municípios ou regiões no Rio Grande do Sul, mesmo havendo a presença de descendentes de imigrantes pomeranos, que se apropriem dessa etnia para formatar um roteiro com tal temática. Um legado histórico-cultural díspar, em meio ao espaço rural, que parece não estar valorizando seu diferencial frente a tantos outros roteiros com a temática de imigração, mas uma imigração que se repete em diferentes regiões do Estado, como por exemplo, os italianos da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª colônia, Conde d'Eu, Dona Isabel, Caxias ou Campo dos Bugres e Silveira Martins – atuais municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Silveira Martins (LIMA, SPINDLER e MECCA, 2012).

2) Paisagem: como destaca Brambatti, trata-se dos “elementos da natureza paisagística que conformam a região” (2002a, p. 35). Refere-se às particularidades da superfície terrestre local: hidrografia, relevo, clima, fauna e flora são alguns dos elementos que integram a paisagem.

Figura 70: Serra dos Tapes



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

Entre os atrativos naturais do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomeranos, destaca-se a Serra dos Tapes que se alastra pelos municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão e Morro Redondo. A Serra dos Tapes foi o local selecionado, a partir da segunda metade do século XIX, para a instituição de colônias imigratórias (CERQUEIRA, 2010).

Em São Lourenço do Sul, o ponto de maior altitude dessa serra, localiza-se na divisa com o município de Canguçu, com 325 metros acima do nível do mar. As localidades de Coxilha do Barão, Boqueirão e São João da Reserva, onde se encontram os atrativos do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, estão a 195, 134 e 105 metros acima do nível do mar respectivamente.

3) Estrutura de acesso: Brambatti garante que “o fluxo de turistas, quer da região, ou de outros lugares, exige uma estrutura de acesso” (2002a, p. 36). Como já mencionado anteriormente Santos, Ribeiro e Vela (2011) destacam a necessidade de manutenção não apenas das estradas principais, mas também das vicinais. Cabe destacar que não basta tão somente estarem em boas condições de trafegabilidade, sejam elas asfaltadas, pavimentadas ou de “chão batido” situação bastante comum quando se trata de

roteiros turísticos no espaço rural, mas as estradas precisam estar bem sinalizadas.

A Rodovia BR 116, que interliga São Lourenço do Sul a Porto Alegre e as demais cidades da região sul, também apresentam placas indicando a região turística da Costa Doce e o município, no entanto, essas não fazem referência à atividade turística no espaço rural, nem mesmo ao Roteiro Caminho Pomerano.

O Sujeito 5 destaca outro aspecto relacionado às estradas: o embelezamento:

A nossa região aqui, se você for andar um pouco pelas estradas nossas do interior ou como próprio dentro da cidade você vê que ela é menos, como é que eu vou te explicar, é menos ornamental apresentado. Você vai em outras regiões onde o turismo já é mais avançado, é mais ornamentada a cidade, as cidades são mais bonitas [...] (Proprietário)

Nesse sentido, cabe exemplificar com uma imagem feita durante as visitas ao roteiro. Em uma das placas indicativas do Roteiro havia uma considerável quantidade de vegetação no entorno, dificultando a orientação dos que por ali passam.

Figura 71: Vegetação junto à sinalização



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

É importante ressaltar que durante as cinco visitas realizadas entre junho de 2011 e fevereiro de 2013, as estradas sempre estiveram em boas

condições de trafegabilidade. Situação essa muito provavelmente determinada pela necessidade local, visto que 43,8% da população de São Lourenço do Sul residem no espaço rural do município (IBGE, 2012c). Em apenas uma das propriedades, especialmente para os ônibus, o acesso é mais dificultoso devido às irregularidades do terreno, no acesso ao caminho que leva até a propriedade.

4) Estrutura receptiva: faz referência aos serviços e equipamentos locais, turísticos ou não, como por exemplo, hospitais, delegacias de polícia, farmácia, restaurantes, hotéis, terminais de passageiros (aeroportos, portos, rodoviárias), vias de acesso (estradas, ferrovias), abastecimento de água e energia, sistemas de esgotos, coleta de lixo, telecomunicações entre outros.

No que se refere aos meios de hospedagem, o município possui 15 opções entre hotéis e pousadas, como destaca o Sujeito 12:

São quase dois mil leitos entre hotéis e pousadas, sem contar as casas de aluguel, contando as casas de aluguel chegamos a quase 4 mil leitos no município [...] a população transeunte no verão chega a ser entre novembro até março quase 100 mil pessoas que passam pelo município, isso incluindo o camping municipal (Sujeito 12).

Como já abordado na Tabela 5, constituída a partir do material de divulgação distribuído pela Secretaria de Turismo de São Lourenço do Sul, complementam a oferta turística de São Lourenço do Sul equipamentos e serviços turísticos diversos: serviços de alimentação, agências de turismo (receptivas e emissivas), transportadora turística, táxis, centro de informações turísticas, etc. A infraestrutura básica destinada à população, e aos turistas é composta ainda por: correios e telégrafos, posto telefônico, delegacia de polícia civil, posto da brigada militar, polícia rodoviária estadual, corpo de bombeiros, hospitais (na área urbana e rural), posto de saúde, farmácias, agências bancárias, postos de combustível.

Apesar de uma oferta variada de equipamentos e serviços, percebe-se uma reduzida interação entre os diferentes atores envolvidos. O *trade* local parece vislumbrar fins desiguais, o que dificulta o crescimento e desenvolvimento local.

Nós temos só duas agências, uma praticamente não trouxe turistas, se ela trouxe dez grupos foi muito. [...] aí tivemos assim reuniões entre nós, nos hoteleiros, e numa das reuniões a agente se ofendeu um pouco e ficou meio retraída, aí diminuiu um pouco, mas agora ela voltou [...] Isso que acontece muito aqui em São Lourenço, a desunião [...] Não sei quem são, tem dois hotéis que são meio contra, que eles acham que, se o turista vem pra fora, não vão nos hotéis, tem essa visão, eles tem. E na época de praia né, às vezes chove e não tem sol, não dá para ir na praia ou tempo nublado, não tem opção, não há alternativa, e isso a gente tá trabalhando em cima, de conscientizar né? E a gente tá, acho que a gente vai conseguir! (Sujeito 2).

A reclamação é recorrente em toda a rede de contatos. Entende-se haver uma desarticulação entre os diferentes setores do turismo, principalmente com os empreendedores. Obviamente que todos almejam o crescimento e desenvolvimento próprio. É fundamental uma ação integradora e conscientizadora junto a toda comunidade, que maximize as oportunidades de uma maior permanência dos turistas em São Lourenço do Sul, visto que existem outras opções de passeios no município. Muito mais que vender produtos e serviços isoladamente, é preciso vender o destino.

5) Organização e gerenciamento: os procedimentos de organização e gestão do roteiro turístico devem valorizar os sujeitos locais, pois são as ações endógenas, “que contribuam para o fortalecimento de comunidades rurais e valorizem os aspectos locais, sejam esses culturais, ambientais e sociais; devendo, ainda, contribuir economicamente para o incremento das mesmas” (TEIXEIRA; SOUZA; WANDSCHEER. 2012, p. 71). Associações, cooperativas, instituições públicas ou privadas podem contribuir na implantação do roteiro. Brambatti igualmente destaca a importância das associações:

O processo de organização e gerenciamento do roteiro deverá ser dos próprios empreendedores turísticos da região, como condição para a continuidade do mesmo, com assessorias especializadas, sem substituir a função dos empreendedores como sujeito do processo. A forma mais adequada para o gerenciamento de um projeto de longo prazo foi a constituição de uma ASSOCIAÇÃO DE TURISMO, que pudesse traçar prioridades, desenvolver o projeto, dar treinamentos, realizar investimentos para a melhoria dos equipamentos turísticos (BRAMBATTI, 2002a, p. 36).

O Sujeito 5 ressalva o incentivo da Agência de Desenvolvimento da Costa Doce no que se refere a governança da atividade turística não só em São Lourenço do Sul, mas também em toda região. Ele lamenta a pouca relação com eventos ou então com um produto símbolo:

[...] temos aqui a [Agência de Desenvolvimento da] Costa Doce, que mais tem ajudado a metade sul aqui é a Costa Doce né? Que mais tem divulgado pela secretaria de turismo a nível estadual, que você vai entrar vai achar um site, vai achar, no resto os hotéis aqui nada em relação ao turismo, não é que nem nas outras regiões que você entra num site de um hotel você tem pacotes para o dia de 7 de Setembro, de Natal, [...] Nós aqui não temos esses eventos, é tudo trabalhado só sobre em cima da cultura pomerana que veio pra cá, ficou esses resíduos da época que tá se tentando resgatar alguma coisa hoje que tem como atração para o pessoal, né?. Não é aquele vinho lá de cima, não é aquele chocolate [...] cada região tem né? Nós aqui, nossa região é só realmente o Caminho Pomerano que tem que ser forte. A marca, a ideia tem que se fortalecer, ela tá fraca ainda, tá engatinhando com 6, 7 anos (Sujeito 5).

Entre as dificuldades apontadas pelos diferentes atores envolvidos na constituição, e conseqüente continuidade do Roteiro está justamente a falta de interação entre os mesmos. O Sujeito 12 aponta algumas incoerências:

Qual é a dificuldade que a gente ainda encontra? A parte cultural, de mentalidade das pessoas. [...] Aqui é o contrário cada um pra si e Deus prá todos, se der! Então os hotéis recebem os hóspedes e não dizem nem que existe uma agência receptiva, quando mais que existe uma colônia maravilhosa com Caminho Pomerano. Que existe um barco que faz o Caminho Farroupilha, a verdadeira casa das sete mulheres é aqui dentro de São Lourenço [...] Ninguém oferece isso, não oferece. Então, nós não temos parceiros aqui (Sujeito 14).

Nesta mesma linha de pensamento, o Sujeito 13 segue sinalizando alguns pontos fracos do roteiro, quando comparado com outros roteiros turísticos do Estado do Rio Grande do Sul:

[...] as pessoas se vestem, se caracterizam, aqui não... tu chega em alguns lugares, tá, cumprimenta o turista, tão tá, deu! Não é serviço do guia fazer o trabalho dentro da propriedade. Dentro da propriedade é trabalho do proprietário, eu vejo, tenho essa visão. O proprietário tem que conduzir, levar, contar, inventar alguma coisa se não tiver, mas tem propriedades que não tem, só chega por chegar (Sujeito 13)..

Sobre a comercialização do roteiro o Sujeito 13 relata que o período de maior movimentação é entre setembro e novembro. Que o público é

normalmente formado por grupo de terceira idade e grupos escolares, prevalecendo o primeiro grupo. O público é originário especialmente da região (Pelotas, Piratini) e região metropolitana de Porto Alegre. Quando ocorre a comercialização do Roteiro, o Sujeito 13 prefere fazer a venda completa, com todas as propriedades: “na minha concepção o Caminho precisa ser completo e não pipocadinho [sic], tu não consegue contar toda a história se ficar recortando”, neste caso o roteiro tem duração aproximada de seis horas. Apesar disso, é possível desmembrar o roteiro e visitar só duas propriedades por exemplo. Em relação às compras realizadas no decorrer do roteiro o Sujeito 13 relata: “Compram, e compram! [...] O grupo de terceira idade é o que mais compra [...] Ali no seu Klasen, que tem a linguíça, os queijos, eles acabam com o estoque dele! Na Dona Marcilda, as cucas...”. Os grupos de terceira idade também foram mencionados pelos proprietários como os maiores frequentadores do Roteiro. Lanzer, Pinto e Ramos (2012), a partir da pesquisa realizada por Pinto (2004)⁵⁵ destacam o incremento da participação deste público junto às atividades turísticas no espaço rural:

A expectativa de crescimento para o número de turistas com mais de 65 anos encontra suporte em dados que tratam do envelhecimento da população brasileira. Segundo o IBGE (2010), o número de idosos acima de 60 anos constituía 9,7% da população brasileira em 2004, passando a 11,3% em 2009. A relação com o turismo pode ser feita a partir do momento em que esta população, em sua grande maioria aposentada, sem obrigações profissionais ou familiares maiores, passa a dispor de tempo livre para atividades sociais e de lazer, atividades estas garantidas por lei, por exemplo, através do acesso a eventos culturais mediante preços reduzidos (LANZER, PINTO e RAMOS, 2012, p. 187).

Outros aspectos negativos frequentemente apontados pelos proprietários, e também pelo setor público local, referem-se ao número de turistas, a sazonalidade, e a falta de interação entre todo o *trade*, o que por vezes acaba restringindo a visitação.

[...] outro fator que a gente já está trabalhando junto com a consultoria que é o desengessamento do roteiro, ele é muito engessado, é um

⁵⁵ A pesquisa objetivou pela utilização do método Delfos, traçar tendências para o turismo no espaço rural do Brasil. O pesquisador abordou ainda sobre a diversificação econômica do espaço rural e o imaginário rural. Para mais detalhes: PINTO, Rodrigo B. **O turismo no espaço rural: Delimitando tendências**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

roteiro que você tem que ter um número x de pessoas, tem que ter toda uma logística bem complexa [...] hoje nós não disponibilizamos na cidade, se estou eu, minha esposa e meu filho, três pessoas, sair aqui de um hotel, ter alguém que me leve até o empreendimento, desde transporte, guia e até o próprio empreendimento estar preparado para receber, por exemplo, uma pessoa, eles também não estão preparados pra isso. Então esse é o desafio, o outro desafio, que pra mim é o fator crucial de combate à sazonalidade é a falta de interesse das nossas agências receptoras no município, então nos temos duas agências no município que eles não trabalham o turismo receptor, e isso é uma coisa que também é normal, porque a iniciativa privada, o capitalismo ele funciona desta forma, onde está dando dinheiro é onde continua-se investindo (Sujeito 12).

Um dos proprietários relata o espaçamento temporal entre as visitas:

No final de 2011 e início de 2012 foi muito fraco, mas agora, de julho pra cá deu uma boa melhorada. Porque na realidade nós tivemos a última visita boa, foi 1º de Dezembro [de 2011] [...] depois foi só junho, julho, praticamente meio ano sem uma visita (Sujeito 3).

Para tentar solucionar esse problema, proprietários e setor público, com o apoio dos taxistas locais delinearão durante o ano de 2012, uma nova modalidade de visita para grupos de até quatro pessoas, “uma família vamos supor, então aluga o táxi e eles vão fazer todo o roteiro, então a gente está trabalhando para isso acontecer (Sujeito 2). O Sujeito 5 explica como acontecerá a primeira visita, destinada aos taxistas, e o procedimento posterior com os turistas:

[...] a secretaria de turismo vai vir em dois taxis e apresentar as propriedades, as seis propriedades do Caminho Pomerano para os taxistas, aí você vai estar em São Lourenço hoje, [...] você pode locar um táxi, tem o taxista, ele tá por dentro do Caminho Pomerano, ele vai estar com jaleco do Caminho Pomerano e ele vai ser uma espécie de um guia, vai te trazer e vai te dizer: se você quiser ir lá na noiva de preto, quer visitar a casa das cucas, da schimier, tomar café lá, as seis propriedades vai te custar tanto e vai levar tantas horas, como tem lá nos Caminhos de Pedra. [...] aqui também vai chegar a esse ponto, vai começar agora com os taxistas, vamos ver se vai desenvolver porque nós já temos da van, e aí veio a queixa do hoteleiro, que tinham 2 pessoas, 4 pessoas e a van ficou de passar era quintas, sábados e domingos e esse último verão não funcionou direito, não teve uma integração. Aí o hotel tal diz: “óh tenho 2 pessoas, tenho 4 pessoas” e ligavam lá para o rapaz encarregado, aí ele não tinha um van com doze pessoas, aí ele dizia que hoje já tava lotado, porque ele não tinha também interesse de vir com menos de doze pessoas, porque o guia ganhava por pessoa, então eles também estão estudando para o guia ganhar um x, [...] então tá só você e seu marido, você quer fazer o Caminho Pomerano, você ia

pegar o taxi ou ir no seu carro, então teria o guia ali que vocês teria que pagar o dia do guia para ele fazer o Caminho com vocês, como é nos outros lugares. [...] Nós queremos fazer o Caminho Pomerano, quanto é que custa? [...] aí já vai estar o nosso ingresso, o ingresso por propriedade nos táxis vai ser R\$ 25,00, se tá só tu e teu esposo, só tu sozinha, você vai pagar os R\$ 170,00 da corrida do taxi pra fazer as seis propriedades, R\$ 25,00 por propriedade, vai chegar tu e teu esposo aqui, vai estar agendado [...] e eu vou te mostrar a propriedade, tudo que eu faço quando chega um ônibus com 20, com 12, com 30. Você vai pagar R\$ 25,00 pra entrar e olhar (Sujeito 5).

Sobre o valor de ingresso em cada propriedade, o Sujeito 5 explica:

É o valor da propriedade pra mim ficar te esperando, pra mim ficar esperando o taxi com uma pessoa ou quatro pessoas, ou ficar esperando a van com oito, com dez ou com doze. Aí a van é por pessoa, então o mínimo é de doze pessoas, aí é R\$ 4,50 por pessoa. Se você vem numa van, com uma agência de turismo ou não, menos de 12 pessoas vocês vão pagar R\$ 4,50 por pessoa, até 12 pessoas. De doze a vinte [pessoas] já vai ser R\$ 3,50. Vem uma van com, eu não sei bem certo os valores aí, deu 40 foi R\$ 2,50, [...] Aí é R\$ 2,50 por pessoa, mais de vinte ou mais, vinte e um ou mais (Sujeito 5).

O Sujeito 4 projeta maior fluxo de turistas com essa nova modalidade:

Tem muita gente no verão era só agendado sempre, e aí então as agências não conseguiam fazer um grupo mínimo de seis e ônibus cheio, e muita gente queria vir e não conseguia vim, assim gente particular mesmo, aí então eles fizeram, inventaram essa pra ver se, grupos pequeninhos [sic], às vezes tem uma família, às vezes dá um dia de chuva no verão, os turistas não tem nada pra fazer na praia e ai eles querem vir pra fora [para o espaço rural], então fizeram (Sujeito 4)..

O Sujeito 6 por sua vez aponta a falta de uma decisão conjunta para a fixação da nova proposta de preços, nesse caso, para os grupos maiores:

Porque houve no verão, que veio um tal do [...] prá cá do Sebrae, que aumentou todo nosso tarifário, todo gente... Ele disse que nós tava muito abaixo do tarifário. E aí eu dizia e cansei de dizer: isso aqui não é serra, nós não estamos em Gramado e Canela, e ele tem a realidade lá do Caminho de Pedra e coisa mais, isso aqui é diferente. Não, mas vocês tão perdendo dinheiro, vocês tem que aumentar... aí a minha... a minha futura nora tá tirando administração, ela disse: pela conversa, que tava aberta a porta, pela conversa que eu ouvi esse verão nós vamos zerar com turista. Pode te preparar para pagar os impostos com teu salário. Digo quê? É, tá aí ela disse, aumentando sem propaganda, aí botaram uma propaganda lá com aqueles preços, o pessoal se apavorou né? Se apavorou porque era muito caro...

O Sujeito 13 que reforça o frequente espaçamento entre os agendamentos de visitação ao Roteiro, ainda explica que a comercialização do roteiro é dificultosa:

[...] primeiro que vem do valor [...] eles [SEBRAE] juntamente com alguns proprietários né? Então eles tiveram reunião lá e acharam de bem que aqueles valores eram [...] eu sei que nunca me visitaram e também nunca visitaram a outra agência, eles fizeram, gastaram dinheiro porque era num papel bem bom, dois lados, não fizeram pouquinho, fizeram pra distribuir nas feiras, distribuíram. E as pessoas ligavam, tinha nosso número [de telefone], contato ali tudo direitinho, mas aqueles valores a gente não comercializava (Sujeito 13)..

Novamente pode-se recorrer às palavras de Fávero (2004), quando a autora apresenta a experiência do Roteiro Estrada do Sabor, em Garibaldi, onde os preços foram acordados em reuniões, tendo a característica de decisões endógenas. As palavras do Sujeito 13 reforçam a participação pormenorizada dos atores locais envolvidos:

[...] simplesmente não entraram em contato com ninguém que vende, eles fizeram tarifário e mandaram entregar pra gente, bom agora o valor que vocês vão cobrar é esse, como assim? Isso não existe, o valor quem faz é quem ta vendendo! Eles vão nos dizer, a gente quer tanto pra entrar na nossa propriedade, tudo bem, a gente vai trabalhar nisso, mas quanto a agência vai ganhar, ninguém estipula e daí deu forobodó [sic]! Aí já deu, já desgostou quem vendia, então é tudo isso, falta aquela união [...](Sujeito 13).

Outro aspecto apontado refere-se à logística do passeio. Mesmo havendo uma maior movimentação de turistas no município durante o verão, o roteiro praticamente cessa devido ao tempo de realização e as condições climáticas, ao excesso de calor.

É muito demorado, nós começamos em torno de nove e meia da manhã e terminamos 4 e meia, cinco horas [...] é muito cansativo e no verão pior viu?! Durante o inverno tranquilo, mas no verão fica um calorão, um terror! (Sujeito 14).

O Sujeito 13 também trata dessas dificuldades:

Aqui no verão tem mais gente, é verdade. Só que calor, as pessoas não querem fazer Caminho Pomerano, as pessoas querem movimento com água, querem onde tá mais fresquinho, no máximo

ali no Sobrado {fazenda do Sobrado}, não querem ir pro interior, ficar uma tarde toda com sol de trinta e poucos graus, que tu vai ter que caminhar o pouco que seja, mas sim. Verão não se vende, raríssimo no verão. (Sujeito 13).

Nesse sentido cabe destacar que quaisquer condições climáticas, sejam elas chuvas, calor excessivo, vento entre outros fenômenos podem comprometer qualquer passeio. Buscar alternativas como veículos com refrigeração/calefação ou mesmo selecionar alguns pontos, numa espécie de roteiro *Express* poderia ser uma solução. Situação similar acontece no Roteiro Caminhos Rurais de Porto Alegre, com a opção Domingo no Campo: todos os domingos acontecem passeios que percorrem três atrativos diferentes dos Caminhos Rurais (CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE, 2013).

6) Identidade cultural:

Um dos elementos que identificam o roteiro, é o forte conteúdo cultural. Isso se caracteriza na língua [...], pelos hábitos alimentares (gastronomia), pela arquitetura, pela economia, pelos costumes de trabalho, de diversão, enfim, existe toda uma característica que identifica a região (BRAMBATTI, 2002a, p. 36).

Uma das particularidades do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano refere-se à ascendência étnica dos proprietários: apenas 50% deles descendem dos imigrantes pomeranos que aportaram no porto de São Lourenço a partir de 1858. Embora os demais proprietários tenham suas origens em outras regiões da Alemanha, a dinâmica cultural local os levou a incorporar os elementos da tradição pomerana. Brambatti explica que em roteiros desenvolvidos no espaço rural é possível o florescimento de sentimentos de pertencimento:

O caso dos Roteiros de Turismo Rural, o sentimento de pertença a uma cultura, uma raça [...] recria a tradição [...] Ressurge, então no meio rural o conceito de 'pertencimento', como elemento aglutinador e fortalecimento dos vínculos identitários, a partir da integração de semelhantes (BRAMBATTI, 2002a, p. 8).

Nessa mesma linha de pensamento, as palavras de Ferreira (2012, p. 13) convergem: “mais do que falarmos em memória como individuais ou coletivas, falsas ou boas, penso que seja importante refletir sobre a ideia de

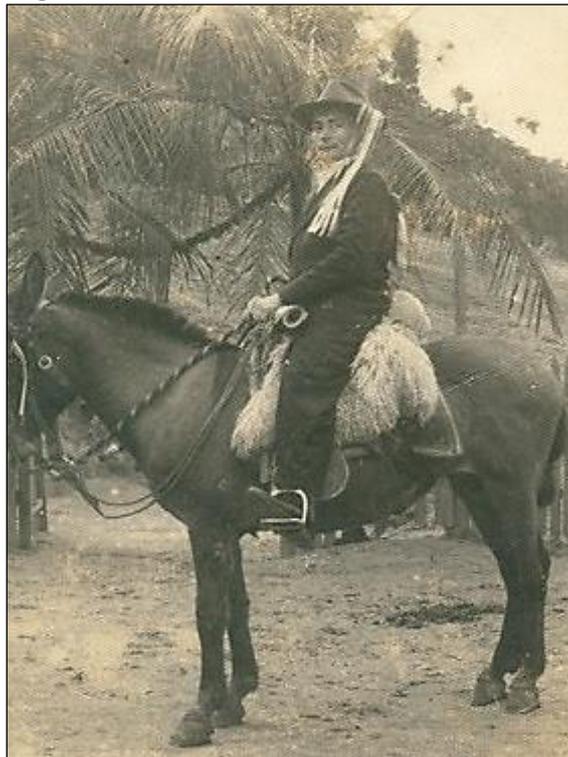
que falamos de apropriações do passado e seus usos sociais no presente”. Brambatti novamente colabora tratando da reinvenção das tradições junto aos roteiros:

A preservação do patrimônio histórico em áreas rurais carrega consigo também uma forte conotação social, na medida em que manifesta a dimensão do pertencimento, da construção da identidade coletiva das pessoas, portadoras de tradições genuínas, que formam e conformam este patrimônio, quer seja arquitetônico, cultural linguístico ou religioso. Os roteiros, enquanto ações concretas de reinvenção [sic] das tradições são o espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações comunitárias, de pertencimento, de organização associativa, de atividades criadora onde a ação coletiva adquire uma dimensão social que transcende o meramente econômico (BRAMBATTI, 2002b, p. 17).

Brambatti (2002a; 2002b) analisa roteiros de turismo em espaços rurais inseridos na região da serra gaúcha, onde existem remanescentes do processo de colonização italiana, onde o legado cultural foi transmitido entre as gerações, sendo que tais recursos são atualmente “conservados e transformados em produtos da oferta turística” (2002b, p. 18). Nessa mesma linha de pensamento é importante repassar a experiência vivida pelos índios Pataxós, que também tiveram suas tradições atualizadas e mantidas. De acordo com Grunewald a renovação cultural se deu por intermédio do fenômeno turístico. Como já mencionado outrora, diferentes grupos apropriaram-se da atividade turística e “[...] se renovam objetivando a interação com o turismo” (GRÜNEWALD, 2003, p. 147).

No Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, entende-se que entre alguns elementos, o melhor exemplo de recurso material, que tenham passado pelo processo de renovação cultural seja a substituição do cavalo ornamentado com flores pela bicicleta cheia de fitas.

Na Flajoke, o cavalo foi substituído pela bicicleta. “É uma adaptação da tradição”, brinca José Carlos, natural do Boqueirão. Ele lembra que, em 1967, presenciou um “convidador” que percorreu o trajeto de bicicleta. “Tenho na memória essa visão, que é uma forma de se manter a tradição, considerando a evolução dos tempos”, recorda (MAZZA, 2009, p. 5).

Figura 72: Convidador – *Hochtiedsbitter*

Fonte: Pomerano.com (2013)

Ferreira (2012) destaca o processo de reconciliação dos moradores de São Lourenço do Sul com seu passado, alocando-o presentemente. Pode-se inferir que essa nova posição do passado, conservada, atualizada e renovada, provavelmente é a oportunidade de interação com o fenômeno turístico local.

Cenário ou não, os lourencianos pomeranos vivem um momento de reconciliação com o passado e buscam recuperar traços que já se perdiam pela ausência da transmissão. A luz do patrimônio parece, assim, incidir sobre o passado, retirando-o da memória e lançando-o ao presente e futuro. (FERREIRA, p. 23).

Quando questionados sobre o que mais admiravam ou admiram na história e na cultura pomerana, os proprietários elencaram: a origem, a religiosidade, a língua, a dedicação ao trabalho, o respeito, a credibilidade, entre outros elementos. Alguns desses aspectos podem ser qualificados como integrantes de um patrimônio cultural imaterial, legitimado ou não. Ferreira (2012) destaca as implicações dessa valorização, decorrente da dimensão imaterial:

A valorização da dimensão imaterial do patrimônio vem se apresentando como uma forma de positivação da identidade e, ao mesmo tempo, uma expectativa de desenvolvimento de um turismo cultural na região (FERREIRA, 2012, p. 18).

A autora segue tratando dos elementos desse patrimônio imaterial:

[...] elementos, apontados como tradicionais, são apresentados e compartilhados com os visitantes. É assim que o café colonial, o almoço típico, o artesanato com flores secas, os pães, as cucas, *schimiers*, produção de queijos, linguiças, peito de ganso defumado e sucos naturais e ecológicos produzidos com frutas nativas são oferecidos ao turista como produtos de uma tradição local (FERREIRA, 2012, p. 19).

Todos estes elementos – língua, religiosidade, gastronomia, costumes de trabalho, festividades, entre outros – dizem respeito à dimensão imaterial do patrimônio cultural. Por Patrimônio Cultural Imaterial, entende-se:

(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

Ao analisarem-se as atividades propostas pelas seis propriedades e posteriormente considerar a organização legal do patrimônio cultural imaterial (por intermédio do Decreto n.º 3.551, de 04 de agosto de 2000), percebe-se uma sobreposição de bens culturais denominados como “Saberes”, que são aqueles “conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades” (BRASIL, 2000). Em quatro propriedades ocorrem apresentações relacionados a algum saber-fazer conexo à história e a cultura dos imigrantes pomeranos.

Tabela 10: Atrações das propriedades

Propriedades	Alimenta- ção	Apresen- tações de Modos de fazer	Contato com animais	Degusta- ções	Exposi- ções	Histórias	Hospe- dagem	Varejo
Flajoke				x	x	x		x
Cucas Pomeranas		x		x	x	x		x
Casa das Schimiers		x		x				x
Família Klassen		x	x	x				x
Heiden Haus				x	x			x
Inez Klug	x	x		x	x	x		x

Fonte: Pesquisa de campo (2011-2012)

Histórias e apresentações estão frequentemente entre os atrativos do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Pelegrini e Funari (2008) explicam que a imaterialidade é intocável, embora perfeitamente perceptível, pois pode ser apreendido por vários sentidos. Podem-se lembrar os conhecimentos vividos por outros roteiros, como o Roteiro Estrada do Sabor, onde experiências transcendem o vislumbrar.

Como já mencionado, o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano é singular no que se refere a “exploração” do legado cultural dos imigrantes pomeranos e seus descendentes, contudo percebe-se que tal apelo é superficial. Os aspectos histórico-culturais apresentados possuem relação com a história da Pomerânia, mesmo que os empreendedores não tenham pleno conhecimento disso.

7) Formação para o turismo: Brambatti é enfático ao tratar desse elemento:

Um projeto de desenvolvimento do Turismo não se sustenta, se não tiver pessoas formadas e constantemente recicladas para o empreendimento turístico. O turismo é um negócio que exige constante educação, como opção econômica de longo prazo. Por isso o projeto deve prever cursos de formação permanente para o turismo (BRAMBATTI, 2002a, p. 36).

Costa (2007) explica como se deu o processo de constituição do Roteiro entre 2005 e 2007:

A metodologia seguida na construção do roteiro de turismo rural, ao longo de 2005 e 2006, envolveu a aplicação de curso do SEBRAE – RS sobre turismo rural aos interessados; visita aos empreendimentos participantes do curso, que eram ou pretendiam tornar-se empreendimentos turísticos para consultoria; visita técnica à rota já formatada “Caminhos de Pedra”, na colônia de Bento Gonçalves; elaboração de diagnóstico turístico dos empreendimentos com interesse em integrar a rota, detectando-se as particularidades e necessidades específicas de cada um; definição dos pontos e empreendimentos; criação da Associação Caminho Pomerano; e lançamento oficial do roteiro de turismo rural de São Lourenço do Sul “Caminho Pomerano”. Fora ministrado ainda, em outubro de 2007, um curso de formação de condutores do Caminho Pomerano, dirigido à comunidade em geral (COSTA, 2007 p. 64).

Tendo por base as entrevistas realizadas, especialmente com os proprietários, percebe-se que não houve uma continuidade nessas ações. Cabe lembrar de que como existiu uma movimentação de entradas e saídas de propriedades integrantes do roteiro, a participação de todos os proprietários nessas atividades de capacitação foi inviabilizada. Além disso, tais atividades devem ser realizadas para além da turística, englobando os demais profissionais do turismo. O Sujeito 14 conta como se deu o processo de capacitação e sensibilização turística do *trade* local quando da fase inicial do roteiro:

E o Zelmute, secretário de turismo fez tudo que vocês podem imaginar pra conquistar esses hoteleiros. [...] inclusive levar eles de graça fazer o Caminho Pomerano, a secretaria lotava um ônibus de donos de hotéis primeiro, depois das pessoas que atendiam na portaria dos hotéis, depois para camareira, ele fez de tudo que pode! Propaganda em rádio e televisão, propaganda em jornal, poder público fez tudo e mais um pouco (Sujeito 14).

O Sujeito 1 conta como foi a capacitação inicial:

Antes de formatar o roteiro, todos esses empreendedores que estão aí, recebendo pelo menos, a Ingebur e o Adelino os dois não passaram pelo curso, mas os outros todos passaram pelo curso que foi feito, vários etapas assim, o curso era completo: de como receber o turista, de como fazer teu empreendimento [...] depois a gente nunca conseguiu mais fazer o curso, tem vários cursos mas ai foram mais na área de alimentação porque entrou os empreendedores, tinham os empreendedores que tinham as comidas né então tinha esse negócio da alimentação, curso sempre teve, agora específico para recebimento, acho que não teve mais curso, foi o que foi feito antes (Sujeito 1)

O Sujeito 6 confirma a não realização dos cursos de formação destinado aos proprietários: “[...] entre os empreendedores não [...]”, ela recorda apenas de um treinamento, realizado em outra oportunidade “sim, acho que um...” (Sujeito 6). O Sujeito 5 alerta para as dificuldades enfrentadas pela falta de cursos de formação:

Nós não temos nada, eles [empreendedores dos Caminhos de Pedra] disseram lá que tão recebendo orientações da Secretaria de Turismo com SEBRAE lá, os novos empreendedores que vão abrir novos pontos nos Caminhos de Pedra, vão ser como há dezoito anos atrás, vão receber todo esse apoio. [...] vai ter que ter alguma coisa, ou eles vão sofrer bastante também né? Porque nós também estamos sofrendo hoje, não tivemos orientação de ninguém, chegamos sem nada, sem cultura de turismo, sem propaganda, sem nada (Sujeito 5).

Mesmo havendo consultorias técnicas, pode-se inferir que tais não alcançam os objetivos desejados, uma vez que os proprietários expuseram que buscam junto aos pesquisadores sugestões para suas propriedades: “[...] a gente tá catando as coisas das pessoas que sabem como proceder o melhor atendimento ao turista” (Sujeito 3).

Em relação às iniciativas por parte do órgão municipal e das consultorias contratadas, o Sujeito 13 dá sua opinião:

Já veio especialista do SEBRAE, já veio do SENAR, todo mundo, mas ninguém consegue pegar e juntar, porque é uma briga muito feia entre Associação e Prefeitura e... sei lá, eles não se entendem, que um acha que é dono, vem aquela coisa política junto, daí mistura [...] agora é crítico, a prefeitura largou de mão, e até também tinha uma época que eles tavam olhando assim, que a prefeitura deveria levar o Caminho, que não é né, é um empreendimento particular, tem que caminhar com as próprias pernas [...] aonde é o ponto, quem deveria interferir, do jeito que tá, tá muito fraco. Está faltando atrativo (Sujeito 13).

8) Calendário de eventos:

Campeonatos diversos podem ser promovidos, [...] festas típicas, enfim, uma série de eventos que podem dinamizar o roteiro, independente mesmo dos programas oficiais. Trata-se de criar atrações que aos poucos servem para a divulgação do roteiro (BRAMBATTI, 2002a, p. 37).

A realização de eventos diversos sejam eles de cunho cultural, ambiental, esportivo ou outra temática qualquer, são ações que podem contribuir com divulgação do roteiro turístico, e conseqüentemente com a economia local, visto que se potencializa a movimentação de pessoas no local.

Potenciar la economía local. Tanto la cultura como el medio ambiente locales son herramientas para potenciar la actividad económica local. Venta de productos de artesanía, celebraciones y festejos de interés, ofertas gastronómicas únicas, senderismo interpretativo, etc., son actividades que no sólo cuidan el entorno sino que fomentan y refuerzan la integración del viajero con el destino (TORRE, HIDALGO e FUENTES, 2012, p. 568)⁵⁶.

Vários eventos são divulgados nos materiais promocionais do município: Festival de Verão, Encontro da Vela, Reponte da Canção, Acampamento Regional da Cultura Afro, Südoktoberfest, Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes, Moto Lagoa e Carnaval. O Sujeito 5 destaca mais uma vez a falta de interação com o *trade* local, o desperdício de oportunidades de maximizar a divulgação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, assim como a desconexão entre diferentes produtos e serviços turísticos de São Lourenço do Sul:

Sexta, sábado e domingo tem a Südoktoberfest, que em alemão quer dizer Festa de Outubro do Sul, e temos também o Reponte da Canção Crioula, muito divulgado já, em Rio Grande todo mundo conhece, e esses eventos que estão sendo perdidos no Caminho Pomerano. O site que eu falei, os hotéis, ou nós do Caminho, nós já tinha que estar com convenio com hotel, né? Que alguém que entrasse no site da Casa da Schimier, que não tem, que aí pra fazer o Caminho Pomerano no dia tal você já compra o ingresso da Südoktoberfest, já compra o hotel, a pousada, nós temos atrativos pra combinar, depois no Reponte... Nossa região tem pouca cultura de turismo... (Sujeito 5).

Como o Sujeito 2 explicou, integram a Associação Caminho dos Pomeranos não apenas as famílias das propriedades integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. A produção agropecuária dessas famílias, destinada ao consumo externo (flores, frutas, verduras, legumes, embutidos

⁵⁶ Fortalecer a economia local. Tanto a cultura e o ambiente local são ferramentas para melhorar a atividade econômica local. Venda de artesanato, celebrações e festas de interesse, oferta de gastronomia única, trilhas interpretativas únicas, etc., são atividades que não só cuidam do meio ambiente, mas também promovem e reforçam a integração do viajante com o destino (tradução minha).

entre outros produtos) é destinada à merenda escolar local, ou então comercializada junto à feira do produtor rural ou em eventos locais, regionais e até mesmo estaduais. O Sujeito 2 explica como funciona o processo de vendas desses produtos. Percebe-se contudo que a comercialização do Roteiro não ocorre nos eventos, oportunidade que poderia aumentar a visitação:

[...] quando têm eventos a gente vai, junta aí [os produtos dos demais associados] [...] cada entidade tem seu espaço, nós do Caminho, nós temos o artesanato e a agroindústria, então são dois espaços que nós ganhamos, um para agroindústria outro para artesanato (Sujeito 2).

Outra oportunidade que parece não estar sendo aproveitada são as comemorações e feriados festivos pomeranos, realizados outrora e baseadas no calendário pomerano (BAYSDORF e RODRIGUES, 2007). Prevalecer-se, por exemplo, dessas datas e organizar a visitação de forma diferenciada: no período da Quaresma, decorar as propriedades com *Osterbaum* (árvore de Páscoa). A atividade já é realizada em outras cidades que também receberam imigrantes pomeranos. Trata-se de uma tradição carregada de simbologia, visto que os galhos secos representam a tristeza pela crucificação e morte de Jesus Cristo, e os ovos lembram vida, a alegria pela ressurreição.

Oferecer aos turistas oportunidades de contribuírem, por exemplo, com a decoração das árvores de Páscoa, é proporcionar uma experiência com vivências, para além da visão, conglomerando outros sentidos. Como destacam Torres (2004) e Cavaco (2005) são ações que aperfeiçoam a animação turística: o turista passa de expectador para ator, tendo por base o legado cultural.

[...] *ya no basta con poseer recursos que serán contemplados, sino que es necesario crear productos que permitan realizar actividades, faciliten la participación activa del turista consumidor en la elaboración de la experiencia de que disfruta. Por tanto deberán buscar estrategias imaginativas para superar el momento actual, integrando los diversos atractivos turísticos ya sean patrimonio monumental, cultural y natural, para conformar una oferta que permita satisfacer necesidades y deseos de los consumidores, generar preferencias con relación a la competencia, lograr efectividad e imprimir carácter de diferenciación y valor agregado, sin olvidar la*

necesidad de preservar el medio ambiente (CHAVIANO e ARO, 2008, p. 119).⁵⁷

Tais ações proporcionam, sobretudo, a diferenciação da oferta turística local.

9) Marketing: de maneira simplificada a área de marketing estuda os mecanismos que regem as relações de comercialização de bens, produtos e serviços. A intenção do marketing é criar valor e satisfação no cliente, conduzindo relacionamentos lucrativos para as duas partes. A comunicação é uma parte integrante do marketing, é a fase do marketing que externaliza todas as demais estratégias integrantes do plano de marketing de uma empresa. É nesse momento, de divulgação que a padronização da marca em rótulos, folders, placas de sinalização, etc., podem contribuir para a identificação do roteiro frente aos demais, assim como explica Brambatti:

Para o sucesso do roteiro se faz necessário um trabalho de Marketing que planeje e faça a divulgação do mesmo. Matérias em jornais, divulgação em Rádio, TV e outros mecanismos de tornar o roteiro conhecido. Um planejamento de marketing deve ser feito, iniciando com a padronização de uma marca, que deverá estar presente nas placas da estrada, nos folhetos de informações, que juntamente com a arquitetura possa identificar um projeto organizado e planejado (BRAMBATTI, 2002a, p. 37).

Bahl e Nitsche (2012) destacam a comunicação visual própria (além de vias de acesso e infraestrutura de apoio como alguns elementos intrínsecos e essenciais na formatação de um roteiro). O Sujeito 1 explica que “a logomarca já foi feita em cima do Convidador”. A opção pela figura do Convidador, um dos personagens da história do Casamento Pomerano, se deu após a visitação de profissionais especializados em todas as propriedades do Roteiro, na busca de algo significativo para a constituição da logomarca. Pode-se observar que a padronização da logomarca ainda não é completa, contudo é possível observa-

⁵⁷ Já não basta ter recursos que serão abordados, mas é necessário criar produtos que permitam atividades, que facilitem a participação ativa dos consumidores no desenvolvimento de experiência turística que disfruta. Por tanto devem buscar estratégias criativas para superar o momento atual, integrando os diversos atrativos turísticos sejam património cultural e natural para formar uma oferta que permita satisfazer as necessidades e desejos dos consumidores, gerando preferências em relação à concorrência, para alcançar a eficácia e diferenciação e valor agregado, sem esquecer a necessidade de preservar o meio ambiente (Tradução minha).

lá nas camisetas ou aventais, em alguns rótulos, nas placas de sinalização e no folder do roteiro. O Sujeito 5 tenta justificar a insipiente propaganda:

Mas eu ainda acho, em tudo isso aí, que falta é divulgação. Muito pouco divulgado o Caminho Pomerano, muito, muito pouco, inclusive aqui por São Lourenço (Nadir). Aí a divulgação não existe maior porque ela custa caro. A prefeitura não tem verba específica para propaganda, ela não pode também fazer propaganda, aí teria que vir, quando veio alguma verba para a Secretaria de Turismo foi para colocar essas placas que você vê por aí do Caminho Pomerano, Família tal... Isso fazem seis anos atrás. Eles vivem pedindo verba, mas não conseguem. a prefeitura não pode tirar do orçamento dela para fazer propaganda do Caminho Pomerano que ta fazendo propaganda para a Casa da Schimier, das Cucas né? E nós que estamos, os seis participantes, ainda tá muito fraco, nenhum pode tirar um x por mês para pagar uma propaganda. Ai hoje a internet é o que funciona mais, nós aqui prá fora (sentido área urbana – área rural) temos dificuldade [...] (Sujeito 5).

O Sujeito 6 explica que no site da prefeitura municipal⁵⁸ há um espaço destinado à divulgação do roteiro, no entanto não existe uma página virtual específica do roteiro.

É, nós temos um pequeno site Caminho Pomerano junto da prefeitura lá, mas o nosso site Caminho Pomerano nós não temos ainda, não foi, não foi criado ainda, não foi criado, a gente pergunta para o pessoal da prefeitura como a gente cria e coisa mais, aí eles acham muito difícil, que tem que ser muito atualizado, que toda hora tem que atualizar, dâh, dâh, dâh, dâh, dâh, dâh... (Sujeito 6)

Cabe retomar as ideias de Cisne, quando a pesquisadora trata das informações proporcionadas de maneira digital:

O acesso a informações cada vez mais detalhadas e mais simultânea possibilita que o Sujeito possa ser instigado a visitar uma localidade e, então, planejar a própria viagem e elaborar seu Roteiro, a princípio, sem ajuda “profissional” [...] é importante que as empresas de Turismo, privadas ou públicas, disponibilizem informações sobre a localidade turística. [...] A interatividade é um fator importante no contexto pós-moderno, pois transcende a simples participação (CISNE, 2010, 170).

Como não existe um trabalho específico de divulgação digital, o Sujeito 6 explica que num dado momento seu cônjuge foi até os hotéis para buscar estreitar os laços e assim maximizar as chances de divulgação “boca a boca”

⁵⁸ Disponível em: <http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/conteudo.php?ID_PAGINA=4>. Acesso em: 20 maio 2013.

(Sujeito 6) e comercialização do roteiros com seus hospedes. Contudo, a resposta dos hoteleiros foi que “Pô! Mas ninguém larga nada aqui!” (Sujeito 6), referindo ao material impresso do roteiro.

Tal situação corrobora com os apontamentos já realizados referentes à dificuldade de integração entre o *trade* local e o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, o que acaba reduzindo as chances de sucesso do roteiro. Planejamento e ações conjuntas poderiam estender a permanência dos turistas nos hotéis localizados na área urbana do município, cabe destacar que não há nenhum concorrente, ou seja, nenhuma propriedade oferece serviços de hospedagem, portanto parcerias são fundamentais e possibilitam benefícios a todos fornecedores de produtos e serviços turísticos. Em relação à divulgação o Sujeito 13 narra como ocorreu o processo:

A prefeitura fez um investimento muito alto em mídia, fora do município, fora do Estado até né. Então o pessoal acaba procurando através do site da Costa Doce ou jogam no Google e aparecem nossos sites, ou ligam para a prefeitura, e tem dias que a prefeitura passa, quando eles estão de bem... [silêncio] Eu tenho mala direta com as prefeituras, mas só aqui na região sul que a gente faz, mas mais é mídia deles, do Caminho. A gente não tem folderzinho que a gente leva nas feiras do Caminho Pomerano, não. Isso quem tem na verdade são eles, a Associação com intermédio da prefeitura, eles fazem mídia muito grande, a venda poderia ser muito maior da mídia que eles fazem (Sujeito 13).

Apesar de haver um discurso de incentivo para o segmento de turismo rural em São Lourenço do Sul, percebem-se algumas incoerências. Um aspecto que merece ser mencionado é a relevância com que é tratado o segmento de turismo rural em São Lourenço do Sul, especialmente na comunicação, ou seja, na fase que externaliza as estratégias do plano de marketing.

O município apresenta como slogan a frase “Terra de todas as paisagens”: o relevo de São Lourenço do Sul é composto por áreas de planície (próximas a Laguna dos Patos) e planalto (Serra do Sudeste, onde encontra-se o roteiro). É perceptível um desequilíbrio na valorização entre as paisagens, e conseqüentemente, dos espaços onde se desenvolvem os diferentes segmentos turísticos de São Lourenço do Sul.

Figura 73: Sinalização turística da BR 116



Fonte: Magda M. Spindler (2011).

Nas margens da rodovia BR 116 encontra-se inserida uma placa com informações turísticas da região da Costa Doce, há apenas a indicação das praias de São Lourenço do Sul, mesmo havendo um espaço para uma possível inserção da expressão “turismo rural”, visto que tal segmento é fomentado no município.

No pórtico de entrada de São Lourenço do Sul, novamente o segmento de sol e praia é exaltado.

Figura 74: Pórtico de entrada

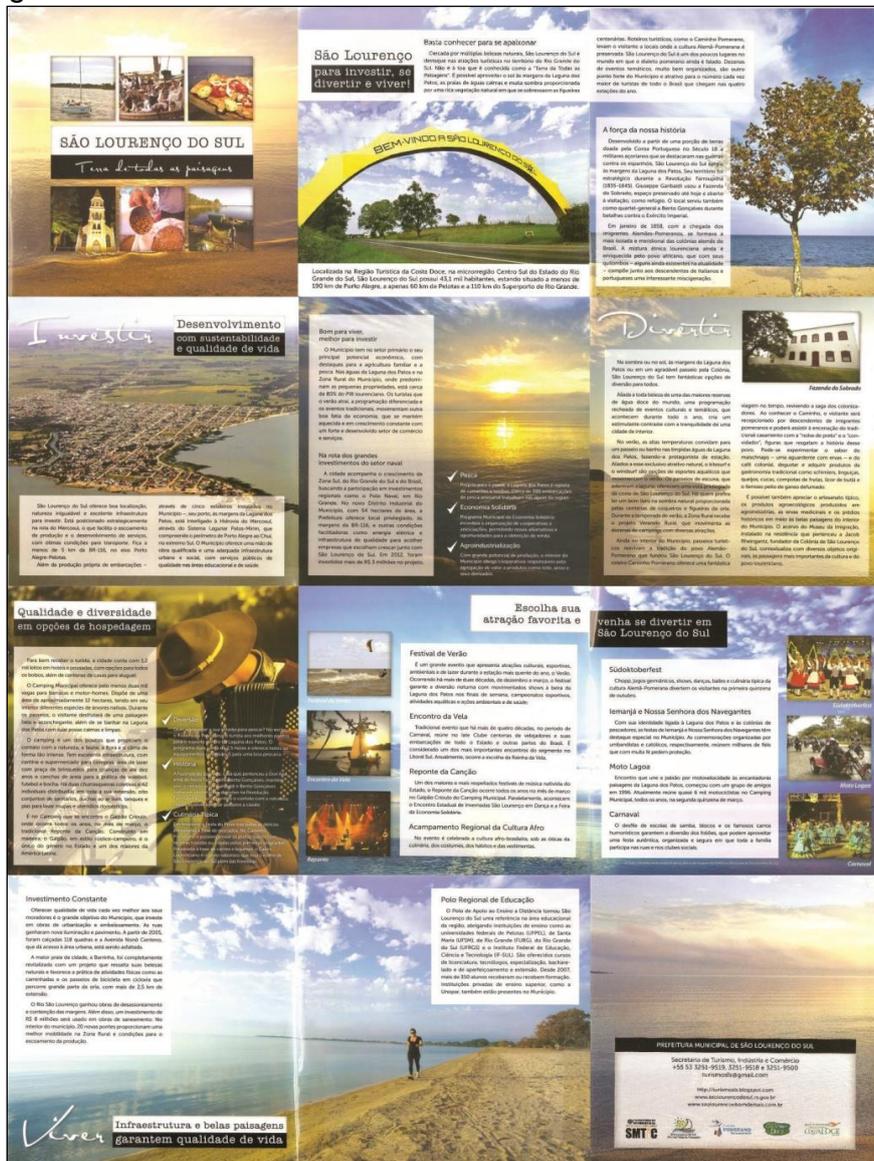


Fonte: Magda M. Spindler (2011)

Na frase “Bem vindo a São Lourenço do Sul”, a letra U possui alguns traços que lembram águas (da Laguna dos Patos) e raios de sol, reverenciando de maneira proposital ou não, o segmento de sol e praia.

Em relação ao material de divulgação do município, alguns aspectos merecem ser destacados. O primeiro refere-se à elaboração do material, ou *folders*: tendo por base o *folder* distribuído durante a 24ª edição do Festival de Turismo de Gramado (FESTURIS) em novembro de 2012, percebe-se que o espaço destinado ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano é tímido. Considerando a singularidade da etnia pomerana frente aos demais roteiros turísticos do Rio Grande do Sul, as particularidades poderiam ser aprimoradas.

Figura 75: Folder distribuído no Festival de Turismo de Gramado



Fonte: Magda M. Spindler (2012)

O segundo refere-se à distribuição desse material: a mera distribuição de *folders*, (diga-se de passagem, com excelente qualidade de impressão gráfica – papel superior, impressão colorida e brilhante) e acompanhada da degustação de produtos locais (que podem ser igualmente encontrados em outros roteiros), num evento como o Festival de Turismo de Gramado, que reúne mais de 13 mil profissionais, com poder de decisão, parece ser uma oportunidade desprezada. Cabe ressaltar que não é intenção dessa pesquisa menosprezar produtos como a cuca, produzida e comercializada no roteiro, entretanto, o peito de ganso defumado, ou então o *Maischnaps*, muito provavelmente se destacariam junto àqueles que circulam por esses eventos.

O terceiro refere-se à divulgação: considerando as palavras de um dos proprietários, quando destaca que a Noiva de Preto e do Convidador são ícones do Roteiro, pensa-se que a presença de integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano (ou da Associação), trajadas atrairia a atenção do público presente, além de diferenciarem-se frente aos demais expositores. Cabe lembrar que um dos objetivos da implantação do roteiro é a valorização de aspectos históricos e culturais da imigração pomerana. Valer-se dos eventos locais (Festival de Verão, Encontro de Vela, Reponte da Canção, Südoctoberfest, Moto Lagoa, Carnaval entre outros), assim como daqueles realizados em outros lugares é uma oportunidade para maximizar as possibilidades de divulgação e comercialização do roteiro.

Para além desses possíveis elementos constituintes de um roteiro turísticos propostos por Brambatti (2002a) é oportuno destacar também o aspecto econômico, visto que a oportunidade de diversificação de rendas é constante nos discursos, nas justificativas para implantação, nas propostas de planejamento da atividade turística no espaço rural em São Lourenço do Sul, não foi diferente.

O declínio da indústria colonial e a introdução de monoculturas, como a fumageira na década de 1970, foram elementos degradadores das condições de vida na zona rural, [...] No começo dos anos 2000, a região colonial voltou a ser valorizada a partir de projetos de turismo rural, o que levou a um investimento público e privado nas atividades e produtos da vida colonial, (FERREIRA, 2012, p.17).

Entretanto, percebe-se que tal objetivo não foi plenamente alcançado. Quando questionado sobre o percentual de rendimentos advindos da atividade turística, apenas dois proprietários conseguiram indicar um percentual. A fala de Ferreira (2012, p. 21) corrobora quanto aos resultados reunidos nesta pesquisa: “os resultados econômicos, no entanto, se fazem perceber em ritmo muito mais lento do que a emoção instaurada dentro da comunidade pomerana e não pomerana”. A atividade turística no espaço rural de São Lourenço do Sul proporciona às famílias envolvidas rendimentos adicionais, mas não regulares. As pluriatividades são essenciais à sobrevivência dessas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São Lourenço do Sul teve sua origem, crescimento e desenvolvimento intimamente relacionados a dois povoados: Boqueirão e São Lourenço. No povoado de Boqueirão passavam as únicas estradas que outrora uniam Pelotas a Porto Alegre e São Lourenço do Sul a Canguçu. O povoado de São Lourenço originou-se do agrupamento de casas dos peões e agregados da Fazenda São Lourenço, localizada às margens do Arroio São Lourenço. Essa fazenda possuía um pequeno porto, que naquele período recebia as levas migratórias procedentes da Europa, além de escoar o excedente do cultivo agrícola produzido na colônia germânica que estava em formação.

Ao longo do século XIX, a economia que predominava em toda região estava relacionada às estâncias localizadas junto à planície e ocupadas por luso-brasileiros que ali se estabeleceram e consolidaram a pecuária como a primeira atividade econômica regional. A Serra dos Tapes foi finalmente ocupada e colonizada pelos imigrantes pomeranos. As famílias pomeranas estabeleceram-se em pequenas propriedades, não apenas pelo interior de São Lourenço do Sul, mas também nos municípios vizinhos como Canguçu, Pelotas, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre onde passaram a desenvolver a agricultura, integrando-se satisfatoriamente à economia local.

Num primeiro momento dedicaram-se a uma produção agrícola voltada para o consumo próprio, prevalecendo a mão de obra familiar. A produção de gêneros alimentícios era variada e com o passar do tempo outros cultivos foram implantados na região da colônia, contudo posteriormente abandonados em razão dos baixos preços pagos. Avanços e retrocessos econômicos junto ao espaço rural, não somente em São Lourenço do Sul, forçaram a inclusão de atividades não agrícolas às tradicionais atividades de agricultura e pecuária, únicas fontes de rendimentos até então nesses espaços. Com a inserção das atividades não agrícolas, novas oportunidades surgiram e a permanência das famílias no espaço rural tornou-se viável, visto que essas atividades possibilitaram rendimentos complementares às famílias rurais.

Um novo rural se faz presente não apenas nas propriedades integrantes do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, mas também nas demais localidades de São Lourenço do Sul, que dispõe de variados serviços:

postos de saúde, hospital, escolas, comércio em geral (mercados, farmácias), posto de correio, postos de combustível entre outros serviços estão inseridos no espaço rural do município. Essa infraestrutura vai ao encontro das ideias de Trevizan (2006) quando o autor trata dos fatores de atração no meio rural, os quais estariam relacionados com novas perspectivas de trabalho e melhores condições de vida.

Cabe destacar que 43,78% da população residem no espaço rural do município, o que de certa forma, força a governança municipal a dar atenção ao espaço rural. A mobilidade tornou-se fundamental tanto para o escoamento da produção agropecuária (95% das terras de São Lourenço do Sul pertencem a pequenos e médios produtores), quanto para a atividade turística, visto que o acesso é indicado como sendo um importante elemento para constituição de um roteiro turístico, além de contribuir para a atividade junto ao espaço rural (BRAMBATTI, 2002a; SANTOS, RIBEIRO e VELA, 2011; ZIMMERMANN, 1996).

São Lourenço do Sul já promove a atividade turística de sol e praia há algumas décadas. Entretanto, percebeu-se a necessidade de complementação e variação da oferta turística local. Com a criação de outros roteiros, as oportunidades de minimizar os possíveis efeitos negativos da sazonalidade eram maiores. Concomitantemente havia uma preocupação com a degradação do espaço rural, e com a saúde dos moradores rurais em razão do crescimento do cultivo de fumo no município.

Com os objetivos definidos (revalorizar o espaço rural, diversificar a matriz produtiva local; gerar outras fontes de emprego e renda aos moradores do espaço rural; elevar o desenvolvimento econômico municipal por meio da exportação de produtos oriundos da colônia e valorizar aspectos históricos e culturais da imigração pomerana) foram então realizadas as primeiras atividades para a implantação do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano. Entre 2005 e 2007 foram realizados cursos sobre turismo rural, visitas para consultoria às propriedades participantes do curso, que eram ou pretendiam tornar-se pontos de visitação turística, visita técnica a outros roteiros, elaboração de diagnóstico turístico das propriedades para identificação de particularidades e necessidades específicas de cada uma, criação da Associação Caminho dos Pomeranos, curso de formação de

condutores locais, entre outras atividades. O setor público local procurou então desenvolver um roteiro que contemplasse a região colonial do município. Os proprietários rurais locais foram então estimulados a abrir suas propriedades. Entre os atrativos oferecidos pelas propriedades estavam produtos e serviços: gastronomia, histórias, exposições, varejo com produtos coloniais e artesanato. Cabe destacar que aspectos histórico-culturais dos imigrantes e descendentes pomeranos são apresentados como atrativos turísticos do roteiro.

A partir dos objetivos elencados pelo setor público e pela Associação Caminho dos Pomeranos para a implantação do roteiro, compilaram-se dois deles para a construção da hipótese adotada ao longo dessa pesquisa – se a atividade turística realizada junto ao Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano de São Lourenço do Sul poderia se constituir numa possibilidade de revalorização do espaço rural, bem como valorização dos aspectos históricos e culturais da imigração pomerana. Dessa forma, essa pesquisa que teve como objeto de pesquisa a roteirização turística no espaço rural, objetivou identificar como ocorreu a roteirização turística no espaço rural contemplado pelo Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano, de São Lourenço do Sul (RS).

Para que tal objetivo fosse alcançado algumas ações foram implantadas: reconstituição da história de constituição do Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano; identificação das propriedades, suas modalidades de inserção, bem como os atrativos turísticos por elas ofertados; inventariação das manifestações culturais presentes nesses atrativos turísticos; e finalmente análise da relevância do roteiro junto ao cenário turístico local e regional. Para isso, fez-se necessária a realização da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. As entrevistas e a observação participante contribuíram para que tais ações fossem concretizadas e os questionamentos solucionados. Considerou-se ao longo de toda a pesquisa, se o Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano poderia constituir-se numa oportunidade para a valorização do espaço rural, bem como dos aspectos históricos e culturais inerente à imigração pomerana.

Passados praticamente oito anos da fundação da Associação Caminho dos Pomeranos (outubro de 2005), o roteiro enfrenta ainda algumas dificuldades para se consolidar. Os proprietários assinalam a reduzida comercialização como um dos principais problemas do roteiro. As relações

comerciais com o *trade* local (guias/condutores de turismo, agências e hotelaria) também são debilitadas, a falta de interação entre os atores locais é perceptível e pode ser abalizada pelas falas dos sujeitos envolvidos na rede de contatos. Outro aspecto frequentemente apontado pelos proprietários como impedimento são as poucas ações de marketing. Contudo, entende-se que boas oportunidades de divulgação são por vezes menosprezadas, como por exemplo, em eventos do *trade* turístico.

No que se refere ao aspecto econômico, percebe-se que a atividade ainda é embrionária. Os proprietários do roteiro desempenham paralelamente outras atividades laborais, além de disporem de rendimentos provenientes de aposentadoria. A atividade turística não é a única fonte rendimentos dessas famílias, sendo, portanto considerados rendimentos complementares. E tais rendimentos são insuficientes para sua sobrevivência, pois a maioria dos proprietários não conseguiu definir a porcentagem dos rendimentos provenientes da atividade não agrícola. Entende-se dessa forma que a revalorização do espaço rural não é completa.

Ao que se refere aos aspectos cultural e social, entende-se que houve avanços. Sentimentos de vergonha foram sendo supridos pela altivez: “mudou a autoestima, eu me sinto mais valorizada, com mais coragem, me sinto mais gente né? Melhorou bastante...” (Sujeito 2). Contudo, entende-se que a valorização desses aspectos parece não ser tão consagrada quanto poderia. Um trabalho junto à comunidade, especialmente com descendentes de imigrantes pomeranos, com o designo de inventariar especialmente o patrimônio imaterial desses descendentes (mesmo não havendo o desejo de reconhecimento legal), muito provavelmente enriqueceria as atividades desenvolvidas no roteiro.

Entende-se que a tematização do roteiro é fundamentada no legado deixado pelos imigrantes pomeranos e transmitido ao longo das décadas aos seus descendentes. Aspectos histórico-culturais apresentados como atrativos turísticos do roteiro possuem relação com a história da extinta província da Pomerânia, no entanto percebe-se que alguns proprietários não têm pleno conhecimento disso. Como resultado, tais aspectos acabam por ser pouco valorizados no roteiro. Cabe destacar que não foram percebidas ações desrespeitosas ou inadequadas ao que diz respeito à tematização do roteiro,

assim como destaca Grūnewald, “trata-se de uma dināmica turística legítima e real. Ninguém estā vendendo gato por lebre [...]” (2002, p. 23), validando assim as diferentes versōes p/ a cor negra do vestido da noiva por exemplo.

Simultaneamente nāo foram descobertos vestígios em outros municípios ou regiōes no Rio Grande do Sul, mesmo havendo a presença de descendentes de imigrantes pomeranos, que se apropriem dessa etnia para formatar um roteiro com tal temática. Outros estados brasileiros sim, Santa Catarina e Espírito Santo como jรก descrito na pesquisa. Um legado histrico-cultural diferente, em meio ao espaço rural, que parece nāo estar valorizando seu potencial frente a tantos outros roteiros com a temática de imigraçāo.

Com o propósito de consolidaçāo do roteiro, alguns proprietários manifestaram a necessidade de mais atraçōes, ou mesmo da inserçāo de outras localidades no município com maior incidēncia de descendentes de pomeranos do que nas localidades hoje envolvidas no roteiro. Contudo, as atuais localidades encontram-se entre 10 e 30 quilōmetros do trevo de acesso, e tais localidades ficam “mais prรก dentro” (Sujeito 3). Assim, ponderando algumas das queixas, quanto ao tempo de duraçāo de 6 a 7 horas quando realizado de forma integral, a possível inserçāo dessas localidades mais distantes, provavelmente inviabilizaria ainda mais a logística do roteiro. Entende-se que antes de inserir novos pontos de visitaçāo, seja mais coerente realizar adaptaçōes nos atrativos jรก existentes, gerando curiosidade, motivando a vinda e o retorno dos turistas. A animaçāo turística, a interatividade com os turistas é vital, talvez esse seja um ponto a ser trabalhado com os proprietários, tendo-se por base a observaçāo feita com um dos membros da rede: “[...] as pessoas se vestem, se caracterizam, aqui nāo... tu chega em alguns lugares, tรก, cumprimenta o turista, tčo tรก, deu! [...] O proprietário tem que conduzir, levar, contar, inventar alguma coisa se nāo tiver” (Sujeito 13).

Pode-se inferir que açōes mais pontuais por parte da Associaçāo como reuniōes mais frequentes, visto que houve queixas quanto aos longos perodos entre as reuniōes, açōes por parte do setor público como incentivo para visitas técnicas a outros roteiros, novas rodadas de palestras de sensibilizaçāo e capacitaçāo e açōes específicas e diferenciadas por parte dos próprios proprietários como venda de mudas e porçōes de chá seco; porçōes menores de conservas e *schimier* considerando que muitas pessoas mesmo que

viajando em grupo, residem sozinhas; estimular que grupos das comunidades produzam arranjos ou outros enfeites com flores secas), valer-se de datas comemorativas e assim realizar atividades temáticas no roteiro poderiam contribuir para um incremento da atividade turística no espaço rural de São Lourenço do Sul.

Santos, R. (2005, p. 40) ao tratar das experiências de Malinowski junto aos nativos das Ilhas Trobriand, destaca: “não há como deixar de notar a preocupação do antropólogo em mostrar que se tratava de uma sociedade e de uma cultura com sua própria complexidade”. Nesse mesmo sentido, pode-se inferir que qualquer que seja a sociedade, ou a localidade a que se refere muito provavelmente não alcançará o propósito de apontar as soluções, visto o enredamento no qual a localidade está intrinsecamente atrelada, e da qual o pesquisador não faz parte.

Para finalizar algumas questões ficam em aberto nessa pesquisa, ou ainda, foram tratadas de forma periférica, tais como perpetuação do legado histórico e cultural, ou salvaguarda do patrimônio cultural imaterial dos pomeranos. Justifica-se: a temática apresentou-se muito mais complexa do que se imaginava no princípio, fazendo com o que o tempo de duração do mestrado fosse escasso para abordá-las com profundez, ou ainda, impossibilitando debruçar-se sobre tais questões. Muitos outros questionamentos brotaram, os quais não foram passíveis de resolução nesse momento. Sobre futuras pesquisas, propostas pautadas na temática da arena turística de Grünewald (2003; 2009) e patrimônio cultural imaterial são possíveis perspectivas para estudos vindouros.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thomsom Learning, 2002.

ALVIM, Zuleika M F.. O Brasil italiano (1880-1920). *In*: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 383-417.

ASHTON, Mary S. G.; FAGUNDES, Camila. **O desenvolvimento do turismo: A Rota Colonial Baumschneis - Dois Irmãos/RS**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1245>>. Acesso em 08 out. 2012.

ASSOCIAÇÃO CAMINHO DOS POMERANOS. **Ata da Assembleia Geral da constituição da Associação Caminho dos Pomeranos**. São Lourenço do Sul, 2005.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **História do turismo no Brasil: entre os séculos XVI e XX**. Barueri: Manole, 2012.

BAHIA, Joana. “El peso de las palabras”: La importancia de la narrativa magica en la construcción de la identidad étnica y social del pomeranos. **Revista de Estudios de Género. La ventana**, Guadalajara, n. 18, p. 134-168, dez. 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/884/88401807.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

BAHIA, Joana. Práticas mágicas e bruxaria entre as pomeranas. *In*: Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur. **Ciencias Sociales y Religión**. Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 153-176, set, 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2164>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BAHL, Miguel; NITSCHKE, Leticia B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. *In*: RAMOS, Silvana P. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012. 37-54

BARBOSA, Luiz G. M. (Org.) **Índice de Competitividade do Turismo Nacional – 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional: Relatório Brasil 2011**. Brasília, DF: SEBRAE, 2012.

BARBOSA, Ycarim M. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: ALEPH, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1997.

BAYSDORF, Nataniel C.; RODRIGUES, Paulo R. Q. **A etnia pomerana no sul do Rio Grande do Sul**: autonomia, identidade e as influências externas da globalização e sua preservação através de feriados religiosos. Disponível em <http://www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CH/CH_00235.pdf>. Acesso em: 15 mar 2012

BENI, Mário C. **Análise estrutural do turismo**. 12.ed. São Paulo: SENAC, 2007.

BENI, Mário C. **Política e planejamento do turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BRAMBATTI, Luiz E. (Org.). **Roteiros de turismo e patrimônio histórico**. Porto Alegre: EST, 2002a. p. 7-44.

BRAMBATTI, Luiz E. Roteiros de turismo e patrimônio histórico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 3, 2002b, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 15-20.

BRASIL. **Decreto nº 3551 de 4 de agosto de 2000**. Institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o programa nacional do patrimônio Imaterial e dá outras providências. IPHAN, Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=295>>. Acesso em: 26 out. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>. Acesso em: 26 out. 2010.

BRICALLI, Luiz C. L; ALMEIDA, Joaquim A. Atividades agrícolas e atrativos naturais na construção de tipologias para o turismo rural. **Anais** do II Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. 113-118.

BÜHLER, Nelda. O empoderamento das mulheres envolvidas em atividades de turismo rural no roteiro Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves. 2011. Monografia apresentada ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santo Antônio da patrulha, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52364/000820000.pdf?sequence=1>>. Acesso em:

BUOLLÓN, Roberto C.; BUOLLÓN, Diego R. **Turismo rural**: un enfoque global. México: Trillas, 2008.

BURNS, Edward Mc N. **História da civilização ocidental**: do homem das cavernas às naves espaciais. 38.ed. São Paulo: Globo, 1997.

CABRAL, João de P. **Notas críticas sobre observação participante no contexto da etnografia portuguesa**. 1983. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122346251917oLB1as8Bs74SH2.pdf>> . Acesso em: 02 fev. 2012.

CARPINEJAR, Fabrício. **Beleza Interior**: Língua viva de um país morto. <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a3519155.xml>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CAVACO, Cristina. Turismo *versus* animação turística. **Pessoas e Lugares. Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER**, Lisboa, junho de 2005. Disponível em: <<http://www.minhaterra.pt/IMG/pdf/jornalpl30.pdf>>. Acesso em 01 abr. 2014

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Patrimônio cultural imaterial no Brasil: estado da arte. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil**: Legislação e políticas estaduais. Brasília: UNESCO/Educarte, 2008.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO, 4., 2010, Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2010. p. 872-874. Disponível em: <<http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>>. Acesso em 06 abr. 2013.

CHAVIANO, Esther L. M.; ARO, Yanet H. Del turismo contemplativo al turismo activo. **El Periplo Sustentable**, n. 15, Toluca, p. 111-122, jul-dez 2008. Disponível em: <http://www.uaemex.mx/plin/psus/periplo15/articulo_04.pdf>. Acesso em 20 mai. 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

CISNE, Rebecca de Nazareth Costa. **Roteiro turístico, tradição e superação**: tempo espaço, sujeito e (geo)tecnologia como categorias de análise. 210f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em <http://tede.ucs.br/tde_arquivos/3/TDE-2010-11-11T093314Z-393/Publico/Dissertacao%20Rebecca%20de%20Nazareth%20Costa%20Cisne.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2012.

COARACY, Vivaldo. **A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz**: Notas para a história. São Paulo: Saraiva, 1957.

COSTA, Fernando N. **Brasil: celeiro agrícola do mundo**. 2010. Disponível em: <<http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/06/23/brasil-celeiro-agricola-do-mundo/>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

COSTA, Jairo S. Et al. **São Lourenço do Sul, Cem anos: 1884-1984**. Edição comemorativa. São Lourenço do Sul: Prefeitura Municipal, 1984.

COSTA, Luciana de C. N. **A contribuição do Caminho Pomerano na valorização e resgate da cultura do imigrante**. 2007. Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Turismo, da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2007.

CRISTOVÃO, Artur. Mundo rural: entre as representações (dos urbanos) e os benefícios reais (para os rurais). In: RIEDL, Mário; ALMEIDA; Joaquim A.; VIANA, Andyara L. B. (Orgs.) **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

DARRAS, Bernard. **Os valores da antiguidade ocidental são responsáveis pela crise que afeta a educação artística e o ensino de arte?** 2008.

Disponível em:

<http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/1ensino_de_arte/1_palindromo_da_rras.pdf>. Acesso em 05 mai. 2013.

DE BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DELPINO, Gabriela B. **Simbologia do uso de plantas medicinais por agricultores familiares descendentes de pomeranos no sul do Brasil**. 108f. Dissertação (Mestrado em Ciências) Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/910600/1/RosaLiaDissertacaoGabrielaDelpino1.pdf>>. Acesso em 19 nov. 2012.

DENCKER, Ada de F. M. Pesquisa em turismo: planejamento métodos e técnicas. 9.ed. São Paulo: Futura, 1998.

DROOGERS, André. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 13-41, set. 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a02v28n1.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2013.

ELESBÃO, Ivo. Impactos socioeconômicos do turismo no espaço rural. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. p. 150-166.

EMBRAPA. Produção de hortaliças em Mandala. Set. 2009. Disponível em: <<http://redeagroecologia.cnptia.embrapa.br/boletins/hortalicas/producao%20de%20hortalicas%20em%20mandalas.pdf>>. Acesso em 04 jun. 2013.

FÁVERO, Ivane. **Planejamento Municipal do Turismo para o Desenvolvimento (sustentável): Um Estudo de Caso**. 240f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul 2004. Disponível em:

<<http://www.turismobento.com.br/downloads/mestradodissertacao.pdf>>. Acesso em 08 out. 2012.

FERREIRA, Maria L. M. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. **Historiæ**, História, memória e patrimônio, n. 3, v. 3, Rio Grande, p. 9-26, 2012. Disponível em:

<<http://www.seer.furg.br/hist/article/viewFile/3259/1936>>. Acesso em 10 mai. 2013

FERREIRA, Maria L. M.; HEIDEN, Roberto. Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil. **Cuadernos de antropología social**, n.30, p. , Buenos Aires, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n30/n30a08.pdf>>. Acesso em 11 mar. 2012.

FERREIRA, Maria L. M.; CERQUEIRA, Fábio V.; RIETH, Flávia M. da S. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. **Revista MétiS**, Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 91-113, jan./jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/696>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

FIALHO, Marco A. V. Agricultura familiar e as rendas não agrícolas na região metropolitana de Porto Alegre. 2000, 206f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1678>>. Acesso em 01 nov. 2012

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FROEHLICH, José M. **Rural e Natureza: A construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. 2002. 220f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<<http://coral.ufsm.br/developimentorural/textos/tese%20jose%20marcos%20froehlich.pdf>>. Acesso em 02 abr. 2012

FUCKS, Patrícia M. **Turismo, agricultura e patrimônio**. São Lourenço do Sul (RS). Santa Maria: Facos, 2005.

FURASTÉ, Pedro A. **Normas técnicas para trabalho científico**: explicitação das normas da ABNT. 15.ed. Porto Alegre: s.n., 2011.

GASTAL, Susana; MAFRA, Marco A. W. Processo curatorial e construção de roteiros turísticos. *In*: NORA, Paula; PUGEN, Bianca (Org.). **Diálogos**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2008, p.195-209.

GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a13.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

- GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, n. 2, São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.
Disponível em:
<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/392_pesquisa_qualitativa_godoy2.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2012.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisas qualitativas. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; et.al. (Orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67-80
- GRUNEWALD, Arilson. **A origem do povo Pomerano**. In: Pomerano.com. Disponível em <<http://www.pomerano.com/artigos/a-origem-do-povo-pomerano.html>>. Acesso em: 24 jul. 2012.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de A. Indigenismo, turismo e mobilização étnica. In: GRABURN, Nelson; STEIL, Carlos A.; GRÜNEWALD, Rodrigo de A.; BARRETTO, Margarita. Turismo e antropologia: novas abordagens. Campinas: Papyrus, 2009.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de A. Turismo e etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, out. 2003.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de A. Os pataxó e os fluxos coloniais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26, 2002, Caxambu. **Anais...** Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4457&Itemid=317>. Acesso em 19 jun. 2013.
- HAAS, Terezinha M. K. **A germanidade como eixo condutor de um processo turístico**: O Caso Rota Romântica (1995 – 2005). 2007.157f. Dissertação (Mestrado em Turismo), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.
- HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HAMMES, Edilberto L. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município – das origens ao ano de 2000. São Leopoldo: Estúdio Zeus, 2010. v.1
- HEINEMANN, José C. **Banner e fotos pomeranas**. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <magda.spindler@gmail.com> em 06 mar. 2013.
- IDESTUR. **Panorama empresarial de turismo rural 2010**. São Paulo: IDESTUR, 2010.
- IGNARRA, Luiz R. **Fundamentos do turismo**. 2.ed. São Paulo: Thomson, 2003.

KAGEYAMA, Ângela. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

KLUMB, Guilherme P. A cultura dos imigrantes pomeranos como atrativo do turismo rural em São Lourenço do Sul. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 5. 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação – UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19485.pdf>>. Acesso em 13 ago. 2011.

KÖCHE, José C. **Fundamentos da metodologia científica**. 27.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LANZER, Rosane, PINTO, Rodrigo B.; RAMOS, Bernardo V. de C. O método Delfos aplicado ao turismo no espaço rural. **Revista Rosa dos Ventos**, Dossiê Turismo e Neorruralidades, n. 2, Caxias do Sul, v. 4, p. 178-191, abr-jun, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1452>>. Acesso em 01 mai 2013.

LIMA, Ana P. de A. e; DIAS, Reinaldo. **Turismo e Cultura Pomerana em Santa Maria do Jetibá/ES**. 2007. Disponível em: <<http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/249-371-1-pb.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2012.

LIMA, Francielle de; SPINDLER, Magda M.; MECCA, Marlei S. Arranjo Produtivo Local de Turismo da Quarta Colônia (RS): destaque para a ruralidade, a italianidade, a gastronomia e a religiosidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO, 8, 2012, Chaves (Portugal). **Anais...** Chaves: UTAD – CETRAD, 2012, p. 932-952. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosocedita/pasosrep7.pdf>> Acesso em 13 jul. 2012.

LIMA, Maria I. F. **Paisagem, Terroir e Sistemas Agrários**: Um estudo de São Lourenço do Sul. 153f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11010/000602635.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 de agosto de 2011.

LIMA, Telma C. S. de; MIOTO, Regina C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

LINK, Rogério S. **Luteranos em Rondônia**: O perfil de uma igreja protestante na região amazônica (1967-1987). 2004. Disponível em: <<http://www3.est.edu.br/nepp/revista/005/05rogerio.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2012.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAAS, Scheila. **Rais aus, die polatzai komm!**: Os sentidos da língua alemã no ensino em Pomerode-SC. 2010. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2010. Disponível em: <http://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2010-08-24T144623Z-615/Publico/Diss%20Scheila%20Maas.pdf>. Acesso em 24 jul. 2012

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato de empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINÉZ, F. J.; MONZONÍS, J. S. **Alojamiento turístico rural: gestion y comercialización**. Madri: Sintesis, 2000.

MAZZA, Gabriela. Nas curvas do Caminho Pomerano. **Revista Ecosul**, Pelotas, n.4, p. 4-6, jul./ago. 2009.

MENDOZA, Martha G.; HERNÁNDEZ Celia G.; VILLARREAL, Lilia Z. Turismo rural: Participación de las comunidades y programas federales. **Revista El Periplo Sustentable**, México, n. 17, p. 5-30, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193414420001>>. Acesso em 01 mai 2013

MFRE – Ministério Federal das Relações Exteriores da Alemanha. Perfil da Alemanha. Berlin: GGP Media GmbH, 2003.

MOREIRA, Daniel A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

MTUR – Ministério do Turismo. **Sol e Praia**: orientações básicas. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2012.

MTUR – Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2012.

MTUR – Ministério do Turismo. **Plano nacional de turismo 2007/2010**: uma viagem de inclusão. Brasília: MTur, 2007a.

MTUR. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil**: Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística. Brasília, 2007b. Disponível em:

<http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/roteirizacaoturistica_turismo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2013.

MTUR. Ministério do Turismo. **Manual do Pesquisador – Inventário da Oferta Turística**: instrumento de pesquisa. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/manual_do_pesquisador_intrumento_de_pesquisa_for_mularios.pdf>. Acesso em 05 out. 2011.

MTUR – Ministério do Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil**. 2003. Disponível em:

<<http://www.turismorural.org.br/download/20120122065013.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

NAGABE, Fabiane. Dinâmicas globalizadas no campo: usos turísticos do patrimônio cultural. In: PELEGRINI, Sandra C. A.; NAGABE, Fabiane; PINHEIRO, Áurea da P. (Orgs.). **Turismo e patrimônio em tempos de globalização**. Campo Mourão: FECILCAM, 2010. p.17-43.

NETO, Otávio C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; et.al. (Orgs.) **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2003 p.51-66

OLIVEIRA, Daniel S. **Resgate de técnicas construtivas mais sustentáveis**: análise e descrição do sistema enxaimel. 73f. Monografia (Departamento de Engenharia Civil), Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/34396/000789673.pdf?sequence=1>>. Acesso em 05 mai 2013.

OXINALDE, Miguel de R. **Ecoturismo**: nuevas formas de turismo en el espacio rural. Barcelona: Bosch, 1994.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TRIGO, Luiz G. G. **Cenários do turismo brasileiro**. São Paulo: ALEPH, 2009.

PELEGRINI, Sandra de C. A.; FUNARI, Pedro P. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRA, Alexandre B. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova**, São Paulo, n.79, p. 143-162, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf>>. Acesso em 28 set. 2011.

PÉREZ, Xerardo P. **Turismo Cultural**: Uma visão antropológica. Tenerife (Espanha): PASOS, 2009. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/50475878/7/A%C2%A0ORIGEM%C2%A0-INVENCAO-%C2%A0DO%C2%A0TURISMO>>. Acesso em 30 jul. 2012.

PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul**. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos. **Saberes, plantas e caldas**: a rede sóciotécnica de produção agrícola de base ecológica no sul do Rio Grande do Sul. 193f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/pgdr/dissertacoes_teses/arquivos/mestrado/PGDR_M_118_PATRICIA_PINHEIRO.pdf>. Acesso em 16 abr. 2012.

PINTO, Rodrigo B.; LANZER, Rosane. Turismo no espaço rural: delimitando tendências. In: BARRETTO, Margarita (Org.) **Anuário de pesquisa do programa de mestrado em turismo – 2004**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

PIRES, Mário Jorge. 2.ed. **Raízes do Turismo no Brasil**. Barueri: Manole, 2002

RAMOS, Silvana P. Apresentação. In: RAMOS, Silvana P. **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012. 7-9.

REJOWSKI, Mirian. et al. Desenvolvimento do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: ALEPH, 2002.

REJOWSKI, Mirian; SOLHA, Karina T. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. p. 75-122.

RIBEIRO, Helena C. Turismo rural: uma experiência na cidade de Porto Alegre. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. p. 343-352.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. v.1 e v.2.

ROCKENBACH, Sílvio A.; FLORES, Hilda A. H. **Imigração alemã**: 180 anos – história e cultura. Porto Alegre: CORAG, 2004.

RODRIGUES, Adyr B. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA; Joaquim A (Orgs.). **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000.

RODRIGUES, Maria C. **Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza**: uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre. 108f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2011. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/ppgedu/files/newresumo130.pdf>>. Acesso em 03 mar. 2013

ROQUE, Andreia M. **Brasil**: experiências com turismo rural. s.d. Disponível em: <<http://www.turismorural.org.br/download/20120219150549.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2013.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour**: uma contribuição a historia do viajar por prazer e por amor à cultura. 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 31 mar. 2011.

SANTOS, Alessandra dos S.; PIRES, Paulo dos S. Políticas Públicas de Turismo rural: uma alternativa necessária. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. p. 60-79.

SANTOS, Alessandra dos Santos. **O turismo rural sob a perspectiva do “novo rural”**: uma análise das políticas públicas para o setor nos Estados brasileiros. 2008. 132f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2008. Disponível em: <http://www6.univali.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=554>. Acesso em: 03 fev. 2013.

SANTOS, Eurico de O. **Las actividades no agrícolas en la mitad sur del Estado de Rio Grande do Sul, Brasil**: 10 años del agroturismo y del turismo rural (1997-2006). 2008. 208 f. Tese (Doutor em Ciências Agropecuárias e Recursos Naturais), Facultad de Ciencias, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, 2008.

SANTOS, Eurico de O. **Agroturismo e turismo rural**: alternativa econômica para a metade sul do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Maria: FACOS, 2005.

SANTOS, Eurico de O. **O agroturismo e o turismo rural em propriedades da metade sul do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

SANTOS, Eurico de O.; ALMEIDA, Joaquim A. Agroturismo e turismo rural em propriedades da metade sul do estado do Rio Grande do Sul. In: PORTUGUEZ, Anderson P. et al. **Turismo no espaço rural**: enfoques e perspectivas. São Paulo: Roca, 2006, 37-56.

SANTOS, Eurico de O.; RIBEIRO Marcelo e VELA, Hugo A. G. Perfil e motivações do turismo no espaço rural: A Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul/BR 1997-2002-2006 **Revista Rosa dos Ventos**, Dossiê Turismo Rural, n. 2, Caxias do Sul, v. 3, p. 182-190, jul. 2011. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1240/pdf_39>. Acesso em 01 mai 2013.

SANTOS, Nara N. da S.; KLUMB, Guilherme P. Caminho Pomerano: o turismo rural baseado no patrimônio cultural e a pluriatividade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 5, 2008, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul – UCS, 2008.

SANTOS, Rafael J. dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SCHIFFERLI, Eduardo A. C. **O povo mapuche: uma visão literária**. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007. Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CC8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ppgl.upf.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D78&ei=SeGHUf7FK5Kg8gSkhoDACQ&usg=AFQjCNFmGwXMLyYH7eH16fQaYu-2Uhiu2w&sig2=tPQnV7X0TWFC3Qxe_y3l1Q&bvm=bv.45960087,d.eWU>.
Acesso em 06 mai 2013

SCHLÜTER, Regina G. **Metodologias e práticas em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. **Turismo em Comunidades Rurais**: inclusão social por meio de atividades não-agrícolas. 2006. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/398.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio; FIALHO; Marco A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA; Joaquim A (Orgs.) **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000.

SCHRÖDER, Ferdinand. **A imigração alemã para o sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SCHWARTZ, Losane H. **Organização espacial e reprodução social da agricultura familiar**: um estudo de caso na localidade de Harmonia, São Lourenço do Sul, RS. 2008. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp062023.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

SETUR SLS – Secretaria de Turismo Indústria e Comércio de São Lourenço do Sul. **Plano Municipal de Turismo – 2007**. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <magda.spindler@gmail.com> em 16 out. 2012.

SETUR SLS – Secretaria de Turismo Indústria e Comércio de São Lourenço do Sul. **Fotos de São Lourenço do Sul e Caminho Pomerano**. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <magda.spindler@gmail.com> em 16 out. 2012.

SILVA, Ana P. B. R. da. **(Des)qualificação, exclusão, diálogos intelectuais, reconhecimento e legitimidade**: Reflexões sobre a latinoamericanidade em Gilberto Freyre. 2009. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_9_PDFs/agora_Ana%20Paula%20Barcelos%20Ribeiro%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2012.

SILVA, José F. G. da. Apresentação. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. xxv-xxvii

SILVA, José F. G. da; DEL GROSSI, Mauro; CAMPANHOLA, Clayton. O que há de realmente no novo no rural brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, 3, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 107-112.

SILVA, José F. G. da; et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. ALMEIDA, J. A. et al. (Org.). Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.

SILVA, Maurem F.; ALMEIDA, Joaquim, A. Turismo rural: Família, patrimônio e trabalho. In: RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim, A.; VIANA, Andyara L. B. **Turismo rural: Tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 165-203.

SOLHA, Karina T. Evolução do turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. p. 123-162

SOUZA, Marcelino de; ELESBÃO, Ivo (Orgs.). **Turismo rural: iniciativas e inovações**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.

SOUZA, Marcelino de; ELESBÃO, Ivo; SCHAIDHAUER, Maurício. Os benefícios do turismo rural: O roteiro turístico Caminhos de Pedra, Bento Gonçalves/RS. **Revista Rosa dos Ventos**, Dossiê Turismo Rural, n. 2, Caxias do Sul, v. 3, p. 216-227, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1244/pdf_43>. Acesso em 01 mai 2013.

SPINDLER, Magda M.; SCHERER, Lisiane; VALENTINI, Andiara de S.; SANTOS, Eurico de O. O Turismo no Espaço Rural dos Campos de Cima da Serra – Rio Grande do Sul, Brasil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7, 2012, Caxias do Sul. **Anais...** Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt12/arquivos/12/04_44_23_Spindler_Scherer_Valentini_Santos>. Acesso em 06 fev. 2013.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

TEIXEIRA, Andressa Ramos; SOUZA, Marcelino de. A Valorização da Ruralidade a partir do Turismo: Roteiro Turístico Caminhos Rurais, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 231-251 abril de 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/turismo/article/view/25253/17719>>. Acesso em 03 mar. 2013

TEIXEIRA, Andressa Ramos; SOUZA, Marcelino de; WANDSCHEER, Elvis Albert Robe. A emergência do associativismo enquanto forma de gestão de roteiros turísticos rurais. In: **Turismo, espaço e estratégias de desenvolvimento local**. PORTUGUEZ, Anderson Pereira; SEABRA, Giovanni de Farias; QUEIROZ, Odaléia Telles M. M (Orgs). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. Disponível em:

<http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/Documentos/Divulgacao/livros/livro_GEPTEEDL.pdf>. Acesso em 29 mai 2012.

TEIXEIRA, Roberto T.; MICHELIN, Rita L.; DALL'AGNOL, Sandra. Turismo e globalização: análise da relação com a identidade cultural. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Disponível em: <<http://hipnos.uces.br/turismo/admin/UPLarquivos/030920081826062.pdf>> Acesso em 13 jul 2012.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

TORRE Genoveva M. V. de la; HIDALGO Luis A.; FUENTES Juan M. A. La Naturaleza y Características del Turismo Rural Sostenible. **Revista Rosa dos Ventos**, n. 4, Caxias do Sul, v. 4, p. 556-574, out, 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1590>>. Acesso em 22 abr. 2013.

TORRES, Zilah Barbosa. **Animação Turística**. São Paulo: Rocca, 2004.

TRESSMANN, Ismael. **O pomerano: uma língua baixo-saxônica**. 2008. Disponível em <[http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20\(R Revista%20da%20Farese\).pdf](http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20POMERANO%20-%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20B.-SAX%C3%94NICA%20(R Revista%20da%20Farese).pdf)>. Acesso em 16 jul. 2012.

TRESSMANN, Ismael. **Bilinguismo no Brasil: O caso da Comunidade Pomerana de Laranja da Terra -ES**. 1998. Disponível em: <<http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20caso%20da%20Com.%20pomer.%20de%20LT.%201998.pdf>>. Acesso em 16 jul. 2012.

TREVIZAN, Salvador M. **O que é rural? O que é urbano? E a educação?** 2006. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/ec/files/Texto%20Salvador%20Trevisan.pdf>>. Acesso em 05 nov. 2012.

TRIGO, Luis G. G. Prefácio. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. xxi-xxiv

TRIGO, Luiz G. G. **Turismo básico**. 6.ed. São Paulo: SENAC, 2002.

TRIGO, Luiz G. G. **Turismo Básico**. 3.ed. São Paulo: SENAC, 1999.

TROPIA, Fátima. **Turismo no meio rural**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

TULIK, Olga. Turismo e desenvolvimento no espaço rural: abordagens conceituais e tipologias. In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. 2-22

TULIK, Olga. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. 2003 Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

VEIGA, José E. da. **Cidades imaginárias**: O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores associados, 2002.

WANDSCHEER, Elvis A. R.; TEIXEIRA, Andressa R. Novas ruralidades: demandas e potencialidades da sociedade contemporânea. In: In: SANTOS, Eurico de O.; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). **Teoria e prática do turismo no espaço rural**. Barueri: Manole, 2010. 47-58

WILLE Leopoldo. **Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul**: trajetória, mitos, cultura. Canoas: ULBRA, 2011.

YASOSHIMA, José R.; OLIVEIRA, Nadja da S. Antecedentes das viagens e do turismo. In REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo rural: um modelo brasileiro**. Florianópolis: Ed. do autor, 1996. Disponível em: <http://www.zimmermann.com.br/turismo_rural_um_modelo_brasileiro.pdf>. Acesso em 20 mar. 2012.

Sites consultados:

BRASIL. **Períodos históricos**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/periodos-historicos>>. Acesso em 19 abr 2013.

BRASIL CHANNEL. **São Lourenço do Sul (RS)**: Lazer. Disponível em: <http://www.brasilchannel.com.br/municipios/mostrar_municipio.asp?nome=S%E3o%20Louren%E7o%20do%20Sul&uf=RS&tipo=lazer#topo>. Acesso em 15 out. 2012.

CAMINHOS DE PEDRA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.caminhosdepedra.org.br/pt/?pg=historico>>. Acesso em 26 abr. 2013.

CAMINHOS RURAIS DE PORTO ALEGRE. **Quem somos**. Disponível em: <[http://www.caminhosrurais.tur.br/paginas/pagina.php?nome=Quem Somos](http://www.caminhosrurais.tur.br/paginas/pagina.php?nome=Quem%20Somos)>. Acesso em 26 abr. 2013.

COSTA DOCE – Agência de Desenvolvimento da Costa Doce. **Descubra a Costa Doce**: cultura e água cruzando caminhos. Disponível em: <<http://www.costadoce.com.br/>>. Acesso em 06 ago. 2012.

DW – Deutsche Welle. **Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental**. Disponível em: <<http://www.dw.de/dw/article/0,,875824,00.html>>. Acesso em 24 jul. 2012

ESTRADA DO SABOR. **Notícias**. Disponível em: <http://www.estradosabor.com.br/noticia_interna/turismo-de-experiencia-roteiros-que-marcam/>. Acesso em 26 abr. 2013.

FEE – Fundação de Economia e Estatística. **Resumo Estatístico RS — 2011**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/resumo/resumo-rs-2011_site.pdf>. Acesso em 06 fev. 2013.

GÍTES DE FRANCE. **Qui sommes-nous?** Disponível em: <<http://en.gites-de-france.com/our-values.html>>. Acesso em 05 mai 2013.

GLOBO RURAL. **A Pátria renascida**. 268.ed. Rio de Janeiro: Globo, fev. 2008. Disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_articla_e_print/1,3916,1671261-1641-1,00.html>. Acesso em: 18 de julho de 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Básicos Santa Maria do Jetibá**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320455>>. Acesso em 08 mar. 2013a.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Básicos Pomerode**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=421320#>>. Acesso em 08 mar. 2013b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Básicos São Lourenço do Sul**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431880#>>. Acesso em 08 mar. 2013c.

MERCADOS NÃO-AGRÍCOLAS RURAIS. **Citurdes**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/mercados/citurdes.htm>>. Acesso em 04 fev. 2013.

MTUR – Ministério do Turismo. **Dados e Fatos**: Estudos, pesquisas e dados sobre o setor de Turismo. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/>. Acesso em 05 mai 2013a.

MTUR – Ministério do Turismo. **EMBRATUR**: Instituto Brasileiro de Turismo. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/embratur/>. Acesso em: 28 jan. 2013b.

MTUR – Ministério do Turismo. **Missão**. Disponível em <http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/missao/index.html>. Acesso em 31 de mai. 2011

MTUR. Ministério do Turismo. **Turismo no Brasil 2011 – 2014**. Brasília: 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_no_Brasil_2011_-_2014_sem_margem_corte.pdf>. Acesso em 19 abr. 2013.

NÚCLEO DE FOTOGRAFIA – UFRGS. Quem somos? Um núcleo que é uma escola de fotografia. Disponível em: <http://www.fotografia.ufrgs.br/port/01_quem/>. Acesso em 03 mar. 2012.

PGQP – Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade. **Município gaúcho aposta em iguaria para incrementar turismo**. 09 fev. 2007. Disponível em: <http://www.mbc.org.br/mbc/pgqp/hot_sites/gestao/noticias_detalhes.php?id=2635>. Acesso em 03 mar. 2012

PMG – Prefeitura Municipal de Garibaldi. **Estrada do Sabor**. Disponível em: <<http://www.garibaldi.rs.gov.br/a-cidade/rotas-turisticas/estrada-do-sabor/>>. Acesso em 26 dez. 2012.

PMP – Prefeitura Municipal de Pomerode. **Atrativos**. Disponível em: <<http://www.vemprapomerode.com.br/turismo/atrativos/pagina/rota-do-enxaimel>>. Acesso em 10 out. 2012b.

PMP – Prefeitura Municipal de Pomerode. **História do município**. Disponível em: <<http://www.pomerode.sc.gov.br/>>. Acesso em 11 jul. 2012a.

PMSLS – Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul. **História da Cidade**. Disponível em: <http://www.saoulourencodosul.rs.gov.br/conteudo.php?ID_PAGINA=7>. Acesso em 11 jul. 2012.

PMSMJ – Prefeitura Municipal de Santa Maria do Jetibá. **Circuitos Turísticos**. Disponível em: <<http://www.pmsmj.es.gov.br/site/CircuitosTuristicos.aspx>>. Acesso em 10 out. 2012b.

PMSMJ – Prefeitura Municipal de Santa Maria do Jetibá. **História do município**. Disponível em: <<http://www.pmsmj.es.gov.br/>>. Acesso em 11 jul. 2012a.

POMERANO.COM. **Galeria de fotos**: Casamento pomerano. Disponível em: <<http://www.pomerano.com/fotos/casamento/fotos-casamento-pomerano.html>>. Acesso em 23 mai. 2013.

POMERANOS. **A antiga Pomerânia**. Disponível em: <http://www.pomeranos.com.br/antiga_pomer.php>. Acesso em 17 jan. 2012b.

POMERANOS. **A imigração**. Disponível em: <<http://www.pomeranos.com.br/imigracao.php>>. Acesso em 17 jan. 2013c.

POMERANOS. **A Pomerânia**. Disponível em:
<<http://www.pomeranos.com.br/pomerania.php>>. Acesso em 17 jan. 2012a.

PORTAL R7. **São Lourenço do Sul (RS) se recupera da pior inundação no município**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/sao-lourenco-do-sul-rs-se-recupera-da-pior-inundacao-no-municipio-20110508.html>>. Acesso em: 14 de maio de 2011.

RGS – RIO GRANDE DO SUL. **Conheça o Estado**. Disponível em:
<<http://www.estado.rs.gov.br/o-estado/Conheca-o-Estado/57>>. Acesso em 06 fev. 2013.

ROTA ROMÂNTICA. **Rota Romântica**. Disponível em:
<<http://www.rotaromantica.com.br/pt-BR>>. Acesso em 29 abr. 2013.

SEPLAG – Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. **Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul**. Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES. Disponível em
<http://www.scp.rs.gov.br/upload/MAPAS_A4_Sul.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2013.

SETUR RS – Secretaria do Turismo. **Turismo Rural: Rotas e Roteiros**. Disponível em:
<<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=4&ts=2&fg=5>>. Acesso em 29 mar. 2013a.

SETUR RS – Secretaria do Turismo. **Regiões turísticas: Rota Romântica**. Disponível em:
<<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=4&opt=18&fg=5&id=29>>. Acesso em 29 abr. 2013b.

SETUR RS – Secretaria do Turismo. **Regiões turísticas: Costa Doce**. Disponível em:
<<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=destino&cod=3&opt=23&fg=2&tp=23>>. Acesso em 27 dez. 2012.

SETUR RS – Secretaria do Turismo do Rio Grande do Sul. **Turismo rural**. Disponível em:
<<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=motivacao&cod=2>>. Acesso em 20 nov. 2011.

SPGPC – Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. **Atlas Sócio Econômico do Rio Grande do Sul: Características gerais**. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=334>>. Acesso em 06 fev. 2013.

SÜDOKTOBERFEST. **História da Südoktoberfest**. Disponível em:
<<http://sudoktoberfest.com.br/site/content/home/>>. Acesso em: 16 out. 2012.

APÊNDICE A: 1º instrumento de pesquisa – Proprietários

Entrevista realizada com dois proprietários rurais do Roteiro Caminho Pomerano.

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E DA PROPRIEDADE

1. Qual o nome da pessoa entrevistada?

2. Qual sua idade?

0 a 10 anos

41 a 50 anos

11 a 20 anos

51 a 60 anos

21 a 30 anos

61 a 70 anos

31 a 40 anos

Mais de 71 anos

3. Sexo?

Masculino

Feminino

4. Qual sua profissão?

5. Qual sua escolaridade?

1º Grau incompleto (Ens. Fundamental)

2º Grau completo (Ens. Médio)

1º Grau completo (Ens. Fundamental)

3º Grau incompleto (Ens. Superior)

2º Grau incompleto (Ens. Médio)

3º Grau incompleto (Ens. Superior)

Outro, _____

6. Qual sua formação universitária?

7. Qual seu estado civil?

Solteiro(a)

Separado(a) / Divorciado(a)

Casado(a)

Viúvo(a)

() Outro, _____

8. Possui filhos?

() Sim

() Não

9. Quantos?

10. Sua família é de origem pomerana? De que lugares vieram seus antecedentes?

11. O que mais lhe chama a atenção na cultura de seu povo?

12. Qual o nome do empreendimento?

13. Qual o endereço da fazenda?

14. Telefone do contato

15. Email de contato

16. Há produção agropecuária na propriedade?

() Sim

() Não

17. Em qual escala? Consumo interno ou externo?

18. Quando iniciaram as atividades turísticas na propriedade?

19. Qual a porcentagem aproximada referente às rendas da propriedade no setor primário (agropecuária), secundário (transformação) e terciário (turismo)?

20. Área da propriedade em hectares (ha)

21. Essa propriedade já foi dividida?

Sim

Não

22. Caso a resposta acima for sim, informar qual a área total anterior em hectares?

23. Esta propriedade vem desde que geração na sua família?

1º geração

5º geração

2º geração

6º geração

3º geração

7º geração

4º geração

8º geração

24. A que distância a propriedade rural, fica da capital do Estado (Porto Alegre/RS) em km?

25. Como é o espaço (prédio) destinado à atividade turística?

26. E o jardim do seu entorno?

27. O que as pessoas (visitantes e visitados) fazem neste espaço?

28. O que acontece neste espaço? Apresentações? Degustações? Varejo?

29. Quem são as pessoas que recebem os turistas?

30. As pessoas ficam quanto tempo na propriedade?

Algumas horas

Podem hospedar-se

Durante o dia

Outro, _____

31. Qual o investimento do visitante?

32. Quantas Unidades Habitacionais (UH's) estão disponíveis?

33. Qual(is) o(s) motivo(s) que fizeram você olhar para o turismo rural como mais uma fonte de receita para sua propriedade?

34. Há dificuldades para permanecer na atividade turística?

- Sim Não

35. Quais?

36. E os resultados como são?

- Ótimos / Satisfatórios Tendência de melhorar a médio e longo prazo
- Bons, porém o retorno é muito sazonal Abaixo daquilo que esperava
- Financeiramente está empatando Totalmente insatisfatórios
- Outro, _____

37. Porque permanece na atividade turística?

II. PERFIL E MOTIVAÇÃO DOS TURISTAS QUE FREQUENTAM A PROPRIEDADE

38. As pessoas que se visitam sua propriedade estão?

- Sozinhas Com cônjuge
- Com amigos Com cônjuge e filhos
- Com familiares

39. Qual a origem dos visitantes?

- Local (São Lourenço do Sul) Estadual (RS)
- Regional (Região Sul do Estado) Nacional
- Internacional

40. Os hóspedes costumam retornar?

- Sim Não

41. Ao que você atribui o retorno do visitante?

- Atendimento Atrativos
- Localização Contato com natureza/campo

APÊNDICE B: 2º instrumento de pesquisa – Proprietários

Entrevista realizada com quatro proprietários rurais do Roteiro Caminho Pomerano.

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E DA PROPRIEDADE

1. Qual o nome da pessoa entrevistada?

2. Qual sua idade?

3. Sexo?

Masculino

Feminino

4. Qual sua profissão?

5. Qual sua escolaridade?

1º Grau incompleto (Ens. Fundamental)

2º Grau completo (Ens. Médio)

1º Grau completo (Ens. Fundamental)

3º Grau incompleto (Ens. Superior)

2º Grau incompleto (Ens. Médio)

3º Grau incompleto (Ens. Superior)

Outro, _____

6. Qual sua formação universitária?

7. Qual seu estado civil?

Solteiro(a)

Viúvo(a)

Casado(a)

Outro, _____

Separado(a) / Divorciado(a)

8. Possui filhos?

Sim

Não

22. Essa propriedade já foi dividida?

Sim

Não

23. Caso a resposta acima for sim, informar qual a área total anterior em hectares?

24. Esta propriedade vem desde que geração na sua família?

1º geração

5º geração

2º geração

6º geração

3º geração

7º geração

4º geração

8º geração

25. A que distância a propriedade rural, fica a cidade mais próxima em km?

26. A que distância a propriedade rural, fica da capital do Estado (Porto Alegre/RS) em km?

27. Em relação à infraestrutura básica da propriedade:

- Energia elétrica, quem fornece?
- Qual voltagem?
- De que forma ocorre o abastecimento de água?
- O recolhimento do lixo é regular?
- É seletivo?

28. Como é o espaço (prédio) destinado à atividade turística?

29. E o jardim do seu entorno?

30. O que as pessoas (visitantes e visitados) fazem neste espaço?

31. O que acontece neste espaço? Apresentações? Degustações? Varejo?

32. Quem são as pessoas que recebem os turistas?

33. As pessoas ficam quanto tempo na propriedade?

Algumas horas

Podem hospedar-se

Durante o dia

Outro, _____

34. No caso de hospedagem, quantas Unidades Habitacionais (UH's) estão disponíveis?

35. Qual o investimento do visitante?

36. Por que turismo rural? Qual(is) o(s) motivo(s)?

37. Há dificuldades para permanecer na atividade turística?

Sim

Não

38. Quais?

39. E os resultados como são?

Ótimos (81-100)

Ruins (21-40)

Bons (61-80)

Péssimos (0-20)

Regulares (41-60)

40. Por quê?

II. PERFIL E MOTIVAÇÃO DOS TURISTAS QUE FREQUENTAM A PROPRIEDADE

43. As pessoas que se visitam sua propriedade estão?

Sozinhas

Com cônjuge

Com amigos

Com cônjuge e filhos

Com familiares

44. Qual a origem dos visitantes?

- Local (São Lourenço do Sul) Estadual (RS)
 Regional (Região Sul do Estado) Nacional
 Internacional

45. Os hóspedes costumam retornar?

- Sim Não

46. Ao que você atribui o retorno do visitante?

- Atendimento Contato com natureza/campo
 Localização Descanso/fuga do estresse
 Atrativos Outros, _____

47. Qual o número médio de visitantes por semana? Ou mês?

48. Quem teve a ideia da criação do roteiro?

49. O que mais lhe chama a atenção na cultura de seu povo?

50. O que mais lhe chama a atenção no Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano? Qual o diferencial do roteiro?

51. E a história do Casamento Pomerano, você conhece?

52. Já foi em algum casamento nesses moldes?

Outras considerações:

APÊNDICE C: 3º instrumento de pesquisa – Proprietários

Entrevista realizada com todos os proprietários rurais do Roteiro Caminho Pomerano.

1) De que forma se deu o convite para sua participação no Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano?

2) Como foi o começo, que tipos de atividades eram feitas? Houve cursos ou treinamentos?

3) Como ocorreu a escolha do atrativo em sua propriedade?

4) Passado já um tempo da nossa primeira conversa, como foi a atividade turística durante esse período?

5) O que você pretende estar fazendo em 2016, quando o roteiro estará completando 10 anos?

6) Pretendes continuar trabalhando com o turismo?

7) Você repassa os ensinamentos que aprendeu com seus antepassados para as novas gerações?

8) A atividade turística atrapalha em algum momento a sua vida ou de sua família?

9) Em sua opinião, existem dificuldades? Quais?

10) Quais foram as mudanças que o turismo proporcionou na sua vida e de sua família?

11) Conte-me sobre os pomeranos, suas histórias, seus costumes... Sobre São Lourenço do Sul, sobre o roteiro...

APÊNDICE D: 1º instrumento de pesquisa – Secretaria de Turismo

Entrevista realizada com profissional da Secretaria de Turismo local.

IDENTIFICAÇÃO:

- Qual o seu nome?
- Qual a sua idade?
- Qual sua profissão?

SOBRE SÃO LOURENÇO DO SUL E O TURISMO:

1. Quando foi criada a Associação Caminho Pomerano?
2. Essa Associação é responsável pelo Roteiro de Turismo Rural Caminho Pomerano? O Roteiro foi criado em que ano?
3. Algumas das propriedades integrantes do roteiro já desenvolviam atividades turísticas anteriormente?
4. Após a criação do roteiro, houveram entradas e saídas de propriedades no roteiro? Quais? E por quê?
5. Além de seis pontos de visitação, quatro pontos de observação, uma propriedade colaborativa e quatro pontos de visitação opcionais, quantos mais integram a Associação Caminho Pomerano?
6. Como se deu a criação desse roteiro? Como foi esse processo? Foi uma iniciativa do governo ou de uma entidade, ou surgiu a partir do desejo dos proprietários daquelas localidades?
7. Como se deu a escolha dos atrativos turísticos a serem divulgados por cada uma das seis propriedades?
8. Ocorreram treinamentos? Quem os fez?
9. O Roteiro abrange atualmente propriedades nas localidades de Banhado Grande, Boqueirão, São João da Reserva e Picada das Antas. Por que foram escolhidas essas localidades, e essas propriedades, mesmo sabendo que existem no município outras localidades que também receberam imigrantes pomeranos?
10. E porque essas localidades não foram incluídas no roteiro?
11. Há dificuldades para manter o Roteiro no mercado? Quais?

12. Há problemas com a sazonalidade? Qual o período de maior e menor procura?

13. Há estatísticas do número de turistas que já passaram pelo roteiro?

14. O Caldo Lourenciano é considerado patrimônio municipal por meio da Lei nº 2582, de 30 de setembro de 2003. Avaliando a divulgação feita em relação ao peito de ganso defumado, como uma “iguarria da culinária pomerana”, o que é realizado para valorizar essa culinária?

15. Outras informações pertinentes:

APÊNDICE E: 2º instrumento de pesquisa – Secretaria de Turismo

Entrevista realizada com profissional da Secretaria de Turismo local.

1. Nome completo:
2. Cargo:
3. O senhor dirige a Secretaria de Turismo Indústria e Comércio, na qual há o Departamento de Turismo. Quantas pessoas trabalham em tal departamento?
4. A Prefeitura costuma contratar consultorias para a área de turismo?
5. O município possui, ou já possuiu Plano de Turismo?
6. Há Conselho de Turismo em São Lourenço do Sul?
7. Por quais motivos o turismo no espaço rural foi incentivado no município de São Lourenço do Sul?
8. De que forma ocorreram os convites aos empreendedores? E como foi a reação deles?
9. Recentemente foi divulgado nos meios de comunicação que o município de São Lourenço do Sul recebeu da Faculdade Rio-Grandense (FARGS), o Inventário Turístico do município. Esse documento foi uma iniciativa da instituição de ensino ou foi um pedido dessa secretaria a Faculdade?

APÊNDICE F: Instrumento de pesquisa – Trade turístico local

Entrevista realizada com agências de turismo receptivo sediadas em São Lourenço do Sul.

1	Nome completo	R.:		
2	Nome da agência	R.:		
3	Modalidade da agência	<input type="checkbox"/> Receptivo	<input type="checkbox"/> Emissivo	<input type="checkbox"/> Ambos
4	Sua agência comercializa o Roteiro Caminho Pomerano?	<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não
5	A comercialização desse roteiro acontece apenas para grupos ou individualmente?	R.:		
6	Sua agência possui dados estatísticos em relação ao período de maior visitação ao roteiro?	<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não
	Em caso negativo, qual é então a sua impressão sobre o período de maior movimentação?	R.:		
7	Sua agência possui dados estatísticos em relação aos compradores desse roteiro?	<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não
	Quem são os visitantes?	<input type="checkbox"/> Crianças		<input type="checkbox"/> Jovens
		<input type="checkbox"/> Adultos		<input type="checkbox"/> Idosos
		<input type="checkbox"/> Outros,		
Em caso negativo, qual é então a sua impressão sobre os compradores?	R.:			
8	Sua agência possui dados estatísticos em relação a procedência dos visitantes?	<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não
	De onde eles são?	<input type="checkbox"/> Locais (SLS)		<input type="checkbox"/> Regionais (C. Doce)
		<input type="checkbox"/> Estaduais (RS)		<input type="checkbox"/> Nacionais
		<input type="checkbox"/> Internacionais		<input type="checkbox"/> Outros
Em caso negativo, qual é então	R.:			

	a sua impressão sobre a procedência dos visitantes?		
9	Como sua agência costuma comercializar esse roteiro, de forma integral, ou seja, com as seis propriedades?	R.:	
10	Ou são eleitos alguns pontos do roteiro?	R.:	
11	Há algum outro atrativo turístico, externo ao roteiro, incluído por sua agência? Qual?	R.:	
12	Há uma preocupação em estender a permanência do turista que visita o Roteiro Caminho Pomerano em São Lourenço por mais dias? O que sua agência oferece a eles?	R.:	
13	Sua agência contrata algum profissional para realizar o guiamento do roteiro?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
14	Sua agência estabelece datas pré-definidas para a realização do passeio ou é possível realizá-lo em qualquer data do ano?	R.:	
15	Qual o valor cobrado por turista?	R.:	
16	Quais os serviços incluídos nesse valor?	R.:	
17	Os turistas costumam comprar produtos oferecidos no decorrer do passeio?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
18	O que eles costumam adquirir?	R.:	
19	Como sua agência realiza a divulgação deste produto/roteiro?	R.:	
20	Este roteiro é exclusivo de sua agência, ou outras agências/operadoras podem	R.:	

	comercializá-lo?		
21	Como é a comercialização desse roteiro?	() Fácil	() Difícil
22	Quais são as facilidades?	R.:	
23	Ou então, quais são as dificuldades na comercialização do Roteiro Caminho Pomerano?	R.:	
24	Há algum controle sobre o número de turistas que já visitaram o roteiro?	R.:	
25	A demanda em sua agência é maior com o turismo emissor ou receptor?	R.:	

Outras considerações: _____

APÊNDICE G: Instrumento de pesquisa – Comunidade

Entrevista realizada com uma família de ascendência pomerana residente em São Lourenço do Sul.

I. IDENTIFICAÇÃO:

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Qual sua profissão?
4. Qual sua escolaridade?

II. SOBRE SUA VIDA:

5. Sua família é de origem pomerana? De qual região vieram seus antecedentes?

6. Você lembra quem imigrou da extinta província da Pomerânia? (pais, avós, bisavós, tios, primos...) E você se lembra de alguma história sobre a Pomerânia que seus familiares contavam?

7. Quais são os costumes que ainda são mantidos por sua família e transmitidos às novas gerações? (língua/dialeto, crenças, hábitos alimentares, remédios caseiros...)

8. As famílias eram grandes? E como era a vida na sua infância e juventude? (Brincadeiras, festas, religião, culinária...)

9. E o trabalho? Homens nas roças e mulheres em casa? Como era?

10. Você se lembra do período Vargas? Ou de comentários a respeito sobre a proibição da língua alemã? Ou mesmo de encontros entre descendentes?

11. Vocês são católicos ou luteranos? Como eram as celebrações religiosas? Onde elas aconteciam? Havia algum tipo de discriminação antigamente?

12. E sobre a alimentação? O que os descendentes de imigrantes comiam? Existia algum prato especial? (doces, peito de ganso, cucas...) O que era feito em ocasiões especiais?

13. E sobre o Casamento Pomerano? Você conheceu alguma noiva que se vestiu com o traje preto? Por que elas se vestiam assim? Como era esse casamento?

14. Outras histórias que você considera importante: